



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**Centro de Filosofia e Ciências Humanas**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**  
**Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares de**  
**Comunidades e Ecologia Social (EICOS)**

GISELLE BRAGA DE AQUINO

**A “TRADICIONAL” FAMÍLIA MINEIRA:** um estudo sobre as  
famílias do interior da Zona da Mata

Rio de Janeiro  
2013

GISELLE BRAGA DE AQUINO

**A “TRADICIONAL” FAMÍLIA MINEIRA:** um estudo sobre as  
famílias do interior da Zona da Mata

Tese de doutorado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, do Programa EICOS, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Rio de Janeiro  
2013

Giselle Braga de Aquino

**A “TRADICIONAL” FAMÍLIA MINEIRA:** um estudo sobre as famílias do  
interior da Zona da Mata

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Tese submetida ao corpo docente do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor.

Aprovada por:

---

Profa. Doutora Maria Lúcia Rocha-Coutinho (Orientadora) - UFRJ

---

Profa. Doutora Maria Isabel Monteiro Guerra

---

Profa Doutora Gláucia Ribeiro Starling Diniz – UnB - DF

---

Profa Doutora Leila Sanches de Almeida - UFRJ

---

Profa. Doutora Ruth Machado Barbosa - UFRJ

Rio de Janeiro

2013

Ao meu filho, Henrique, que transformou a minha vida invertendo a ordem das prioridades. A sua simples existência me fez transcender todas as dificuldades diante da construção desse trabalho. À você que amo tanto, dedico essa conquista.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora Maria Lúcia Rocha-Coutinho, por arriscar-se novamente comigo em mais um projeto importante da minha vida, sua dedicação profissional fez com que a cada nova revisão minuciosa esse trabalho se enriquecesse. Obrigada por ter intensificado em mim o gosto pela vida acadêmica e pela pesquisa qualitativa.

Aos gestores da FAMINAS – Muriaé agradeço pelo incentivo e compreensão para que esse trabalho chegasse ao fim. Em especial, ao Professor Roberto pela contribuição e apoio, a fim de que eu alcançasse um crescimento profissional.

Aos alunos do curso de Psicologia da FAMINAS que me incentivam na busca de um aperfeiçoamento teórico e técnico, para que me torne uma profissional melhor. A partir de nossas trocas, vocês me fazem a cada novo dia apreciar ainda mais a vida acadêmica.

Aos professores e amigos de trabalho por terem se tornado companheiros e confidentes das minhas angústias e incertezas. Em especial, agradeço à Professora Vitória Schettini por ter disponibilizado suas pesquisas, experiências e fontes bibliográficas, nos momentos de dúvida você me auxiliou na escolha dos caminhos certos.

Aos funcionários do EICOS, em especial ao Ricardo, que esteve sempre disposto a me assessorar nos momentos difíceis, prestando sempre um excelente atendimento.

Agradeço, em especial, aos participantes dessa pesquisa que disponibilizaram um tempo precioso para a realização das entrevistas e por compartilharem histórias inestimáveis de suas vidas.

Aos meus pais, Adir e Maria José, pelo incentivo desmedido para que eu alcançasse mais uma etapa da minha vida. Ao meu pai pela disponibilidade de percorrer esse trajeto Minas-Rio suavizando significativamente essa distância. À minha mãe o meu agradecimento por ter suprido parte da minha ausência materna nos momentos de intensa produção da tese.

À minha irmã, Grazielly, pelos momentos infindáveis de troca.

Ao meu querido marido, Vitor, companheiro de todos os meus projetos e grande incentivador para que eu chegasse ao fim. Agradeço pela paciência e compreensão nos inúmeros momentos de minha ausência. Nas situações mais difíceis e angustiantes, sempre me fez acreditar que esse dia chegaria.

Aos meus familiares pela grande torcida e orações para que mais uma etapa fosse cumprida.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho.

Muito obrigada!

“O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”.

(Stuart Hall)

## RESUMO

O presente estudo apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida com jovens e seus pais das camadas médias urbanas de uma cidade do interior da Zona da Mata Mineira, a cidade de Muriaé/MG. Nosso objetivo foi investigar como se configuram, para essas diferentes gerações, a permanência e as mudanças, de uma geração para outra, nas visões acerca do casamento, família, sexualidade, namoro, relações de gênero, religião e trabalho. Optamos por trabalhar com famílias mineiras, uma vez que, tradicionalmente, a família mineira tem sido vista como possuindo certas peculiaridades que a diferenciam das famílias de outras regiões do Brasil. Participaram desse, três jovens do sexo feminino e suas mães, e três jovens do sexo masculino e seus pais. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra e os textos delas resultantes foram submetidos a uma análise do discurso a partir das seguintes categorias: família; casamento, sexualidade e trabalho; e permanência e mudanças intergeracionais. Os resultados apontam para o fato de que, a despeito das mudanças apresentadas por nossos entrevistados em direção a uma maior flexibilidade no que diz respeito às visões de casamento, família, sexualidade, namoro, relações de gênero, religião e trabalho, antigas visões acerca dessas questões, em muitos momentos, perpassam a fala de nossos entrevistados, tanto os jovens quanto os seus pais, como se pode observar em uma série de contradições presentes nos discursos. Concluímos que muitas mudanças podem ser identificadas acerca dessas questões na fala dos entrevistados de ambas as gerações, mais especialmente na dos jovens. Contudo, visões antigas, repassadas pelas gerações passadas ainda parecem ter forte influência sobre as novas gerações, que acabam, muitas vezes, oscilando entre modelos tradicionais e contemporâneos.

Palavras-chave: família mineira, relações familiares, família, gerações, tradicionalismo.



## **ABSTRACT**

This study presents the results of a survey conducted with middle-class young people and their parents from the urban area of Muriaé/MG, a city located in the Zona da Mata of Minas Gerais. Our goal was to investigate, for these different generations, how the changes and persistence from one generation to another are performed, regarding the visions about marriage, family, sexuality, dating, gender relations, religion and work. We chose to work with families from Minas Gerais, since, traditionally, these families have been seen as possessing certain peculiarities that distinguish them from other regions of Brazil. Participated in this research three young women and their mothers, and three young men and their parents. All interviews were recorded and transcribed and the resulting texts were analyzed from the following categories: family, marriage, sexuality and work; and intergenerational persistence and changes. The results point to the fact that, despite the changes made by our interviewees toward greater flexibility with regard to the views about marriage, family, sexuality, dating, relationships, gender, religion and work; in many occasions old views about these issues are underlain in the speech of our interviewees, regardless their age, as can be seen in a number of contradictions in the discourses. We conclude that many changes can be identified on these issues in the speech of the interviewees from both generations, especially in the young ones. However, old views, passed by previous generations, still seem to have a strong influence on the younger generations, who often oscillate between traditional and contemporary models.

**Keywords:** families from Minas Gerais, family relationships, family, generations, traditionalism.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1. RELAÇÕES FAMILIARES NA ZONA DA MATA MINEIRA</b>	<b>14</b>
<b>1.1 A constituição de Minas Gerais e da Zona da Mata mineira</b>	<b>16</b>
<b>1.2 As relações familiares na Mata mineira</b>	<b>26</b>
1.2.1 Outras configurações familiares	<b>40</b>
<b>2. MUDANÇAS NA FAMÍLIA NA PÓS-MODERNIDADE</b>	<b>52</b>
<b>2.1 A Revolução Industrial</b>	<b>54</b>
<b>2.2 A família conjugal moderna</b>	<b>57</b>
<b>2.3 Os movimentos feministas</b>	<b>60</b>
<b>2.4 A inserção da mulher no mercado de trabalho</b>	<b>63</b>
<b>2.5 As mudanças na família contemporânea</b>	<b>71</b>
<b>3. RELAÇÕES GERACIONAIS: PERMANÊNCIA E MUDANÇAS</b>	<b>76</b>
<b>3.1 A questão das gerações</b>	<b>76</b>
<b>3.2 A juventude como importante categoria social para a compreensão das mudanças pós-modernas</b>	<b>80</b>
3.2.1 Transição para a vida adulta	<b>84</b>
3.2.2 Sexualidade e conjugalidade	<b>89</b>
<b>3.3 A transmissão intergeracional e processo de subjetivação</b>	<b>95</b>
<b>4. METODOLOGIA</b>	<b>99</b>
<b>4.1 Participantes</b>	<b>99</b>
<b>4.2 Instrumento</b>	<b>101</b>
<b>4.3 Procedimento</b>	<b>102</b>

<b>5. ANÁLISE DO DISCURSO</b>	<b>103</b>
<b>5.1 Família</b>	<b>104</b>
5.1.1 Discussão	<b>133</b>
<b>5.2 Casamento, sexualidade e trabalho</b>	<b>141</b>
5.2.1 Discussão	<b>178</b>
<b>5.3 Permanência e mudanças intergeracionais</b>	<b>186</b>
5.3.1 Discussão	<b>218</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>227</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>239</b>
<b>APÊNDICE A – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	<b>249</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA (FILHOS)</b>	<b>250</b>
<b>APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA (PAIS)</b>	<b>254</b>

## INTRODUÇÃO

A família tem se tornado um campo fértil de investigação. Uma série de mudanças sociais – como, a diminuição da taxa de fecundidade, a emancipação da mulher, a alteração do seu papel social, o declínio da instituição do casamento formalizado e o aumento do número de divórcios, entre outras – fez surgir, no cenário mundial, novas e variadas formas de família e de casamento na pós-modernidade. Neste estudo, investigamos como se configuram essas mudanças nos arranjos familiares e no casamento no caso de famílias que moram no interior da Zona da Mata mineira.

Estamos fazendo uso em nosso estudo do termo pós-modernidade para caracterizar o sujeito contemporâneo, que não pode mais ser definido a partir de modelos pré-existentes, apontando para a complexidade dos fenômenos atuais e da própria noção de conhecimento. Segundo Giddens (1991),

a pós-modernidade se refere a um deslocamento das tentativas de fundamentar a epistemologia, e da fé no progresso planejado humanamente. A condição da pós-modernidade é caracterizada por uma evaporação da grand narrative — o "enredo" dominante por meio do qual somos inseridos na história como seres tendo um passado definitivo e um futuro predizível. A perspectiva pós-moderna vê uma pluralidade de reivindicações heterogêneas de conhecimento, na qual a ciência não tem um lugar privilegiado (p.8-9).

Como tem sido apontado por vários autores na atualidade, como Bauman (2004), Féres-Carneiro (1999, 2003, 2005, 2012), Giddens (1991, 1993), Jablonski (1996, 2012), Lins de Barros (2006), Rocha-Coutinho (1994, 2000, 2001, 2003a, 2003b, 2005, 2006), entre outros, o modelo ideal de família burguesa vem se

modificando, desencadeando, assim, um interesse crescente pelo o futuro do casamento e das relações familiares em diferentes contextos sociais.

O objetivo central deste trabalho foi analisar como se configuram essas mudanças nas famílias das camadas médias urbanas de uma cidade do interior da Zona da Mata Mineira, a cidade de Muriaé, a partir da perspectiva, tanto dos jovens, de ambos os sexos, como dos seus pais. O foco deste estudo, portanto, recaiu sobre a análise de famílias da cidade de Muriaé, pela ótica dos jovens e da geração acima deles, seus pais, tanto do sexo feminino quanto masculino, a fim de observarmos se houve mudanças na visão de casamento e de família de uma geração para outra. A análise de duas diferentes gerações se torna importante, tendo em vista que as mudanças serão observadas a partir da visão cada uma delas.

Para discutirmos casamento e família foram abordadas outras questões que se relacionam diretamente a eles como, por exemplo, o relacionamento amoroso, a sexualidade, as relações de gênero, a religião e o trabalho, questões essas que contribuem para a manutenção ou transformação da visão acerca do casamento e da família ao longo dos séculos. O objetivo, no entanto, foi investigarmos o que ainda se mantém e o que diferencia os discursos dessas duas gerações a esse respeito. Optamos por trabalhar com famílias mineiras, visto que, tradicionalmente, a família mineira tem sido vista como possuidora de diversas peculiaridades que a diferenciam da família de outras regiões do Brasil, algo que será assinalado ao longo deste trabalho.

A idéia de desenvolver este estudo surgiu a partir do meu antigo interesse pelo tema do casamento e da família e por fazer parte deste universo das famílias mineiras. Como professora de uma faculdade da região, os alunos sempre se

mostraram interessados em discutir este tema, apresentando concordâncias e discordâncias acerca do tipo de organização da tradicional família mineira, bem como se referindo as estratégias por eles utilizadas para burlarem os comportamentos tradicionais exigidos deles por suas famílias, ainda que estas, atualmente, tenham sido também afetadas pelas mudanças globais.

Este tema nos pareceu de grande relevância, pois existem poucos estudos sobre as famílias das cidades do interior de Minas Gerais. Além disso, muitos deles ainda estão focados nas peculiaridades das famílias mineiras, fazendo poucas considerações sobre as alterações vivenciadas por elas.

Na Psicologia Social, o estudo das relações e das interações sociais é considerado relevante e, portanto, nessa pesquisa, o nosso campo de investigação abrangeu homens e mulheres de diferentes gerações, visto que um de nossos interesses foi o estudo das relações familiares, dos papéis familiares e das mudanças nas relações entre diferentes gerações.

Para isso, apresentaremos no primeiro capítulo um breve histórico das famílias mineiras desde o período colonial, focando principalmente no estudo das famílias da Zona da Mata Mineira, a fim de podermos entender melhor a evolução destas famílias e o estabelecimento dos vínculos familiares. Discutiremos aqui a formação econômica da região, a constituição das famílias tradicionais e a relação entre as famílias pertencentes a diferentes classes sociais, bem como apontaremos para a existência de inúmeros modelos de família na região desde o seu povoamento.

Buscaremos compreender, neste capítulo, as formas de casamento e das relações familiares que são mantidas por essas famílias, bem como as mudanças

vivenciadas por elas. Isto porque, como apontam Lisboa, Féres-Carneiro e Jablonski (2007),

É de geração em geração que reconhecemos as tradições familiares ancoradas, às vezes, nos mais rígidos e inflexíveis hábitos e atitudes do cotidiano, garantindo a sobrevivência do grupo em meio as transformações sociais e econômicas da sociedade. Contudo, nem sempre esta tradição é garantida pelos membros da família, perpetuando práticas herdadas pelos parentes e ancestrais. Em gerações posteriores ou no mais remoto ancestral, observamos um membro disposto a transformar o legado de sua família, sendo percebido como uma ameaça pelos outros membros (p.53).

Acreditamos que em grupos familiares do interior de Minas Gerais, mesmo com as transformações ocorridas na pós-modernidade, ainda são encontrados valores e rituais que são mantidos por gerações, a fim de garantir um padrão estruturante e a permanência de vínculos afetivos arcaicos. Nesta pesquisa, buscamos identificá-los como forma de entendermos melhor, tanto esta antiga dinâmica familiar, como também as estratégias utilizadas nas tentativas de modificação desses antigos padrões estruturantes.

No segundo capítulo apresentaremos um panorama das mudanças familiares ocorridas desde os anos de 1950 até os dias de hoje, visto que, neste período, ocorreram grandes transformações sociais que afetaram o casamento e a família, e que provavelmente influenciaram, de alguma forma, embora em graus distintos, os participantes desta pesquisa, tanto os da geração mais velha quanto os da geração mais nova.

A seguir, trataremos, no terceiro capítulo, de problematizar as questões ligadas à transmissão e às mudanças geracionais. Assim, começaremos por definir o conceito de geração e destacaremos os principais problemas a ele relacionados. Além disso, apresentaremos a juventude como importante categoria social para a compreensão das mudanças contemporâneas, enfocando os aspectos de transição

para a vida adulta, a sexualidade e conjugalidade e os processos de transmissão intergeracional e de subjetivação.

O quarto e quinto capítulos foram dedicados à nossa pesquisa de campo. Nela, fizemos uso de entrevistas semi-dirigidas com doze participantes: três jovens do sexo masculino, três jovens do sexo feminino, com idades entre 20 e 26 anos, e seus pais, três homens e três mulheres, com idades entre 45 e 63 anos que coabitam o mesmo espaço. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra e os textos delas resultantes foram submetidos a uma análise do discurso, a partir das seguintes categorias de análise por nós estabelecidas: Família; Casamento, Sexualidade e Trabalho; e Permanência e Mudanças Intergeracionais.

Finalmente, nsa discussões das categorias e nas considerações finais, relacionamos os dados da nossa pesquisa de campo aos estudos existentes na área e que foram destacados ao longo de nossa revisão da literatura, levantando algumas questões e apontando possíveis pesquisas futuras.



## 1. RELAÇÕES FAMILIARES NA ZONA DA MATA MINEIRA

Nesse capítulo, pretendemos apresentar de forma breve como se deu a formação da família mineira, em especial daquelas constituídas na Zona da Mata, dando destaque à cidade de Muriaé, a fim de melhor compreendermos a organização destas famílias e as formas de estabelecimento de vínculos afetivos e sociais ao longo do tempo. Para tal, necessitaremos apresentar, em linhas gerais, a composição da região em relação aos seus aspectos econômicos, políticos e sociais e sua influência na consolidação das relações familiares.

Buscaremos nesse capítulo entender se existe de fato uma relação entre tradicionalismo, família e Minas Gerais, como ela é popularmente caracterizada, até porque muitos autores se referem à família mineira como composta por vários tipos distintos de configurações familiares. Samara (1998), por exemplo, destaca que nessa sociedade se tornou muito presente o concubinato, os filhos ilegítimos, o celibato e as famílias chefiadas por mulheres. A autora considera que o patriarcalismo, apesar de presente nessa região, sempre coexistiu com outras formas de família, o que, ao nosso ver, alteraria a representação social que vincula o tradicionalismo a família mineira.

Faria (1998) destaca que as várias configurações familiares foram fruto, inicialmente, do período da extração aurífera, em que ocorria um fluxo muito grande e transitório de pessoas, uma vez que elas buscavam um enriquecimento rápido. Esta situação impedia a constituição de vínculos duradouros, o que acabou influenciando a organização familiar, proporcionando o surgimento de uma alta taxa de relações ilegítimas e de famílias monoparentais, nas quais especialmente a mulher se tornava a responsável pelos filhos, já que, “com o efervescente fluxo, as

relações sexuais tendiam a ser esporádicas e casuais, arcando as mulheres com seus filhos bastardos” (Faria, 1998, p.50).

Figueiredo (1997, em Brügger, 2007) aponta que o patriarcalismo em Minas ficou mais evidente após o declínio da mineração, principalmente com o movimento de ruralização das famílias, a partir do desenvolvimento da agricultura. As fazendas, portanto, se tornaram cenários do patriarcalismo e dos papéis conservadores em Minas.

Brügger (2007), apesar de considerar que outras configurações coexistiram com o patriarcalismo em Minas Gerais, revela que esse modelo foi característico da sociedade mineira, uma vez que desenvolveu nela uma gama de valores, em especial a importância dos laços familiares, principalmente para a constituição de alianças e amizades desiguais. A autora ainda assinala, contudo, que em Minas Gerais as particularidades do período histórico influenciaram de forma distinta a disseminação da visão patriarcal na sociedade mineira, apresentando dois momentos que podem nos auxiliar nessa compreensão:

Para Freyre, o momento inicial marcado pela presença de homens aventureiros e solteiros estaria mais distante da presença patriarcal do que o segundo, quando muitas famílias teriam estabelecido na região. Já os trabalhos preocupados em observar a atuação do Estado afirmam que este se faria efetivamente presente no segundo momento, estando anteriormente o campo aberto para a atuação dos potentados locais. Ou seja, dependendo do ângulo pelo qual se analise esta sociedade, podem-se encontrar elementos favoráveis ou não à disseminação do patriarcalismo em ambos os momentos (Brügger, 2007, p.56).

Ao longo do capítulo poderemos perceber que a noção de tradicionalismo e patriarcalismo está diretamente vinculada as classes sociais, já que na formação da elite local verificamos uma forte presença do tradicionalismo nesse grupo social, enquanto que nos grupos mais empobrecidos percebe-se uma flexibilização no

modo como as famílias são organizadas, em que vários fatores, que serão apresentados no decorrer desse capítulo, assumem importância.

Faria (1998) aponta que essa diversificação familiar possibilita questionar o padrão escravocrata e patriarcal como o modelo principal de formação dessa sociedade durante o seu período de formação. Ao questionar esse modelo, questiona-se também a posição da mulher, visto que na família patriarcal ela é vista como dominada e enclausurada, enquanto que em outras configurações, principalmente aquelas existentes nos grupos mais empobrecidos, verifica-se uma atuação diferente por parte da mulher, já que muitas delas conduziam seus lares, possuíam liberdade para transitar na esfera pública e atitudes diferentes daquelas observadas e esperadas na casa-grande.

Por isso, necessitaremos compreender como ocorreu o povoamento de Minas Gerais e da Zona da Mata mineira, destacando a economia da região, a distribuição de terras, o período escravocrata e a relação desses elementos com a estruturação das famílias.

### **1.1 A constituição de Minas Gerais e da Zona da Mata mineira**

A Zona da Mata, para Mazetto, Cordovil e Simonani (2010), pode ser considerada uma das doze mesorregiões que divide o Estado de Minas Gerais, sendo que ela fica localizada na região sudeste do Estado e faz divisa com os estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Numa perspectiva mais tradicional, John Wirth (1982) apresenta o Estado de Minas Gerais como um verdadeiro mosaico. O autor dividiu o Estado em sete regiões, ou sub-regiões, sendo elas, Norte, Sul, Centro, Leste, Oeste, Triângulo

Mineiro e Zona da Mata. Para o autor, havia entre elas uma desintegração, já que cada uma delas possuía características diferenciadas e por isso eram pouco unificadas, fato que justificaria a decadência da região a partir da República Velha. Essa desintegração estava relacionada a questões geográficas, além do fato de se identificarem mais com suas regiões vizinhas, como São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro, e não tinham uma identidade comum.

Em nosso trabalho, focalizaremos a Zona da Mata. Valverde (1958) revela que esse nome foi escolhido devido à vegetação natural que caracteriza as suas terras, fato que contribuiu para dificultar o acesso de pessoas à região. Por estar coberta por uma floresta homogênea, impedia, ou dificultava, a fuga do ouro, cuja extração na região Central foi uma das grandes fontes iniciais de desenvolvimento de Minas Gerais, já que para que a produção fosse escoada até o porto era necessário enveredar pelas terras matenses.

Comerford (2003) reforça essa circunstância, apontando que a colonização tardia da Zona da Mata foi uma estratégia da coroa portuguesa, já que seria mais fácil controlar o contrabando do ouro, evitando que houvesse o desvio das cargas.

No século XVIII, mais especificamente próximo ao ano de 1709, a inauguração do Caminho Novo contribuiu para que o ouro chegasse ao Rio de Janeiro e, com ele, também eram levados fumo, açúcar, toucinho, queijo, café, bois, mulas e porcos, e, no retorno da tropa, voltava-se com cativos e produtos manufaturados, como ferro, ferramentas, chumbo, entre outros (Oliveira, 2005). O Caminho Novo auxiliou, inicialmente, o acesso e a fiscalização do ouro, fato que desenvolveu o povoamento da região, pois, em suas margens, foram se instalando tropas, pessoas e mercadorias, surgindo, assim, as primeiras fazendas, vilas e até

mesmo cidades, através da Concessão de Sesmarias, o que posteriormente contribuiu para a criação de um mercado interno. Nas palavras da autora,

Todos, de uma forma ou de outra, acabam por atribuir ao Caminho Novo uma função essencialmente integradora da Capitania Mineira: através dele transitaram mercadorias, migraram famílias, cidades foram fundadas e novas regiões ocupadas (Oliveira, 2005, p.98).

Para Oliveira (2005) a Concessão de Sesmarias foi considerada o primeiro sistema jurídico de posse de terras durante o período colonial, e no século XVIII, em Minas Gerais, tinha o objetivo de distribuir títulos para a exploração agropastoril do local, além de incentivar o povoamento das roças que estavam à margem do Caminho Novo. Às vezes a terra já estava colonizada, então o objetivo principal era regularizar a ocupação, até mesmo para aqueles que não pertenciam à elite, dando oportunidades para que homens livres pudessem obter suas terras.

Além da desigualdade, que ficava evidente na ocupação dos territórios, em que uns possuíam vastas extensões de terras enquanto outros eram donos de pequenas propriedades, Andrade (2011) aponta que, com freqüência, muitos donos estendiam suas propriedades a partir dos seus desejos, principalmente aquelas ainda não ocupadas ou não demarcadas, fato que revelava a ineficiência das fiscalizações.

De acordo com Oliveira (2005), como o sistema da Concessão de Sesmarias era controlado pela Coroa, entende-se que ele estabeleceu uma relação de poder e prestígio entre Estado e proprietário, revelando as premissas trazidas pelos portugueses para as terras brasileiras, que tinham em suas bases as noções de reciprocidade e prestígio, manifestadas através de amizades, serviços e clientelismo, fato que solidificava ainda mais a elite agrária mineira, uma vez que era

muito comum uma mesma família possuir vastas extensões de terras (Comerford, 2003). Desse modo, como aponta Silva (1990, em Oliveira, 2005),

A terra cumpria a função de enraizar interesses, tomando-se um mecanismo de poder e de remuneração do Estado. A sua posse significava reconhecimento e prestígio, onde o próprio fato de consegui-las já era prova disto, mas, a doação e a extensão estavam condicionadas a laços políticos, familiares e clientelísticos (p.101).

Após o declínio da produção aurífera percebe-se uma sedentarização dos grupos que participavam dessa economia, o que fortaleceu a agricultura para atender as necessidades locais e também o mercado consumidor (Mazetto, Cordovil & Simonani, 2010). Esse fato contribuiu para que a ocupação territorial não se localizasse predominantemente no centro minerador, mas fosse se expandindo cada vez mais para outras regiões, inclusive para a Zona da Mata. Andrade (2011) revela que a região que constitui o foco do nosso trabalho, aquela que compreende a cidade de Muriaé, foi colonizada em período ainda mais recente e, por isso, pode revelar outras peculiaridades, já que há muito o que se produzir sobre essa região.

Com a ocupação, os nativos que viviam em Minas Gerais ficaram cada vez mais restritos a pequenas regiões que ainda não haviam sido povoadas, mas, ao mesmo tempo, a penetração nas novas terras era dificultada, pois causava medo já que os nativos eram conhecidos como violentos. Daí a necessidade de civilizá-los. Minas Gerais, inicialmente, era ocupada por índios, que foram sendo dizimados pelos brancos ou até mesmo escravizados para servirem na extração aurífera e em outras atividades (Furtado, 2001). Faria (1998) aponta que a ocupação de novas terras

e a violenta expulsão ou assimilação dos indígenas foram intensas nos primeiros anos de colonização, continuando, num ritmo mais lento, até os dias atuais. Quanto mais se desvendam os segredos naturais dos trópicos, homens e capitais dirigiam-se

para as respectivas áreas. Eram homens de todos os tipos, desde senhores e comerciantes até forros, quilombolas e outros, tidos como “vadios”, na linguagem da época. Em áreas novas, chama a atenção a existência de uma grande quantidade de gente originária de outras regiões, pessoas que responderam com presteza ao chamariz de zonas em expansão. Destacam-se até homens vindos d’Além-Mar (p.163).

Em Muriaé, habitavam os índios Puris, e era necessário aldeá-los e civilizá-los para que fossem considerados parte da sociedade. Andrade (2011) destaca que Constantino Pinto se instala em Muriaé para ser vice-diretor dos índios e promover o catecismo dos mesmos. Segundo a autora, os índios só poderiam possuir terras desde que passassem a pertencer a essa sociedade. Assim, como aponta Andrade (2011),

Surgem algumas “vantagens” dos índios selvagens aceitarem o aldeamento e a civilização, podendo usufruir das terras ocupadas. Uma das condições para serem considerados civilizados era exatamente frequentar o catecismo ministrado por autoridades competentes. Caso contrário os índios não pacíficos poderiam ser escravizados, desde que fosse comprovado que os índios eram bravios, não estando dispostos ao amansamento, sendo, pois, considerados agressivos e antropófagos, mesmo sabendo que esta ideia foi uma criação do colonizador (p.30).

Para a autora, essas regiões se consolidaram a partir de uma rede de dependências. Em suas palavras,

Observa-se uma cadeia de dependência que articulava este espaço, muito antes da abertura oficial do governo para a ocupação do território, ocasionando uma organização e articulação econômica que permitiu criar uma relação de dependência e hierarquização, a partir das primeiras produções manifestadas mediante o sistema de trocas (Andrade, 2011, p.25-26).

Assim, desde o início da formação dessa região já se encontra registros da miscigenação entre índios, cativos, e homens brancos, demonstrando a formação de amplas relações. Como forma de inserção social, fazia-se uso dos apadrinhamentos,

a fim de que fossem criadas redes de sociabilidades com a elite local (Andrade, 2011).

Andrade (2011) aponta que, após o declínio do ouro, a economia mineira entrou em pleno declínio, retornando predominantemente para uma economia de subsistência, uma vez que a produção cafeeira demoraria alguns anos para atingir sua produção máxima. A autora assinala que, em Muriaé, quanto mais próximo do período da abolição da escravatura mais intensa era a produção do café e que, paralelamente a ela, surgiram outros tipos de plantações, como a de cana, feijão, arroz, laranja, milho, mandioca, entre outras.

A agricultura de subsistência, de acordo com Linhares e Teixeira da Silva (1981) perante o conjunto da economia colonial assumiu um papel secundário e subordinado que se destinava ao consumo da população local. Ela ganhava visibilidade apenas nos momentos de crise de abastecimento, mas estudos apontam sua importância para a consolidação social e econômica do país assim como de Minas Gerais e da Zona da Mata, principalmente nessa região que, como dissemos, demorou alguns anos para atingir a máxima produção cafeeira.

Também Comeford (2003) ressalta que, além do café, se produzia milho, feijão, cana de açúcar, arroz e se criava gado para a subsistência ou comercialização, apesar de muitos acreditarem que a região apenas possuía o café como recurso econômico e acabavam por negar a agricultura de subsistência. Essas outras formas de produção foram importantes para a região, pois é comum encontrar grandes fazendeiros que se ocupavam e comercializavam gado, arroz, fumo, milho, cana-de-açúcar, entre outras produções.

Brügger (2007) revela que é difícil precisar o momento real da crise aurífera, mas aponta a década de 1760 como um período em que as famílias começaram a



repensar seus investimentos econômicos, o que influenciou a redefinição da organização das próprias famílias daquele período.

A necessidade das famílias que enriqueceram com a produção aurífera aplicarem seus recursos, fez com que muitas delas buscassem a Zona da Mata, já que, além de ser uma região contemplada pelo Caminho Novo, ela revelou um grande potencial para a produção cafeeira e de outros gêneros alimentícios. O Caminho Novo facilitou, assim, a ocupação das terras e o desenvolvimento inicial da produção cafeeira e de outros alimentos e, posteriormente, seu escoamento até o melhor mercado da época, o Rio de Janeiro. Esses primeiros grupos iniciaram a produção agrária-cafeeira na Zona da Mata, bem como a atividade pastoril, que também se tornou uma alternativa viável até que a produção cafeeira atingisse seu ápice (Oliveira, 2005). O Caminho Novo contribuiu para que a expansão cafeeira fosse solidificando um mercado externo, para a expansão e escoamento da produção (Lamas, Saraiva & Almico, 2003).

A Zona da Mata, apesar do terreno acidentado, possuía condições ambientais favoráveis para o desenvolvimento da cafeicultura no século XIX. Além disso, havia um número significativo de cativos na região, que, na realidade, foi considerada a maior detentora de mão-de-obra de Minas Gerais, destacando-se, por isso, na produção cafeeira (Vittoretto, 2010).

A Zona da Mata, de acordo com Oliveira (2005), em 1819, se tornou a principal província na aquisição de escravos. Esse número elevado de mão-de-obra esteve relacionado a existência de um forte mercado interno que conseguia manter a importação de cativos.

O que se viu durante a produção cafeeira foi um grande número de cativos existentes nessa localidade, que agregavam grande valor as heranças de seus

senhores. Andrade (2011) destaca que eles foram utilizados em diversos tipos de atividades, que abrangiam “desde o fiarem tecidos, cuidarem de filhos das senhoras, até a labuta diária e pesada das culturas e lida com a terra” (p.116).

Outra presença marcante desse período foi o camponês. Reconhecê-lo é reconhecer também a importância da economia de subsistência e que ele fazia parte de um cenário social que não era constituído apenas por senhores e escravos. Para Souza (2007) pode-se definir como camponês aquele que possui algum vínculo com o meio rural e que, sendo o proprietário ou não das terras onde reside, pratica nelas, em sua maioria, o cultivo das terras ou a criação de animais através do trabalho familiar. Em alguns casos, a ele se soma uma força de trabalho adicional, constituída por trabalhadores livres e cativos, objetivando buscar meios necessários para a subsistência do grupo ou produzir produtos para a venda.

Com relação à elite, representada pelos grandes fazendeiros, a autora destaca a relação de subordinação entre o camponês e os senhores, que evidencia uma relação de dependência, que poderia ser, muitas vezes, encoberta pela relação de compadrio, em que o fazendeiro concedia ao camponês alguns favores e até mesmo empréstimos em troca da fidelidade política.

A partir de 1830, a produção cafeeira se torna mais evidente na Zona da Mata, que se transformou na região que mais produziu a rubiácea no estado, o que a colocou num lugar de interesses econômicos e a transformou num pólo de investimentos e acúmulo de capital, contribuindo ainda mais para a urbanização e desenvolvimento de cidades, de rotas viárias e ferroviárias (Mazetto, Cordovil & Simonani, 2010).

De acordo com esses autores, o café se desenvolveu inicialmente na região sul, próximo ao estado do Rio de Janeiro, e somente a partir de 1860 a produção vai

adentrando a Zona da Mata, devido a novas formas de ligação com a região matense.

Para Paula (2006) só se pode falar em Zona da Mata a partir da década de 1870, após a solidificação da economia cafeeira e a modernização dos transportes. A produção cafeeira passa a ser imprescindível para a produção econômica dessa região no século XIX e início do século XX. Inicialmente, seu plantio ocorreu nas regiões próximas ao Rio de Janeiro, devido à facilidade de escoamento até o porto, mas com a modernização, principalmente das ferrovias e rodovias, foi possível adentrar para as regiões mais centrais da Mata, nas décadas de 1860 e 1870.

Por isso, inicialmente o Rio de Janeiro teve grande influência social, econômica, cultural e política sobre essa região, devido a proximidade das duas localidades e ao estabelecimento da ligação com o porto por onde escoava a produção (Oliveira, 2005). A autora aponta que

Ao se fixarem nos municípios que se tornariam os pioneiros do café, continuaram estabelecendo suas linhas de crédito com o interior e seus contatos com a praça carioca, conseguindo manter, dessa forma, as primeiras inversões em cativos e gerando a formação de grandes plantéis e uma posição proeminente nos negócios, até o surgimento dos primeiros lucros com a nova lavoura encetada (Oliveira, 2005, p.85).

Pode-se destacar como marcos da modernização dos transportes, a inauguração da Rodovia União & Indústria, na década de 1860, que auxiliou o desenvolvimento da cidade de Juiz de Fora, que se tornou uma cidade referência para o setor cafeeiro, contribuindo para a economia cafeeira da região sul, que abarca as cidades de Matias Barbosa, Juiz de Fora, Mar de Espanha, Além Paraíba, Leopoldina, Cataguases, entre outras. Na década de 1870, com o surgimento das ferrovias, a produção cafeeira atinge as regiões norte e leste, que são constituídas

pelos municípios de Muriaé, Ponte Nova, Carangola, Manhuaçu, entre outros (Paula, 2006).

Andrade (2011) destaca que a região de Muriaé se beneficiou com a inauguração da Estrada de Ferro Leopoldina (a Leopoldina Railway), aumentando a sua produtividade e desenvolvimento regional, mas destaca a forma desordenada do seu desenvolvimento, apontando o tropeirismo como a atividade que possibilitou uma mudança no acúmulo do capital da região, alterando o destino da economia regional e acirrando a hierarquia social. De acordo com a autora,

Com a circulação das tropas, a riqueza local ia aos poucos tomando novos rumos, acirrando cada vez mais a divisão social. Ricos e pobres, brancos e negros, índios e mestiços se entrelaçavam numa sociedade extremamente hierarquizada, assim, quem possuía bens era impulsionado à elite que, se constituía e utilizava os meios possíveis e impossíveis para o acúmulo de capital (Andrade, 2011, p.99).

Com o desenvolvimento da cafeicultura na região foi possível criar oportunidades de investimento e aquisição de status por grandes proprietários de terras e cativos. Segundo Comeford (2003), esses foram imprescindíveis para a construção das grandes fazendas de café, uma vez que o trabalho escravo foi a base dessa construção. Por isso, a Zona da Mata mineira passou a ser explorada mais solidamente a partir de transformações sociais ocorridas no século XIX. Para a exploração dessa região era necessário um grupo forte, inovador, que possuía capital econômico e político, além de vínculos familiares consistentes, que objetivava adquirir mais posses, perpetuando assim o status e as honras já adquiridas, enobrecendo ainda mais muitas famílias.

Por isso, de acordo com Oliveira (2005), os integrantes das elites agrárias e mercantis se interessaram em se instalar na Zona da Mata, a fim de se beneficiarem de amplas terras e mão de obra, e dos altos preços ofertados ao café pelo mercado

internacional, solidificando-se, assim, as primeiras lavouras de café da região. Essas famílias vieram predominantemente de outras sub-regiões mineiras e já possuíam fortunas para investirem nessa nova região.

Segundo Teixeira (2008) entende-se por elite um grupo que possuía bens, como, por exemplo, escravos, terras e engenhos. Aqueles que alcançavam cargos políticos ou militares eram considerados “homens-bons”. As gerações advindas dessa elite acabavam recebendo vantagens e buscavam seguir os mesmos caminhos em busca de privilégios e prestígio não só econômicos, mas também sociais.

Como esse grupo foi o que procurou manter as tradições de modo mais evidente em Minas, além o fato dos nossos participantes serem, em sua maioria, advindos dele, daremos destaque a ele no próximo item. Estabeleceremos também interlocuções com outros grupos representativos dessa região, pois, na realidade, buscamos compreender melhor a constituição das famílias da Zona da Mata, de modo geral, visto que não podemos pensar em um grupo isoladamente, mas sim a partir das relações que o constroem.

## **1.2 As relações familiares na Mata mineira**

As relações familiares em Minas Gerais foram edificadas sobre as relações clientelares, de poder, prestígio e através dessas relações é que se determinava quem participava e como participava da sociedade.

Genovez (2004) caracteriza a elite mineira como possuidora de bases clientelistas, de um capital simbólico significativo, o que fazia com que as relações de poder fossem mais demarcadas. As famílias que pertenciam à elite estendiam

suas alianças com outras famílias de outras regiões, inclusive aquelas do Rio de Janeiro e São Paulo. A autora destaca que esse tipo de comportamento se constituiu como uma prática social dessas famílias e eram uma herança do antigo regime, que se baseava em privilégios, consideração pelo nome da família e uma rede de retribuições.

Essa elite estava localizada predominantemente em ambientes rurais e Holanda (1995) destaca que nesse ambiente o poder do dono das terras era inquestionável e tudo se solidificava de acordo com os seus desejos. Normalmente, esse espaço era constituído por uma Igreja, escola para os primeiros ensinamentos, plantações e criações de animais e todos viviam das produções proporcionadas por aquele espaço. A família rural, segundo o autor, se estruturava de acordo com os valores trazidos pelo direito romano-canônico. E todos os agregados que lá viviam aumentavam ainda mais a autoridade do pater-família.

Muitas vezes, contudo, a riqueza não era medida pelos bens concretos, mas sim pelo capital simbólico que a família possuía, por sua rede de solidariedade. Por isso, Brügger (2007) destaca que essa rede se sobrepunha ao simples interesse econômico. Buscava-se, antes, o peso político para o desenvolvimento de alianças e poder, até mesmo com relação às dívidas que uma família adquiria.

Isto não era diferente no que diz respeito a obtenção de cargos. Brügger (2007) aponta que, durante esse período, era responsabilidade do monarca a distribuição dos cargos administrativos, escolha essa que se baseava numa rede de trocas que fazia uso do prestígio e de favores pessoais. Muitas vezes, o solicitante não era o beneficiário, mas sim pedia por terceiros, que se utilizavam de pessoas influentes junto à administração. Esta situação solidificou uma rede hierárquica de transmissão de poder e prestígio. Por outro lado, esperava-se das pessoas

agraciadas fidelidade e gratidão pela conquista. Em Minas essa realidade não se organizou de forma diferente do resto dos pais. A autora destaca que

É claro que os laços de dependência não impediam conflitos de interesse e mesmo rompimento de alianças, principalmente quando entre os elos da corrente se interpunham enormes distâncias, como as que separavam Minas de Portugal. Nestes momentos manifestava-se a sensação de “descontrole”, os laços de dependência clientelística rompiam e os até então fieis vassallos podiam passar a ser vistos como rebeldes (p.60).

Outro setor que representava muito bem essa lógica era o campo político. Para Genovez (2002), na segunda metade do século XIX fica mais evidente o destaque dado as relações familiares na política. A autora aponta que normalmente os vereadores eram os “homens bons”, entre os quais estavam incluídos médicos, advogados, fazendeiros, comendadores, barões, entre outros, que eram considerados aptos para representar a sociedade, mas, na realidade, o que muitas vezes eles defendiam eram seus próprios interesses e os dos grupos com quem tinham ligação. A autora acrescenta, ainda, que, para alcançar cargos políticos, não bastava possuir uma dessas profissões ou títulos, mas sim pertencer a um círculo familiar importante.

Segundo Oliveira (2005), os contatos políticos baseavam-se em relações familiares e contribuíam, por sua vez, para a consolidação desses grupos. Xavier e Hespanha (1998) revelam que o prestígio político estava vinculado a um processo de troca de favores, já que, da mesma forma que se concedia benefícios a uma pessoa, ela teria que ter a capacidade de retribuir os benefícios recebidos. Oliveira (2005) assim apresenta as principais características das famílias da elite que se instalaram na Zona da Mata:

Referimo-nos à segunda geração de grandes famílias da Comarca do Rio das Mortes que herdaram de seus pais, além de uma parcela de riqueza, já enfraquecida pelo próprio sistema de equitativo de herança, um patrimônio ainda maior, que era o nome e o status – uma herança imaterial. A este patrimônio somava-se uma vasta rede de amizades baseadas em prestígio e solidariedade entre importantes famílias, direta ou indiretamente vinculadas ao mercado e à Corte do Rio de Janeiro (p.155-156).

Zonabend (1996, em Andrade, 2011) aponta que, “antes de sermos nós mesmos, fomos o filho ou filha de fulano e beltrano” (p.183), destacando a importância da família de origem como ponto de referência para a constituição da identidade das pessoas, uma vez que antes de termos uma existência social própria, somos parte de uma determinada família. E, em Minas, em especial na Zona da Mata, ter um nome determinava e ainda determina quem podia participar e como participava das diferentes redes sociais.

Oliveira (2005) aponta também a força do parentesco como algo que ampliava e conservava o poder econômico dessas famílias com o objetivo de obter ou aumentar os bens a partir de relações de troca. A autora destaca os dotes oferecidos pelos pais das noivas e os empréstimos dados a parentes, afilhados e amigos, como práticas comuns desse período.

Na realidade, todas as práticas que poderiam possibilitar um aumento do poder econômico e simbólico das famílias eram valorizadas, fazendo com que as relações de parentesco assumissem grande importância nesse período. Kuznesof (1989) ressalta que essas relações de parentesco eram utilizadas em todo o Brasil da época e contribuíram não só para a formação das famílias – uma vez que os casamentos na época eram arranjados, isto é, fruto de alianças políticas, financeiras e sociais – como também os laços de parentesco sustentaram a política e organizaram economicamente as regiões. Até hoje pode-se identificar com facilidade as famílias donas e gerenciadoras de seus próprios negócios. Segundo a autora,



esse tipo de estrutura social, política e econômica era comum em todo o mundo ocidental e se estendeu até a metade do século XIX.

Por isso, era tão importante a união entre filhos de duas famílias importantes. Como assinala Lewin (1993), isso permitia um equilíbrio e a incorporação de heranças que foram sendo conquistadas de geração a geração.

Os casamentos por aliança eram, então, bastante comuns na época. Mesmo que não houvesse relações consangüíneas, o objetivo era a efetivação e manutenção do status familiar, através do estabelecimento de relações não só sociais, mas, sobretudo, econômicas (Oliveira, 2005). Kusnesof (1989) aponta que no período colonial utilizava-se como estratégia, inclusive, casar as filhas com jovens empresários, já que esses, por sua vez, contribuiriam participando dos negócios da família.

Brügger (2007) ressalta que o estabelecimento de alianças matrimoniais era o desejável na sociedade colonial brasileira, pois a união de duas famílias de grande prestígio social era incentivada pelos moralistas, além de se tornar um objetivo social. O princípio da igualdade foi bastante utilizado até mesmo para a concessão do casamento. Brugger (2007) destaca que o que

As famílias buscavam na escolha dos cônjuges de seus filhos não era apenas de condição jurídica. Ser igual significava, dentro da lógica patriarcal da sociedade, ter o que trocar. Assim, as uniões matrimoniais selavam alianças entre grupos familiares que tinham algo a oferecer, reciprocamente, fosse prestígio social, riqueza, acesso a redes de poder, entre tantas outras possibilidades. Não me parece ter ocorrido à toa o predomínio, no Brasil, dos casamentos por “carta de ametade”. A ideia da comunhão de bens integrava-se perfeitamente à lógica da troca entre iguais. Por isto, provavelmente, foram raros os casamentos com contratos pré-nupciais de “dotes e aras”, que pressupunham separação de bens e, portanto, desigualdade (p.226).

O princípio da igualdade, de acordo com Silva (1984), estava vinculado à indissolubilidade do casamento, noção trazida pela Igreja Católica. Por isso, havia o

estímulo por uma escolha madura, que deveria ser baseada na igualdade de idade, classe social, saúde e preceitos morais e que deveria ser guiada predominantemente pela razão, para o estabelecimento de uniões sólidas, que não tinham por base a paixão e a atração física. Casamentos desiguais não eram aceitos socialmente no Brasil colônia.

Del Priore (1993) aponta que todo discurso sobre o casamento no Brasil Colônia, apesar de difundir a relação igualitária, na realidade em seu interior revelava a dominação masculina e a submissão feminina. A Igreja esperava que a mulher fosse um espelho da santa-mãezinha, a fim de que ela fosse a grande propagadora no seio da família dos valores tridentinos. No Brasil Colônia, portanto,

“Ser mãe” passou a significar “ser casada”, “ser boa esposa”, “humilde, obediente e devota”. A transformação da mulher que vivia em “tratos ilícitos” em “mãe ideal” fazia-se por eficaz adestramento dirigido no cotidiano e consolidado no correr do tempo. Mas, além de tentar inocular comportamentos, os gestos, as aparências externas que ajudavam a fabricar “as santas”, seria necessário interiorizar os afetos correspondentes a tais posturas (Del Priore, 1993, p.172).

A autora, apesar de apontar o princípio da igualdade como importante no Brasil Colônia e destacar a existência da subordinação feminina desde esse período, revela que a escolha do homem deveria estar vinculada a noção de honra. A autora utiliza um texto do moralista Sousa Nunes para esclarecer a noção de honra nesse período:

A noção de “honra” aparece estreitamente ligada à noção de “fama”, isto é, à opinião pública. Por isso, no dizer de Sousa Nunes, “deve o homem prudente encomendar o informe da que deseja para esposa mais aos ouvidos do que aos olhos”. Se nada for dito contra ela, se nenhum ruído circular a seu respeito, então ele é “honrada”. Como escreve o moralista, “a sua melhor fama é não ter fama” (Del Priore, 1993, p.71).

Silva (1984) analisa que a noção de “honra” para a mulher solteira significava o mesmo que ser virgem, uma vez que não ser virgem comprometia as chances das mulheres se casarem. Para que as famílias não corressem esse risco era comum o envio de suas filhas para instituições de recolhimento que as alojavam e as preparavam para o casamento em local distante dos perigos do mundo.

Faria (1998) aponta que as mulheres que tivessem sua “honra” manchada, estariam condenadas às “misérias do mundo”, a não ser que viessem a se casar com o homem que havia tirado sua honra, ou seja, a proteção masculina era uma condição importante nesse período. Na população mais pobre as “desonras” eram mais freqüentes ou mais difíceis de ser encobertas, mas a autora aponta que

Se virgindade e casamento não estavam ligados para a população mais pobre, o mesmo não pode ser dito para os que detinham prestígio econômico e social. Idealmente, pelo menos, as noivas ricas deveriam ser virgens. Foram raros os processos de banhos envolvendo pessoas designadas como “dona”, “sargento-mor”, “capitão-mor” e titulações afins que tivessem referidos relacionamentos sexuais antes dos matrimônios. Certamente isto não significa necessariamente abstinência sexual por parte das mulheres, mas sim que, com maior facilidade, tais práticas puderam ser encobertas. A publicidade é que poderia impedir casamentos. Desde que tudo se mantivesse longe do domínio público, estava salvaguardada a honra da família (Faria, 1998, p.67).

Por isso, o discurso da época incentivava o casamento. Um tipo de casamento que, mesmo que aparentemente não fosse tão estimulado pelos princípios da Igreja, mas para o qual facilmente conseguia-se dispensa para praticar foram os casamentos consangüíneos. Esses eram utilizados como estratégia para não dissipar os bens entre estranhos, mas, antes, associar a terra aos casamentos solidificados dentro da própria família, perpetuando os bens já adquiridos e o prestígio social. Para Andrade (2011), essa prática se constituiu como um grande mercado matrimonial. A autora encontra em sua pesquisa uma relação entre os casamentos consanguíneos e a terra, assinalando que

muitas vezes esse tipo de união acontecia justamente para que houvesse a permanência da posse da terra, ou a anexação de mais propriedades, favorecendo a não dispersão das fortunas familiares (Andrade, 2011, p.180).

Oliveira (2005) destaca que na constituição do sistema agrário-cafeicultor da Zona da Mata tanto as relações interfamiliares como as intrafamiliares objetivavam a transmissão do capital social e econômico, principalmente as relações interfamiliares, já que os casamentos consanguíneos possibilitavam ainda mais a conservação dos bens e acabavam por formar uma rede de solidariedade e compreensão.

Apesar dos casamentos consanguíneos inicialmente não terem sido considerados como casamentos baseados na igualdade, paradoxalmente eles eram, uma vez que, de acordo com Andrade (2011), eles

teriam exatamente o propósito de não dividir os bens entre estranhos, mas amarrar as terras com os laços empreendidos familiarmente. Com isso, a disponibilidade de pessoas “iguais” socialmente era reduzida fora das próprias famílias, onde os casamentos ocorriam (p.172).

Como a posse de terra ficava restrita nas mãos de poucos, abrir mão delas através da consolidação de casamentos desiguais constituía um grande risco. Por isso, a autora revela que nessa época eram comuns os matrimônios arranjados e premeditados e acabavam sendo articulados pelos pais dos possíveis noivos, que objetivavam a manutenção dos bens e o prestígio social. De acordo com Andrade (2011),

a oferta e procura de cônjuge era variada nos dois diferentes locais. Havia de um lado uma sociedade que crescia de forma gradual, em que a terra era um bem atingível e indicador social, no qual o casamento consanguíneo afirmava status e prestígio, e, de outro, uma sociedade mais estratificada, e com acesso restrito posse

de terras, em que as uniões entre parentes ofereciam a manutenção dos bens já adquiridos (p.180).

Os casamentos consangüíneos eram importantes, uma vez que o Brasil adotou os hábitos portugueses no que diz respeito a lei sobre as heranças que reconhecia a mulher como tendo direito a metade dos bens do casal. Já os filhos teriam uma divisão igualitária de dois terços referentes a cada metade dos bens do casal e apenas um terço poderia ser dividido a partir do desejo do morto (Kusnesof, 1989).

Além disso, ao pai e marido cabia a responsabilidade de gerenciar, resguardar e controlar todos os seus subordinados, ou seja, esposa, filhos, escravos e agregados. A maioridade era atingida com 21 anos, mas as mulheres podiam se casar legalmente com 12 anos e os homens com 14 anos. A autoridade paterna sobre todas as decisões, principalmente aquelas vinculadas ao casamento, acabava por elevar o número de casamentos endogâmicos, visto que eles englobavam estratégias políticas e econômicas e, portanto, “combinavam o poderio político baseado na territorialidade com o poder econômico” (Kusnesof, 1989, p.45).

Para Oliveira (2005) o casamento se tornou uma grande estratégia social e econômica na época. A escolha era motivada por diferentes questões como o interesse no mercado de terras, nas relações de crédito e endividamento e nas permutas matrimoniais, mas sempre objetivando capitalizar economicamente e politicamente o grupo em questão. Em suas palavras,

Todos estes fatores concorreram para a constituição de uma grande rede de alianças, em que o espaço para o forasteiro, aquele aventureiro recém-chegado de outras capitâneas, reduziu-se, favorecendo a consolidação e manutenção de uma rede de relações sociais altamente internalizada (Oliveira, 2005, p.23).

Os laços de parentesco possuíam a função primordial de concentração de fortunas e solidificação de alianças familiares e, assim, era comum reconhecer o casamento entre primos e entre tios e sobrinhas. Os casamentos consanguíneos mantinham na própria família o patrimônio, não saindo, assim, da linha de sucessão e, além disso, eles impediam a falência e solidificavam as relações entre os parentes. Nessa época, o pátrio poder conduzia os negócios e, por isso, cabia aos chefes de família administrar as heranças das esposas, fato que fortalecia ainda mais o patrimônio familiar. Como aponta Oliveira (2005),

A permuta matrimonial representava antes, um princípio de reprodução social do próprio grupo, fazendo circular os bens materiais e simbólicos, entre as mesmas famílias, assegurando sua estabilização no tempo e no espaço. A herança portuguesa de divisão igualitária, a herança entre marido, mulher e filhos, apenas com a terça doada livremente, impunha apenas limites formais à livre disposição de bens. Ante a hipótese da ameaça constante de fragmentação se interpunham estratégias matrimoniais, a produzir partilhas que conduziam à indivisão (Oliveira, 2005, p.174).

Nesse período, segundo Oliveira (2005), era proibido, pela lei canônica, o casamento entre parentes com até três graus de parentesco, mas como o objetivo principal era a manutenção do patrimônio familiar na cadeia de sucessão da própria família, eram feitas muitas solicitações para dispensas e essas eram concedidas. Assim, no Brasil colonial era comum se deparar com casamentos entre tios e sobrinhas e entre primos, como dissemos anteriormente.

Os casamentos consanguíneos não eram uma prática apenas da elite. No estudo realizado por Souza (2007) na região de Juiz de Fora pode-se perceber que no campesinato os laços familiares são extremamente importantes e, por isso, era comum encontrar casamentos baseados em laços de parentesco, que ocorriam pois se objetivava a própria sobrevivência daquele núcleo.

No fim do século XVIII, o papa Pio VI atribuiu aos bispos do Brasil o poder de dispensar gratuitamente para o casamento todos os graus de parentesco, exceto o primeiro de consangüinidade, mas Silva (1984) revela que essas dispensas já ocorriam há muito tempo no Brasil e longe de ser gratuita tinha como papel a arrecadação de rendimentos para a Igreja, já que normalmente as famílias que as solicitavam possuíam condições de pagá-las.

A Igreja passou a difundir os motivos que poderiam ser considerados para a concessão de dispensa para o casamento e alguns deles foram descritos no século XVIII no Prontuário da teologia moral de Frei Francisco Larraga (em Silva, 1984):

1. se uma donzela pobre quer um parente seu receber por mulher, e não a recebendo, ficará ela sem tomar estado;
2. o conservar em uma família sucessão, ou a muita riqueza, como se a mulher ficou por herdeira e é conveniente para este fim, que case com consangüíneo;
3. o bem comum da paz entre províncias, ou reinos, ou alguma república, ou família grande;
4. não achar-se na pátria da mulher outra pessoa igual, senão um parente seu;
5. o ser benfeitora da Igreja a pessoa, que pede, ou para quem se pede dispensa;
6. o dar-se alguma soma de dinheiro;
7. o reavaliar matrimônio contraído invalidamente, por evitar escândalos, ou perigo de incontinência;
8. o ser pedida a dispensa por grandes príncipes, pelos quais se entendem algumas pessoas notáveis, ou opulentas (p.133).

Por último, e com menos freqüência, encontravam-se os casamentos que não seguiam esta lógica e que, de acordo com Kuznesof (1989), eram aqueles em que os cônjuges possuíam interesses próprios, usando a autonomia e a liberdade de escolha para efetivarem o casamento. Para Oliveira (2005), esse passou a ser o modelo principal com o fim do sistema de dotes e impera até os dias atuais.

Uma forma muito comum de se ter acesso ao prestígio e poder dos grupos dominantes era através das relações de compadrio que acabavam constituindo vínculos, inclusive de proteção e lealdade, entre as famílias. Oliveira (2005) ressalta

que essa forma de relação poderia ser estabelecida através de laços de dependência desenvolvidos por eleitores, devedores ou agregados com membros das famílias mais poderosas, como forma de fortalecer os vínculos de solidariedade, numa tentativa de maior aproximação, estreitamento e até mesmo ascensão social. A escolha dos padrinhos dependia de sua posição social e econômica e compreendia também obrigações religiosas e materiais. Como aponta Graham (1997), “Todos estes laços familiares implicavam em obrigações mútuas de ajuda nas eleições ou na garantia de cargos no governo” (p.37). Nas famílias da elite local, ao contrário do que acontecia com os membros dos grupos mais pobres, o mais comum era que os padrinhos escolhidos possuísem um nível econômico e prestígio social mais elevado do que o dos pais da criança. Para Andrade (2011)

Numa sociedade em que as relações de produção estavam voltadas diretamente para o fator econômico, mas, sobretudo, para a dependência pessoal, que se confundia com as relações de poder exercidas nas estruturas familiares, a fidelidade e o apadrinhamento tornam-se aspectos fundamentais para este equilíbrio social (p.183).

O compadrio não se limitava apenas ao apadrinhamento de crianças, mas também ocorria no apadrinhamento de casamentos, simbolizando uma aliança da pessoa convidada para padrinho com a família, representando uma amizade política fundamental para a manutenção do status (Teixeira, 2008).

Segundo Andrade (2011) a liberdade para a escolha de padrinhos acabou possibilitando que essa prática se tornasse uma estratégia para obter vantagens, para a aceitação e visibilidade diante da sociedade mineira.

O batismo, como forma de solidificar os laços de compadrio, possibilitava também o reconhecimento de grupos marginalizados na própria sociedade através do estabelecimento de laços parentais fictícios, como, por exemplo, de homens



livres pobres, forros, mestiços, escravos com membros da elite dominante. Andrade (2011), ao fazer uma análise dos dados encontrados em Muriaé com relação aos registros de batismos de cativos afirma:

Os dados encontrados nos registros de batismo contribuem para confirmar que a proteção e submissão, muito mais do que a fé destes cativos, era colocada em primeiro plano. Ou seja, a grande maioria dos cativos foram batizados não apenas pela aceitação dos valores da religião oficial, mas como uma ligação entre terra e céu pelo parentesco fictício representado a partir do batismo. Podemos constatar esta hipótese não apenas pela leitura nas entrelinhas do livro de batismo, mas também pelo livro de casamentos da paróquia, pois são em número muito reduzido, se comparados aos batismos. Percebe-se nesta relação de proteção do padrinho para com o afilhado uma forma de fortalecimento dos laços sociais, políticos e econômicos (p.198).

Para Brügger (2007),

Além de estabelecer vínculos espirituais entre os envolvidos, o ato do apadrinhamento criava ou reforçava relações sociais, que se constituíam em importantes alianças, ampliando os laços familiares para além da consangüinidade (p.284).

De acordo com Freire (2012), o batismo se tornou um desejo de todas as classes da população, uma vez que através dele as relações de solidariedade e reciprocidade se solidificavam, algo que não foi diferente no caso dos cativos. Como aponta Freire (2012), “para além do seu significado católico, os laços instituídos pelos escravos e padrinhos perante a Igreja Católica extrapolaram o espaço daquela instituição e mostraram-se presentes em toda a sociedade” (p.182).

Na maior parte das vezes os padrinhos das crianças possuíam a mesma condição econômica e simbólica ou mesmo uma condição superior a de suas mães. Os pais da criança buscavam, de alguma forma, escolher padrinhos que hierarquicamente estivessem acima deles e, como assinala Brügger (2007), “os

legados testamentários deixados por padrinhos a afilhados eram, em certa medida, decorrência daquela lógica” (p.321).

Faria (1998) aponta em seu livro que praticamente nenhum homem livre ou liberto possuía como padrinho de seus filhos um cativo, e os cativos normalmente eram afilhados de homens livres ou libertos. De acordo com a autora, isso revela uma lógica hierárquica, pois ninguém achava bom ser escravo, mas sim ter cativos.

Souza (2007), contudo, assinala que o camponês dessa região escolhia o padrinho de seus filhos entre os próprios parentes, o que pode indicar diferenças econômicas dentro da mesma rede de parentesco, mas a marca maior parece ser a reciprocidade, pois cabia ao padrinho presentear seu afilhado ou conseguir um trabalho para ele, criando meios de sustento da família, cabendo ao afilhado reconhecer esse auxílio dando em troca seus cuidados e prestar serviços ao padrinho.

Assim Oliveira (2005) define como as estratégias matrimoniais contribuíram para a consolidação econômica desse grupo:

As etapas de financiamento, produção, transporte e comercialização foram monopolizadas por ricas famílias que, ao utilizarem importantes estratégias matrimoniais, conseguiram auferir enormes lucros e ascender ao status de grandes proprietários cafeicultores. Estas famílias que vinham para as novas fronteiras abertas da Mata, diferentemente daquelas que se dirigiam anteriormente para a Província Fluminense, permaneciam profundamente identificadas com a história mineira e se perpetuaram no tempo e no espaço, onde suas relações sociais passavam a ter um peso considerável na definição de estratégias econômicas. A reprodução social e econômica passou a constituir uma verdadeira rede regional composta por várias conexões matrimoniais, transformando a rede familiar numa rede de negócios bastante lucrativa (p.91).

Como vimos, as relações familiares na Zona da Mata foram sendo moldadas a partir de estratégias matrimoniais que possibilitaram o aumento do capital econômico, mas, principalmente, do capital simbólico das famílias, em especial das

que pertenciam à elite, ainda que outros grupos tivessem utilizado práticas similares para alcançar reconhecimento e poder pertencer a uma rede de relacionamentos acima do seu grupo social. Nem todas as famílias, no entanto, se estruturavam dessa forma, como veremos no próximo tópico. Minas Gerais, de modo geral e a Zona da Mata e Muriaé, em particular, se estruturaram também a partir de outras composições familiares que fugiam aos moldes traçados pela Igreja Católica.

### 1.2.1 - Outras configurações familiares

Hoornaert (1993) revela que o casamento proposto pela Igreja Católica não era tão facilmente colocado em prática na América. Várias outras formas distintas de casamento foram encontradas aqui, como o concubinato, as uniões ilegítimas, os lares chefiados por mulheres, entre outras, e até hoje existe uma tentativa por parte da Igreja de colocar em ordem aquelas pessoas que estão em situação “irregular”. Normalmente, o que se encontrava por aqui era uma convivência mais flexível entre homens e mulheres. Como Assinala Hoornaert (1993), na realidade, nos primeiros anos da colonização “o sexo não era assunto reservado à intimidade, e foi isso que deve ter perturbado os europeus, acostumados a uma rígida redução da vida sexual à esfera íntima” (p.21).

Del Priore (1993) assinala que, como estratégia, a Igreja utilizou como alvo a mulher, uma vez que começou a instituir a “educação dos apetites”, que fez com que os casamentos fossem se esvaziando dos apetites e as sensações domésticas fossem ganhando maior destaque. Além disso, a Igreja inseriu sentimentos religiosos que elevaram a mulher ao lugar de santidade.

Uma questão apontada por Silva (1984) que favoreceu o aumento da miscigenação e do concubinato no Brasil foi o fato de que colonizadores que aqui chegaram, em sua maioria, eram homens que vieram sem mulheres e, por isso, mantinham relações com as índias, mulheres livres ou escravas. Já os casais que vieram de Portugal pertenciam a uma classe mais nobre e por isso transitavam por várias regiões. A autora destaca que o interesse dos colonos era de que mais homens viessem contribuir para o povoamento e a exploração. A preocupação dos jesuítas, contudo, se voltava para a miscigenação e, por isso, reforçavam a idéia de que viessem mulheres, mesmo que das mais variadas reputações, mas que fossem brancas, para resolver tal situação no Brasil. Como apontado anteriormente, o mesmo processo se deu na ocupação de Minas Gerais e suas sub-regiões.

Cerceau Netto (2008) destaca que a grande extração aurífera em Minas Gerais e o aumento das suas atividades comerciais no século XVIII atraíram para essa região uma grande variedade de pessoas, tornando-a uma das regiões mais populosas do Brasil Colônia, fato que contribuiu para a formação de um mosaico sociocultural e étnico, tendo como base a mestiçagem biológica e cultural.

Brügger (2007) assinala que, em Minas Gerais, a maioria das relações familiares era condenada pela Igreja devido aos altos índices de ilegitimidade e ao grande número de famílias monoparentais, principalmente chefiadas por mulheres.

Em Minas, a taxa de relações ilegítimas era mais alta entre os escravos e a população liberta, o que, na realidade, era proporcionado pela própria desigualdade existente, já que havia uma diferença entre o número de pessoas dos sexos masculino e feminino e de negros e brancos. Segundo Andrade (2011), essa sociedade já colocava obstáculos ao casamento entre brancos e negros, evidenciando, desde então, a marca do preconceito e do estigma racial.

Para Cerceau Netto (2008), essa mistura de pessoas de origens e condições diferentes desencadeou a formação de uma sociedade com práticas morais e religiosas também distintas. Em suas palavras,

Obviamente, a mistura de pessoas de condição, origem e qualidade variadas também indicava o cruzamento de diferentes costumes morais, sexuais e familiares. Assim, a coexistência de várias formas de organização familiar nesse espaço fomentou naquela sociedade práticas religiosas e morais bastante distintas, sobretudo em relação ao comportamento sexual e familiar pregado pela Igreja Católica pós-tridentina e pelo Estado moderno português (p.71).

Cerceau Netto (2008) revela, assim, que a diversidade familiar do período colonial foi muito grande, visto que houve uma mistura de comportamentos distintos por parte de portugueses, mestiços, indígenas e africanos, o que resultou num alto índice de relações ilegítimas e, ao mesmo tempo, em relações familiares mais flexíveis, numa diversificação social e cultural ampla e em variados arranjos familiares e sociais. Do ponto de vista moral, contudo, essa mistura de comportamentos feria as normas do período escravocrata, construído com base em redes de privilégios.

Uma das maiores preocupações do período, portanto, era o combate ao concubinato, mas, como aponta Oliveira (2011), amasiar-se não deve ser compreendido apenas como uma opção, mas muitas vezes como uma necessidade. Por isso os casais tentavam mantê-lo em segredo, para que não ficassem a mercê dos julgamentos e punições do comportamento considerado “escandaloso”. O matrimônio era muito custoso na época e, além disso, haviam poucas mulheres brancas disponíveis para o casamento, o que dificultava a sua regularização.

Independente de serem encaradas como opção ou não, essas práticas consideradas “ilícitas” interferiram na compreensão do termo família, que se ampliou significativamente. Faria (1998) destaca que, para os estudos das ciências

humanas, ele passou a ser considerado bastante controverso, pois abarca uma infinidade de modos de organização familiar. E, como aponta Faria (1998), para a antropologia, “não se pode negar o fato de que as sociedades humanas tiveram sempre presente algum padrão familiar, podendo ser ele de diferentes matizes e resultante de variadas combinações” (p.40). Cerceau Netto (1998) assinala que

Sabe-se também que para a América portuguesa não existe um modelo único de família, o que vem permitindo aos historiadores desvendarem a diversidade da sociedade colonial. A própria multiplicidade de organizações familiares revela a heterogeneidade cultural das pessoas e dos grupos sociais que constituíram a sociedade colonial brasileira. Isto, de certa maneira, demonstra a dificuldade em estabelecer um conceito homogêneo de família (p.40).

Contudo, do ponto de vista social, pertencer a uma família não reconhecida, que transitava por espaços étnicos, materiais, culturais e sociais diferenciados, gerava uma dificuldade no reconhecimento político, uma vez que isso ia contra os princípios do catolicismo e do Estado português.

Para os jesuítas foi extremamente difícil organizar o sistema matrimonial no Brasil, já que a maior parte dos casos era tratada como concubinato ou mancebia e estava distante do espírito do catolicismo, mesmo antes da reformulação proposta pelo Concílio de Trento (Silva, 1984). Após essa reformulação a Igreja passou a punir o concubinato fazendo uso de diversas penas, que iam desde a excomunhão até a expulsão das mulheres da região em que praticavam o concubinato.

Cerceau Netto (2008) assim define as diferentes classificações do concubinato:

o concubinato comportava as seguintes classificações: o simples, que provinha da união de pessoas solteiras, que podia ser usual, esporádica ou duradoura; o adúlterino, como o nome já revela, resultava de uma relação adúltera em que um ou ambos os amasiados era casados; o incestuoso referia-se às relações entre parentes por consangüinidade e afinidade, apadrinhamento e descendência direta ou

colateral; o clerical, que consistia no relacionamento em que um ou ambos os concubinos pertenciam ao mundo religioso; o misto, que se configurava pela junção de concubinos que estivessem em adultério e incesto ao mesmo tempo; o duplo ou poligâmico era a relação que admitia vários parceiros; e, por último, o com promessa de casamento, que se caracterizava pelo estabelecimento de esponsais por contrato ou promessa oral não cumprida por um dos concubinos (p.100).

Independente do tipo de classificação a que o concubinato pertencia, a Igreja o tratava como transgressão. Mesmo assim, o concubinato se disseminava socialmente como uma das práticas mais comuns no Brasil Colônia e marcou, portanto, esse período, transformando-se, em diversas regiões brasileiras, no principal modelo de configuração familiar (Cerceau Netto, 2008). Por isso, o autor aponta que, apesar dos esforços da Igreja para controlar o concubinato, muitos casais, em contrapartida, preferiram viver em uniões consensuais, buscando formas de relacionamento mais flexíveis.

Como o controle da Igreja no Brasil Colônia se tornou muito difícil devido à grande extensão de terras e a diversidade de pessoas, a Igreja tentou inserir na sociedade a ideia do concubinato como algo escandaloso, passando a transferir as investigações dessas práticas para a própria comunidade que expurgava os transgressores, sendo denunciados pelos próprios vizinhos e pela comunidade, em geral, que se rebelava contra eles. Além disso, a própria consciência do praticante cumpria um papel importante, já que a Igreja difundiu tal prática como um crime, um delito (Oliveira, 2011).

Marcílio (1993) destaca que o concubinato era característico do Brasil colonial devido às vastas extensões de terras, a ausência de agentes pastorais, a inexistência de dispositivos institucionais fortes, a dispersão do povoamento e a diversidade de pessoas, entre elas, os índios e os africanos que já possuíam uma tradição e costumes distintos daqueles do catolicismo.

Silva (1984) aponta que o significado atribuído ao concubinato se modificou a partir do século XVIII, pois antes a preocupação estava mais centrada na coabitação e nas relações ilícitas públicas e, posteriormente, a ênfase passou a ser colocada na continuidade dessas práticas. A autora evidencia, no entanto, que

É de crer que numa sociedade em que os indivíduos não precisavam apresentar constantemente certidões de casamento, para fins civis e sobretudo para fins de herança e de legitimidade dos filhos, tais uniões tivessem a mesma força, sobretudo em arraiais e povoações distantes, que aquelas que eram celebradas pelos párocos. Segundo o costume do Reino (e esse costume teve certamente longa vigência no Brasil colonial), ser marido e mulher era viver como marido e mulher, partilhando da mesma casa, da mesma mesa e do mesmo leito (p.111).

Por isso, a Igreja buscava alternativas para diminuir esses problemas. O casamento precisava ser regularizado e fiscalizado por regras civis e religiosas, uma vez que nos animais era possível compreender que eles se vinculassem apenas pela vontade do macho e da fêmea estarem juntos, mas na espécie humana esta ligação necessitava de ordenação, caso contrário poderia gerar sérias conseqüências sociais (Silva, 1984).

A fim de organizar a sociedade, a Igreja necessitou de regras religiosas para estabelecer controles. O sacramento do matrimônio surgiu como alternativa para controlar a população católica, a fim de diminuir as relações incestuosas, a mancebia e o concubinato. Apesar disso, muitas dessas práticas permaneceram em alguns grupos étnicos e grande parte dos fiéis também acabava por negligenciar e burlar tais normas. Em relação ao matrimônio, muitas vezes, a própria Igreja não seguia as regras estipuladas pelos documentos da Igreja, já que o Brasil seguia os códigos das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, derivados do Concílio de Trento e das Ordenações Filipinas (Andrade, 2011, p.166).



Brügger (2007) destaca que o casamento só passou a ser considerado um dos sacramentos da Igreja em 1150 e, mesmo assim, nesse período ele não era tão comum e tratado como uma das prioridades da instituição católica. Apenas mais tarde ele veio a ser utilizado como estratégia de controle e a Igreja passou a utilizar um discurso que enfatizava a importância da família, a fim de influenciar as áreas colonizadas. Como assinala Brügger (2007) e Andrade (2011)

Segundo a moral católica dominante, a família, célula básica da sociedade, seria formada a partir da união matrimonial, que, por sua vez, objetivaria a procriação. Trata-se, pois, de um modelo de família nuclear, embora possa, dependendo do contexto no qual se insere, expandir-se com agregados e outros parentes consangüíneos ou rituais. O modelo ideal de família católica teria como parâmetro as figuras da Virgem Maria, de São José e do Menino Jesus (Brügger, 2007, p.167).

Os casamentos segundo as ordenações do reino no Brasil Colonial, representavam uma forma popular de união. Entretanto, essa união só era válida se fosse confirmada via sacramento do matrimônio. Caso coabitasse o casal a mesma casa, a união não era válida perante a Igreja Católica, que a considerava concubinato, uma vez que o homem e a mulher viviam debaixo do mesmo teto sem terem contraído o sacramento. A validade civil dessa forma de união não podia ser contestada porque a legislação acolhia dois tipos de casamentos: o casamento de feito e o casamento social. O primeiro constituía-se na adesão de duas pessoas por meio de algum parentesco e o segundo era aquele em que o casal vivia como marido e mulher, dividindo o mesmo leito, a mesma mesa e a mesma casa (Andrade, 2011, p.167).

Na realidade, segundo Andrade (2011), o que se percebe é que o casamento no período colonial cumpria a função de regulamentação política e social mais do que a de sacramentar o sentimento entre os cônjuges, que atualmente se tornou um dos princípios do matrimônio. Brügger (2007) também revela que o casamento e a procriação se tornaram importantes para a circulação de bens, principalmente no que diz respeito ao processo de transmissão de heranças.

De acordo com Cerceau Netto (2008) a Igreja buscou várias alternativas para punir as práticas que se desviavam das regras morais. Por isso, os envolvidos em

práticas ilícitas eram coagidos pelas devassas episcopais que apuravam delitos e puniam delitos que não se enquadrassem na doutrina católica. Esta era uma forma de se controlar o comportamento da população, embora muitas estratégias tenham sido adotadas pelos casais, a fim de que não fossem punidos. As devassas eclesiásticas eram, segundo Cerceu Netto (2008),

um procedimento jurídico específico de inquirição sumária de testemunhas feita ou delegada pelo Juízo eclesiástico para apurar os delitos que segundo a lógica católica, afetavam o cotidiano. Assim, os relacionamentos afetivos que não estivessem inseridos na doutrina católica sofreriam as penalidades legais previstas. Na prática, a Igreja tentava controlar o comportamento cotidiano da população; assim como a vida amorosa, a sexualidade e os costumes das pessoas eram foco dos visitantes (p.31-32).

O que se viu em Minas, a julgar pelas altas taxas de ilegitimidade, e que a sociedade não se intimidou diante das punições. Para Cerceau Netto (2008), a Igreja e o Estado português, assim, não alcançaram seu objetivo de tornar o casamento o único modelo familiar legítimo, uma vez que homens e mulheres desse período “foram capazes de recriar e recompor socialmente seus valores e sentimentos familiares, instituindo e refazendo modos de viver diferentes do modelo homogêneo de família” (p.75).

Cerceau Netto (2008) destaca que os documentos das devassas eclesiásticas são ricas fontes de análise das formações familiares e através deles

Observou-se que as relações afetivas comportavam variações segundo os modelos construídos por meio da mestiçagem entre indivíduos tão diversos e desiguais. A condição jurídica e social dos sujeitos é que delineava as particularidades das uniões conjugais pautadas pela mancebia. [...] Assim, pode-se dizer que a população colonial da região central da Minas Gerais estava longe de se enquadrar nos restritos esquemas de moral que a Igreja pretendia implementar, razão pela qual proliferaram formas heterodoxas de organização familiar, entre as quais sobressai o concubinato em suas diversas modalidades (p.100).

Predominantemente, as uniões entre os escravos e entre membros da população livre eram constituídas de forma consensual e não eram regularizadas pelo sacramento do matrimônio, que organizava a sociedade de modo eclesiástico, jurídico e civil. Frequentemente, segundo Hoornaert (1993), os escravos não podiam manter a união consensual, já que a coabitação regular muitas vezes não era possível, fato que gerava um número grande de mães solteiras entre eles (Hoornaert, 1993).

O fruto dessas uniões consensuais eram os filhos ilegítimos que, de acordo com Lopes (1998), que compreendiam uma serie de variações, dentre as quais encontram-se: os filhos naturais, que nasciam de relações consensuais entre pessoas solteiras em que não havia impedimentos para a realização do matrimônio; os filhos espúrios ou sacrilégios, que eram fruto de relações entre um leigo e um religioso, ou entre religiosos; os adulterinos, que resultavam de relações em que um dos pais ou ambos eram casados e não poderiam se casar; e os incestuosos, que nasciam de uniões entre parentes consangüíneos de até quarto grau ou por afinidade.

Hoornaert (1993) revela que o matrimônio na maior parte das vezes não era consolidado, mas, independente dos filhos serem legítimos ou ilegítimos, os pais buscavam que eles recebessem o sacramento do batismo, pois ele cumpria a função de agregar novos membros à Igreja e ser a forma pela qual a criança poderia obter um documento civil. Além disso, o batismo formava uma ampla rede de parentesco espiritual que se constituía através da ligação entre padrinhos, afilhados e seus pais, embora em alguns casos o parentesco espiritual fosse vinculado ao parentesco carnal.

Andrade (2011) aponta que através do batismo aumentavam os laços parentais a partir dos laços de solidariedade. Além disso, a criança passava a ser considerada cristã, alcançava a salvação e ampliava-se a família em questão a partir da constituição de laços espirituais entre os envolvidos. No caso dos escravos, o batismo dinamizava e integrava a vida no cativeiro.

O batismo era uma estratégia de legalizar aquela família, uma vez que ela alcançava o status de família espiritual. Como assinala Hoornaert (1993), muitas vezes,

Nos livros de batismo de escravos, não é raro encontrar Nossa Senhora, sob distintas invocações como “madrinha” da criança escrava, criando laços de parentesco não apenas terrestres, mas também celestes, no ato do batismo. Nossa Senhora como madrinha pode significar tanto a indigência e pobreza da mãe, incapaz de conseguir o casal de padrinhos, mas também promessa de entregar e consagrar o filho à Virgem, comuns até hoje, nas populações do interior. Revela a secreta aliança de mulheres com outra mulher a cujos poderes e intercessão confiam filhos de suas entranhas (p.53).

Entre os cativos, segundo Andrade (2011), o batismo tinha a função de proteção através do estabelecimento de laços sociais, políticos e econômicos, mas também demarcava uma submissão, já que eles buscavam o sacramento como forma de estabelecer uma ligação entre a terra e o céu através do parentesco fictício que o batismo representava. A autora aponta que

Em São Paulo do Muriaé, apesar da configuração das escravarias locais serem moldadas em sua grande maioria a partir de um reduzido número de cativos, foi possível a estes indivíduos manterem amplas relações de parentesco, consanguíneas ou não. As extensas redes de solidariedades expressas nas relações de compadrio, adotadas por mães de filhos naturais ou legítimos, com homens e mulheres livres, escravos, libertos, parentes consanguíneos e até mesmo santos, constatadas via registros de batismos, nos possibilitou rastrear algumas vivências cotidianas de alguns casos específicos.

Consequentemente, os pais ou mesmo as mães, tinham a liberdade da escolha dos padrinhos de seus filhos, e estes, utilizaram de estratégias para serem beneficiados na escolha de seus compadres e comadres, em sua grande parte, visando uma maior aceitação e reconhecimento na sociedade (Andrade, 2011, p.204).

Andrade (s/d) destaca que nos casos dos filhos naturais a Igreja Católica seguia as orientações das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, registrando no livro os nomes dos pais, no caso de uniões consensuais em que não houvesse escândalo. Caso houvesse problema em revelar o nome do pai, registrava-se apenas o nome da mãe e se não soubessem o nome do pai nem o nome da mãe registrava-se o nome de quem encontrou a criança, bem como o dia e o lugar onde foi encontrada. O pároco era o grande guardião dessas informações e não podia revelar a ninguém se não fosse autorizado, caso contrário seria devidamente castigado.

Em pesquisa realizada por Andrade (2011), a autora destaca que, em Muriaé, a maior parte dos padrinhos das crianças naturais ou legítimas eram homens livres, os forros foram padrinhos apenas de crianças naturais. Normalmente, as mulheres escolhiam pessoas de condição social de mais destaque para apadrinhar seus filhos e, quando isso não era pertinente, normalmente se escolhia para padrinhos os santos. A escolha das madrinhas seguia a mesma lógica, embora, muitas vezes, seus nomes não aparecessem nos documentos ou eram trocados por uma Santa.

Por mais que consideremos que Minas Gerais, a Zona da Mata e, em especial, a cidade de Muriaé não tenham se estruturado apenas segundo a lógica patriarcal, do tradicionalismo e dos valores da Igreja Católica, vimos que o modelo patriarcal estruturou inúmeros valores sociais, já que, independente da classe social a que se pertencia, os grupos tentavam de alguma forma fazer trocas, constituir alianças e alcançar reconhecimento. Caso isso não pudesse ser alcançado através do matrimônio, que o fosse através do sacramento do batismo. No próximo capítulo apresentaremos as mudanças por que vem passando a sociedade em Muriaé e que

transformaram esse olhar sobre a família através dos séculos, embora antigas visões tenham permanecido, de uma forma ou de outra, interferindo, até os dias de hoje, em muitas organizações sociais.

## 2. MUDANÇAS NA FAMÍLIA NA PÓS-MODERNIDADE

Muito se tem difundido sobre a transformação por que vem passando a instituição familiar ao longo dos séculos. Muitos teóricos, inclusive, utilizam termos como desintegração, dissolução, desaparecimento, ruptura, entre outros, como se a família, como ordem natural, estivesse sendo extinta de nossa sociedade. Na realidade, o que vem acontecendo é uma transformação das configurações familiares, possibilitando o aparecimento de novas e variadas formas de família e de casamento na pós-modernidade. Isso porque, como aponta Rocha-Coutinho (1994),

Ao contrário do que supunham os que associavam o conceito de família a valores eternos, atemporais, imutáveis, a universalidade desta – parece não existir cultura que não tenha alguma forma de família reconhecida e legitimada socialmente – não é natural, mas sim inerente à ordem cultural que homens e mulheres instauraram sobre a natureza. Ou seja, a família humana é uma construção social, uma superação da família biológica (macho-fêmea-crias). Seus membros sempre estiveram unidos por uma rede complexa e precisa de direitos e proibições sexuais, de direitos e obrigações econômicas e, mais modernamente, por laços afetivos habitualmente acompanhados de laços legais e religiosos (p.27).

Há muitas definições acerca da família. Perucchi e Oliveira (2011) destacam que muitas delas coincidem “no sentido de tratá-la como uma instituição mediadora entre o indivíduo e a sociedade, submetida a jogos de poder e com capacidade de influir na sociedade” (p.51).

A família, assim, compreendida como socialmente construída mas capaz também de alterar a sociedade, vem se modificando e vários fatores contribuíram e contribuem para que isto aconteça. Entre esses fatores, podemos citar, entre outros: a Revolução Industrial; o aparecimento do amor conjugal; os Movimentos Feministas e o surgimento da pílula anticoncepcional; a inserção da mulher no mercado de

trabalho, alterando o seu papel social; as profundas mudanças sócio-econômicas ocorridas nos últimos anos.

Sabemos que muitas configurações familiares já fazem parte do cenário nacional desde o Brasil colônia, mas muitos autores, como Freyre (1933) e Vianna (1920), destacaram o modelo de família patriarcal como o que predominantemente representava a sociedade brasileira. Teruya (2000) caracteriza a família patriarcal como aquela composta por um grupo extenso submetido à autoridade do *pater-famílias*. Sob seu domínio vivia o par conjugal e seus filhos legítimos, além de parentes, agregados, afilhados, escravos, entre outros, que se dividiam entre a Casa-grande e a Senzala, e, as instituições, como Igreja, escola, política, eram uma extensão dessa organização.

Samara (1998) revela que muitas outras organizações familiares coexistiram com esse modelo e que, inclusive, em algumas regiões do Brasil a família patriarcal não era a organização familiar predominante, principalmente quando se levava em conta outros segmentos sociais, que não se baseavam na relação senhor-escravo. Nestes, a realidade era bem diferente. A autora, contudo, não descarta a influência desse modelo como organizador dos discursos, da moralidade e da mentalidade das pessoas. Apresentaremos a seguir alguns fatores que contribuíram para que outros modelos de família fossem ganhando destaque no cenário nacional, apesar de reconhecermos a influência do patriarcalismo até os dias atuais.



## 2.1 A Revolução Industrial

Um aprofundando de alguns dos fatores que contribuíram para a mudança da família, aponta para a importância dos processos de industrialização e urbanização para essa mudança.

O processo de industrialização iniciou-se na Europa, especialmente na Inglaterra, na segunda metade do século XVIII e, posteriormente, foi se expandindo para diversos países do mundo, inclusive para o Brasil, ainda que mais tardiamente. Tal processo desencadeou uma profunda alteração no cenário produtivo, inserindo novas tecnologias, que possibilitaram a geração de um maior desenvolvimento econômico, e substituindo as forças humanas e animais pelas máquinas (Beltrão, 1973).

Um componente essencial para que este desenvolvimento econômico ocorresse foi o surgimento das cidades. A urbanização se tornou imprescindível para a solidificação deste processo, uma vez que esta mudança do ambiente de trabalho desencadeou também uma necessidade de mudança no ambiente de moradia. O número de famílias que morava no campo e passou a morar nas cidades foi crescendo a cada ano. Segundo Beltrão (1973), entre 75 e 85% das pessoas e das famílias, na década de 1970, moram nas zonas urbanas e apenas de 10 a 20% vivem no campo e desenvolvem suas atividades no setor primário. Para Segalen (1999),

A sociologia da década de 60 é, de facto, a sociologia da industrialização e da urbanização, e quando se colocavam perguntas sobre as relações entre mudança social e mudança familiar, situava-se sempre a família no quadro – aliás, geralmente não especificado – da cidade ou da indústria (p.103).

Novas formas de família ficam mais evidentes a partir dos processos de industrialização e urbanização, em que, tanto as funções familiares como o cenário social foram modificados. De acordo com Parsons (1955, em Segalen, 1999),

os processos de industrialização segmentam a família, primeiro isolando-a da sua rede de parentesco e, seguidamente, reduzindo as dimensões do grupo doméstico a um lar conjugal, com um pequeno número de filhos. Este grupo já não é senão uma unidade de residência e de consumo; perdeu as suas funções de produção, as suas funções políticas e religiosas; partilha as responsabilidades financeiras e educativas com outras instituições. Cabem-lhe ainda os papéis de socializar a criança e de assegurar o equilíbrio psicológico dos adultos. Este grupo doméstico isolado da sua parentela baseia-se no casamento que associa parceiros que se escolhem livremente; orienta-se para valores de racionalidade e de eficácia; os papéis masculinos e femininos especializados contribuem para a preservação do subsistema familiar no seio do sistema social. O pai desempenha aí um papel <<instrumental>>, assegurando a ligação com a sociedade e fornecendo os bens materiais; à mulher cabe o papel <<expressivo>> no interior da família (p.104).

Podemos perceber, assim, que a família extensa não possui mais a função de proteção familiar e a rede de parentesco deixa de ser uma das prioridades da família. Como a família não precisa mais produzir os seus próprios bens de consumo, a família patriarcal deixa de ser o principal modelo de família, e o casamento não tem mais como principal função a manutenção da linhagem e do patrimônio familiar. Assim, a família se torna mais individualizada e se volta agora mais para o amor e o afeto entre seus membros.

Portanto, com o surgimento da sociedade industrial, surge também a família nuclear burguesa, ou família conjugal. Vaitsman (1994) entende essa família como

Uma família hierárquica que se desenvolveu juntamente com os processos de modernização e industrialização: o grupo de parentesco formado a partir da união fundada na livre escolha e no amor – o casamento moderno – constituído geralmente pelo núcleo do casal, mas podendo incorporar outros agregados – caracterizado pela divisão sexual do trabalho nas esferas pública ou privada atribuída segundo o gênero (p.16).

Essa nova família acaba confinando a mulher na esfera doméstica, modificando o olhar destinado à maternidade e responsabilizando a mulher pelos cuidados familiares, ou seja, vinculando a ela os papéis de mãe e esposa (Rocha-Coutinho, 1994). Este confinamento tem relação com a perda de funções que, como aponta Jablonski (1996),

talvez tenha afetado mais significativamente as mulheres – torna-se evidente quando se observa que a família era o “lugar” de trabalho, o reformatório, o asilo, a escola, o hospital, a fábrica de alimentos, remédios, vestuários, etc. Todas essas funções foram retiradas da família e entregues a instâncias e agências sociais, com uma óbvia diminuição da interação e das trocas entre família e sociedade. Como dissemos anteriormente, essas atividades, cabendo mais à mulher (ensino, socialização, e tudo o mais que foi dito acima, menos o trabalho), levaram-na a uma situação curiosa e sem paralelo na história da humanidade, qual seja a de “rainha do lar” sem reinado palpável (p.48-49).

Como consequência deste cenário, a partir do final do século XIX, o trabalho passou a ser definido segundo a divisão sexual do trabalho, isto é, ele foi dividido em duas esferas, a unidade doméstica e a unidade de produção. O homem passou a ser considerado responsável pelas atividades produtivas fora do lar e recebia um salário por isto, enquanto a mulher realizava as “tarefas relativas à reprodução da força de trabalho, sem remuneração” (Bruschini & Rosemberg, 1983, p.10).

Neste momento, podemos afirmar que ocorre uma legitimação da diferença dos papéis desempenhados por homens e mulheres. A categoria de análise “gênero” pode nos ajudar aqui a entender a desigualdade entre o que é atribuído ao homem e a mulher. O conceito de gênero, surgido no bojo dos estudos de mulheres, desencadeados pelos movimentos feministas dos anos de 1970, pode ser utilizado para compreender vários campos da vida do ser humano, inclusive a esfera da produção, já que ele está ligado às relações de poder. Os papéis de gênero não

estão vinculados simplesmente à condição biológica de ser homem ou mulher, mas sim aos papéis socialmente construídos acerca de homens e mulheres e às relações de poder que se estabelecem entre ambos. Para Scott (1999), o gênero reforça relações de poder, pois estabelece a diferença entre os sexos, e os papéis que cabe a cada um desempenhar.

Assim, enquanto o sexo estaria ligado a uma condição biológica de todo ser humano, o gênero seria fruto de uma construção social. Neste sentido, ainda que, do ponto de vista biológico, a gravidez e a amamentação se dêem no sexo feminino, a ligação da mulher com os cuidados com os filhos seria fruto de uma articulação social e, portanto, uma questão de gênero e não de sexo. A família conjugal moderna reforçou essa divisão sexual, como veremos no próximo item.

## **2.2 A família conjugal moderna**

A partir de um levantamento das teorias dos sociólogos Spencer, Marx, Engels, Toennis e Durkheim, Beltrão (1973) apontou algumas questões relacionadas a estas transformações. Uma delas, importante para nosso estudo, diz respeito ao fato de que a desagregação da família patriarcal está relacionada à mudança da família patriarcal para a família conjugal moderna, já que esta última passou a ser constituída pelo par conjugal instável, posto que, por ser fundado no afeto e no sentimento, não priorizava o vínculo jurídico-patrimonial.

Segundo Giddens (1993), na Europa pré-moderna, a maioria dos casamentos se baseava na situação econômica dos cônjuges e não se alicerçava na atração sexual. Por isso, era bastante comum que camponeses e aristocratas mantivessem relações extraconjugais.

O autor também evidencia que o poder, nas mãos de algumas poucas pessoas, fazia com que a liberdade sexual estivesse vinculada a ele e, portanto, era comum encontrar mulheres aristocratas que buscavam o prazer sexual independente do casamento.

Ariès (1986) aponta que a família conjugal moderna vem sendo constituída desde o fim do século XVIII. Os pais, a partir desta época, passaram a não querer mais beneficiar apenas o filho mais velho, algo que era um direito reconhecido pela lei. O autor assinala que este reconhecimento da igualdade entre os filhos constitui um marco do nascimento da família-casa, que vai em direção à família sentimental moderna, desenvolvendo um clima de afetividade e intimidade maior entre pais e filhos. Além disso, outros fatores se tornaram evidentes, como a dificuldade dos pais em enviar os filhos para os liceus e colégios religiosos, um antigo costume. Ou seja, as crianças não eram mais separadas tão facilmente dos adultos. Ariès (1986) aponta, ainda, que vai se dar nesta época uma separação entre os domínios público e privado, algo necessário para o estabelecimento desta nova família. Nas palavras do autor,

No século XVIII, a família começou a manter a sociedade à distância, a confiná-la a um espaço limitado, aquém de uma zona cada vez mais extensa de vida particular. A organização da casa passou a corresponder a essa nova preocupação de defesa contra o mundo. Era já a casa moderna, que assegurava a independência dos cômodos fazendo-os abrir para um corredor de acesso. Mesmo quando os cômodos se comunicavam, não se era mais forçado a atravessá-los para passar de um ao outro (p.265).

Começam a surgir, então, as noções de intimidade, isolamento, discrição e afeição, entre outras. As mudanças na casa começaram a refletir uma mudança social na instituição familiar, fato que propiciou a sustentação da família conjugal moderna.

Os criados passaram a ficar à distância até serem excluídos da casa e surgiu a preocupação em visitar um amigo sem avisar, passando, assim, a casa a ser reduzida aos pais e seus filhos. Entre os membros da família o tratamento passou a ser mais carinhoso, como o uso de mamãe, minha querida criança, entre outros. A educação, a saúde e as questões de higiene passaram a ser temas importantes para a família, que começou a se preocupar com o futuro dos filhos (Ariès, 1986).

O compromisso com as crianças fez surgir novas regras para o contrato conjugal. A saúde do casal passou a ser essencial para o nascimento de filhos saudáveis e robustos. Os critérios higiênicos passaram a ser imprescindíveis na escolha do cônjuge. Houve, então, uma condenação das uniões consanguíneas, do casamento de mulheres jovens com homens mais velhos, com portadores de doenças contagiosas ou hereditárias, entre outras (Costa, 2004).

Neste momento, de acordo com Costa (2004), ocorreu uma mudança na sexualidade do casal. O sexo no casamento tinha como objetivo a geração de filhos saudáveis. Passou-se a condenar aqueles que não obedeciam a estes princípios higiênicos, inclusive os que buscavam relações extraconjugais ou que se excediam dentro do próprio casamento.

O amor físico acabou se tornando uma estratégia para os higienistas, visto que, como aponta Costa (2004),

Do bom desempenho sexual dos cônjuges dependia a saúde dos filhos, a moralidade da família e o progresso populacional da nação. O direito individual de gozar tornou-se, para a higiene, uma obrigação cívica (p.229).

A escolha do cônjuge passou a ocorrer livremente, isto é, sem a interferência da família de origem, mas esses novos preceitos tiveram um peso na formação das identidades de homens e mulheres, pois passou a ser atribuído aos homens a

intelectualidade, a força e a altivez, enquanto que às mulheres a fragilidade, a afetividade, a passividade e a submissão.

Certamente essa demarcação de espaços e características atribuídos a homens e mulheres impulsionou as mulheres a questionar e lutar por direitos iguais, levando-as à esfera pública a fim de denunciar as relações de poder entre os sexos. Como marco dessas reivindicações podemos mencionar os movimentos feministas, que buscaram alcançar inúmeras transformações sociais.

### **2.3 Os movimentos feministas**

Os movimentos feministas causaram um forte impacto social. A partir deles, muitas mudanças significativas importantes ocorreram nas últimas décadas, entre elas a inserção das mulheres no mercado de trabalho, o maior acesso delas à escolaridade, o aparecimento de novas configurações familiares, as lutas por direitos iguais entre homens e mulheres, a alteração das relações de poder, entre outras. Muitas conquistas, no entanto, ainda precisam ser alcançadas.

De acordo com Pinto (2010), a primeira onda dos movimentos feministas ocorreu no fim do século XIX e foi marcada pela luta das mulheres, especialmente as inglesas, pelo direito ao voto. Esses movimentos das chamadas sufragistas se espalharam por vários países do mundo, influenciando também as mulheres brasileiras, que só conquistaram esse direito em 1932. Essa primeira onda perdeu força na década de 1930 e só 30 anos depois, nos anos de 1960, é que surge uma segunda onda, cujo marco precursor podemos situar na publicação, em 1949, do livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, com sua célebre frase: “não se nasce mulher, se torna mulher”.

Segundo Pinto (2010), durante a década de 1960,

na Europa e nos Estados Unidos, o movimento feminista surge com toda a força, e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher - no trabalho, na vida pública, na educação -, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta, e isto é o que há de mais original no movimento, que existe uma outra forma de dominação - além da clássica dominação de classe -, a dominação do homem sobre a mulher - e que uma não pode ser representada pela outra, já que cada uma tem suas características próprias (p.16).

Para Szapiro e Féres-Carneiro (2002), os discursos feministas do século XIX colocavam um empecilho na busca da igualdade entre os sexos, a inscrição da maternidade no corpo feminino. Já nos anos de 1970, os discursos em torno da maternidade caem em outro extremo, afirmando, como assinalam as autoras, que

A maternidade seria uma condição da qual toda a mulher deveria tentar escapar. Isto porque seria exatamente nesta condição que a mulher seria submetida a uma maior opressão por parte do homem. Escapar da maternidade também significava para a mulher não aceitá-la mais como um destino inevitável e sim concebê-la como uma escolha livre e autônoma, como uma opção (p.180).

Segundo as autoras, os membros de algumas correntes feministas, inclusive, consideravam “o casamento e a maternidade a causa da opressão das mulheres pelos homens” (Szapiro & Féres-Carneiro, 2002, p.182), como Beauvoir (1980), que dizia que “a maternidade favorecia o exercício da dominação masculina” (em Szapiro & Féres-Carneiro, 2002, p.182).

Segundo Ireland (1993), no fim dos anos de 1950 e 1960, por ocasião da segunda onda dos movimentos feministas, a maternidade se tornou o cerne das discussões, mas apenas no final dos anos de 1970 as mulheres puderam distinguir entre o “desejo de ser mulher” e o “desejo de ser mãe”.



Contudo, analisando a maternidade na pós-modernidade, alguns autores (Szapiro & Féres-Carneiro, 2002; Rocha-Coutinho, 2005) revelam que o antigo discurso de que “mãe é mãe” ainda se faz presente, transformando a mulher na pessoa mais apta a cuidar dos filhos. Culturalmente, há muito tempo vinculam-se os papéis de mãe e mulher, ou seja, o destino natural de toda mulher seria a maternidade.

Mesmo com este destino traçado, Rocha-Coutinho (2005) aponta uma série de mudanças ocorridas ao longo do século XX, decorrentes, em grande parte, dos diferentes movimentos sociais que neles se deram, entre as quais os Movimentos Feministas, que começaram a transformar a antiga identidade feminina, tornando possível novas escolhas para as mulheres. A autora aponta também para o fato de que “desenvolvimentos tecnológicos, como o surgimento da pílula anticoncepcional, tornaram a contracepção relativamente segura, eficaz e disponível para a maioria das mulheres no século XX, dissociando a sexualidade da procriação” (p.24). Tudo isto acabou por contribuir para a separação entre sexualidade e reprodução, abrindo novas escolhas para as mulheres. A partir daí elas começaram a perceber que a vida podia “proporcionar experiências emocionantes e gratificantes além da maternidade” (Rocha-Coutinho, 2005, p.24).

Dentre as reivindicações dos movimentos feministas no Brasil na década de 1970, podemos acrescentar aquelas relacionadas à reivindicação por melhores salários, por creches, e a luta contra a carestia. A participação feminina no mercado de trabalho nos anos de 1970 tornou-se um marco social no país. As mulheres brasileiras começam a lutar pelos seus direitos e necessidades, a condenar as desigualdades, e a buscar uma maior igualdade (Silva, 2002).

A família conjugal moderna começou a se dissolver em função de todas essas mudanças, abrindo espaço para novos arranjos familiares. Os movimentos feministas também influenciaram positivamente a inserção das mulheres no mercado de trabalho, como observamos em nossa pesquisa de mestrado (Aquino, 2008), intitulada *Mulheres de classe média chefes de família: o difícil equilíbrio entre o público e o privado*. Apesar das mudanças pode-se perceber que ainda persiste um contorno nítido nas relações de gênero no país.

#### **2.4 A inserção da mulher no mercado de trabalho**

Para Bruschini (2007a), o tema do trabalho feminino remunerado estimulou o surgimento dos primeiros estudos sobre a mulher realizados nos meios acadêmicos. De acordo com Sarti (1985), na década de 1960, quando o capitalismo começou a se expandir, as pesquisas acerca do trabalho feminino remunerado centravam-se inicialmente na incorporação ou exclusão do trabalho feminino do mercado em decorrência das necessidades do capital no Brasil. Bruschini (2007a) relata que os primeiros autores tinham como foco central a produção, não levando em consideração o espaço da reprodução familiar, espaço social ocupado pelas mulheres. Posteriormente, o papel da mulher na força de trabalho passou a ter um peso considerável na produção sobre o tema. Surgiram, então, as primeiras discussões sobre o trabalho doméstico. Mais tarde, as pesquisas tomaram um novo rumo e os estudos feministas se voltaram para a articulação da família – esfera da reprodução – com o trabalho – esfera da produção.

Historicamente, a unidade de produção tem sido marcada pelas entradas e saídas da mulher do mercado de trabalho e, nesta descontinuidade, a mulher tem

buscado encontrar um equilíbrio entre as funções de produção e de reprodução que lhe vêm sendo socialmente atribuídas (Bruschini, 1989).

A partir de 1984, por razões de ordem política, com o fim do regime militar e o aumento das exportações, a indústria brasileira retomou seu ritmo de crescimento (Gomes, 1987), aumentando a participação feminina no mercado de trabalho.

Bruschini (2007b) destaca que o movimento de inserção da mulher no mercado de trabalho no período de 1992 a 2005 é marcado por avanços e retrocessos. Isto porque o crescimento das taxas de participação das mulheres brasileiras na esfera da produção é constante e inquestionável a partir dos anos de 1970, mas os altos índices de desemprego e a má qualidade do trabalho feminino também são assustadores. Além disso, há uma dicotomia entre a conquista de excelentes empregos por parte de algumas mulheres das classes mais altas, incluindo-se aí cargos de chefia, e o seu oposto, ou seja, muitas mulheres das classes mais baixas realizando atividades precárias e informais.

Segundo Bruschini e Rosemberg (1983),

Ao contrário do que diz o senso comum, as mulheres sempre trabalharam e muito. Diariamente, milhares e milhares delas executam um sem número de tarefas indispensáveis à sobrevivência e ao bem estar de todos os membros da família (p. 9).

Assim, antes de desenvolvermos mais a questão da atuação da mulher na esfera pública, cabe aqui mencionarmos um ponto muito importante, que diz respeito à desvalorização do trabalho feminino realizado na esfera doméstica. Foi, em grande parte, movido por isto, que muitas mulheres saíram em busca de um reconhecimento fora do lar. Acreditamos que, dentre outros, este constituiu um

importante fator para a entrada das mulheres, pelo menos a daquelas das camadas médias e altas, no mercado de trabalho.

Como assinala Bruschini (1989), a esfera do trabalho doméstico é ocultada, além de ser subestimada. Isto é, as estatísticas relacionadas à participação da mulher na força de trabalho revelam apenas a parcela de trabalho realizado no domínio público. Bruschini (2007a) revela, ainda, que, apesar do grande número de horas investidas pelas mulheres nos afazeres domésticos, muitas vezes o trabalho doméstico é considerado como inatividade econômica e não como um trabalho não remunerado, como deveria ser visto.

Ainda para Bruschini (1989), a queda do nível de renda da maior parte da população, principalmente das camadas mais pobres e das classes médias inferiores, pode ter contribuído, pelo menos em parte, para a entrada da mulher no mercado de trabalho. Este serviria como uma forma de complementação do orçamento doméstico. Acresce-se a isto o fato de que, com o decorrer do tempo, as mulheres passaram a ter acesso a níveis cada vez mais elevados de escolaridade, além de uma significativa redução da taxa de fecundidade, o que impulsionou ainda mais a mulher para o trabalho remunerado. Pesquisas realizadas pela Fundação Carlos Chagas (em Possatti & Dias, 2002), por exemplo, revelam que as mulheres com nível superior são as que têm melhores condições de trabalho e conquistam mais espaço no mercado formal.

Cabe acrescentar aqui que também havia mulheres casadas e instruídas que ingressavam, ou buscavam ingressar, no mercado de trabalho, sem que uma necessidade econômica justificasse sua entrada.

Apesar das mulheres, de modo geral, possuírem um grau de escolaridade superior ao dos homens, isto não tem se refletido em uma igualdade de salários,

pois os dados confirmam que os rendimentos masculinos ainda são superiores aos femininos (Fundação Carlos Chagas, 2002). Bruschini e Rosemberg (1983) confirmam este fato, comprovando que as estatísticas, infelizmente, mostram que as mulheres ainda hoje são discriminadas no mercado de trabalho, isto é, recebem salários mais baixos do que os dos homens, têm menos acesso às garantias trabalhistas e são segregadas em “guetos” ocupacionais.

No Brasil, a segregação ocupacional do trabalho feminino tem levado as mulheres a se concentrarem em um número reduzido de ocupações, o que contribui para o fenômeno da sexualização das ocupações.

Para Pacheco (2005), devemos olhar a participação feminina no mercado de trabalho sem nos esquecermos do contexto social e histórico mais amplo em que ela está inserida. Ou seja, a discriminação ocupacional e salarial da mulher vai além de questões econômicas e objetivas do mercado de trabalho. Ela está intimamente vinculada aos valores e significados socialmente criados em relação ao trabalho feminino.

Toda esta desvalorização está ligada à crença, compartilhada inclusive pelas mulheres, de que a casa e os filhos são responsabilidade exclusiva delas, enquanto que os homens devem assumir o provimento da família. Apesar do discurso social reforçar a idéia de que o casamento ideal é aquele em que mulheres e homens trabalham fora de casa e compartilham todas as responsabilidades, estudos realizados por Rocha-Coutinho (2001, 2003a, 2003b, 2005) apontam que, na prática, a realidade tem sido muito diferente.

Como Bruschini e Rosemberg (1983) assinalam, as mulheres que trabalham fora de casa acabam internalizando uma crença, muito propagada em nossa sociedade, de que o salário recebido por elas através do trabalho remunerado

funciona apenas como um complemento à renda familiar, o que, por sua vez, vem justificar o fato de que, mesmo cumprindo tarefas semelhantes, as mulheres recebem menos que os homens.

Só que, cada vez mais, estudos e pesquisas têm comprovado que o salário da mulher não apenas é incorporado à renda familiar como também é imprescindível para a sobrevivência da família. Em pesquisa desenvolvida por Perlin e Diniz (2005), os dados comprovam este fato, já que os homens e as mulheres relataram que entre 75% a 100% de seus salários são direcionados para o orçamento familiar. Isto significa que o salário da mulher não tem mais como única função a complementação da renda familiar.

Mesmo que a renda das mulheres seja totalmente revertida em prol da família, o fato de trabalhar fora de casa pode contribuir para que a mulher se sinta mais independente e com maior poder de decisão. Para Bruschini (1989),

A pressão cotidiana da soma de responsabilidades domésticas e profissionais sobre a mulher, de outra parte, pode gerar uma demanda por uma distribuição mais equilibrada de papéis na unidade familiar. Reivindicar uma divisão de trabalho mais igualitária no âmbito privado do lar, condição indispensável para superar a discriminação na esfera pública, requer que o trabalho invisível se torne visível e consciente para a mulher, a família e a sociedade (p.63).

Para Possatti e Dias (2002), à medida que as pesquisas vão avançando, mitos e crenças vão sendo desfeitos com relação à idéia de que a manutenção dos papéis tradicionais das mulheres traz benefícios para sua saúde e bem-estar psicológico. Ao contrário do que se acreditava, as mulheres que trabalham fora de casa ou possuem um trabalho remunerado apresentam índices mais altos de bem-estar psicológico do que as mulheres que não trabalham fora de casa.

Na realidade, para Diniz (1999), um dos fatores causadores de estresse é a diferença na divisão entre homens e mulheres, na esfera privada do lar, das tarefas domésticas e de educação e cuidados com os filhos. Dados de uma pesquisa realizada por Perlin e Diniz (2005) apontam para o fato de que as mulheres ainda são as maiores responsáveis pela manutenção e realização das tarefas ligadas à casa e às crianças. Mas, felizmente, os dados também mostram que a participação do cônjuge dentro de casa vem aumentando com a entrada da mulher no mercado de trabalho. Apesar disso, como assinala Rocha-Coutinho (2000), “parece que homens e mulheres hoje multiplicaram funções, mas ainda não dividiram as responsabilidades” (p.81).

As mulheres de classe média, atualmente, estão trabalhando cada vez mais fora de casa, embora uma divisão mais igualitária das responsabilidades e dos cuidados com a casa e a família não esteja ocorrendo, o que poderia melhor equilibrar a carga de trabalho entre os cônjuges. Berheide (1984, em McGoldrick, 1995), em seu estudo sobre quem desempenha o maior número de tarefas domésticas, relata que, embora os maridos e os filhos participem dos afazeres domésticos, a maior parte deles ainda é realizada pelas mulheres.

Em vários países houve uma mudança do modelo “tradicional”, calcado na idéia do homem provedor e da mulher cuidadora, responsável pelos cuidados do lar e dos filhos, para um novo modelo, no qual tanto os homens quanto as mulheres participam do mercado de trabalho. Contudo, mesmo com a entrada da mulher no mercado de trabalho, o que se pode perceber é que as responsabilidades na esfera doméstica ainda permanecem, na maioria das vezes, nas mãos das mulheres (Sorj; Fontes & Machado, 2007).

A entrada da mulher no mercado de trabalho, somada à insuficiência de políticas públicas, acaba dificultando a sua conciliação entre a esfera pública e a esfera privada, reforçando as diferenças de gênero no mercado de trabalho e dificultando ainda mais a permanência das mulheres no mundo da produção, principalmente para aquelas que são mães com filhos pequenos.

Embora existam todos estes obstáculos, em meados dos anos de 1980, a atividade produtiva fora do lar tornou-se tão importante para a maioria das mulheres das camadas médias quanto a maternidade e o cuidado com os filhos. Atualmente, percebe-se que as consequências da maternidade ainda se refletem no trabalho, embora as taxas já tenham sido atenuadas, uma vez que o número de mulheres consideradas ativas no mercado de trabalho com idades entre 25 e 29 anos, considerada a idade fértil, se assemelha ou ultrapassa o número de mulheres entre 20 e 24 anos (Fundação Carlos Chagas, 2002).

Sabemos que a maternidade continua sendo muitas vezes um empecilho para a entrada da mulher no mercado de trabalho. Rocha-Coutinho (2005) acredita que a maternidade seja uma das questões mais complexas, problemáticas e conflitantes no que diz respeito à mulher contemporânea, gerando conflitos para as mulheres atuais:

A despeito de todas as mudanças ocorridas nas últimas décadas, parece que nossas crenças ainda estão muito ligadas à idéia de que a unidade mãe-filho é básica, universal e psicologicamente mais apropriada tanto para o desenvolvimento sadio da criança quanto para a completude da mãe [...] A maternidade nos moldes antigos, em que ainda é estruturada na sociedade, no entanto, é muito limitadora para a mulher, e implica, muitas vezes, um rearranjo dos objetivos profissionais dela (p.128).

Outro fato expressivo que pode estar contribuindo para o ingresso das mulheres das camadas médias no mercado de trabalho é o aumento da taxa de



desemprego dos homens chefes de família (Ribeiro *et al*, 1998; Bruschini, 2000; Fundação Seade, 2002; Pacheco, 2005).

Dados da Fundação Carlos Chagas (2002) reforçam este movimento, revelando um aumento significativo da força de trabalho feminino no Brasil que, entre os anos de 1980 a 2002, passou de 20% para 56%, ou seja, praticamente triplicou.

Podemos afirmar que as mulheres, ao longo dos anos, têm participado cada vez mais do mercado de trabalho. Vários fatores podem ter contribuído diretamente para a inserção das mulheres no espaço público, como a necessidade de complementação da renda familiar, o desemprego dos cônjuges, a busca de realização profissional e pessoal, entre outros. Contudo, observamos que a divisão de tarefas, principalmente no âmbito doméstico, ainda permanece muito desigual. Assim, as mulheres acabam assumindo uma dupla jornada de trabalho, ainda que continuem lutando para conquistar melhores condições de vida, mais reconhecimento profissional e social e maior igualdade com os homens, entre outras coisas.

Nos últimos 25 anos, fica evidente o aumento da força de trabalho feminina no Brasil, aumento este que se tornou muito mais relevante do que o dos homens. Entre os anos de 1976 e 2002, 25 milhões de trabalhadoras se vincularam à população economicamente ativa. Em 1976, a parcela de mulheres na PEA era de 29%; já em 2002, ela passou a ser de 43% (Fundação Carlos Chagas, 2002).

Apesar de todos os obstáculos, para Bruschini e Lombardi (2003), o movimento de inserção da mulher no mercado de trabalho é irreversível. Independentemente da situação econômica do país, as pesquisas têm demonstrado que a entrada da mulher no mercado do trabalho só vem aumentando. Bruschini e

Lombardi (2003) acreditam que, além da necessidade econômica, mudanças culturais vinculadas ao papel de gênero têm que ser levadas em consideração neste aumento da força de trabalho feminino nos últimos anos, incluindo-se aí a valorização da independência e da liberdade das mulheres.

## **2.5 As mudanças na família contemporânea**

A família nuclear, formada pelo par conjugal e seus filhos, principalmente entre os segmentos médios urbanos, ainda é o modelo predominante em nossa sociedade, mas a cada ano percebemos o surgimento e a expansão de novas configurações familiares e de novas formas de relacionamento afetivo-sexuais.

Em uma pesquisa realizada por Ogburn e Nimkoff (1955, em Beltrão, 1973, p.31) com 18 pesquisadores americanos sobre “as dez mudanças relevantes ocorridas recentemente na família”, os participantes apontaram: 1) o aumento da taxa de divórcio; 2) o controle da natalidade, que contribuiu para a diminuição do número de filhos nas famílias; 3) a diminuição da autoridade paterna e marital; 4) o aumento das relações sexuais antes e fora do casamento; 5) o aumento do número de mulheres inseridas no mercado de trabalho; 6) o aumento do individualismo e a maior autonomia dos componentes da família; 7) a transferência para o Estado da função protetora da família; 8) a transferência para o Estado da função educativa; 9) a transferência para o Estado da função recreativa; e 10) a transferência para o Estado da função protetora da família.

Todas as mudanças apontadas acima contribuíram grandemente para o surgimento de novas configurações familiares. Podemos observar que, nos últimos

anos, o número de famílias recasadas aumentou, assim como o de famílias monoparentais, de casais homossexuais e de famílias não legalizadas, entre outras.

Vaitsman (1994) aponta que a família conjugal moderna se constituiu a partir da divisão sexual do trabalho, solidificando as questões de gênero. Contudo, com o avanço da industrialização, aumentou a participação da mulher na esfera pública, o que contribuiu ainda mais para a crise e a transformação da típica família moderna.

Para ela,

À medida que o casamento deixou de constituir um fim em si mesmo – tornando-se uma das dimensões de sua vida, que incorporou outros projetos e aspirações pessoais –, essas mulheres desafiaram um conjunto de práticas e valores que conformava, os fundamentos de legitimação de um sistema hierárquico de relações de gênero e de família (Vaitsman, 1994, p.18).

Berladinelli (2007) também assinala que a sociedade industrial deflagrou um moderno processo de industrialização que fez com que a família se transformasse. Kaslow (2001) aponta nove tipos de composição familiar – embora saibamos que existem muitos outros – que passaram a compor o cenário social de modo mais evidente. Entre os diferentes tipos de composição familiar atuais, podemos mencionar: a família nuclear; as famílias extensas; as famílias adotivas temporárias; as famílias adotivas; as famílias bi-raciais ou multiculturais; os casais sem filhos; as famílias monoparentais, chefiadas por pai ou mãe; os casais homossexuais com ou sem crianças; e, as famílias reconstituídas depois do divórcio.

Entendemos, assim, que a sociedade na pós-modernidade está passando por um ritmo acelerado de mudanças. Atualmente, existem diversos arranjos conjugais e familiares e, deste modo, acreditamos que a família não está em extinção, mas sim vive um momento de reconstituição, pluralização ou de novas formas de organização. Para Vaitsman (1994),

Essas transformações difundiram-se entre homens e mulheres urbanos, portadores de valores individualistas, anti-autoritários e igualitários, que geralmente cursaram a universidade, compartilham um certo discurso e fazem parte de segmentos sociais com uma certa identidade sócio-cultural. Nestes segmentos, tornam-se mais instáveis, frágeis, as normas (“até que a morte os separe”) e os valores (“felizes para sempre”) que organizavam e legitimavam o casamento e a família conjugal (p.13/14).

Segundo Heilborn *et al* (2005) e Diniz (2010), a partir do momento que os valores da família de classe média vem se modificando e passam a seguir um ideal mais igualitário, acaba surgindo um maior número de divórcios, recasamentos, de opção por não ter filhos e, até mesmo, a conjugalidade deixa de estar vinculada à coabitação ou ao fato de estar com uma pessoa do sexo oposto. Diniz (2010) aponta que essas transformações têm sido vistas com mais naturalidade.

Jablonski (2010) assinala que hoje nos deparamos com um grande número de famílias

“a) nas quais pai e mãe trabalham fora, b) compostas por pais e/ou mães em seus segundos casamentos, c) de mães solteiras que assumiram – por opção ou não – a maternidade e passaram à condição de “famílias uniparentais”, d) casais sem filhos – por opção ou não, e) casais que moram juntos sem “oficializar” suas uniões e f) casais homossexuais” (p.112).

Para o autor, esse momento contemporâneo em que estamos vivendo desencadeia um novo tipo de conflito intergeracional, visto que cada uma das gerações se depara com um cenário em que velhas e novas formas de vida coexistem, fato que exige de nós mudanças adaptativas, “seja por rejeição, aceitação, rebeldia seletiva, acomodação ou simplesmente com sentimentos de ambivalência” (p.118). Diniz (2010) também assinala que velhos e novos mitos coexistem a todo momento e, por isso,

Vivemos uma situação de transição marcada, por um lado, pela rapidez com que as normas e valores são questionados e, por outro, pela necessidade de tempo para que as pessoas possam processar, refletir e então assimilar ou rejeitar novos comportamentos e modelos relacionais que estão sendo propostos. O resultado desse descompasso é o surgimento de conflitos entre os velhos e os novos modelos de conjugalidade, de vida familiar, de exercício da sexualidade, da maternidade, da paternidade e da divisão do trabalho entre homens e mulheres (p.153).

De acordo com Giddens (1991), nas culturas tradicionais há uma valorização do passado e a experiência geracional é honrada e perpetuada. O autor aponta, ainda, que a tradição é uma forma de manutenção da segurança ontológica, posto que há uma confiança na continuidade entre passado, presente e futuro, bem como das práticas sociais rotineiras. O autor esclarece, contudo, que, ao contrário do que se pensa, nas culturas tradicionais esse cenário era repleto de inseguranças e ansiedade e não de certeza e aconchego. Além disso, ele aponta que “a tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes” (p.38)

O que se pode observar hoje, no entanto, é que houve um abandono dessa tradição e os projetos dos indivíduos acabaram se tornando cada vez mais individualistas. Para Magalhães e Féres-Carneiro (2004), o que está ocorrendo na pós-modernidade é que as “ligações afetivas tendem a ser pouco duradouras, e os investimentos, de grande risco, em que a instabilidade é um imperativo, o que se transmite e como se transmite?” (p.244).

Giddens (1993) aponta em seu livro *A transformação da intimidade* que, atualmente, as pessoas permanecem juntas por conveniência, ou seja, deve haver uma igualdade entre o que se dá e o que se recebe e, por isso, a estabilidade deixa de ser um elemento primordial e a família tradicional vai desaparecendo, surgindo, em contrapartida, diversos modelos familiares.

O autor faz um paralelo entre as culturas tradicionais e o advento da modernidade. Na primeira percebe-se a valorização do passado, as vivências geracionais e a rotinização da vida, enquanto que na segunda há uma ênfase sobre a reflexividade e a renovação das práticas (Giddens, 1991).

Apesar dos diversos tipos de família surgidos na pós-modernidade, podemos observar algumas características comuns, como os valores individualistas e consumistas, a heterogeneidade, as incertezas, a imprevisibilidade, a flexibilidade, entre outras. Para Jablonski (1996), esse processo de modernização e urbanização da família contemporânea acabou por contribuir para o surgimento do que o autor denominou “FAM-ILHAS”, um novo tipo de família, mais ou menos isolada da sociedade ao seu redor.

### **3. RELAÇÕES GERACIONAIS: PERMANÊNCIA E MUDANÇAS**

#### **3.1 A questão das gerações**

Falar de gerações não é falar de faixas etárias mas, antes, é considerar, de acordo com Lins de Barros (2006), as formas de sociabilidade, as experiências de vida comuns a distintos segmentos sociais e grupos etários. Através das gerações é que percebemos as mudanças sociais, visto que elas estão intimamente vinculadas e, ao mesmo tempo reconhecemos as tradições, os valores e as normas.

Na pós-modernidade, o ritmo acelerado das mudanças se faz presente. Essas mudanças estão ligadas ao pensamento e ao modo de ser e estar no mundo. Contudo, um olhar mais atento aponta para o fato de que o que parece tão diferente e modificado está, na realidade, muitas vezes, sendo redimensionado, uma vez que, ao lado das mudanças, se faz também presente um esforço para que se mantenha a herança das tradições. Daí considerarmos importante realizar uma análise das relações intergeracionais para que se possa observar este movimento de manutenção das tradições e transformação social de uma geração para outra.

Como vimos no primeiro capítulo, as mudanças sociais que afetaram a transformação da família foram inúmeras. Mesmo assim, percebemos a permanência de muitas tradições que aproximam diferentes gerações, em uma tentativa de manutenção das relações intrafamiliares. Contudo, se não houver uma flexibilização e abertura para que novos valores adentrem essas relações, elas podem se tornar patologizadas. Por isso, nesse capítulo, apresentamos os significados de geração e juventude como categorias importantes para

compreendermos as mudanças sociais. Por último, focalizamos como são transmitidas as informações entre diferentes gerações.

Para Laufer e Bengtson (1974, em Benincá & Gomes, 1998), geração é um “fenômeno de pessoas com idades similares que vivenciam um problema histórico concreto de experiências comuns como o sistema político, social, econômico e cultural” (p.179).

Já para Mannheim (1982, em Lins de Barros, 2006)

pertencer a uma mesma geração proporciona aos indivíduos uma situação comum no processo histórico e social. Ser de uma mesma geração não diz respeito apenas ao fato de indivíduos conviverem em um momento histórico, mas de estarem em uma posição específica para viver determinados acontecimentos (p.19).

Por isso, para se reconhecer uma geração, segundo Lins de Barros (2006), o critério idade não deve ser o único levado em consideração, mas também o estilo de vida e os modos de ser e estar no mundo. Debert (2012) sinaliza a importância da idade cronológica para a compreensão da organização social, mas, como aponta a autora, a geração está ligada às mudanças que provocam singularidades nos modos de ser de cada geração e, por isso, não se refere a pessoas que possuem a mesma idade, mas sim que vivenciam eventos comuns.

Debert (2006) assinala que em todas as sociedades se reconhece as grades de idade, mas culturalmente elas são organizadas de modos diferenciados. Assim, na pesquisa antropológica, por exemplo, “a idade não é um dado da natureza, nem um princípio naturalmente constitutivo de grupos sociais, nem ainda um fator explicativo dos comportamentos humanos” (p.51). O relato de George Duby (1973) é utilizado por Debert (2006) para exemplificar que, na sociedade francesa do século



XII, constitui-se uma etapa nomeada “juventude” para que as famílias pudessem conservar o poder e o patrimônio. Assim, ser jovem

não era, portanto, uma questão de idade biológica, posto que indivíduos com idades cronológicas muito variadas permaneciam nessa fase. Ser jovem era ser uma espécie de cavaleiro errante e aventureiro, à espera do momento em que seria possível casar e substituir os pais na gestão do patrimônio familiar (Debert, 2006, p.52).

Pode-se dizer, assim, que, mais importante do que o critério de idade é a realidade social. A diferença entre as gerações está, portanto, vinculada, em muitos momentos, à distribuição de poder e privilégios. Para Debert (2012), ao se restringir ao critério de faixa etária perde-se a plasticidade de reconhecer critérios diferenciados estipulados por cada sociedade, que estão além das relações entre os grupos etários e sua importância para a organização social.

Benincá e Gomes (1998) também ressaltam que um dos critérios para se pertencer a uma mesma geração é o fato de um grupo vivenciar experiências comuns nas esferas política, social, econômica e cultural. De acordo com Rocha-Coutinho (2006), “do ponto de vista psicológico, pode-se falar em geração como a expressão de valores e padrões de comportamento relativos a um grupo de idade em determinado período de tempo” (p.98).

Na pós-modernidade, o sentido de curso de vida deixa de ser percebido como etapas que se sucedem cronologicamente para se transformar em um espaço de experiências abertas, surgindo heterogeneidades no curso de vida. Por isso, Held (1986) propõe uma desinstitucionalização ou descronologização da vida.

Não podemos descartar a questão etária, pois ela é um importante critério para entender a organização social, uma vez que é a partir da idade, por exemplo, que o sujeito se torna um ator político, com direitos e deveres. As idades organizam

o sistema produtivo, as instituições educativas, as políticas públicas e até mesmo a esfera do consumo (Debert, 2012). Mas, a questão etária deve ser analisada também a partir de outros critérios.

Debert (2012), ao estudar as construções de Meyer Fortes (1984), define os conceitos de estágio de maturidade, idade cronológica e idade geracional. O primeiro não está apenas relacionado ao desenvolvimento biológico, mas à capacidade do sujeito de cumprir determinadas tarefas, além de experimentar certos ritos de passagem. A idade cronológica está diretamente vinculada a um sistema de datação independente da estrutura biológica e a um mecanismo básico de marcação, como a maioridade legal, a entrada no mercado de trabalho e o direito à aposentadoria. E a idade geracional está relacionada às relações internas da família e da linhagem, estruturando a família e o parentesco.

Debert (2006) ressalta, ainda, que a ideia de gerações não está vinculada apenas à família, mas sim “implica um conjunto de mudanças que impõem singularidades de costumes e comportamentos a determinadas gerações” (p.60), trazendo como exemplo a geração do pós-guerra, entre outras.

A autora aponta, ainda, a importância das gerações extrafamiliares, que acabam mudando as formas de comportamento, construindo uma memória coletiva e até mesmo uma tradição. Elas estão vinculadas a um campo político que vai além da esfera familiar e, ao mesmo tempo, exerce influência sobre ela.

Karl Mannheim (1982 em Lins de Barros, 2006) revela que pensar em termos geracionais é uma questão extremamente relevante, visto que isto significa compreender a própria estrutura dos movimentos sociais e intelectuais, ou seja, o ritmo acelerado das mudanças sociais na pós-modernidade.

O termo geração no presente trabalho é utilizado nesse sentido. Apesar de nosso foco de interesse residir na compreensão das mudanças geracionais em uma mesma família, estaremos, na verdade, focalizando algo muito maior, pois entendemos que por trás das manutenções e das transformações da forma de ser dos pais e filhos estudados há uma série de transformações sociais que exerceram influência sobre elas. Por isso sentimos necessidade de nos aprofundarmos na compreensão da categoria juventude, já que ela nos faz melhor entender as mudanças contemporâneas que afetam as relações familiares, evidenciando o conflito entre tradição e modernidade, foco do nosso estudo.

### **3.2 A juventude como importante categoria social para a compreensão das mudanças pós-modernas**

Como nossa pesquisa será desenvolvida com jovens e seus pais, decidimos dedicar este sub-capítulo para uma melhor compreensão da juventude. Nele destacamos os processos de singularização e diversidade do ser jovem, apresentando algumas questões conceituais, os movimentos de transição para a vida adulta, a sexualidade e a conjugalidade como percebidas e vividas pelos jovens, bem como a permanência do gênero como um elemento constitutivo das relações de poder.

De acordo com Pais (1993), a juventude deve ser valorizada na sua diversidade, embora grande parte das teorias e definições acerca da juventude busque conhecer apenas as similaridades entre os jovens, não levando em consideração as diferenças sociais que existem entre eles, elemento fundamental para que possamos compreender a amplitude da categoria juventude. Pais (1993)

propõe que os jovens sejam observados a partir de seu cotidiano, de seus significados, práticas simbólicas e valores.

Para algumas correntes teóricas a juventude é vista como mais uma etapa da vida, comum a todos os indivíduos, sendo que alguns teóricos chegam a delimitar a faixa etária por ela compreendida, delineando situações normais e patológicas da juventude e considerando tudo o que foge à normalidade como um problema ou distúrbio. Algumas teorias entendem a juventude a partir da continuidade intergeracional, enquanto outras a vêem a partir das teorias de reprodução social. Pais (1993) tenta abarcar as duas teorias, buscando desconstruir as dicotomias que o confronto entre essas teorias criam e tentando construir uma metodologia mais linear que abarque as contribuições trazidas por cada uma delas.

Entendendo a juventude como categoria social, Groppo (2000) afirma que:

Podemos definir a juventude como uma categoria social. Tal definição faz da juventude algo mais do que uma faixa etária ou uma classe de idade, no sentido de limites etários restritos – 13 a 20 anos, 17 a 25 anos, 15 a 21 anos, etc. Também, não faz da juventude aquilo que Mannheim chama de grupo social concreto. Não existe realmente uma “classe social” formada, ao mesmo tempo, por todos os indivíduos de uma mesma faixa etária (p.7).

A maioria das teorias tenta enquadrar a juventude em um quadro universalizante, não leva em conta os processos de singularidade e tenta trabalhar a partir de uma ótica dicotômica que divide o normal e o patológico, o certo e o errado.

Guattari (1986) ressalta que o objetivo do capitalismo mundial integrado é a produção de subjetividades, percebendo as formas de sentir, de se relacionar, de andar como sendo naturais e únicas, impossibilitando qualquer tipo de questionamento. Assim, tudo o que difere da ordem vigente pode ser interpretado como problemático.

Hall (2005) propõe a dissolução das dicotomias modernas, revelando que no fim da década de 1960 e início da década de 1970 começa a surgir um incômodo em relação à identidade e aos papéis bem delimitados que enquadravam os indivíduos em uma lógica linear unificada. O autor aponta para o surgimento, no momento atual, de uma crise da identidade, revelando que o sujeito contemporâneo se torna um ser fragmentado, na medida em que as velhas identidades entram em declínio. A identidade agora passa a ser vista como definida historicamente e não mais como biologicamente determinada, algo que se aplica tanto à juventude quanto às próprias configurações familiares. O autor assinala que

As identidades não são nunca unificadas; que elas são na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (Hall, 2003a, p.108).

Para Hall (2003b) esta nova visão da identidade, que escapa às concepções primárias de dominante-dominado, é uma forma de eliminar as desigualdades. O autor acrescenta que

o sujeito e a identidade são apenas dois dos conceitos que, tendo sido solapados em suas formas unitárias e essencialistas, proliferaram para além de nossas expectativas, através de formas descentradas, assumindo novas posições discursivas (Hall, 2003b, p.111).

Segundo o autor, os binarismos nunca existiram de fato, mas os argumentos sempre ansiaram pelo retorno de uma política bem definida por oposições binárias.

Os profissionais “psi” trouxeram, e ainda trazem, grande contribuição para a construção de saberes e discursos baseados em oposições binárias, colocando a

culpa no indivíduo jovem, que é caracterizando, muitas vezes, como anormal, desajustado, problemático, desviante, delinquente, entre outras características.

O estudo realizado por Ozella (2003) aponta que o discurso dos psicólogos sobre a juventude é, de modo geral, generalista, cristalizado, naturalizado, patologizado, universalizante e negligencia a construção histórica e social desta categoria. A visão predominante entre os psicólogos ainda é uma visão liberal de homem, calcada em construções naturalizantes que valorizam os binarismos. A visão sócio-histórica, calcada na transformação da realidade, em que o foco passa a não estar no indivíduo mas sim na sociedade e em que seu maior objetivo é a promoção da saúde não é compartilhada ainda pela maioria dos psicólogos, levando Swain (2002) a perguntar:

Porque a dicotomia, o binário, senão como fruto de uma linearidade do olhar, de uma homogeneização que furta e esconde o múltiplo nas dobras de discursos regulatórios?... O múltiplo contido no “nós social” fica reduzido a um binário que cria em torno da norma um espaço ao mesmo tempo de rejeição e de inclusão (p.326).

Guattari (1986) revela que existem espaços de expressão e criação de uma subjetividade que abrem margem para o surgimento do processo de singularização que o autor o caracteriza como:

Automodelador. Isto é que ele capte os elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas, sem ficar nessa constante posição de dependência em relação ao poder global, a nível econômico, a nível do saber, a nível técnico, a nível das segregações, dos tipos de prestígio que são difundidos. A partir do momento em que os grupos adquirem essa liberdade de viver seus processos, eles passam a ter uma capacidade de ler sua própria situação e aquilo que se passa em torno deles. Essa capacidade é que vai lhes dar um mínimo de possibilidade de criação e permitir preservar exatamente esse caráter de autonomia tão importante (p.46).

A juventude, então, passa a ser uma importante categoria social para o entendimento das questões políticas e sociais, e deve-se reconhecer a grande diversidade que ela abarca para que este fenômeno não seja compreendido apenas a partir do senso comum ou de meras generalizações conceituais.

A seguir, apresentamos os processos de singularização vivenciados por este grupo, sua diversidade, destacando as questões conceituais, o movimento de transição para a vida adulta, a sexualidade e a conjugalidade e apontando para as influências de gênero e de pertencimento social presentes nesse processo.

Abordaremos as diferentes trajetórias juvenis, as tentativas de autonomização material e afetiva dos jovens, mostrando como “jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais” (Novaes, 2006, p.105). A maior parte dos estudos sobre a juventude aponta marcos que reforçam a grande desigualdade entre os jovens brasileiros, como, por exemplo, de gênero, etnia, e classe social, a relação entre escola e trabalho, as diferenças relacionadas ao local de moradia, e como essas diferentes variáveis interferem no seu processo de busca de autonomia.

### 3.2.1 Transição para a vida adulta

A escola, durante muitos anos, foi associada à garantia de um futuro melhor, já que possibilitava a entrada no mercado de trabalho e, conseqüentemente, facilitava a transição para a vida adulta. Atualmente, a escola continua sendo um poderoso espaço de mudança, mas Pochmann (em Novaes, 2006) revela que, apesar do maior nível de escolaridade dos jovens de hoje, eles não possuem boas condições de renda, ou seja, “os filhos dos pobres estão ficando cada vez mais pobres que os pais, os filhos dos ricos menos ricos que os pais” (p.108). Para

Novaes (2006) e Pochmann (em Novaes, 2006) a questão da mobilidade social se torna central para as discussões sobre juventude, já que a ausência desta mobilidade impossibilita o jovem de projetar o futuro.

A dificuldade que os jovens encontram para obter um emprego se reflete na questão da conquista habitacional, fato que tem postergado a emancipação dos jovens e a transição para a vida adulta. Casal (1997) define transição como:

Um sistema de dispositivos institucionais e processos biográficos de socialização que de forma articulada entre si intervém na vida das pessoas desde a puberdade e que são condutores até a aquisição de posições sociais que projetam o sujeito jovem até a consecução da emancipação profissional, familiar e social (p.124).

Para Machado (2009), “o trabalho aparece como universo moral relevante na trajetória do jovem de camada popular, além de ser um importante elemento na construção da identidade masculina” (p.151). Apesar dos jovens continuarem no percurso da escolaridade, cada vez mais eles estão ocupando atividades no mercado informal de trabalho, principalmente os jovens das camadas menos favorecidas.

Ferreira (2003) destaca que o pertencimento a uma determinada classe social e as diferenças de gênero podem interferir no tempo de permanência na escola e na relação de dependência da família de origem. As mulheres, normalmente, tendem a sair mais cedo da casa dos pais, ou para aprofundar seus estudos fora, ou para iniciar uma vida conjugal, enquanto que a transição dos homens se dá, em geral, através da entrada no mercado de trabalho. Isso faz com que as mulheres se tornem mais, ou mesmo por um tempo maior, dependentes economicamente de alguém, os pais ou o marido, confirmando a “antiga” divisão sexual do trabalho e reduzindo ou adiando as chances de autonomia feminina (Ferreira, 2003).



Para Bourdieu (1999), somos regidos a partir da lógica da “dominação masculina”, e a nossa realidade está estruturada por uma construção social naturalizada, criando uma violência simbólica, suave, insensível e invisível para as suas próprias vítimas. O autor destaca que não só as mulheres sofrem com as exigências deste modelo, pois os homens também são dominados por sua própria dominação, mas as mulheres ainda são as principais vítimas desta diferença de gênero:

A diferença *biológica* entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os *gêneros* e, principalmente da divisão social do trabalho (Bourdieu, 1999, p.10).

Como já assinalamos antes, historicamente, a unidade de produção tem sido marcada pelas entradas e saídas da mulher do mercado de trabalho e, nesta descontinuidade, a mulher tem buscado encontrar um equilíbrio entre as funções de produção e de reprodução que lhe vêm sendo socialmente atribuídas (Bruschini, 1989).

A precocidade da maternidade também constitui um dos fatores que influencia o atraso do início da vida profissional de muitas mulheres, principalmente daquelas advindas das camadas menos favorecidas.

De acordo com Ferreira (2003), a trajetória para se alcançar a idade adulta não é linear nem única. A transição entre escola e mercado de trabalho possibilita ao jovem ter autonomia em relação a suas famílias de origem, podendo, assim, obter independência material e afetiva. Nos estudos realizados pelo autor, ele constata que muitos jovens não alcançam a combinação idealizada de profissão, casa própria e casamento. Apesar dos estudos atuais revelarem alternativas diferenciadas para o

início de uma vida independente, a transição familiar para a idade adulta segue ainda um percurso bastante tradicional, uma vez que o casamento continua sendo o passaporte para a vida conjugal, um marco significativo para os jovens das classes populares (Ferreira, 2003).

Nos jovens de classe média podemos notar todo um reflexo das mudanças ocorridas na pós-modernidade. A relação entre pais e filhos pode contribuir para o adiamento da transição do jovem para a vida adulta. Atualmente, muitos autores têm discutido essa relação entre pais e filhos, especialmente ligadas ao fato dos filhos permanecerem mais tempo na casa dos pais. Para Ramos (2006) é comum que os filhos busquem sua independência, mesmo dependendo financeiramente de seus pais. Essa demora na saída dos jovens da casa dos pais, de acordo com autora, pode estar relacionada a dificuldades econômicas ou à continuação dos estudos. Heilborn *et al* (2005) aponta que, embora muitos jovens possuam condições financeiras para morar sós, ainda assim permanecem na casa dos pais e, em parte, isso se deve ao fato das uniões conjugais estarem ocorrendo mais tardiamente.

Ramos (2006) e Castro, Miranda e Almeida (2007), em suas pesquisas, revelam que esse processo de coabitação entre pais e filhos pode ser tranquilo, pois os filhos possuem informações sobre o modo de vida dos pais e o respeita, além de negociarem regras, obrigações, direitos e deveres para que essa convivência seja possível. Nas classes médias, em especial, o quarto do jovem passa a ser o lugar na casa em que ele exerce a sua autonomia.

A partir dessa ambivalência resultante da conciliação da tradição e modernidade, Wagner (2003) assinala que os pais, principalmente os das classes médias, tendem a não utilizar os mesmos padrões educativos que receberam de suas famílias, não se permitindo buscar suporte nas gerações anteriores, mas sim

criar modelos mais idealizados de educação, a partir do receio de cometerem os mesmos erros de seus pais, embora isso nem sempre se mostre eficaz, pois o que acaba surgindo são práticas educativas inconsistentes. É muito comum, atualmente, perceber um mesmo comportamento por parte dos filhos, ora ser recompensado, ora ser punido, além de encontrarmos famílias em que um dos pais pune certo comportamento e o outro o recompensa, principalmente pelo fato das relações estarem mais igualitárias entre homens e mulheres.

Os pais acabam confundindo afetividade com aprovação incondicional, o que acaba interferindo no estabelecimento de limites, por vezes, como forma de encobrir os sentimentos de culpa por não estarem próximos aos filhos e até mesmo devido a dificuldades conjugais (Wagner, 2003). A partir das novas exigências do mundo moderno, como a aquisição de habilidades específicas (aprendizagem de idiomas, esportes e tecnologias), a autora assinala que os pais acabam sentindo necessidade de trabalhar mais, passando mais tempo fora de casa e repassando a tarefa de educar a outras pessoas ou instituições:

na tentativa de educar os filhos de forma “moderna”, os pais tendem a descartar o antigo, tido como tradicional e hierárquico. Assim, na busca do novo, as experiências do passado vivenciadas nas famílias de origem, deixam de ser possíveis referências educativas para as gerações atuais (Wagner, 2003, p.29).

Apesar de não acreditarmos em uma lógica ou em uma regra que se aplique à transição do jovem para a vida adulta, o que se percebe, a partir de tudo o que foi apresentado, é que os jovens, principalmente aqueles advindos da classe média, tem feito essa transição mais tardiamente.

### 3.2.2 Sexualidade e conjugalidade

Bozon (2005) aponta para o fato de que a difusão dos métodos contraceptivos, o declínio da autoridade e legitimidade moral das gerações adultas e da instituição familiar e o aumento no nível de escolaridade contribuíram para a ampliação das condutas sexuais, apesar de ter concluído em sua pesquisa que as “posições respectivas dos homens e das mulheres quanto às questões da sexualidade, da parentalidade e da família não se modificaram radicalmente, nem tampouco os juízos de valor sobre seus comportamentos” (p. 149). O autor afasta, inclusive, a ideia de que ocorreu uma revolução sexual.

Pais (1998) e Bozon (2003) destacam que as maiores mudanças em relação à sexualidade e a conjugalidade contemporâneas são aquelas decorrentes dos movimentos de emancipação feminina.

Bozon (2003) aponta que os valores conjugais contemporâneos priorizam o sentimento amoroso. Ocorreu, ainda, um aumento da instabilidade entre os casais. O autor ressalta também que o amor cria desilusões muito fortes e grandes expectativas, mas que não podemos desconsiderar que alguns casais podem ter relações duradouras. Para Bozon (2003), o casal se constrói de fato na duração da relação, já que os hábitos e os objetos têm grande importância para a consolidação do casal.

De acordo com Pais (1998), os jovens apontam as hierarquias sentimentais e eróticas como dominantes em detrimento das hierarquias econômicas, mas, segundo o autor, existem obstáculos para que o “amor” surja, entre elas uma segregação de classes sociais e dos locais de encontro.

Em relação à união conjugal na trajetória dos jovens, esta se faz mais presente entre os mais velhos e é mais frequente entre os jovens que pertencem aos grupos de baixa renda e com menor escolaridade, já que, quanto mais alta a classe social, mais postergada será a união. Portanto, o maior nível de escolaridade do jovem também pode ser apresentado como um fator de adiamento de uma união (Knauth, VÍctora, Leal; Fachel, 2006; & Ferreira, 2003).

Para Ferreira (2003), os jovens que possuem alta escolaridade privilegiam as inserções profissionais e, normalmente, adiam os projetos conjugais, e aqueles que possuem percursos escolares curtos tendem a mais rapidamente realizá-los. Conseqüentemente, os jovens pertencentes aos estratos sociais mais baixos iniciam mais rapidamente a vida familiar e conjugal, por terem menos oportunidades de investir no desenvolvimento profissional.

Knauth, VÍctora, Leal e Fachel (2006) destacam que:

os diferentes eventos e situações pelas quais passam os jovens – tais como namoro, união, gravidez – não se desenvolvem de forma linear e cumulativa (em etapas), como é muitas vezes preconizado como ideal, mas, ao contrário, simultaneamente. Essa diferença entre o ideal socialmente difundido e a experiência dos jovens contribui para a percepção – largamente compartilhada hoje em dia no Brasil entre o senso comum, a mídia, os formadores de políticas públicas, os atores de serviços das áreas de educação, saúde e proteção à adolescência – de que a gravidez nessa fase é essencialmente um problema e perturbadora do desenvolvimento “normal” do curso da vida do jovem (p.303).

Com relação à sexualidade, percebe-se que os pais não conseguem dialogar com seus filhos sobre este tema. De acordo com Castro, Miranda e Almeida (2007), esse é um tema complicado para eles, visto que a própria vivência e sentimentos construídos para eles próprios são muitas vezes falidos. Os pais relataram em pesquisa realizada por essas autoras que antes existia uma maior obediência dos

filhos para com seus pais, ou até mesmo uma repressão por parte dos pais sobre a sexualidade dos filhos. Eles apontam também a escola como uma instituição que deve informar os jovens a respeito de temas relacionados à sexualidade, principalmente sobre as relações sexuais e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e de uma possível gravidez.

Por isso, os grupos de amigos ou pares constituem uma forma preponderante de sociabilidade e construção de identidade, já que entre eles as conversas acontecem. Para Castro, Miranda e Almeida (2007) “as conversas sobre o tema têm lugar privilegiado, seja porque conversar com os amigos é mais agradável ou mais fácil, seja porque o diálogo com pais é dificultado por fronteiras de geração” (p. 93).

Por isso, temas como sexualidade, afetividade e contracepção não estão elencados nas conversas entre pais e filhos e, quando as conversas ocorrem, elas estão mais relacionadas à prevenção, à gravidez na adolescência, às DSTs e à AIDS.

Para Knauth, VÍctora, Leal e Fachel (2006), a gravidez, por exemplo, não deve ser entendida como um desordenamento da experimentação sexual, já que ela ocorre mais frequentemente entre jovens que possuem um relacionamento estável ou que já tiveram vários relacionamentos estáveis.

Mesmo assim, o tema da gravidez na adolescência está relacionado às relações de gênero, como apontado por Castro, Miranda e Almeida (2007), já que os pais possuem receio das filhas engravidarem na adolescência e acabam dando limites mais severos a elas do que aos homens. Além disso, há uma discriminação, tanto dos pais quanto dos próprios jovens com relação às mulheres que iniciam as práticas sexuais mais cedo. As práticas menos aprovadas pelos pais são chegar em

casa tarde e dormir com o(a) namorado(a), sendo que elas têm maior peso para as mulheres.

No caso de ocorrer a gravidez na adolescência, os estudos apontam que anteriormente as famílias de origem e os próprios jovens muitas vezes não aceitavam a gravidez na adolescência, e ou buscavam métodos abortivos ou as mulheres ficavam totalmente desamparadas. Machado (2009) revela que atualmente o processo de assimilação da gravidez é recorrente entre os jovens, tornando-se algo que segue o “curso normal das coisas”. Assim, essa criança vai sendo aceita pelos avós, bem como nos âmbitos, escolar, familiar e do trabalho.

A pesquisa realizada por Knauth, VÍctora, Leal e Fachel (2006) apresentou uma diversidade de trajetórias juvenis em relação à conjugalidade, tais como:

a) Jovens cujo parceiro(a) atual é o mesmo(a) do primeiro relacionamento estável, da primeira união e da última relação sexual; b) Jovens atualmente unidos mas cujo parceiro não corresponde a nenhum dos outros tipos de relacionamentos acima mencionados; c) Jovens que têm uma trajetória marcada por diferentes relacionamentos estáveis, sem experiência de união; d) Jovens que em sua trajetória afetivo-sexual tiveram um parceiro e que estão com este até o momento atual; e) Jovens sexualmente iniciados(as) mas que nunca tiveram um relacionamento estável (p.301).

A mídia e a própria sociedade difundem que os jovens, normalmente, são irresponsáveis, inconsequentes e que buscam novas formas de relacionamento descompromissadas, como, por exemplo, “o ficar”. Féres-Carneiro e Ziviani (2010) apresentam essa nova forma de relacionamento amoroso, o ficar, em que há uma falta de compromisso entre os parceiros e uma busca de prazer através da sedução. Segundo os autores, “o grau de envolvimento pode ir de uma simples troca de beijos e abraços até uma relação sexual, sendo que esta não necessariamente ocorre” (Féres-Carneiro e Ziviani, 2010, p.90). Apesar disso, as pesquisas apontam que os

relacionamentos estáveis têm estado presentes de forma significativa entre os jovens.

Para Pais (1998), na realidade, acredita-se que os jovens são transportadores de uma nova ética sexual, pois são normalmente mais desinibidos e tolerantes, possuem valores mais individualistas e que estão ligados a uma ética sexual mais fragmentada e experimentalista, vivenciam experiências pré-matrimoniais e/ou de coabitação, relações fugazes e românticas, entre outros. Além disso, Pais (1998) assinala que quanto maior o nível cultural, maior é a aceitação das relações antes do casamento e a permissão de relações homossexuais.

Giddens (1993) considera que a forma predominante de convivência humana atual tende a ser o que ele denomina “relacionamento puro”, que é definida pelo autor como “um relacionamento de igualdade sexual e emocional, explosivo em suas conotações em relação às formas preexistentes do poder do sexo” (Giddens, 1993, p.10). Nele, o que prevalece é o que cada um pode ganhar nessa relação e o que a torna duradoura é apenas a certeza de que ambas as partes estão proporcionando satisfações necessárias à outra.

O “relacionamento puro”, segundo Giddens (1993), não

É, como o casamento um dia foi, uma “condição natural” cuja durabilidade possa ser tomada como algo garantido, a não ser em circunstâncias extremas. É uma característica do relacionamento puro que ele possa ser rompido, mais ou menos ao bel-prazer, por qualquer um dos parceiros a qualquer momento. Para que uma relação seja mantida, é necessária a possibilidade de compromisso duradouro. Mas qualquer um que se comprometa sem reservas arriscar-se a um grande sofrimento no futuro, no caso ela venha a ser dissolvida (p.111).

Ao encontro do que propõe Giddens (1993), Bauman (2004) assinala que atualmente é comum as pessoas se apaixonarem e se desapaixonarem mais de



uma vez. Para este autor, ainda, as pessoas acreditam que, nessa série de eventos amorosos, elas apreendem o conhecimento do amor “como episódios, intensos, curtos e impactantes, desencadeados pela própria consciência a priori de sua própria fragilidade e curta duração” (Bauman, 2004, p.21).

Bauman (2004) ainda ressalta que o amor, que era finito e usava como slogan “até que a morte nos separe”, está fora de moda, e por isso o termo amor se expandiu muito em nossos tempos, já que ele está ligado a episódios curtos, intensos e impactantes. Os bens de consumo, assim como as pessoas envolvidas em uma relação, também passaram a ser facilmente substituídos e descartados, mesmo em bom estado de funcionamento, por “novas e aperfeiçoadas versões” (Bauman, 2004, p.28).

Por isso, entre os jovens, a coabitação se torna uma escolha possível, visto que se assemelha a um casamento experimental, baseado em valores não-tradicionais, o que sugere mudanças no casamento. A partir do momento que essa relação não der certo, o peso de não ter assumido um compromisso é menor, e, logo em seguida, as pessoas estão livres para vivenciar uma nova relação. Para Jablosnki (2010), a coabitação foi uma das maiores opções elencadas pelos jovens por ele estudados.

Jablonski (2010) aponta, ainda, que os jovens acabam ficando, diante do casamento, “comprimidos entre uma visão passada pela união de seus pais (e avós) e a realidade atual, que fala do alto nível da taxa de divórcios, da nova divisão de papéis intergêneros e, é claro, da própria concepção ideal de casamento” (p.110).

Os temas sexualidade e família estão diretamente relacionados e neles pode ser evidenciado o confronto entre tradição e modernidade. Por isso, a seguir trataremos da transmissão intergeracional e do processo de subjetivação, a fim de

melhor compreendermos que, apesar de todas as transformações sociais, as pessoas são marcadas por heranças geracionais, que contribuem para o processo de subjetivação de cada um de nós.

### **3.3. Transmissão intergeracional e processo de subjetivação**

De acordo com Lisboa, Féres-Carneiro e Jablonski (2007), o conceito de transmissão intergeracional significa a passagem de legados, rituais e tradições de geração em geração, a fim de que se perpetue a identidade familiar. Para Magalhães e Féres-Carneiro (2005),

o sujeito é precedido por outros e só surge por força de um ato de inscrição no grupo familiar e no social, de modo mais amplo. É o grupo que investe e reveste o sujeito de cuidados, protegendo-o, respondendo às necessidades que a imaturidade humana incapacita-o de satisfazer, apresentando o mundo externo e povoando o mundo interno, interditando e lançando o sujeito em seu processo subjetivante. O grupo investe, reveste, veste e recheia o sujeito de conteúdos (p.29-30).

Contudo, esta herança recebida dos outros membros da família é transformada positiva ou negativamente. De acordo com Gomes e Zanetti (2009),

Tal trabalho permite que o indivíduo se vincule a um grupo, esse grupo a outro, num encadeamento de gerações: é o que dá a noção de “pertencimento” e o que permite a construção da própria subjetividade, num processo de transformação, de criação, do material que é transmitido. É por esse processo que o indivíduo também se torna, por um lado, autor, e, por outro, proprietário de sua herança. Em última instância, é algo que representa e permeia a história pessoal, familiar e da própria civilização (p.96).

No artigo *A força do legado transgeracional numa família*, Almeida (2008) apresenta a dinâmica da transmissão psíquica entre as gerações através de um caso clínico, ressaltando a importância dos estudos transgeracionais para a

compreensão do sujeito. A autora revela que esse sujeito pode carregar traumas transgeracionais complexos, fazendo com que o legado familiar seja ao mesmo tempo destrutivo ou construtivo e, por isso, é tão importante ir atualizando todas essas transmissões. Ruiz Correa (2003) reforça essa idéia, ao apontar que as transmissões psíquicas defeituosas são, em muitos casos, a causa das patologias da modernidade:

A transmissão psíquica transgeracional, ainda de acordo com Granjon (2000), é a que possui os aspectos traumáticos, patológicos e sintomáticos de um processo de transmissão bruto, que não possibilita transformações. “O que será, então, transmitido será o traço daquilo que se passou, e não pôde ser pensado, com seu cortejo de terror, vergonha e interditos” (p. 25). Aqui encontramos os caracteres de violência, alienação e transmissão do negativo. Na clínica, defrontamo-nos frequentemente com a transmissão manifestada no sofrimento dos sujeitos aprisionados em sua incapacidade de metabolizar seus legados (Gomes & Zanetti, 2009, p.96).

Para Ruiz Correa (2003),

as mudanças nos sistemas de transmissão psíquica e socioculturais, assim como suas fissuras, colocam em primeiro plano a polaridade negativa da transmissão, aquilo que fica oculto, não dito ou “mal dito”, atravessando as gerações na dimensão transgeracional. Quando é marcada pelo negativo, observamos que o que se transmite é aquilo que não pode ser contido, o que não encontra inscrição no psiquismo dos pais é depositado no psiquismo da criança: os lutos não realizados, os objetos desaparecidos sem traço nem memória, a vergonha, as doenças e a falta (p.36).

Nesse processo de transmissão intergeracional, a tendência maior é a manutenção de pontos de vista, a fim de que a tradição predomine ou se mantenha a identidade familiar, mas sempre existe o desejo de construção de novos sentidos e a necessidade de elaboração e transformação, a fim de que se interrompa a transmissão negativa.

O que acaba acontecendo, segundo Féres-Carneiro e Magalhães (2005), é o drama da sucessão contínua em família, pois mesmo com a diversidade de valores

e formas de ser, há uma luta entre as gerações pela manutenção da tradição ou identidade familiar.

No interior de Minas, uma das formas de se manter a tradição é lançando mão de valores rígidos, baseando-se nos antigos modelos de casamento, nos ensinamentos passados através da religião, da educação sexual e na manutenção da virgindade, principalmente para as mulheres. Tais valores, crenças e saberes asseguram a continuidade grupal e cultural. Por isso, para Lisboa, Féres-Carneiro e Jablonski (2007) os aspectos culturais são importantes para apontar os aspectos ligados à tradição e às dificuldades de transformação, e, segundo esses autores, “no interior de Minas, são encontrados valores e rituais transmitidos desde outras gerações que compreendem uma condição estruturante da cultura e uma manutenção de vínculos afetivos” (p.52).

Entende-se por cultura, de acordo com Geertz (1989)

um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (p.103).

Para Benincá e Gomes (1998), cultura

refere-se à bagagem de conteúdos básicos e habilidades sociais de efeito diretivo e mutante, transmitida formal ou informalmente dos mais velhos para os mais novos por processos de simbolização (p.179).

Por isso a família é entendida como o grupo primário, onde se constrói uma cultura, visto que é, através de práticas culturais familiares, que o sujeito pode ou não tomar consciência, garantindo-se, de acordo com Lisboa, Féres-Carneiro e Jablonski (2007), a manutenção de um legado recente ou não. Para eles,

é de geração em geração que reconhecemos as tradições familiares ancoradas, às vezes, nos mais rígidos e inflexíveis hábitos e atitudes do cotidiano, garantindo a sobrevivência do grupo em meio às transformações sociais e econômicas da sociedade (p.53).

Os autores ainda complementam revelando que há sempre um membro da família disposto a transformar esse legado, passando a ser reconhecido como uma ameaça para o grupo, afetando acordos, alianças e até mesmo a convivência. Mas, em muitos casos, a transformação pode não ser questionada e as relações entre os membros da família permanecem iguais, de modo a não alterar esse legado.

## **4. METODOLOGIA**

### **4.1 Participantes**

Foram entrevistadas 12 pessoas de duas gerações distintas: três jovens do sexo masculino e três do sexo feminino, com idades entre 20 e 26 anos, e seus respectivos pais, três homens, no caso dos jovens do sexo masculino, e três mulheres, no caso das jovens do sexo feminino, com idades entre 45 e 63 anos. O grupo de jovens constituiu o Grupo 1 de nosso estudo e o grupo de pais o Grupo 2. Todos os participantes residem na cidade de Muriaé que, além de ser uma das cidades de maior referência da Zona da Mata mineira e, por isso, receber muitas influências das grandes metrópoles, continua a manter alguns valores tradicionais, ligados à antiga família mineira. De acordo com o censo realizado em 2011 (Ibge, 2011), Muriaé possui 100.765 habitantes e sua localização possibilita o intercâmbio com cidades de referência nacional, como Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

A escolha destes participantes foi motivada pelo fato de que há poucos estudos sobre famílias do interior de Minas Gerais. Além disso, achamos importante entrevistar essas duas gerações, uma vez que o foco do nosso estudo recai justamente sobre a permanência e a mudança de certos valores e princípios na família, de forma geral, e, em especial, na família mineira desta região, a partir da visão dessas duas gerações. A média de idade dos jovens participantes da pesquisa foi de 22 anos e dos pais participantes foi de 53 anos.

Os seis jovens participantes da pesquisa de campo, que compõem o nosso Grupo 1, foram:

- Participante 1: jovem do sexo feminino de 21 anos que cursa Nutrição numa instituição de ensino superior da cidade de Muriaé.
- Participante 2: jovem do sexo feminino de 21 anos que cursa Farmácia numa instituição de ensino superior da cidade de Muriaé.
- Participante 3: jovem do sexo feminino de 20 anos que cursa Farmácia numa instituição de ensino superior da cidade de Muriaé.
- Participante 4: jovem do sexo masculino de 26 anos que cursa Psicologia numa instituição de ensino superior da cidade de Muriaé.
- Participante 5: jovem do sexo masculino de 23 anos que cursa Direito numa instituição de ensino superior da cidade de Muriaé.
- Participante 6: jovem do sexo masculino de 21 anos que cursa Fisioterapia numa instituição de ensino superior da cidade de Muriaé.

Os seguintes pais participantes compõem o nosso Grupo 2:

- Participante 7: mãe de uma das jovens participantes, de 48 anos, professora. Tem três filhos e é casada.
- Participante 8: mãe de uma das jovens participantes, de 56 anos, auxiliar administrativa. Tem apenas 1 filha e é casada.
- Participante 9: mãe de uma das jovens participantes, 53 anos, dona de casa. Tem apenas 1 filha e é casada.
- Participante 10: pai de um dos jovens participantes, 56 anos, funcionário dos correios. Tem dois filhos e, apesar de residir na mesma casa com a ex-esposa, eles são divorciados.

- Participante 11: pai de um dos jovens participantes, 45 anos, comerciante. Tem três filhos e é casado.
- Participante 12: pai de um dos jovens participantes, 63 anos, contador. Tem apenas 1 filho e é casado.

Os nomes que serão utilizados nos relatos de pessoas e lugares são fictícios, a fim de preservar a identidade de nossos participantes. Vale ressaltar que, inicialmente, tínhamos a intenção de parear os discursos dos pais e seus filhos, estabelecendo uma análise mais pormenorizada, mas isso se tornou inviável, pois comprometeria a identidade dos nossos entrevistados.

## **4.2 Instrumento**

Fizemos uso de entrevistas semi-dirigidas, construídas a partir de um roteiro previamente elaborado, contendo tópicos relacionados aos objetivos da pesquisa e referentes ao percurso teórico desenvolvido ao longo dos capítulos. A ordem de emergência desses tópicos, contudo, não foi fixa, mas sim determinada pelo próprio fluxo da conversa. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, de forma a preservar a fidelidade do que foi dito pelos participantes. Os textos resultantes da transcrição das entrevistas foram submetidos a uma análise de discurso (Rocha-Coutinho, 1998), a partir das seguintes categorias de análise: Família; Casamento, Sexualidade e Trabalho; Permanência e Mudanças Intergeracionais.

A escolha desse tipo de instrumento se deve ao fato de acreditarmos que, através de suas narrativas orais, as pessoas revelam visões e questões importantes de suas vidas e o pesquisador, a partir desses discursos, explora “não apenas fatos



e atividades como também sentimentos, isto é, a experiência emocional de seus informantes” (Rocha-Coutinho, 2006b, p.67). Por isso, na análise dos discursos nos deteremos não apenas no seu significado, mas também em sua forma e função.

### **4.3 Procedimento**

O projeto de tese de doutorado foi, inicialmente, submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A partir daí, fizemos a escolha dos possíveis participantes através da indicação de alunos da faculdade em que a pesquisadora trabalha, onde que há uma concentração grande de jovens. A partir da indicação desses jovens chegamos aos pais. Todos os participantes deveriam se encaixar no perfil e nos objetivos propostos em nossa investigação. Depois de obter dos participantes o consentimento para participar da pesquisa, cada um deles foi por nós entrevistado separadamente em local e horário de sua escolha.

## 5. ANÁLISE DO DISCURSO

As categorias de análise foram constituídas a partir das falas dos participantes, juntamente com nossos preceitos. São elas;

- Família: esta categoria está relacionada à visão de nossos entrevistados sobre a família na atualidade, bem como à sua percepção das relações intrafamiliares. Ela engloba a divisão de tarefas no espaço doméstico, o que pensam de todos coabitarem no mesmo espaço, o melhor momento para os filhos deixarem de morar com os pais, além das práticas religiosas adotadas pelas famílias.
- Casamento, Sexualidade e Trabalho: nesta categoria objetivamos identificar a percepção de nossos entrevistados sobre as relações amorosas, o amor e o casamento. Além disso, procuramos observar aqui a existência ou não de diálogo entre pais e filhos sobre sexualidade, as condições que são estipuladas para que os filhos saiam com os(as) namorados(as), a vida social de pais e filhos, bem como a importância do trabalho e os planos para o futuro.
- Permanência e Mudanças Intergeracionais: esta categoria está relacionada aos valores que foram e são transmitidos de uma geração para outra na família, a importância das relações de parentesco, as influências familiares, os padrões sociais que acreditam que devem ser seguidos, o respeito pelos valores transmitidos pela família (tanto de forma geral como também os valores religiosos), a maior ou menor rigidez na educação, os conselhos e as recomendações passados de uma geração à outra e se concordam ou discordam deles.

O ideal seria anexarmos as transcrições completas das entrevistas realizadas, mas, por elas serem muito extensas, optamos por nos restringir apenas aos fragmentos que utilizaremos como exemplos em nossa análise. Cabe observar que não vamos nos ater em aspectos do discurso, como os sintáticos e estilísticos, que seriam de fundamental importância para uma análise lingüística, mas que não são indispensáveis no caso da nossa proposta. Isto porque, em nossa análise, objetivamos investigar, a partir da fala de nossos entrevistados, exemplos de atitudes, idéias, valores, crenças que só se tornam perceptíveis a partir de uma leitura atenta e cuidadosa de seus discursos, inclusive das contradições que nele possam estar presentes. Este tipo de análise nos pareceu mais adequado, já que está relacionada aos pressupostos teóricos e metodológicos de nosso trabalho.

## **5.1 Família**

O tema família permeou toda a nossa entrevista, já que ele foi o foco da nossa pesquisa. Percebemos que ele despertou em nossos participantes distintas reações e comportamentos, como risos, expressões faciais tranqüilas e, ao mesmo tempo, rígidas, inúmeras críticas sobre as transformações na família atual, considerando-a agora deteriorada, desintegrada e corrompida. Podemos apontar, ainda, que o que parece predominar nas famílias atuais é a distância entre os seus membros.

Todos os entrevistados vieram de regiões que compõem a Zona da Mata mineira, mas atualmente todos eles residem em Muriaé. Alguns deles destacaram que as suas famílias vieram para Muriaé devido a sua expansão econômica e às melhores chances de trabalho oferecidas, quando comparadas a outras regiões.

Com exceção de um dos jovens, todos os outros já nasceram em Muriaé, pois suas famílias já residiam nessa cidade. Seguem alguns de seus relatos a esse respeito:

*Minha família, eu cresci em Miradouro, eu cresci, eu morei em Miradouro quando era menor, né? Eu cresci em Itamuri, nessa região aqui mesmo, né? Mas é tudo Minas Gerais aqui mesmo, entendeu? (Participante 4).*

*A família da minha mãe é de Miradouro, que é aqui pertinho. Mas o meu pai ele é daqui. Só que meus avós são de Laranjal. Então eles vieram pra cá eu acho que por ser cidade pequena do interior, começou a evoluir, teve mais oportunidade. A minha mãe, por exemplo, veio pra cá pra estudar, né? Porque aqui tinha faculdade e em Miradouro não tinha. Aí ela acabou conhecendo o meu pai, e meu pai mora aqui desde que nasceu (Participante 2).*

*Meu pai é de um arraialzinho perto daqui. Acho que é São Sebastião da Vargem Alegre e a minha mãe é de Mirai (Participante 6).*

*Meu pai é natural de Miradouro, mas acho que, a partir dos vinte anos ele veio pra cá, começou a trabalhar; trabalhava como verdureiro. Que na época lá em Miradouro, são dezessete filhos. É os pais deles também são naturais de Miradouro. Todos começaram muito cedo trabalhando. [...] A minha mãe já era aqui de Muriaé. Meu vô era, era, mexia com confecção, já tinha uma condição melhor, entendeu? E meu pai veio pra Muriaé. Meu pai já era, já estudava, já tinha conquistado algumas coisas, entendeu? E eles se conheceram em uma ocasião aqui em Muriaé e começaram se relacionando (Participante 5).*

*Então, a família dela é de Limeira, mas ela foi nascida e registrada aqui em Muriaé. Só que a família, a mãe dela de criação também é de Muriaé, só que o avô de criação é do Ceará, entendeu? (Participante 1).*

*Manhumirim. Em 2004, porque meu pai foi transferido, ele trabalhou no Ministério da Cultura, então ele foi transferido pra cá, mas eu nasci aqui. Fui pra lá e depois voltei pra cá com 12 anos (Participante 3).*

Os pais, portanto, ao destacar suas origens, confirmaram que as famílias são mesmo pertencentes à Zona da Mata mineira:

*Meus pais, minha mãe é nascida em Miradouro. Uma pessoa de origem humilde, pessoa íntegra e meu pai nasceu em Ipocrani, Ipocrani fica, é nessa região de Manhuaçu. Manhuaçu, Minas Gerais. Mineiro meu pai (Participante 10).*

*O meu pessoal a gente nasceu em roça. Aí depois eu saí de casa com dezenove anos. Aí morei em Mirai. Os meus pais moravam na roça. Os meus irmãos praticamente todos moram em Volta Redonda. Agora, a minha mãe mudou pra aqui tem uns dois meses para a casa da frente. E tenho um irmão que mora aqui na roça (Participante 12).*

*É, a minha família, mãe é Miradouro. A minha família é de Miradouro (Participante 8).*

*Ô, não, minha família é de Manhumirim, Manhumirim, eu sou nascida e criada lá (Participante 9).*

*São de Vieiras. Eu vivi, eu nasci, na verdade em Miradouro, próximo também e vivi até os 9 anos de idade. Depois nós fomos para Belo Horizonte. Parte da família veio pra Muriaé e parte ficou em Belo Horizonte (Participante 11).*

Os pais entrevistados revelaram também, ao longo da entrevista, há quanto tempo residem em Muriaé:

*Eu vim pra Muriaé em 1996, mais precisamente no dia 14 de dezembro de 1996. Sou funcionário dos correios, morava em Miradouro e me transferi para Muriaé, tem 17 anos que estou em Muriaé (Participante 10).*

*É, mas já tem mais, tem 33 anos que eu moro aqui. Eu mudei pra Muriaé tem 33 anos (Participante 8)*

*Ah, morei até, tem oito anos que moro aqui (Participante 9).*

Quando os jovens participantes da pesquisa foram questionados sobre a sua percepção acerca da família hoje e das mudanças por que ela vem passando, a maior parte dos relatos teve uma conotação negativa. Os jovens definiram a família atual como desestruturada, com os membros que a compõem muito distantes entre si. Na visão dos entrevistados, os membros da família hoje não estabelecem vínculos, inclusive de afeto, e estão muito distantes, tentando, muitas vezes, compensar essa ausência presenteando os filhos com coisas materiais, como aparelhos eletrônicos. Seguem os relatos de dois jovens entrevistados a esse respeito:

*Bom, a família eu acho assim, no modo geral, não estou falando só da minha, todas desestruturadas, igual meus alunos que eu tinha, porque agora eu parei de dar aula, os pais são todos pais ricos, filhos de médicos, até de professores e os pais estão tentando compensar essa falta deles, com materiais eletrônicos, porque eles aparecem lá com Ipad, Iphone e não tem carinho, tá tudo fazendo tratamento psicológico, tá tudo tomando remédio, eu tinha duas alunas tomando ritalina, tem tudo do bom e do melhor, mas carinho mesmo está faltando [...]. Isso só tá afastando as pessoas dos pais, estão procurando tudo de errado na internet, porque na internet*

*a gente acha muita coisa errada, então acho que só tem ponto negativo (Participante 3).*

*Uma coisa muito presente na sociedade atual é por, por ter se tornado uma sociedade muito imediatista, entendeu? E que, que esse imediatismo nos causa? Esse imediatismo nos causa pessoas enclausuradas dentro dos seus próprios quartos, dentro dos seus próprios mundos, dentro de casa. Então o que acontece, esses pais e esses filhos eles mesmo morando debaixo do mesmo teto, eles não trocam as suas histórias, entendeu? Eles são pessoas estranhas debaixo do mesmo teto, entendeu? E por que isso devido às gerações imediatistas o filho vai lá e fica trancado no quarto o dia inteiro mexendo no computador, o pai fica na sala, não que o pai não queira, sabe? Mas é que o filho ele acaba criando aquela barreira que não, que impede que essas pessoas é, troquem suas histórias, entendeu? É bem esse contato mesmo familiar e tudo mais, e tanto que nós vemos muitas coisas hoje em dia infelizmente coisas tristes, pai mata filho, filho mata pai sem pestanejar, né? Porque são pessoas estranhas uns pros outros, né? (Participante 4).*

Os pais participantes, como seus filhos, apontaram para o fato de que essas mudanças estão sendo influenciadas pela mídia, pela falta de tempo das pessoas, principalmente dos pais, pela correria dos tempos modernos, pelos vícios e a inversão de valores, entre outras questões. Tudo isso, segundo eles, estaria gerando uma família deteriorada, desestruturada, conflituosa e desunida. As falas a seguir exemplificam as questões surgidas ao longo das entrevistas a esse respeito:

*Olha eu vejo da seguinte maneira, a família hoje em dia, a família está se deteriorando muito, né? Não sei se porque, por causa das informações que passam nos meios de comunicações televisivas, rádios, né? E as novelas, e eu acho que as novelas estão influenciando hoje em dia de certa maneira na vida, na família, porque veja bem, tem pessoas que deixam de fazer um programa com a família, por exemplo, pra assistir uma novela, não é verdade? Isso aí é uma das coisas que eu acho que não é bom pra família. Quantas vezes por causa dos seus compromissos, no seu trabalho, né? O pai sai de manhã mal vê os filhos quando sai de manhã, às vezes a noite quando chegam em casa os filhos estão pra faculdade [...] (Participante 10).*

*A gente percebe, às vezes a criança tem um potencial tão bom, mas as vezes a família não está presente para direcionar ou às vezes não valoriza aquilo, e a preocupação é outra tão grande, os valores estão tão invertidos que eu vejo esses aspectos negativos, tem a questão da correria, do ter, do ser, do se vestir, do comer e a educação vai ficando de certa forma de lado. [...] De uma certa forma vão deixando os jovens muito ociosos, né? Aí o quê que acontece a gente tá vendo esse mundo cheio de coisas erradas, envolvimento com drogas, álcool, esse descontrole todo, isso aí você tem que pegar desde o berço, né? (Participante 7).*

*Ah, eu acho que a família tá muito desunida, né? Na maioria, né? Eu acho que é assim, hoje mesmo uma menina que trabalha com a gente ali, ela foi fazer o pagamento dela e falou, “ah, Celma, a minha filha, graças a Deus saiu de casa, com quatorze anos, ela me bateu tanto, tava toda roxa”. Eu falei: Nossa!!! E ela falou, “eu tive que ir no Conselho Tutelar pra registrar uma queixa, né? Pra resguardar, porque de repente pode inverter a situação, né?” Aí ela falou: “ah, graças a Deus ela foi morar com uma tia, eu falo assim porque eu tive que ir lá no Conselho assinar pra ela morar, porque ela tava me ameaçando de morte”. Agora cê pensa bem hoje como que a família tá desestruturada, né? Uma menina de quatorze anos ameaçar a mãe. Então a gente vê isso assim todo dia, né? A família hoje em dia perdeu assim o respeito, o amor, na maioria (Participante 8).*

Os jovens apontaram, contudo, algumas mudanças que consideram positivas nas transformações sofridas pela família nos últimos anos. Mas, ao mesmo tempo que percebem essas mudanças como positivas, paradoxalmente, elas acabam também sendo consideradas por eles como negativas. Uma de nossas participantes, por exemplo, destacou como positivo o fato de haver maior diálogo na família hoje, embora tenha apontado, ao mesmo tempo, que essa liberdade dos filhos para conversar com seus pais sobre os mais diversos assuntos situou pais e filhos no mesmo patamar, algo que ela considera negativo. Outra jovem assinalou que a inserção da mulher no mercado de trabalho foi algo positivo, mas, por outro lado, sua entrada no mundo do trabalho fez com que ela tivesse menos tempo disponível para acompanhar a educação dos filhos. Seguem as suas falas a esse respeito:

*Mas eu acho que hoje em dia os filhos tem mais liberdade pra conversar com os pais sobre várias coisas, só que acabou acontecendo uma, uma liberdade exagerada, então eu posso mandar do mesmo jeito que o pai também manda, então esse respeito mútuo acabou um pouco. Antigamente o que o pai falava era acatado e ponto. Você já perde a liberdade de conversar sobre tudo. Eu lembro até de um fato curioso que a minha mãe, que minha avó contava que a primeira vez que ela menstruou, ela não sabia o que era, aí ela chegou perto da vó dela e a vó dela mandou ela jogar álcool. Aí cê vê. Hoje em dia não, hoje em dia a mãe conversa com a filha antes mesmo que isso aconteça, né? E antigamente não era assim (Participante 2).*

*Agora, que eu acho assim que mudou pra melhor da organização da família foi, tem dois pontos, dois aspectos. É o acesso da mulher, né? Ao mercado de trabalho e a valorização da família, contribuindo como dona de casa e trabalhando fora também, né? É, trabalhando fora, no mercado. E outra coisa é que eu acho isso, eu acho*

*positivo, a saída da mulher pro mercado de trabalho. Agora o aspecto que eu acho negativo assim é o pouco cuidado, de falta de tempo da mulher no cuidado dos filhos, às vezes a gente tem que deixar com a ajudante ou deixar com a avó, da própria mãe mesmo e daquele acompanhamento desde o dever de casa, desde um compromisso, uma, uma reunião na escolinha do filho, né? Às vezes a mulher não pode tá, tá no horário de serviço, eu assim acho esse aspecto negativo, mas pensando no acompanhamento (Participante 1).*

Um aspecto positivo destacado pelos participantes foi a presença dos pais na vida dos filhos, seu zelo por eles e a manutenção do contato entre pais e filhos. Alguns relataram suas próprias experiências a esse respeito e outros, na realidade, apontaram essas questões como algo que precisa fazer parte do núcleo familiar e que as famílias não devem deixar que esse contato seja substituído pelo uso exagerado de tecnologias por parte dos filhos, como podemos observar nas falas a seguir:

*O aspecto positivo, que realmente ainda existem as famílias que pregam esse contato, né? Eles ficam ali monitorando para que os filhos não, não percam sua vida o tempo inteiro na frente de um computador, entendeu? Ainda tem essas famílias que, que realmente mantém o zelo pra que se conheça seus filhos não, não se tornem escravos dessa tecnologia desse imediatismo, entendeu? E, essa é a parte importante, entendeu? (Participante 4).*

*Lá em casa, porque minha mãe é dona de casa, fica o dia inteiro comigo, então pra mim não tem problema, eu acho que o lado, eu não tô achando lado positivo nisso, porque assim eu fui criada perto do meu pai e da minha mãe, brincando na rua, era o bastante pra mim, nunca precisei de tecnologia nenhuma, coisa chique nenhuma (Participante 3).*

*Bom, eu acho importantíssimo a presença dos pais em casa (Participante 5).*

Os jovens participantes da pesquisa relacionaram a família a aspectos positivos, como o lugar do amor, do afeto, dos conselhos, do apoio, da orientação. Para eles, muito mais do que vínculos de sangue, deve haver uma busca de objetivos comuns, afirmando que a família deve ser a base, o alicerce da vida do sujeito, como se pode observar nos relatos abaixo:



*Eu acho que é quando um grupo de pessoas que divide as coisas e trabalham juntos prum mesmo ideal mesmo que não seja o seu, seja de outra pessoa que mora com você, é você lutar por aquilo que é o bem da pessoa da sua família (Participante 6).*

*Eu acho que família é amor, apoio, mesmo que você faça alguma coisa errada, família tá lá pra te mostrar o que é certo o que é errado, não te proibir de fazer as coisas, mas tá lá pra te mostrar, te dar apoio, saber que mesmo você errado vai tá lá pra te apoiar (Participante 3).*

*Família? Família é o alicerce. Eu acho família o alicerce da vida, família é (pausa) a base de tudo. É o seu apoio é aonde você vai procurar tirar suas dúvidas, tomar suas opiniões. É aonde você vai ter conflitos, mas também vai ter momentos de carinho. Família é, é apoio da gente, é a base de cada um (Participante 1).*

*Ah, família, além do pacto sanguíneo, né? Eu acho que, eu acho que tem a afetividade. São, é uma interação dentro de casa; é poder tá presente, compartilhando vários tipos de momento, né? É questão de, até crescimento, de ajudar, de exemplo, poder... ah! É isso. (Participante 5).*

*Olha sangue pra mim não vale nada, sabe? Eu acho que a questão da criação mesmo, é aquele filho ali que quando, eu tenho, precisa, né? Desde seu cerne ali quando ele precise do pai tá ali pra ele, e que sempre dá apoio, sabe? Que sempre dá conselho, entendeu? Porque, isso realmente que é importante. Igual eles falam assim a você, igual amigo é o irmão que Deus nos deu, né? De consideração e tal, porque é realmente isso, acho que o sangue não é tão forte assim, o importante é o carinho, e a consideração, é o apoio, como aquela pessoa te considera e te cria, entendeu? Isso pra mim é o mais importante na família (Participante 4).*

Ao falar sobre família, os pais, como seus filhos, a definiram como o lugar dos vínculos afetivos, embora acreditem que esses aspectos estão em falta na família atual, como também foi apontado pelos filhos. A família foi definida também pelos pais como o alicerce, o porto seguro, um lugar onde se compartilha as coisas boas e ruins, em que os membros ajudam uns aos outros. Ela representa o lugar da união, do diálogo e alguns a definiram como tudo na vida de uma pessoa. Seguem alguns relatos dos participantes a esse respeito:

*A família é presença, carinho, respeito, calor humano [...] família é isso, não é só você passar pra eles a forma, é aprender com eles também e o dia a dia vai ensinando a gente, mas sempre procurando fechar na ideia que a família pensa, né? (Participante 10).*

*Ah! Família pra mim é pai e mãe falando a mesma língua e os filhos respeitando essa linguagem, admirando, família pra mim é esse almoço de domingo, todo mundo junto, conversando, se gostando e se sacrificando um pelos outros. Eu sempre falo*

*isso: “Ah! eu não posso!”, pode sim! É sua irmã, então você vai agora, “não quero”, vai sim! É seu irmão, se é família, se fosse outro você não ia não, mas como é seu irmão, sua irmã, você vai! [...] então eu acho que família é isso, é respeito, doação, sacrifício, e essa união, convivência de harmonia (Participante 7).*

*Ah, família é, ah eu acho que família é tudo assim, que é o nosso alicerce, não é? É nossa fortaleza, porque qualquer problema que a gente tem, a gente chega em casa, conversa. Aquilo alivia, né? O diálogo, cê conversa, cê põe pra fora aquilo que tá te aborrecendo, aí cê sente o apoio. [...] Família é um suporte pra gente (Participante 8).*

*Ah! Família é tudo porque é através da família que a gente briga, a gente conversa, que a gente fala de coisas, problemas da gente. E se a gente não for falar com a família com quem que a gente pode falar, né? Então não tem como. Então a família é tudo (Participante 12).*

Dos seis jovens entrevistados, quatro deles vivem numa família nuclear, com o pai e a mãe e alguns possuem irmãos. Um dos pais entrevistados reside na mesma casa com a mulher e os filhos, embora não seja mais casado com ela, e apenas uma das filhas entrevistadas vivem numa família reconstituída, já que o atual casamento do pai é seu segundo casamento, como podemos observar nas falas abaixo:

*Eu, minha mãe e meu pai (Participante 6).*

*Na minha casa? Meu pai, minha mãe, a minha irmã, de dezesseis anos, meu irmão de vinte e eu de vinte e um. [...] Mas meu pai casou primeiro, teve duas filhas (Participante 1).*

Os jovens percebem a relação entre os membros da família, principalmente a relação com seus pais, como boa, embora em certos momentos existem ou já tenham existido conflitos, como podemos verificar nos discursos abaixo:

*Ah! Eu faço de tudo pra não desagradar eles, tudo eu ponho eles em primeiro lugar, se eu não fizer isso o quê que eles vão pensar? Até um tempo pra trás eu andei desafiando eles, não me deixava sair e eu queria sair, mas acabou que ficou ficando por isso mesmo. Eu sempre faço de tudo [...] Hoje em dia, estamos muito mais próximos. Hoje a relação é boa (Participante 3).*

*Olha eu costumo até brincar com eles dentro de casa, falo que é difícil ver um relacionamento como o lá de casa, sabe? Temos os conflitos naturalmente, né? Nós somos seres humanos, né? Nós vivemos a base de diálogos e conflitos, mas nós temos uma relação assim de respeito mútuo, sabe? Eu admiro muito o meu pai, respeito muito meu pai, valorizo tudo que ele faz pra nós, sabe? Penso grandiosamente em contribuir tudo o que ele faz desde quando era pequenininho, pretendo fazer de tudo, mas porque esse respeito que eu tenho por ele, ele também respeita, ele ouve, entendeu? Ele se preocupa com o que nós pensamos, entendeu? (Participante 4).*

Os pais também percebem a relação entre os membros da família como boa, embora três deles tenham relatado que praticamente não conversam com seus filhos, seja pelos desencontros devido às diferenças de horários, seja pelo fato dos filhos serem muito calados, como se pode observar nas falas abaixo:

*O meu relacionamento com os meus filhos é bom, a gente não conversa muito, mas conversa o necessário (Participante 10).*

*É muito difícil. Muito difícil assim, porque, ele quase não conversa com a gente, porque ele fica no computador dele o dia inteiro. Ai eu fico trabalhando. Ele tá pra aula, eu tô trabalhando. Ele chega, eu tô trabalhando. [...] Então a gente não tem um, como diz, um diálogo. Mas ele é legal. Uma pessoa legal pra caramba (Participante 12).*

*Olha a Beatriz (pausa), é muito calada, não é de expor os sentimentos dela não (Participante 7).*

Os outros três pais caracterizaram a relação com os filhos como muito boa, havendo diálogo e respeito. Eles acrescentaram que, mesmo com os desencontros de horário, criam oportunidades para conversar e baseiam suas relações na compreensão, no interesse pelos filhos e por sua vida, como se pode observar nas falas a seguir:

*Ah, até que eu com a Laura eu acho que é, é a filha que eu sempre sonhei, sabe? Desde criança, eu lembro que era pequenininha, eu falava assim “Laura, quando você crescer, você vai ser sempre muito amiga da mamãe, né?”. Ela era pequenininha e eu falava isso, sabe? Então a gente tem que profetizar pra acontecer, não é verdade? E hoje, graças a Deus, eu durmo tarde e espero ela chegar da faculdade pra gente conversar um pouquinho, porque assim, ela e o meu*

*esposo chegam uma hora pra almoçar e meu horário de almoço é das onze ao meio dia e meia. Então, eu almoço sozinha todos os dias, entendeu? Maior desencontro, ela e ele almoçam uma hora e eu, já estou trabalhando. Então, se eu quiser ver e conversar com ela tem que ser depois que ela chega da faculdade. E eu sinto necessidade, eu pergunto, como é que foi a aula hoje? Gosto de saber se ela teve prova, como é que você foi na prova?. Se ela passou alguma raiva na faculdade ou alguém fez, ela chega e me fala, ou alguma coisa boa, né? (Participante 8).*

*Olha, a relação é muito boa, muita saudável, respeito [...]. Então procuro acompanhá-los, entendeu? A mãe deles também é uma super mãe, tá em cima, a gente procura viver nossa vida, mas também dá o respeito que eles precisam, né? Porque a gente é espelho, então a nossa relação é muito boa, mas adolescente, às vezes altera a voz, fica chateado, “ah! Você tá tendo preferência pelo outro filho”, é uma forma deles também é chamar atenção, ou trazer alguma coisa pra eles, levar vantagem de certa forma, e a gente vai entendendo (Participante 11).*

Os pais entrevistados também enfatizaram como era ou é a relação com seus pais e a definiram como relações boas ou, até mesmo, excelentes:

*Nossa, melhor impossível. Meus pais toda vida. Toda a vida, desde criança. Tudo, todo, toda a vida, nossa (Participante 8).*

*Olha minha relação foi excelente. Nós somos 7 irmãos. Nós somos 7 irmãos e eu sou o mais velho, estou no lugar do mais velho porque o mais velho faleceu, quando era criança, eu não sou o primogênito (risos), mas a minha relação com meu pai e minha mãe foi muito boa, tanto que até hoje tenho muita saudades deles, minha mãe faleceu tem 30 anos, meu pai também, eu sinto muita falta deles até hoje, meu relacionamento com eles era muito bom, muito bom (Participante 10).*

*Eu vejo meu pai e a minha mãe como duas pessoas muito boas. Eu só via minha mãe brigar com meu pai uma vez só. Briga boba, não é briga não. Era uma discussãozinha lá, meu pai saiu de perto assim, sabe? E nunca mais eu vi briga, nenhuma discussão. Foi uma família muito boa (Participante 12).*

Apenas uma das mães destacou que a relação com sua mãe era conflituosa e que hoje tem uma percepção diferente sobre isso porque sente que sua mãe tinha algum tipo de problema, embora ela não percebesse isso na época:

*O meu pai apesar de ser filha adotiva, eu, eu, realmente era a preferida dele, como se eu realmente fosse a única filha, entendeu? Então a relação era muito boa, meu pai bebia muito, fumava, essas coisas, mas o pai tudo que podia fazer pra me ajudar ele fazia, fazia tudo, igual eu ia num lugar comprar, aí a pessoa falava assim: “você pode, você tem crédito aqui, eu vim pra cá nova ainda, né? Você tem crédito aqui porque seu pai teve aqui e falou muito bem de você, e é tão difícil pai falar bem de filho e quando fala você pode abrir crédito”, então eu compro lá tem 25 anos, desde*

*quando eu vim pra cá, mas com a minha mãe era mais complicado. Hoje eu falo com a Beatriz, eu acho que ela tinha problema, mas a gente não via problema na mãe da gente, né? Então o certo era a gente ter procurado um médico, compreendido, levado, mas eu não compreendia nada. Às vezes eu apanhava e não sabia o porque, toda problemática e não tinha essa relação com a gente igual eu tenho com meu marido, era tudo tumultuado, né? (Participante 7).*

Quando os jovens foram questionados sobre o que mudariam na relação familiar, apontaram que aumentariam o diálogo, pois gostariam que a família conversasse mais, tivesse mais abertura, já que a falta de diálogo, muitas vezes, é o que ocasiona conflitos na família. Eles se referiram também à mudança de humor de um dos membros da família quando algo dá errado e alguns apontaram que gostariam que seus pais fossem um pouco mais permissivos, mais razoáveis, como se pode observar nos depoimentos abaixo:

*É, acho que, de reclamação assim, eu gostaria de mudar mesmo é por causa do diálogo assim. Acho que a gente tem, a gente constitui um diálogo é, a gente tem abertura, mas não tem, é, tem afinidade, tá faltando. Eu acho que o que falta lá em casa é diálogo, conversa. Às vezes desentendimentos, conflitos é gerado por questão de não, de não ter conversado ou então de, às vezes falar demais, às vezes impor demais. Eu acho que o que eu mudaria é essa, é essa conversa, entendeu? (Participante 5).*

*Ai meu Deus. É, minha relação com meu irmão. Às vezes ele é muito sem, sem paciência; não sei se isso é coisa de homem mesmo. A gente quer falar com ele, ele fala comigo às vezes com uma ignorância. Do mesmo jeito tem vezes que ele fala morrendo de rir. Eu tava comentando com minha mãe: é, nossa, é as coisas que acontece com o Ricardo, em casa, no serviço dele, refletem muito lá em casa. Ele chega bem, animado, te cumprimentando, morrendo de rir. É porque alguma coisa no serviço dele aconteceu de positivo. Agora, é, se ele chegar zangado com você, falando, não querendo ouvir, alguma coisa deixou ele chateado (Participante 1).*

*Bom, (risos) eu acho que eles deveriam me deixar sair mais, mas se eles não querem pra mim tá razoável (Participante 3).*

*Se eu pudesse eu mudaria a liberdade que eu tenho com a minha mãe. De chegar e ser tipo assim. Eu conto tudo pra ela, só que muitas coisas eu prefiro não contar, sabe? Porque eu sei que ela vai ficar chateada, ela vai tomar minhas dores, sabe? Ou às vezes é alguma coisa que, é algum assunto assim, de coisa de mulher mesmo, que eu assim: “Ah! Não vou pedir, por exemplo, para ir ao Ginecologista, ela nunca me levou. Eu acho isso um absurdo, se ela souber que eu já fui ela vai achar que eu tô, sabe? Que eu já tô perdida, entendeu? Então eu é uma coisa que eu fico assim, isso é coisa de mulher, não é coisa errada. É de saúde. E é uma coisa que eu queria mudar, sabe? Eu queria mudar na minha relação com ela. Eu acho que é a*

*única coisa. Do jeito que ela me educa eu não acho errado. Eu acho a gente não pode ter tudo o tempo todo e ela tá certa. É, porque eu não mudaria a educação que ela me deu não. Eu só mudaria essa minha relação com ela. Em relação a isso (Participante 2).*

Todos os pais, inicialmente, disseram que não mudariam muitos aspectos na relação com seus filhos. Um deles afirmou que gostaria de participar mais da vida deles e outros dois apontaram que corrigiram um pouco seu comportamento como pai a partir do segundo filho, já que com o primeiro julgavam que erraram mais, como podemos observar nos relatos abaixo:

*Acho meus filhos pessoas muito íntegras, de caráter, né? E (pausa) ah, que eu poderia mudar? Participar mais ativamente da vida deles, quando eu vejo que eles estão assim, é, é precisando de ajuda, eu procuro conversar, entender a situação, né? E se de alguma forma eu puder ajudar eu dou minha opinião (Participante 10).*

*Eu acho que com o primeiro filho a gente erra mais. Talvez eu teria mais paciência com a filha mais velha, porque por exemplo o Ricardo não responde hora nenhuma, então ele não me irrita. E a Beatriz fala: “Mãe, você tem que brigar com o Ricardo, quer dizer quando ele chega mais tarde, alguma coisa”, como você vai brigar com uma pessoa que nunca te responde? E que ainda é cara de pau, fala assim, filho, aproveita seu tempo e estuda, aí ele fala, “mãe você tem razão, eu vou aproveitar mesmo” (risos), então como você vai brigar com ela, ela faz coisa errada, sempre tem que tá discutindo, não para de blábláblá, então ela me irrita, eu já fico mais irritada, então se fosse mudar eu ficaria menos irritada (Participante 7).*

*Eu, eu (pausa), em mudar, o Armando, por exemplo, o mais velho. O primeiro, a gente é marinheiro de primeira viagem, então a gente não tem noção nenhuma, nenhuma, nenhuma, então eu não fui no início um pai tão presente, em função de que eu era bem mais novo que sou hoje, eu por exemplo estou 45 anos hoje, na época 22, 23 anos, então assim, eu tinha, casei, tinha 2 anos de casado mais ou menos, então era tudo muito novo, né? Então hoje, tudo que eu não, não, não consegui passar pro Armando naquela época, também de uns tempos pra cá, venho tentando recuperar isso, sabe? E isso talvez nem assim, talvez influencie um pouco, mais por mim (Participante 11).*

Todos os jovens entrevistados disseram que nas situações mais difíceis contam com o apoio dos pais. A mãe foi mencionada por três dos jovens como alguém que lhes dá apoio, apenas um deles mencionou que conta com o pai, outro com um tio, e uma das jovens inicialmente citou a melhor amiga e depois o namorado, embora tenha dito que, em algumas situações, recorra à mãe para lhe

dar suporte nas situações difíceis. Foram vários os motivos apontados por eles para justificar essa escolha – o fato do pai ser mais maduro, da mãe lhe dar mais apoio, de ter mais liberdade para falar com ela, ou porque ela é mais compreensiva, entre outros – como podemos observar nas falas abaixo:

*Meu pai. [...] É por eu enxergá-lo realmente como uma pessoa mais madura, sabe? [...] Porque vamos supor, é o fim de relacionamento, né? O filho tem uma namorada todo mundo dentro de casa sabe o que tá acontecendo, aí, vamos supor se eu começo a falar mal da pessoa, aí a mãe apóia, se eu começo a falar mal da pessoa, o pai fala, “mas por que tá falando isso?” Entendeu? Eu sou contra, ela vai, a mãe vai pelo que você falou, o pai já não, o pai fala “mas por que você tá falando isso? Se tá errado, por que tá falando isso?”. Entendeu? É isso, censura, o pai vai fazendo censura, demonstrando que eu tenho mais de um caminho, ela não, ela sempre vai pelas opiniões, entendeu? Por isso que eu sempre vi nele uma estrutura de uma pessoa, de um conselheiro, entendeu? Por que eu sabia que realmente poderia me ajudar, sempre, sempre pode estar lá ajudando em alguma coisa, entendeu? (Participante 4).*

*A minha mãe! Porque é que eu sei quem chama atenção. É quem mais tá do meu lado. Quem mais me apóia. (Participante 2).*

*Minha mãe. A quem eu tenho mais afinidade, assim passo mais tempo. É que eu tenho mais abertura, é, eu, até pelo que a gente passou, entendeu? [...] O meu pai, com o passar do tempo, eu tenho é adquirido essa abertura com ele, eu consigo conversar mais abertamente, por quê? Porque muita coisa, porque ele sabe passar o ponto de vista dele, o ponto de vista que ele vê, que ele vê na sociedade, entendeu? E eu acho que às vezes acrescenta mais. Mas, abertura é com minha mãe assim. É, conselho, eu posso falar que é com os dois, mais é mais liberdade com ela, entendeu? Agora, é, hoje em dia eu tenho mais conversa, eu tenho mais conversa com o meu pai, também mais abertura com ele; eu acho que ele tem uma visão ampla. Eu acho que é, por ele ser homem também, por ele ter conquistado aquilo tudo, por ele ter outras visões também, consegue passar uma coisa diferente, que dê firmeza pra gente, entendeu? (Participante 5).*

*Mãe (risos). A minha mãe é mais compreensiva (Participante 1).*

*Eu costumava contar com a Larissa, que era minha melhor amiga, minha irmã, mas agora ela mudou, agora eu tô, eu conto muito pro Bernardo meu namorado, e às vezes pra minha mãe, às vezes eu não conto pra minha mãe, porque ela tem umas ideias meio sem noção (Participante 3).*

*Meu tio. É. Ele é assim, aquele tio que eu tenho contato nos finais de semana, porque ele é de Juiz de Fora (Participante 6).*

Os pais variaram muito em suas respostas com relação à pessoa a quem pedem apoio nos momentos difíceis, apesar de poderem contar, especialmente, com

a família, seja a família nuclear, seja a família de origem:

*Esse meu tio, irmão do meu pai. Mora em Belo Horizonte, inclusive ele está até bem debilitado, já está com 84 anos, e quando é, nos momentos mais difíceis da minha vida, quando eu precisei, eu recorri a ele. Eu tenho ele como exemplo de vida, uma pessoa, eu cheguei a dizer pra ele na, numa das visitas que eu fiz, não foi nessa não, foi na penúltima, que se eu pudesse, se eu não fosse filho do Rogério, que é meu pai, e se eu pudesse escolher um pai, eu escolheria ele pra ser o pai. Eu acho ele uma pessoa, um exemplo de vida, criou a família com muita dificuldade, hoje os filhos estão todos encaminhados, estão muito bem, tem filhos dentistas, a maioria dos filhos dentistas. Essa é a pessoa que eu procurava e a minha irmã que mora em Miradouro abaixo da mais velha, eu tenho muita confiança com ela (Participante 10).*

*À minha família, meu marido e minha filha (Participante 8).*

*Meu marido (Participante 7).*

*Eu sempre, sempre, sempre contei com a minha irmã, a minha irmã (Participante 9).*

*É mais da família mesmo, é irmãos (Participante 11).*

Apenas um dos pais disse que atualmente não conta com ninguém:

*Eu não tenho ninguém! (Participante 12).*

Com relação à dependência financeira, todos os jovens afirmaram depender da família. Três deles disseram depender integralmente dela, enquanto os outros três participantes relataram que dependem parcialmente da família, mas que os gastos principais ficam a cargo dos pais, sendo que o dinheiro deles é usado para comprar roupas, sair, ir a uma festa, entre outras coisas, como se pode ver nas falas a seguir

*Não, integralmente não. Me ajudam, me ajudam muito, entendeu? Mas assim, sempre que eu posso tô ajudando, entendeu? Mas assim realmente que comanda financeiramente é meu pai, entendeu? Por exemplo, é do que ele dispense assim em dinheiro, faculdade é responsabilidade dele? A minha faculdade e do meu irmão ele se candidatou a fazer a inscrição, detalhe é ele sempre via eu e meu irmão estudando, nós tivemos oportunidade de ir pra faculdades federais, nós chegamos*



*na faculdade federal, mas não valeria à pena porque gastaria muito mais lá fora, entendeu? Ele candidatou, um dia ele sentou comigo e meu irmão e falou: “vamos conversar, é isso, isso que vocês querem?” Eu só quero a certificação de vocês”. Ele paga a faculdade de nós dois, sem ter fraquejado e nunca cobrou nada da gente, entendeu? Com maior boa vontade do mundo. E ele, ele paga a faculdade, e ele também toma conta das economias lá em casa também, entendeu? Por conta dele (Participante 4).*

*Todas. Pagar o curso. Tudo. A única, assim, eu faço estágio remunerado então dá pra sair no final de semana, um lanchinho, uma coisa supérflua que eu quero fazer, uma unha, um cabelo, eu que pago. Mas o resto, roupa, alimentação, são eles (Participante 2).*

*É a minha dependência com meu pai é a moradia, a alimentação e minha faculdade. [...] E eu financeiramente, eu trabalho, eu faço estágio, né? Então é uma renda e fora disso eu tenho, eu faço festas. Sou, sou promotor, entendeu? Então, é acaba sendo um extra. Mas isso é muito bom; que às vezes eu tiro muito mais do que minha renda fixa, entendeu? Então é, financeiramente o que eu dependo do meu pai é essa questão de, de mobilidade, de carro também [...]. O carro é dele. E a faculdade, o que ele assume é a alimentação e moradia. Agora, é as minhas roupas, os meus tênis, o que eu, por fora eu que banco (Participante 5).*

*Tudo. Ainda mais agora. Último ano que eu não, não tô trabalhando porque não tem como, fazendo estágio o dia todo, estudando à noite. Então, meu pai, minha mãe, meu namorado (risos) todo mundo. Todos ajudam. Meu pai com a faculdade, minha, minha mãe é com algumas coisas da formatura e passagem de ônibus mesmo ou alguma coisa, ah tem que tirar um xerox. Meu namorado é meu convite de formatura, é, meu transporte ele me traz, me leva. Então é tudo assim. Meu irmão também tem moto, aí eu ando de moto, de carro, sempre dependendo de alguém ou alguma coisa assim (Participante 1).*

*Hoje sim. Pagar a faculdade sempre foi, só que pra comprar roupa, as coisas que eu queria eu trabalhava, aí eu larguei, fui conversar com meu pai ele achou melhor eu largar, porque eu estava dedicando mais a música do que a farmácia, não estava fazendo semana acadêmica, não estava escrevendo artigo, projeto, não estava fazendo nada, só estava envolvida no trabalho, aí ele conversando comigo, falei já que eu não estou precisando trabalhar mesmo eu vou largar, porque graças a Deus, nunca faltou nada lá em casa, tudo que eu peço se meu pai achar que pode me dá ele me dá, não preciso esperar nenhum dia, então saí do trabalho, tô sentindo falta (Participante 3).*

*Ah olhando pra esse lado eu dependo. Mas eu tenho a economia que eu tenho juntado. Aí vamos supor eu quero comprar relógio, aí eu vou pego da minha economia e compro, não preciso pedir pra minha mãe. Eu quero pagar um curso agora eu tenho meu dinheiro pra pagar. [...] Minha mãe é assim ela chega pra mim e me dá mesada. Meu pai não, quando eu preciso eu peço a ele, “pai, me dá tanto”, aí ele vai e me dá (Participante 6).*

Muitas questões vieram à tona quando perguntados a respeito das regras familiares. Pôde-se perceber no discurso dos jovens que a maior parte deles não colabora muito para a organização da casa. Um deles relatou ficar responsável

pelos cuidados do seu quarto, mas, na realidade, o que se pode observar é que ele se refere ao fato de tentar resguardá-lo para que ninguém desorganize a sua bagunça. Outra entrevistada revelou não contribuir para a realização das tarefas domésticas, enquanto um deles destacou que o fato de possuírem uma empregada permite que ele não contribua com as tarefas de casa e os outros três jovens destacaram que contribuem com os afazeres domésticos. Pode-se perceber, contudo, que, dos que relataram contribuir, as mulheres parecem ser as mais responsáveis por essas tarefas. Seguem os relatos dos entrevistados a esse respeito:

*De organização eu tenho obrigação de limpar meu quarto. Que eu sou um pouco cismado com esse negócio que eu tenho, é um pouco, pouco não é muito bagunçado. Mas assim, se eu procurar só por folhas eu sei pegar tal monte de papel a posição que ela tá, em qual lugar do quarto (Participante 6).*

*Foi acontecendo. Foi, quando eu era pequenininha eu tinha babá, aí cresci um pouquinho fui ficar com minha avó, eu, meu pai e minha mãe, porque meu avô ficou doente. Acabou não dando conta e casa era gigantesca, aí minha mãe falou não adianta, mas arrumar alguém, vamos morar junto, moramos junto 4 anos, aí tinha minha mãe e minha avó pra fazer as coisas, depois eu mudei pra cá com 12 anos, minha mãe continuou fazendo as coisa e agora eu acomodei (Participante 3).*

*Hum, foi conversado lá em casa. Mas assim, tudo que em relação à minha casa, minha mãe, nossa, me ajuda, na organização, na limpeza também. Mas assim, tudo, a responsabilidade mesmo é minha (Participante 1).*

*Não. A gente tem uma empregada que cozinha pra gente, aí ela fica é num período assim de até duas horas, mas ela cozinha e limpa a casa até as duas horas. Mas a mãe tem uma fixa assim, pra passar e contrata uma faxineira de quinze em quinze dias pra cuidar da casa A gente é organizado lá em casa, às vezes. É, minha mãe, por tá trabalhando junto com meu pai, ela desce na parte da manhã, à tarde ela fica mais por conta de casa (Participante 5).*

*Lá em casa desde criança eu sempre fiz. Assim, desde que eu tinha dez anos eu sempre ajudava nas faxineiras lá de casa. Minha mãe sempre falou “Não, vai limpar uma poeira, não? Isso não vai quebrar sua mão!” Ela nunca deixou eu fazer um serviço pesado, claro que não, uma criança. Mas desde criança eu sempre ajudei. Aí depois que ela dispensou a faxineira eu arrumo a casa e ela faz o almoço. Quando eu tava de férias eu tava de manhã era eu que fazia o almoço. Agora eu já não faço o almoço. A casa assim, eu arrumo a casa e ela lava o banheiro (Participante 2).*

*Eu, eu lavo louça, eu lavo prato, o que eu posso fazer eu faço, entendeu? Meu irmão ele é mais sossegado como eu te disse, mas também ajuda bastante também, né?*

*Nada que o diálogo não ajude bastante também. Ele faz menos, mas ele também faz, né? [...] Uns faz mais que os outros, mas é (éé) ninguém deixa de fazer entendeu? Essa é a verdade (Participante 4).*

Três dos seis entrevistados citaram a mãe como a principal responsável pelos afazeres domésticos e, para duas entrevistadas, a mãe aparece como aquela com quem divide as tarefas, uma responsabilidade compartilhada, como se pode constatar nas falas a seguir:

*É sempre eu e a minha mãe (Participante 2).*

*A minha mãe ela é um pouquinho desorganizada, mas também é ela que comanda essas tarefas de casa, ela é a dona de casa então não falo nada (Participante 4).*

Um dos jovens apontou o pai como sendo o responsável pelas tarefas de casa e, em seu discurso, evidencia claramente que isso o incomoda bastante, relatando que existem até mesmo conflitos familiares devido a essa divisão de tarefas. Ele acrescenta, ainda, que o fato de não contribuir muito nas tarefas é para ver se alguma mudança acontece e sua mãe venha a assumir a organização da casa:

*A minha mãe é um pouco folgada e meu pai vai dando corda pra ela, aí como eu sou contra aquilo aí eu bato de frente com ela. [...] Agora eu penso, por exemplo, de arrumar cozinha, eu não arrumo nada de cozinha um copo que eu sujar eu deixo em cima da pia, mas aí quem tem que arrumar é meu pai, minha mãe não limpa, aí com meu pai arrumando, arrumando, arrumando no dia que ele cansar ele vai brigar, aí ele vai falar com minha mãe. Aí minha mãe pode começar a tomar uma iniciativa em cima disso (Participante 6).*

Apesar deste ter sido o único jovem a relatar que é seu pai que assume as tarefas domésticas, pode-se observar nos discursos dos jovens tanto um incômodo ou conformação, principalmente por parte das entrevistadas mulheres, com essa atribuição dos cuidados com a casa à mulher, reflexo de uma naturalização desse

lugar feminino de responsável pelos cuidados da casa, algo que ainda se acredita que deve permanecer nas mãos das mulheres, como podemos perceber nas falas abaixo:

*Lá em casa até que meu pai faz comida, pendura roupa. Mas eu acho que é mais a mulher, cozinhar, lavar louça, lavar roupa, essas coisas é mais a mulher. [...] Ah eu acho, eu acho que tem que ser. Já acostumei a ver isso, então o homem sustenta a casa, a mulher cuida casa, é lógico que quero trabalhar, ter meu dinheiro, mas também não custa nada eu fazer as coisas dentro de casa, eu não posso deixar tudo nas costas do meu marido ou da empregada. Eu quero ter minha casa do meu jeito, entendeu? E pra ser do meu jeito eu tenho que saber cozinhar, limpar casa (Participante 3).*

*É, pelo fato do, de, o meu irmão, ele como, como diz, ele chegou do serviço, morreu o trabalho dele ali. Eu e minha mãe, a gente pode chegar do serviço, do estágio, a mãe chegar, a gente faz as coisas dentro de casa. Os homens não (risos) (Participante 1).*

*É essa parte de mulher e homem. Não seria o machismo da minha parte, mas são, parece que, relacionadas a elas mesmo, assim essa questão de trabalho de casa, por já vir de antigamente e eu acho, com certeza que se eu tivesse uma irmã ela ajudaria a minha mãe assim, nessas questões de casa até por ser mulher (Participante 5).*

*E o meu pai de vez em quando, quando ele tá de boa vontade ele faz alguma coisa. Mas é muito raro (Participante 2).*

A atribuição maior à mulher dos cuidados com a casa também pode ser observada no discurso do grupo de pais. Dois homens afirmaram que é a mulher que assume a responsabilidade pelo lar e que eles auxiliam de acordo com suas disponibilidades. Três mulheres afirmaram dividir essa responsabilidade com alguém, ou suas filhas ou seu marido, mas relataram que, principalmente, os maridos e os filhos homens ajudam quando podem e elas contam mais com a ajuda de suas filhas. Apenas um dos entrevistados disse que é responsável por toda a organização da casa:

*A questão do lar é com ela. Ajudo dentro das minhas possibilidades, né? Eu também sou uma pessoa muito organizada, não gosto de coisa fora, além de ter três filhos,*

*nós temos três cachorros. Aí você imagina, então tem que ajudar na organização, se não vira uma zona (Participante 11).*

*Na verdade não tem essa organização não, é? Na verdade cai em cima de mim e da Beatriz. [...] Ah! O meu marido, ultimamente ele tem ficado mais diferente, porque também não é de ajudar também não, muito pouco, eles acham assim, eles encheram um litro d'água, eles acham que fizeram muita coisa (risada). Então na cabeça deles, eles acham que estão ajudando muito. Por exemplo, no dia das mulheres, no dia da mulher, ele arrumou a cozinha todinha e escreveu um bilhete, com se tivesse sido um fato heróico (risada), entendeu? Que ele tinha arrumado cozinha, não sei o que, não sei o que, na verdade eu fiquei até com raiva, falei isso é um fato heróico? A gente arruma todo dia. Mas pra ele aquilo assim foi o melhor presente que eu podia ganhar (Participante 7).*

*Não, só eu e a Laura mesmo. Normalmente é assim, almoço é comigo. Eu já deixo tudo, levanto dez pra seis organizo tudo, tudo adiantado, meu arroz lavado, minha verdura picadinha, já tempero carne, tudo já faço e deixo adiantado. Trabalho pertinho e fica fácil, na hora do almoço eu faço [...] aí quando chega a Laura da rua, ela arruma, ela que arruma a casa, atividade dela, é minha arrumadora de casa, dar o que der ela é quem arruma (risos). [...] Aí, segunda de noite eu fui no açougue, é, ele disse “não tem alho, tá sem o alho”, ele que socou o alho pra mim, aí me ajudou a catar o feijão. Ele fica só jogando no computador, ele chega e fica sentado no computador. Aí ele me ajuda, às vezes arruma a cozinha, ele ajuda a gente, graças a Deus (risos). A gente divide. Igual lá em casa assim, a Laura normalmente arruma a casa, eu chego e lavo os banheiros e ele lava a área, outra hora ele lava o banheiro também (Participante 8).*

*Olha, é um pouquinho relaxado nesse sentido, eu, por exemplo, se eu chegar na cozinha pra tomar uma água ou fazer minhas refeições, se tiver tudo arrumadinho lá, eu vou almoçar, vou jantar, na hora que eu acabo de almoçar, jantar, eu lavo meu prato, coloco no escorredor, normalmente se eu chego pra tomar uma água, tá tudo sujo na pia, esse é um sistema, não sei se tem mais pessoas que tem esse sistema, eu pego a minha caneca e coloco lá na pia de novo, mas se tiver tudo limpinho, eu lavo e ponho no lugar de novo. Eu cobro muito isso dos meninos, eles também são relaxados, costumam querer deixar tudo pra mãe deles, o Rafael de vez em quando ajuda ela lavar louças. Porque ele também não gosta de ver as coisas bagunçadas, ontem mesmo eu dei uma limpeza na pia lavei as coisas que estavam sujas, limpei, mas ela reclama (risada). Reclama, reclama sim, ontem mesmo ela, ela tava brava lá em casa (risos). Falou que ela não é era empregada de ninguém, tem hora que ela pensa dessa maneira. Eu falei com ela, olha vamos analisar bem, você não está sendo minha empregada, porque você que toma conta da casa, das coisas do seu jeito, você tem tudo que precisa, eu não estou faltando, o que falta entre nós é só relacionamento mesmo. Entre marido e mulher, que não existe mais há muitos anos, mas eu falo com ela vamos analisar bem, você está achando que é minha empregada, né? Tá lavando minha roupa, fazendo minha comida, mas e eu onde que eu entro nessa história? Sendo que eu assumi tudo, não te falta nada dentro de casa, né? Aí, fica nervosa na hora, mas depois chega a conclusão (Participante 10).*

*Da casa, sou eu que faço tudo. Hoje por exemplo eu dei uma faxina. Uma vez na semana na sexta-feira tem uma faxineira. Aí eu pego e faço. Não, mas ela não ajuda. Ela não ajuda nessa parte. Nessa parte, nesse troço de casa não ajuda de jeito nenhum. Não tem jeito. Aí eu faço sozinho. É justamente o que eu tô falando. Se eu pedir ele pra pegar uma coisa pra mim, até que ele resolve pegar então eu já descí, já peguei, já levei. Então assim, às vezes eu nem procuro também. Porque se eu falar: “Ah, traz isso pra mim” aí ele vai demorar e tudo, então eu já sabendo disso eu*

*não peço (Participante 12).*

Uma das entrevistadas, depois de apresentar justificativas para explicar porque a filha agora assume as tarefas de casa com ela e o filho não, e de apontar que as mulheres são mais sacrificadas nesse sentido, acaba dizendo que se os homens ajudassem mais, as coisas seriam melhores:

*Porque assim, quando os meninos eram menores tinha essa organização, mas teve um ano que nós ficamos sem ajudante, sem nada, e esses meninos sempre foram muito bons e nunca deram problema, então a Beatriz tinha uns 13 anos e o Ricardo uns 12, o Ricardo fazia o almoço todo dia porque ele estudava à tarde e a Beatriz de manhã, então ela arrumava a cozinha, entendeu? Então ele cozinha perfeitamente bem, nunca se queimou, nunca nada, tinha só essas obrigações, mas como ele trabalha fora. Trabalha fora desde os 13 anos. Porque eu sempre falei com ele, tudo o que a mãe puder fazer pra você até na idade de 13 anos e brincar na rua, você vai fazer, acho que de tanto falar isso com ele, quando você tiver 13 anos você vai arrumar um emprego, porque eu não quero menino grande na rua brincando não, quando ele fez 13 anos ele arrumou um emprego e tá trabalhando até hoje, ele tem 20 anos e tem 7 anos que ele trabalha, então, ele me agradece tanto por causa disso, e ele queria um vídeo game Playstation 2, aí eu falei agora quando você for trabalhar, quando ele foi trabalhar a primeira coisa que ele fez, então o dinheiro é só pra ele, só dele, e como ele tá trabalhando fora aí eu já não peço, embora eu trabalhe fora o dia inteiro, não peço pra fazer nada, às vezes eu peço só pra guardar a roupa só, é um sacrifício danado, mas eu peço pra ele guardar a roupa só. É e também ele compra, né? Porque a Beatriz não trabalha e tem a faculdade para pagar, ele não, ele conseguiu a faculdade dele sem pagar, passou, né? No IFET e tal, então fica essa cobrança, eu não gosto de cobrança, então como a gente deixou de ter ajudante pra pagar uma faculdade pra ela, pra fazer o que queria, então ela, pra ela fazer o serviço e todo o resto que ela não puder fazer, eu sempre falo com ela, você é a dona da casa, deu pra fazer você faz, desde que o almoço esteja pronto e a Eduarda arrumada pra ir pra escola, o resto se der pra fazer você faz se não der você deixa, fala que não deu, se der pra eu fazer, né? Nossa mulher é muito mais sacrificada, né? Porque às vezes eu falo, eu tô assim um pouco diferente, tô ajudando mais também, mas eu também estou mais cansada, então estou deixando as coisas mais a desejar, então parece, ele chega lava alguma coisa, tem reclamado mesmo, olha a situação ela tá fora o dia inteiro, mas é muito pouco, porque se o Ricardo ajudasse, mas o Ricardo já chega vai pro computador, vai dormir, vai vê um filme, aí ele também chega vai ver um futebol, vai ver um negocinho, agora eu e a Beatriz não a gente vai lavar, vai cozinhando, vai arrumando. Ah eu colocaria um pouquinho mais de, como que eu falo, qual palavra seria, pra esses homens se tocarem mais um pouquinho, né? (Participante 7).*

Uma das mães entrevistadas ressalta que esse lugar de responsável pelos cuidados da casa deve mesmo ser da mulher e que a filha mulher deve saber como

conduzir uma casa até mesmo porque, futuramente, quando casar, ela pode não ter condições financeiras para pagar uma empregada doméstica:

*Eu gostaria sabe por quê? Pra ela, porque quando eu casei eu sabia fazer tudo, sabe? Então eu fico pensando assim: se quando ela for casar, será que ela vai ter condições, o marido de dar essa mordomia? Eu falo mordomia. Que eu e o pai dela damos, isso que eu penso, sabe? Pra poder pagar uma pessoa. Do jeito que tá hoje em dia, né? Então eu fico preocupada com isso, é isso que fico cobrando dela, sabe? Eu gostaria, sabe? Que ela se empenhasse mais (Participante 9).*

A dificuldade financeira para manter uma empregada doméstica fixa parece já ser uma questão vivenciada pela classe média, em geral, e pelos nossos entrevistados, em particular. Os jovens afirmaram que a maior parte das famílias possuía uma empregada fixa que auxiliava nos afazeres domésticos, mas, com os gastos excessivos, a família passou a contar apenas com uma faxineira uma vez por semana, quando conseguem mantê-la:

*Essa a ajudante, na verdade, ela trabalha só toda a sexta, mas aí é só pra arrumar a casa, passar pano, tirar poeira e tal (Participante 6).*

*Tem uma vez na semana, só diarista (Participante 3).*

*Porque a gente não tem ninguém que ajuda, nenhuma faxineira nem nada (Participante 2).*

Todos os jovens apontaram, contudo, que essa organização e empenho com relação às tarefas domésticas podem ser alterados para melhor, a fim de que essas atividades não recaiam sobre um membro da família. Todos relataram que podem se envolver mais na organização da casa, fato que não sobrecarregaria tanto os principais responsáveis por essa organização, as mães, e que, quando todos se envolvem, a própria estruturação da casa melhora, como podemos observar nos relatos abaixo:

*Alguma coisa que eu queria é ter um pouco de disponibilidade de tempo pra fazer mais. A minha mãe faz demais, ela faz muito, e ela já não tem gás pra fazer tanta coisa, mas, é só isso! Eu queria fazer mais (Participante 2).*

*Acho que sempre pode melhorar, né? Acho que pode sempre melhorar, acho que pode sim, sabe? Acho que pode sim. Em termo de organização mesmo, sabe? Organização, acho que a organização é a alma do negócio. Basicamente isso (Participante 4).*

O fato dos jovens continuarem a morar com a família é, na maior parte das vezes, percebido como positivo, principalmente pelo fato de possuírem tudo em casa. Para eles, a maior desvantagem é a falta de liberdade e o reconhecimento de que ainda dependem financeiramente da família, como podemos ver nas falas a seguir:

*É maravilhoso morar com meus pais, sabe? Só que a minha fase atual e a do meu irmão, é de libertação, sabe? Esse ano nós estamos estudando em dobro, tanto pra faculdade quanto pra concurso, entendeu? Nós sabemos que passou da hora muito tempo de nós seguirmos nossa vida, entendeu? E querendo ou não, nós sabemos também que quando, nós formamos estaremos desempregados, e também nós não teremos nossos queridos pais pra sempre, entendeu? Então, nós queremos, nos estruturarmos o quanto antes para também seguir a vida, entendeu? E eles merecem seguir a vida deles tranquilos também, meu pai já aposentou, mas ele não saiu do trabalho tudo mais, vamos começar a construir o nosso e também deixar que eles curtam a vida deles também, entendeu? Não que, “oh, que vontade de sair de casa não aguento mais isso”, nada disso não, mas aquela necessidade de você construir o seu, sabe? Porque é um sentimento muito ruim você sentir que não tem nada seu, entendeu? (Participante 4).*

*Eu continuaria. Eu gosto de morar com meus pais. Eu não tenho problemas em relação a isso. [...] Ah, vantagem tem, né? Porque minha mãe faz tudo pra mim! O que eu peço ela faz. O meu pai também. Mas, é bom a gente ter o nosso cantinho, né? Às vezes não tem muito essa liberdade. Não tem essa liberdade. Eu tenho é claro! Mas eu não tenho tanto quanto eu gostaria (Participante 2).*

*A vantagem de morar com os pais é que eu sempre fui muito dependente. É em questão de alimentação, de tá presente em família mesmo, entendeu? É desse conceito de tá mais próximo. Agora desvantagem é essa falta de liberdade, que às vezes eles me tiram, entendeu? Que às vezes eu não posso, eu tô querendo fazer alguma coisa e eles me privam por questões de pais mesmo, por não ter motivos, entendeu? Mas eles são, não “não sai, não quero que você saia hoje”. Hoje, como eu tenho essa idade, eles não têm assim, eles questionam, mas o que eu quero fazer, eu faço. Mas o que eu sinto, de desvantagem de morar lá em casa, é essa falta de liberdade às vezes, essa falta de, de imposição, assim, eu não posso às vezes me*



*impor, do jeito, quando eu morava fora, eu tinha, eu tinha como, entendeu? (Participante 5).*

*Às vezes é liberdade de fazer, a desvantagem é liberdade de fazer um negócio na hora que você quer: “ah não pode”, porque eles, é ah não, mas tá todo mundo aqui, porque fazer outra coisa, não dá pra fazer. E vantagem é essa, de poder contar sempre com alguém de casa, tanto financeiramente, e psicologicamente com a minha mãe, com meu pai. É, eu chego e conto as coisas, é isso. E às vezes de não poder fazer o que cê quer porque tem que respeitar o espaço do outro e tudo, desde ver um programa na televisão (Participante 1).*

*As vantagens tem tudo, não precisa mover um dedo, tudo é minha mãe, eu não lavo minha roupa. Vou falar a verdade com você tudo é minha mãe, tô até parando com isso agora, porque tô querendo casar daqui uns 3, 4 anos, tenho que aprender a fazer as coisas, tudo é ela, se é coisa negativa ela tá envolvida no meio, se eu tô triste ela quer saber o porquê, se eu tô feliz ela quer saber o porquê, se eu quero tocar piano ela quer escolher a música que vou tocar. [...] É, acho que falta um pouquinho de privacidade assim (Participante 3).*

Já os pais, com relação a isso, se referem ao fato de que essa transição para a vida adulta tem ocorrido mais tarde, principalmente pelo fato dos filhos ainda estarem estudando e não possuírem um emprego. Um dos pais assinala que abdica de coisas da sua própria vida para ajudar financeiramente os filhos a terminarem a faculdade, mas que essa foi uma opção sua e que continuará a fazer isso enquanto for necessário:

*Meus filhos é o seguinte, eu tenho a impressão de que se eles tivessem conseguido um trabalho, eles teriam saído de casa. [...] Mas eu falo pra eles, meu filho não preocupa com isso não, porque o que tiver que ser será, eu até é, é, estou me anulando um pouco, né? A minha vida, estou deixando de viver uma parte da minha vida, mas isso pode mudar de uma hora pra outra. Por enquanto eu abracei essa causa de ajudar os meus filhos a acabarem a faculdade (Participante 10).*

Esse mesmo pai relata que já foi criticado por ainda ajudar seus filhos financeiramente, mas pensa que os pais são as pessoas mais indicadas para auxiliar os filhos nesse momento, bem como em todos os momentos em que tiverem algum tipo de dificuldade, como podemos observar em seu relato:

*Fui muito criticado por isso, as pessoas já me falaram, “ah! Seus filhos estão adultos e você fica aí vivendo pros seus filhos, você não sabe do futuro, depois eles não vão nem ligar pra você!”, mas a minha intenção é ajudá-los, eu não estou fazendo nada, o que eu estou fazendo pra eles eu não estou esperando nada em troca não, só quero vê-los bem, encaminhados na vida, né? Eu penso em família por causa disso, se o filho tem dificuldade, está com problemas, quem são as pessoas mais indicadas pra resolver os problemas? Os pais, porque os pais vão apoiá-los em todos sentidos (Participante 10).*

Os pais, de forma geral, pensam que o melhor momento para os filhos saírem de casa é quando eles tiverem condições financeiras para tal. Três deles apresentaram até mesmo o desejo de que eles permaneçam em suas casas e que passem a morar sozinhos apenas quando realmente quiserem ou puderem. Um desses pais enfatizou que apenas quando o filho resolver se casar aí sim ele tem que sair de casa, pois não há possibilidade dele compartilhar sua casa com outra família. Uma das mães também assinalou que, por ela, a filha sairia de casa apenas quando se casar, a não ser que tenha que residir em outra cidade para trabalhar ou continuar seus estudos, o que justificaria a sua saída, como se pode observar nos relatos a seguir:

*Meu maior prazer igual falei, como eles estão estudando pra fazer concurso público. Se vocês passarem nesse concurso, vocês vão me libertar um pouquinho, aí ao mesmo tempo eu falei, mas meus filhos não pensem, que quero me libertar de vocês, por causa disso não, ajudo vocês com maior prazer, faço com prazer mesmo, não me arrependo nenhum pouquinho.*

*O melhor momento pra ele sair, por exemplo, ele tá estudando. Nem sei direito mas, eu sei que ele forma no ano que vem. Então assim, se ele forma e tiver trabalhando, então eu acho que a partir daí quando ele tiver trabalhando e ganhando o dinheiro dele eu acho que aí é o momento, se ele quiser, for da vontade dele sair. Mas pode ficar na minha casa o tempo que ele quiser. Só que eu acho assim, casou, aí tem que ter a casa dele. Porque morar junto não dá pra ninguém (Participante 12).*

*Ah, eu acho que se pudesse ficar por aqui (risos) só quando casar, senão, igual ela for trabalhar em uma outra cidade, né?. Fazer mestrado, doutorado, “ah, mãe eu vou pra cidade tal porque vai ser bom pra mim” (Participante 8).*

*Nunca (risos). Quando tiver com bom emprego, condições de se sustentar. Formado, com bom emprego e condições de se sustentar, mas pra mim não sairia nunca (Participante 7).*

*Olha pra você ter uma ideia, isso envolve muita coisa, envolve trabalho, envolve dinheiro, envolve despesas, então eu acho o seguinte, é, é, a pessoa quando ela se sentir madura pra sair de casa, viver a vida dela sozinha, no canto dela, ela vai encontrar esse momento, mas vai partir dela, ah quero sair de casa porque eu vou casar, também é o relacionamento dela, eu pra ser sincero, eu quero pro que depender de mim, não pra influenciá-los, sempre deixei eles à vontade, mas também tem as consequências e responsabilidades, porque a idade vai chegando, e eles também tem o compromisso, não é porque tá lá em casa que vai viver embaixo da asa do pai, a partir daí já começa ter as responsabilidades, dinheiro, economizar, então isso tudo influencia, então o que depender de mim e da Sandra, em termos de influenciá-los, eles vão ficar à vontade, agora se falar: “ah eu quero meu canto, tenho condição financeira pra isso vou pagar meu aluguel, ou tô namorando quero juntar dinheiro pra comprar as coisas pra casar”, mesmo porque também eu quero estar próximo a meus netos, a eles, porque essa família sempre foi assim, porque eu sei que eles gostam, por dois motivos, primeiro que eu adoro ficar próximo deles, né? E quando eu comecei minha vida com os meninos, eu sentia, eu sinto a necessidade, não de suprir, mas a gente vai amadurecendo e vai vendo que a gente tem que dar valor a família, mesmo (Participante 11)*

Uma das mães disse que não impediria a filha de morar em outra cidade para continuar seus estudos e que até a incentivaria, já que primeiramente ela deve estudar para depois se casar. Caso a filha decida se dedicar aos estudos e venha a ter um bom emprego terá condições de manter uma empregada para fazer as tarefas domésticas e provavelmente não repetirá a sua trajetória de se tornar uma dona de casa:

*Ela pretende continuar, fazer uma pós, se ela quiser, se Deus quiser, ela fala comigo que vai e eu vou deixar não vou proibir não, entendeu? Igual eu falo: casamento, eu falo com os dois, primeiro o estudo, porque eu falo que se a pessoa não tiver estudo não tem nada na vida. A não ser que queria ficar aí como se diz, com o umbigo no fogão que nem eu, como eu brinco com ela, pra mim não falta as coisas graças a Deus, né? Eu tenho meu marido, né? Que dá pra manter as coisas direitinho. Então eu falo assim, ela? Ela tem que estudar, pela maneira, pela forma se ela não quer fazer os serviços de casa, ela tem que ganhar muito bem, né? Trabalhar, estudar, pra consegui um emprego bom e bancar uma pessoa pra fazer o serviço então (Participante 9).*

Enquanto permanecem na casa dos pais, os filhos tentam encontrar estratégias para obter um pouco de privacidade e autonomia, utilizando seu quarto como um espaço deles. Apenas dois participantes dividem o quarto com os irmãos, mas, mesmo assim, quando questionados, todos afirmam utilizar o quarto como um

espaço próprio, embora outras pessoas possam transitar nele, como podemos observar nas falas a seguir:

*Meu quarto. Não, meu, não sei. Assim, meu quarto em parte. Meu pai ele adora ficar lá por causa do computador. Meu quarto. Meu é a parte que é mais minha (Participante 2).*

*Tenho. Tenho um quarto sozinho e tem um quarto, um quarto dos meus irmãos, entendeu? Aí tem mais liberdade, com certeza. Tem um pouco mais de autonomia (Participante 5).*

*Meu quarto, eu fiz meu quarto inteiro, ainda mais agora que não tô trabalhando. Eu fico no meu quarto, mas ela pode ir no meu quarto a hora que ela quiser, a porta do meu quarto não fica fechada nenhum segundo, ela pode ir a hora que ela quiser (Participante 3).*

*Meu quarto (risos). [...] É não porque, eu fico mais lá, ele, igual ele não estuda lá. Tem uma mesa grande na porta aí ele vai pra lá estudar, de vez em quando eu vou pra lá, né? Mas prefiro mais o meu quarto, lá tem os meus livros todos (Participante 4).*

Todas as famílias entrevistadas afirmaram possuir uma religião, sendo que, dos seis jovens entrevistados, cinco se consideraram católicos e apenas um deles se disse agnóstico. Contudo, a maior parte deles destacou que não frequenta a igreja:

*Catolicismo. Eu acredito, mas eu não sou frequentador de igreja (Participante 6).*

*Católica! Mas a gente não é freqüentador, assim assíduo de ir na igreja todo domingo, não. Minha mãe fala uma frase que é, eu acho é certo. Que a fé tá na gente. Porque tem gente que se torna até meio beato, né? Acha que tem que viver da religião. E eu não acho que fé é isso, entendeu? Mas ninguém é, a minha vó é muito religiosa. Ela é católica e é muito religiosa. Ela assiste missa todos os dias. Ela lê a bíblia todos os dias. Ela reza pelos netos todos os dias (Participante 2).*

*Segue o catolicismo (Participante 5).*

*Católica (Participante 1).*

*Eu sou agnóstico e meu irmão também é agnóstico, entendeu? (Participante 4).*

Apenas um dos pais segue a doutrina espírita, enquanto todos os outros se disseram católicos. Contudo, assim como os filhos, eles também afirmaram não frequentar a igreja, como se pode observar nos discursos a seguir:

*Eu sou espírita tem uns 5 anos mais ou menos. Participava com minha mãe da igreja evangélica e tudo, mas já fui muito na igreja católica, porque quando comecei a namorar a Isaura, porque a mãe dela é muito católica e eu ia as missas, eu acho bonito também, tudo que você estiver fazendo pra buscar a Deus, porque a finalidade da religião é essa fazer com que se torne uma pessoa mais sociável, né? (Participante 10).*

*A minha religião é católica. Sou católico. Gosto muito da minha religião (Participante 12).*

*Não, a gente é católico, mas sinceramente, a gente não é muito de ir na igreja, né? A gente foi criado, a mamãe fica indignada, porque a mamãe é muito católica, né? Papai, ele não deixava de ir à missa nenhum domingo, todo domingo ele ia à missa. E eu não sei, a gente vai, né? Sei lá, acomodando, eu não sou muito. Eu tenho muita fé em Deus, sabe? Eu acredito que Deus tá na direção de todos em todas as partes, com certeza (Participante 8).*

*A gente é católico, né? Mas é só de ir na missa aos domingos. É, eu sempre fui católica, desde criança eu gostava de ir na igreja mas eu ia sozinha (Participante 7).*

*Nós somos católicos, eu sou católica (Participante 9).*

*Nós somos católicos, nós não freqüentamos (Participante 11).*

Todos os entrevistados revelaram que há diferenças religiosas em suas famílias, mas enfatizaram que isso não gera conflitos na família, pois lidam muito bem com essas diferenças e que não há preconceito na família em relação a outras crenças religiosas. Apenas uma das jovens entrevistadas destacou que as diferentes opções religiosas em sua família modificaram completamente a dinâmica familiar,

*Não sabe por que é igual minha mãe tem uma religião, entendeu? Minha mãe tem religião, meu pai tem uma religião e eu tenho outra crença, entendeu? Então ninguém fica tentando impor as coisas pro outro dentro de casa, igual eu sou assim, vou esclarecer pra você. Minha mãe é evangélica, sabe? Ela é até um pouquinho cabeça dura, por isso que eu falei que ela é uma pessoa mais assim, meu pai é espírita, mas ele é uma mente super aberta, entendeu? Ele não fica tentando impor nada pra gente que conhece a verdade absoluta nada, por isso que eu digo que existe um respeito mútuo lá dentro (Participante 4).*

*Não. Não. Nenhum, pelo contrário. A parte do meu tio que é evangélico, ele é altamente (pausa). Quando você quer sentir bem, fica do lado dele, ninguém tem preconceito. Minha vó respeita muito (Participante 2).*

*Evangélica, minha mãe era evangélica, meu pai era ateu e nunca vimos ele na igreja e eu quando criança eu ia pra igreja dela, mas depois de uma certa idade ela ia*

*sozinha, já não ia mais, né? E a Isaura, por exemplo, sempre foi de família católica e hoje ela é evangélica, mudou assim de uma hora pra outra, mas se está bem e está feliz na religião tá bom. Eu não sou contra não, eu acho que as religiões, a finalidade das religiões todas elas é fazer com que as pessoas se torne um pessoa melhor se desvie dos maus caminhos, que procure se torne uma pessoa bem relacionada na sociedade, a igreja, a finalidade da igreja é essa, né? (Participante 10).*

*São católicas. Mas eu tenho um irmão que é evangélico (Participante 12).*

*Meu pai não tinha religião nenhuma, a mãe gostava de Testemunha de Jeová, mas também não tinha religião nenhuma (Participante 7).*

*A minha família, a minha família na realidade, a minha avó era espírita, sabe? Mas a maioria era católica, então eu sou batizada na católica, né? (Participante 9).*

*Abriu uma cratera na família, porque a família toda era católica, até que um belo dia meu tio resolveu virar Maranatha e hoje em dia ele é pastor da Maranatha e a minha avó, único filho homem, foi pra Maranatha também, tanto é que quando meu avô morreu fez uma revolução naquela família, porque ele não pode entrar pra ter a benção do padre, sendo que a família toda é católica, ele não pode entrar na Igreja. O meu tio não vai no casamento do meu primo, ele vai casar ano que vem, ele não vai entrar na Igreja, a minha avó não vai entrar na Igreja, eu falei “vó se você não for entrar no meu casamento, eu não vou te convidar vó, pode esquecer que sou sua neta, porque Deus é um só”, eles não acreditam nisso, pra eles quando é culto da família a gente vai, então? Mas isso é o que mais me chateia nessa história eles não vão, não adianta nem chamar. Eu acho, muito estranho muita coisa, ela não vê carnaval mais, eu já virei noites vendo desfile de escola de samba com a minha avó, competindo com ela, brincando, hoje em dia ela não faz mais isso, quer dormir. Eu tô vendo a minha mãe entrando em depressão, por causa da minha avó tá fazendo isso, ela tá pesando 44 kg, tava pesando 40, agora que ela engordou, ela toma remédio, meu tio convence ela a não tomar remédio, minha avó vai pra igreja três vezes por dia, de manhã, de tarde e de noite, tá acabando com ela, não precisa disso, eu vou a missa todo domingo, tá bom, tô feliz assim, rezo todo dia, mas ela tá obcecada com aquilo, meu tio também, isso não faz bem, é fanatismo, não é religião (Participante 3).*

Os entrevistados apontaram mais vantagens do que desvantagens de se seguir uma prática religiosa. Para eles a religião possibilita o desenvolvimento de valores, minimiza a discriminação, compreende melhor algumas questões da vida, auxilia as pessoas a vencerem os momentos difíceis da vida, ela deve ser uma base. Uma das entrevistadas relatou, inclusive, que não estaria casada se não tivesse uma religião. Seguem os relatos dos entrevistados:

*Eu acho é esse ter em quem acreditar e saber que tem algo maior depois pra você dar valor (Participante 6).*

*Se um precisou do outro, sabe? E eu acho que isso é muito da fé, da religião da pessoa. Que tem muita gente que não se apega a esse tipo de coisa e a minha família não tem um problema com o outro, tá todo mundo junto, rezando e pedindo, sabe? Meu tio que é evangélico então ele é o que mais tem o dom da palavra, ele é o que mais se apega muito na religião pra poder ajudar a gente (Participante 2).*

*Desvantagem não, porque eu acho que é como pessoa assim, o que a gente pode trazer da nossa religião pra aprender, a gente também pode aprender com outras, com outros tipos de religião. Eu já frequentei igrejas, eu já fui uma vez em igreja evangélica quando criança e são vários tipos de oração, vários tipos de forma de lidar. [...] Mas é sempre, eu acho que é sempre benefício a gente tá indo, tá buscando outras coisas também, até a gente criar certo tipo de personalidade, de saber o que realmente a gente quer (Participante 5).*

*Não vejo desvantagem não. Não vejo desvantagem, ainda mais num país que é, um país é o Brasil, é católico. E assim, e ter uma religião, muitas vezes é evitar até a pessoa ser discriminada na sociedade (Participante 1).*

*Vantagem que você se apóia muito em Deus, você passa a entender a morte, você consegue entender melhor, quando você sabe que tem Deus olhando por tudo (Participante 3).*

*Eu acho. A pessoa tem que ter. A vantagem de uma pessoa seguir uma religião, ele vai ter conhecimento dos valores da pessoa. Então por exemplo, se ele é católico, ele estuda a bíblia ele vai saber que tem muita coisa lá que ele pode se evitar no mundo. Se ele for evangélico ele vai aprofundar mais, porque o evangélico aprofunda mais. Então ele vai ser uma pessoa diferente (Participante 12).*

*Olha eu vejo muitas vantagens, muitas vantagens. Mas eu acho que tem que ter um princípio, né? Porque a gente tem que ter fé, a gente tem que se apegar a alguma coisa, porque é na hora da dificuldade que a gente busca isso, menos aquele descrente, é quando passar por uma dificuldade, problema de saúde essas coisas assim, tem que se apegar a alguma coisa, porque se não, quando se vê que ele não é nada, que é muito pouco, né? Que precisa de uma força, aí que eu acho que, quando você tem uma base, né? De uma religião independente da forma que você segue, isso aí ajuda, então quando você coloca isso na família, é não sei, pelo menos está fazendo uma parte neles a vontade de querer seguir, né? De como vai seguir, mas tem que passar uma ideia de uma religião pra eles, pra eles seguirem a vida, queiram fazer, mas tem que ter uma base (Participante 11).*

*Tem que ter, a pessoa se não tiver Deus na vida, não consegue vencer não. Ah, pra mim eu acho que se eu não fosse, não tivesse seguido a religião mesmo, sabe? Igual qual que seria que fosse, hoje eu não estaria casada não. Eu falo isso pra você e passo isso pra minha filha, a pessoa nunca deve abandonar, sabe? A seja lá, apesar que nem precisa ir na Igreja, mas tem que ter um fé, sabe? Oração, tem que rezar todo dia, que sem Deus minha filha não consegue vencer na vida certos momentos, porque às vezes a cruz é bem pesada, sabe? Então tem que ter muita perseverança, muita fé em Deus, porque se não você não consegue vencer, superar, como diz o outro, as cacetadas que vem (risos). (Participante 9).*

Os jovens entrevistados destacaram alguns problemas decorrentes da crença religiosa, entre elas a imposição de uma determinada prática religiosa, o fanatismo,

a discriminação decorrente de escolhas religiosas diferentes do resto da família ou, até mesmo, de não seguir nenhuma religião:

*Eu acho que o que prejudica mesmo é você não estruturar, por exemplo, você não estruturar um filho a mostrar que ele tem um discernimento, entendeu? Então ele pode buscar o que ele achar mais convivente pra ele, entendeu? Eu acho que a sociedade erra quando fala da verdade absoluta, e muitos, muitas religiões fazem isso hoje em dia, entendeu? Que essa é a verdade, a minha verdade, se você não tiver essa verdade você vai tá fadado ao fracasso digamos assim, entende? (Participante 4).*

*E a desvantagem não só do catolicismo, mas em geral do fanatismo, geralmente quando você é muito fanático com alguma coisa você fica intolerante a outra (Participante 6).*

*É negativo quando vira fanatismo, como a minha avó, [...] separa família por causa disso, acho muito complicado (Participante 3)*

*Questão de discriminação, de falar “ah eu tenho religião” e outra fala “eu não tenho, sou ateu”, a pessoa já olha de uma maneira diferente. É, eu acho que é a única. Agora desvantagem assim, num num, eu não vejo não (Participante 1).*

### 5.1.1 Discussão

Como vimos ao longo da análise da categoria 1, as famílias entrevistadas residem atualmente em Muriaé, mas predominantemente vieram de outras regiões da Zona da Mata mineira. Apesar das histórias das gerações passadas não terem sido aprofundadas ao longo das entrevistas, muitas dessas famílias se estabeleceram nessa região a partir do desenvolvimento do setor cafeeiro, advindas ou não da elite agrária que, como apontamos em nosso referencial teórico, foi o grande ponto de referência para o desenvolvimento da economia da região.

A cidade de Muriaé, de acordo com Andrade (2011), se beneficiou, especialmente, com a inauguração da Estrada de Ferro Leopoldina (a Leopoldina Railway), fato que contribuiu para o aumento da produção do café e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da região. A cidade de Muriaé tem



grande destaque dentre as cidades que constituem a Zona da Mata e pudemos observar, na fala de nossos entrevistados, que muitos deles passaram a residir na cidade em busca de trabalho e de melhores oportunidades.

Segundo nossos entrevistados, a família é percebida como um lugar em que se obtém afeto, amor, conselhos, apoio nos momentos difíceis, orientação, onde se compartilha coisas boas e ruins. Ela foi considerada por muitos entrevistados como a base, a fortaleza, o alicerce da vida do sujeito. Os entrevistados apontaram também acreditar que as relações que se estabelecem na família vão além dos vínculos de sangue e que, na realidade, os membros da família devem buscar objetivos em comum. Apesar disso, essas são, muitas vezes, as questões mencionadas pelos participantes como as que mais faltam na família atual.

A idéia de família como lugar do afeto parece reforçar a idéia que se passou a ter dela desde o surgimento da família conjugal moderna, que passou a ser constituída pelo casal instável, posto que, como aponta Beltrão (1973), por ter suas bases no afeto e no sentimento, não prioriza, necessariamente, o vínculo jurídico-patrimonial. Jablonski (1996) assinala que, com o processo de urbanização e modernização, as famílias se transformaram em ilhas, o que levou o autor a fazer uso do termo “FAM-ILHAS” para se referir a essas famílias contemporâneas que, predominantemente, se reduziram aos pais e seus filhos. Ariès (1986) aponta que o próprio tratamento entre os membros da família se modificou na família conjugal moderna, passando a ser mais carinhoso. Além disso, temas como educação, saúde e higiene passaram a ser importantes para a família, que começou a se preocupar com o futuro dos filhos.

Essa importância assumida pelo núcleo familiar, como o lugar do afeto, pode ser percebida quando os jovens revelam que nos momentos mais difíceis contam

com o apoio da família, principalmente dos pais, em especial da mãe. Também os pais revelaram pedir suporte a suas famílias e a contar principalmente com as famílias de origem quando tem alguma dificuldade.

Quando esse lugar de afeto, suporte e apoio incondicional parece estar ameaçado, os entrevistados percebem essa instabilidade de forma negativa. Pudemos perceber no discurso de nossos entrevistados sobre as transformações que a instituição familiar vem sofrendo ao longo dos séculos, que isto é, de modo geral, sentido como negativo, fazendo uso de termos como desestruturada, desintegrada, rompida para caracterizar a família atual. Eles acrescentaram, ainda, que pais e filhos ficaram muito distantes atualmente e que, principalmente os pais, se tornaram faltosos e ausentes, o que acaba gerando conseqüências nas relações afetivas entre pais e filhos, até porque falta tempo para que essas relações aconteçam. Os pais apontaram, inclusive, que a falta de afeto e educação acaba impulsionando os jovens para os vícios e provocando uma inversão de valores. Quando, em algumas famílias, ainda é possível reconhecer essa proximidade, isso é visto como positivo pelos entrevistados.

Em suas próprias famílias, pais e filhos reconhecem que existem momentos conflituosos, desencontros de horários e falta diálogo entre pais e filhos, apesar de destacarem que, na maioria das vezes, as relações são consideradas positivas, uma vez que, apesar das dificuldades, eles tentam criar oportunidades para que os encontros aconteçam. Os participantes percebem essa falta de diálogo como algo negativo e gostariam que ele ocorresse mais em suas famílias. A falta de diálogo foi relacionada à sobrecarga de trabalho – especialmente decorrente da entrada da mulher no mercado de trabalho –, à diferença de valores entre as gerações de pais e filhos em relação a algumas questões e ao uso das novas tecnologias pelos mais

jovens (como computadores e celulares) que, muitas vezes, impedem que o diálogo ocorra com a frequência que deveria. Muitos entrevistados apontaram que em nossa sociedade atual parece predominar o culto ao individualismo. Esta observação parece ir ao encontro do que Giddens (1993) assinala, em seu livro *A transformação da intimidade*, isto é, o fato de que as pessoas atualmente optam por estar juntas por conveniência e que as relações se baseiam na igualdade entre o que se dá e o que se recebe. A estabilidade por si só, portanto, deixa de ser um elemento primordial. Giddens (1993) aponta, ainda, para o fato de que o individualismo contribui para que a família tradicional desapareça e, em contrapartida, vão surgindo diversos novos modelos familiares. Algumas dessas mudanças, contudo, parecem gerar um certo incômodo em nossos entrevistados.

Muitas das mudanças atuais parecem estar relacionadas especialmente à entrada da mulher no mercado de trabalho. Como destacado por alguns de nossos entrevistados, essa inserção feminina na esfera pública impede, de certa forma, a mulher de acompanhar mais de perto e participar mais ativamente da educação e do cuidado dos filhos. Assim, apesar de nossos entrevistados considerarem a entrada da mulher no mercado de trabalho como uma mudança positiva, ela passa a ser encarada, paradoxalmente, como negativa, devido a dificuldade de um acompanhamento mais próximo e sistemático dos filhos. Apesar disso, parece que, mesmo para o grupo estudado, as coisas mudaram, já que apenas uma das mães entrevistadas trabalha em casa, enquanto todas as outras trabalham fora de casa.

Vaitsman (1994) aponta que o surgimento da família conjugal moderna, de que tratamos em capítulo anterior, fez com que se tornasse mais evidente a lógica da divisão sexual do trabalho, destinando à mulher o lugar de “rainha do lar” sem um reinado palpável, como assinala Jablonski (1996). Para Rocha-Coutinho (1994),

essa família confinou a mulher à esfera doméstica, modificou o olhar sobre a maternidade e responsabilizou-a cada vez mais pelos cuidados com a família, vinculando-a aos papéis de mãe e esposa.

As mulheres que optaram, ou necessitaram trabalhar fora de casa para complementar a renda familiar, estão expostas a um discurso naturalizado em nossa sociedade, e que surgiu na fala de nossas entrevistadas – a despeito das mudanças sofridas a esse respeito na sociedade atual –, de que mãe é mãe, e a ela cabe todas as responsabilidades com relação à casa e os filhos, vinculando maternidade e maternagem. Apesar da entrada da mulher de classe média no mercado de trabalho, muitas delas ocupando, inclusive, postos importantes nas empresas públicas e privadas, ela continua a ser vista, por uma parcela da sociedade brasileira, como a principal responsável pela casa e, principalmente, pelos filhos. Como ressalta Rocha-Coutinho (2000), “parece que homens e mulheres hoje multiplicaram funções, mas ainda não dividiram as responsabilidades” (p.81).

Isso gera, ainda hoje, uma relação quase que natural entre as responsabilidades pelas tarefas domésticas e a mulher, como observado nos discursos de nossos entrevistados. Para Bourdieu (1999), somos regidos a partir da lógica da “dominação masculina”, e a nossa realidade está estruturada nessa construção social naturalizada, criando uma violência simbólica, suave, insensível e invisível para as suas próprias vítimas. As mulheres são as principais vítimas desta diferença de gênero, embora os homens, de acordo com o autor, também sejam dominados por sua própria dominação.

A categoria gênero nos auxilia a compreender a desigualdade entre o que é atribuído aos homens e às mulheres. O conceito de gênero está vinculado às relações de poder, visto que, segundo Scott (1999), através da noção de gênero

demarca-se uma diferença entre os sexos que é social e não natural e que determina os papéis que homens e mulheres podem desempenhar, criando-se uma imagem idealizada do masculino e do feminino. Portanto, enquanto o sexo estaria ligado a uma condição biológica de todo ser humano, o gênero seria fruto de uma construção social e, portanto, algo mutável.

Pudemos observar que os papéis tradicionalmente atribuídos a homens e mulheres, de certa forma, estão presentes, em maior ou menor grau, na fala de nossas entrevistadas, já que a responsabilidade pelos cuidados com a casa é vista como uma atribuição basicamente das mulheres, principalmente das mães, e, como pudemos perceber, as filhas entrevistadas parecem estar absorvendo esse modelo de organização familiar, desde já compartilhando essas responsabilidades com suas mães, ao contrário do que ocorre com os filhos homens. Com exceção de um dos pais que assume toda a responsabilidade pelo cuidado da casa, tanto pais quanto filhos assumiram o lugar de apenas auxiliarem, ajudarem nas tarefas da casa, mas não de serem os responsáveis, ou co-responsáveis, por elas.

Essa diferenciação entre homens e mulheres na divisão de tarefas domésticas, no cuidado e educação dos filhos, de acordo com Diniz (1999), acaba se tornando um dos fatores causadores de estresse nas mulheres. Perlin e Diniz (2005), Sorj, Fontes e Machado (2007) revelam que as mulheres ainda são as maiores responsáveis pelas tarefas ligadas à casa e às crianças. Contudo, os dados também revelam uma maior participação dos homens na esfera privada, principalmente com a entrada da mulher no mercado de trabalho, alterando, até certo ponto, esse modelo “tradicional” do homem provedor e da mulher responsável pela casa e os filhos (Perlin & Diniz, 2005; Sorj, Fontes & Machado, 2007),

especialmente no caso dos casais em que ambos investem em uma carreira profissional, como apontam Perlin e Diniz (2005).

Essa responsabilidade pelas tarefas domésticas se agrava ainda mais pelo fato de muitas famílias de classe média não poderem mais pagar o salário e os direitos trabalhistas de uma empregada doméstica.

No que diz respeito à percepção dos entrevistados sobre o fato de ainda estarem morando com os pais, num primeiro momento, isto foi visto por nossos entrevistados como positivo. Na realidade, o que os incomoda é o fato de ainda não possuírem um emprego que lhes possibilite obter sua própria independência para morarem sós. O que vemos atualmente é que o fato de não possuírem um emprego torna-se um dos fatores que posterga sua emancipação e adia sua transição para a vida adulta.

Os pais parecem não se incomodar tanto com essa situação e muitos deles desejam que os filhos permaneçam em suas casas, mesmo que já possuam condições financeiras para saírem. Atualmente, muitos jovens dependem financeiramente de suas famílias, uma vez que os empregos estão cada vez mais difíceis e alguns possuem rendas relacionadas a estágios remunerados e trabalhos informais e essas rendas não cobririam as despesas de manutenção de um lar, precisando, assim, continuar a morar com seus pais. Heilbron *et al* (2005) aponta que, além das condições financeiras, muitos deles estão dando continuidade a seus estudos, o que também posterga a sua saída da casa dos pais.

Outro fator apontado por Ramos (2006) é que a própria relação entre pais e filhos contribui para o adiamento da transição do jovem para a vida adulta, pois é comum observarmos que os filhos fazem o movimento de buscar sua independência mesmo residindo com os pais e dependendo financeiramente e materialmente deles,

transformando, por vezes, seu quarto em seu espaço privado, como pudemos observar também na fala de nossos jovens entrevistados. Além disso, muitos jovens, de acordo com Heilborn *et al* (2005), possuem condições financeiras estáveis, mas se mantêm na casa dos pais, por não possuírem uma união conjugal estável. Para alguns pais entrevistados, o casamento ou uma união estável dos filhos constituiria um critério para que os filhos deixem suas casas.

Ramos (2006) e Castro, Miranda e Almeida (2007), em suas pesquisas, revelaram que esse processo de coabitação de pais e filhos pode ser tranquilo, pois os filhos não apenas respeitam e conhecem o modo de vida dos pais como também negociam regras, obrigações, direitos e deveres para que essa convivência seja possível. Nas classes médias, em especial, o jovem, inclusive, utiliza o seu próprio quarto como o lugar da casa em que pode exercer sua autonomia, como pudemos observar na fala de alguns dos jovens por nós entrevistados.

As famílias entrevistadas, em sua maioria, seguem a religião católica, apesar de muitos pais e filhos terem afirmado não ser praticantes. Contudo, em seus depoimentos pudemos perceber a manutenção de uma característica peculiar ao interior de Minas, que é tentar manter o tradicionalismo através de valores já consolidados socialmente e uma das formas de se alcançar isso é através dos ensinamentos religiosos, em especial, da religião católica, que ainda tem muita força no estado, em especial nas cidades do interior. Apesar de reconhecermos nos discursos mudanças e até mesmo uma flexibilidade na aceitação de novas práticas religiosas observamos também uma tentativa de manutenção de práticas já consolidadas.

## 5.2 Casamento, sexualidade e trabalho

As formas de relação amorosa dos jovens atuais foram vistas por nossos entrevistados de forma negativa. Segundo eles, os jovens atualmente se relacionam de modo diferente, superficial, prevalecendo “o ficar” – muitas vezes apenas para mostrar com quantas pessoas “ficaram” em uma noite –, os relacionamentos não duradouros, a atração física, o desejo de aproveitarem o momento sem se preocupar com os sentimentos do outro, como podemos observar nos trechos dos depoimentos a seguir:

*E o amor virou bandido (risos). Virou bandido, eu acho que, é, é, como diz a geração negativista. Eles têm vergonha, eles não vão falar eu te amo nunca, entendeu? Eles têm vergonha disso com certeza, eu tinha vergonha, entendeu? (Participante 4).*

*Eu acho, assim hoje em dia tá muito perdido esse negócio de conhecer primeiro, pra depois se relacionar. Isso é uma coisa que a minha personalidade nunca me permitiria fazer, sabe? Sair numa festa, ver um cara, achar ele bonito e ficar com ele. E hoje em dia é muito assim, né? (Participante 2).*

*Eu acho que é tem que vir de casa, né? Os pais têm que sempre aconselhar porque hoje em dia realmente tá, tá aumentando o número de jovens, de meninas grávidas, né? E é, tem que tá sempre presente dando opinião, porque relações todo mundo tem assim hoje em dia, a gente vê constante, é o que tá transparecendo pra gente é que os jovens tão diminuindo essa questão de namoro assim. Tem muito, muito casal, é mais aproveitar é cada um, cada um aproveita, né? E eu acho que tem que vir de casa mesmo, entendeu? E os pais têm que impor isso mesmo, porque a pessoa tá sujeita a tudo, né? Essas questões de festa, o que a gente vê é isso mesmo, é os jovens aproveitando (Participante 5).*

*Eu acho que as pessoas são muito assim, tudo tá muito precoce. Já não tem aquele tempo, aquela espera maior, pra ver se o relacionamento vai dar certo e conhecer de fato a pessoa mesmo que fica, eu acho que, que as pessoas hoje não tão dando importância pro outro, pra questão do sentimento do outro. É só questão às vezes, principalmente dos homens, da questão da cobrança da sociedade. O homem ele não fica com a menina pelo fato de gostar da menina, de ter uma, né? De compartilhar uma coisa com a pessoa, né? De gostar de estar perto; não, quer ficar porque às vezes achou bonita e pra contar pros amigos. Homem é assim, principalmente os homens, as mulheres hoje também não tão ficando muito atrás, não tão querendo relacionamento tão sério. Mas principalmente os homens, eu acho. O homem, ele, tem essa questão social, eles querem ficar com a pessoa pra poder contar pro colega. Eu vejo isso no meu irmão, a gente vê isso pelo meu irmão, minha mãe fala assim “como é que cê fica com tantas pessoas? Meu Deus como é que cê fica com as pessoas que você não gosta?” E ele fala assim “não porque depois vem*



*fulano e fala com quem cê ficou e eu vou falar que eu não fiquei com ninguém?”. Aí ele fala assim (Participante 1).*

*Também tá uma bagunça, eu acho. Porque ninguém é de ninguém (Participante 3).*

*Eu acho que tã deixando de lado a questão emocional e ficando só com a questão da atração física (Participante 6).*

Os pais não apresentaram uma visão diferente de seus filhos. Uma das mães disse achar que o relacionamento da filha é uma exceção em relação ao que se tem visto atualmente, já que o que se vê são brigas e falta de limite no relacionamento entre os jovens casais, como se pode ver no depoimento abaixo dessa mãe:

*Eu acho a Beatriz uma exceção de muita coisa, uma loucura, você vê relacionamento de tapa na cara na rua, você vê, o namorado obrigando a moça a fazer o que ela não quer, abusando, não tem, é uma loucura (Participante 7).*

Todos os jovens entrevistados, inicialmente, tiveram dificuldades em definir o que seria o amor, acabando por apresentar uma visão romântica e idealizada de amor. Assim, para a maioria deles é um sentimento que é construído ao longo do tempo, um ponto de apoio, segurança, afeto e carinho, é partilhar alegrias e dificuldade, é algo que se conquista e se é conquistado com o correr do tempo, é querer ficar com alguém sem esperar nada em troca e enfrentar as dificuldades juntos. Uma das jovens destacou que o amor move tudo, não apenas os relacionamentos amorosos, mas também todos os investimentos na vida do ser humano:

*Complicado (risos). Complicado (pausa). [...] Eu acho que beleza, todo mundo quer buscar alguém que lhe passe uma segurança, isso é normal do ser humano, entendeu? Mas, eu acho que tem um sentimento a mais, entendeu? Quando você quer realmente tá com aquela pessoa não só a questão do apego, você deita você pensa, entendeu? É quando você não espera nada em troca, eu acredito. Acredito que seja uma coisa importante, entendeu? Eu acredito no amor ainda (Participante 4).*

*O amor? Ah! Você gostar da companhia da pessoa. Você ficar com ela. Ela é o seu ponto de apoio pra qualquer hora. Tanto na alegria quanto na tristeza. É ter essa felicidade, sabe? Que respeita a sua vontade. De muita discussão de colocar o pé no chão (Participante 2).*

*Eu acho uma palavra muito forte. É, eu acho que tem, o amor vem com o tempo e eu acho que ninguém possui essa facilidade assim de em pouco tempo amar. Eu acho que o amor envolve muita coisa; amor é afeto, amor é tá presente, é muito carinho e isso a gente vai conquistando com o tempo. A gente não consegue assim, ter um sentimento em pouco tempo, acho que é um sentimento muito forte, que a gente tem que ir conquistando e ser conquistado, né? Ele é construído. E ninguém tem essa facilidade, entendeu? Então amor é ter, é conviver com defeitos, é conviver com qualidades é, assim sentir a pessoa mais próxima, é sentir a pessoa te protegendo, entendeu? É com certeza um sentimento construído com o tempo mesmo. Então eu vejo assim, é eu tenho uma pessoa do meu lado e em uma semana, duas semanas, como hoje a gente vê, assim, é eu acho até ironia é em redes sociais a pessoa falar que tá amando, que tá é gostando mesmo. Eu acho isso irreal, eu acho não quero isso pra mim, eu não quero um sentimento que não é verdadeiro, quando é amor, é amor mesmo (Participante 5).*

*Não, é, é muito subjetivo. Minha, minha, meu amor (pausa). O amor também é, é estar próximo do outro, é partilhar dificuldades e a alegria com o outro. É compartilhar, compartilhar a vida, compartilhar a vida (Participante 1).*

*O amor move tudo, se não tiver amor não tem nada, amor pelo trabalho, pela família, pela vida, tem que ter. Igual em questões de relacionamento, namoro, agora eu acho que arrumei, mas tava devagar (Participante 3).*

*Eu acho interessante eu não lembro agora quem me falou, mais você só vai amar alguém de verdade não é pela pessoa que te completa, mas aquela pessoa que complementa. Que a partir do momento que a pessoa te completa você não tá sendo você mesmo, sendo outra pessoa fazendo uma parte de você. Mas quando você é completo você acha uma pessoa, ela vai ter algo a mais (Participante 6).*

Um dos pais, que atualmente está separado, relatou que o amor é um sentimento complexo, já que ele pode acabar num determinado momento:

*É uma coisa complexa. O amor é assim, ele vai e acaba um dia (Participante 10).*

Os outros pais entrevistados destacaram que foram capazes de fazer muitas coisas pela pessoa amada e, em geral, acharam engraçadas as suas próprias histórias. Uma das mães afirmou que, quando mais jovem, achava que era capaz de “ir ao fim do mundo” pela pessoa amada, mas que depois, com o amadurecimento,

passou a ver as coisas de outra forma. Os depoimentos abaixo podem ilustrar essas histórias:

*Eu era apaixonado pela minha mulher, fui mesmo, eu fiz coisas que você nem imagina que eu já fiz (risos). [...] Mas eu tava namorando com ela, eu morando em Miradouro e ela em Itamuri. E, então eu tenho um primo que chama Antônio, ele sempre foi meu amigo, ele tinha carro, ele, toda vez que ele saía, ele ia pra algum lugar, depois que meu pai morreu, por exemplo, ele me chamava, vamos sair numa cidadzinha vizinha aqui, tem uma festinha lá, aí eu ia com ele, ele pagava as coisas pra mim e tudo, né? Então na época que comecei a namorar a Isaura, ele arranjou uma namorada também em Itamuri, chegava de tardinha quando chegava do trabalho ele falava assim: ô vamos em Itamuri? Eu te levo lá, pegava o carrinho e a gente ia pra lá, ia namorar. E teve um dia que choveu muito e eu estava com muita vontade de ir lá e não tinha jeito, a estrada era baixa, o rio encheu e passou água por cima da estrada, não dava pra passar, pois eu fui namorar, passei dentro do rio (risos). Foi uma das passagens que eu fiz por amor (Participante 10).*

*Olha, eu fiz muita coisa, fiz muita coisa. Eu, por exemplo, já tive épocas da minha mãe não querer que eu dormisse lá, não queria que eu dormisse fora de casa, não sei o que lá, aí eu discutia com minha mãe, porque eu queria ficar lá, não vou vir pra casa, e a mãe dela gostava demais de mim e o pai dela também, a gente acabou gostando, então quer dizer, a minha mãe tava perdendo um filho e eles ganhando (risos). Então é certas coisas, então, a gente também quando começou a namorar, ela, ela tava ficando com um rapaz, mas ficava e não ficava porque a mãe dela não queria que ela ficasse, então quando eu conheci ela, ela tava indecisa, às vezes ficava ou não ficava porque a mãe dela não queria saber dela ficando com o rapaz, então quer dizer, eu tive que avançar até os sinais e como diz o outro, dar uma intimada, olha agora você decide ou você fica com ele pra lá ou comigo, se não adianta e pra chegar até isso, eu fiz várias coisas, que ela chegou a conclusão e tomou essa opinião, mas então quer dizer, se eu não tivesse essas atitudes, não tivesse mostrado pra ela quem era minha pessoa, valesse a pena ela tomar esse caminho, não ia dar em nada (Participante 11).*

*Cê pensa assim, eu sou capaz de ir no fim do mundo por essa pessoa. Depois não, já num relacionamento mais maduro, né? Cê pensa numa coisa mais séria, mais estruturada, mais cabeça, não é? Não é aquela coisa que na adolescência cê se joga, sem pensar se a pessoa ali tá sendo boa pra você, se vai ser um relacionamento. Eu penso é assim, pelo menos comigo foi, né? (Participante 8)*

Todos os jovens entrevistados relataram que pretendem se casar e constituir suas próprias famílias. Um deles assinalou que chega um momento na vida em que você não quer só aproveitar, mas necessita de uma base, de constituir sua própria família, como se pode ver nas falas a seguir:

*Com certeza. Com certeza e eu comecei a namorar muito cedo, né? Então, eu acho que fica mais difícil ainda, né? Se eu tivesse começado a namorar um pouco mais tarde eu conseguiria, né? Esperar mais e fazer tudo do jeito certo como tem sido. Mas eu comecei a namorar muito cedo então eu acho que não, eu acho que eu quero casar com ele. Eu tenho certeza, mas tenho que esperar (Participante 2).*

*Pretendo. Com certeza. Eu acho que, é a gente, ao longo da vida a gente tem que aproveitar mesmo, entendeu? Mas chega uma certa hora, chega uma certa fase que a gente tem que sossegar, a gente tem que ter uma outra visão, igual essa, essa, com certeza, como eu tenho uma vontade de construir uma família, eu tenho que me estruturar financeiramente. E eu acho importante, por quê? Porque a vida não é só isso também, a gente tem que ter uma, tem que ter uma base, tem que ter uma, pra constituir uma família. É eu acho que é por essas questões de tá amadurecendo também, de tá, eu acho que eu eu tenho essa visão de querer sossegar, de criar uma estabilidade, de ter uma pessoa próxima, de ter uma pessoa pra você, entendeu? De ter uma pessoa pra compartilhar seus momentos, é por essa visão de eu, de aproveitar muito, de tá sempre presente em festas, entendeu? Chega um certo tempo que a gente cansa, a gente quer uma pessoa do lado, a gente sente falta de uma pessoa presente com a gente também, entendeu? (Participante 5).*

*Pretendo, pretendo sim. Olha ninguém vive sozinho, né? Hoje em dia eu fico analisando, analisando, analisando, nós temos que dar espaço pra dar oportunidade pra ver também, o quanto as pessoas gostam da gente. Mas, eu, eu não vejo o porquê não casar se achar uma pessoa companheira, uma pessoa legal que faça bem pra você, entendeu? Que possa compartilhar suas alegrias e suas tristezas também, entendeu? Não tem por que não (Participante 4).*

Um das jovens, contudo, destacou que, embora queira muito se casar e ter um filho, pretende primeiro investir em uma carreira e ter estabilidade, apresentando uma visão própria de muitas mulheres atuais, especialmente das grandes cidades:

*Com certeza (risos). Com certeza, demais. Eu acho a coisa mais linda que tem (risos). Meu filho já até nome, o Pedro (risos). Quero ter um menino daqui uns 8 anos, pretendo casar, curtir a vida de casada, fazer uma carreira primeiro, ter estabilidade, aí pensar em ter filhos, mas eu quero ter com certeza (Participante 3).*

Todos os jovens afirmaram querer se casar e constituir uma família. Ou seja, desejam ter filhos. Assim, quando questionados sobre o que representa para eles ser pai e mãe, disseram que isso representa atingir um novo patamar, transferir conhecimento, cuidar, estar o tempo todo ao lado do filho, independente das escolhas que ele faça, como se pode observar nos relatos abaixo:

*É (pausa), atingir um novo ápice, né? Quando a pessoa, né? Se torna pai tudo muda na vida dela, né? Você pára de ser só um eu, né? Você tem que compartilhar tudo da sua vida, não só isso, né? Pelos cuidados tal, é voltar para aquela pessoa e transferir todo esse conhecimento que eu acho válido, que foi passado da minha família pra mim, também poder passar prum filho, entendeu? (Participante 4).*

*Seria como você, ter alguém pra ser exemplo e pra cuidar (Participante 6).*

*Ser pai, primeiramente, é muito mais responsabilidade, né? Eu acho que a gente tem que ter, é uma fase que cê tem que tá muito maduro, cê tem que tá, é pronto pra qualquer coisa, porque é mais uma pessoa, é mais um, é um é um herdeiro, é um, é um ente. Eu acho que, é sinônimo de, como é que eu posso definir? Prosperidade. A importância de constituir uma família é como é que eu defino? (Risos) (Participante 5).*

*Ah eu não sei o que significa ser mãe, eu quero ter um filho pra eu educar ele pro mundo, pra ele poder ver como tá esse mundo hoje, pra poder aproveitar a vida do jeito certo, mãe tem amor incondicional, o filho pode ser um bandido, mas a mãe tem que tá do lado dele, não digo assim abandonar ou ficar do lado dele, falar que ele é inocente, mas apoiar, falar eu tô aqui, se errar eu tô aqui, se acertar eu também tô, acho que mãe tem que ser isso, ser tudo, mais que o pai (Participante 3).*

Alguns deles até mesmo possuem planos de como será o casamento e do ritual que desejam para sua cerimônia. Um dos entrevistados assinalou que isso é importante porque o casamento ocorre apenas uma vez na vida, pois mesmo que você se case novamente o primeiro é extremamente importante e modifica a condição do indivíduo. De forma geral, apesar da fala dos entrevistados apontar para mudanças, a maior parte deles deseja um casamento nos moldes tradicionais. Os trechos abaixo dos depoimentos dos participantes podem ilustrar tal fato:

*É, assim. Não sei se vai ser muito bem assim não porque eu não sei como é que vai ser minha vida, né? Se eu vou ter condição de, assim que eu arrumar, assim que eu me estabilizar pra casar. Porque eu não queria que meu pai e minha mãe pagassem o meu casamento, eu queria ter esse prazer de eu e meu marido conseguir pagar o nosso casamento. Então eu não se eu vou, primeiro pode ser que seja que eu junte como esposa, pra juntar dinheiro pra casar. Mas casar eu quero. Na Igreja de véu e grinalda e tudo que tem direito (Participante 2).*

*O mais tradicional possível, eu já falei, meu vestido vai ser azul de tão branco, véu arrastando no chão (risos). Tomara que caía, com renda, tudo bonito, a minha tia faz vestido, essa da maranatha, ela ficou horrorizada, eu cheguei desenhar o vestido todinho pra ela, ela diz que fico planejando desde o dia em que nasci (risos). Quero madrinha, quero pajem, tudo direitinho (Participante 3).*

*Então tem essa questão tipo à namorada que tô agora eu gosto sempre de fazer alguma coisa tipo surpresa. Porque eu acho legal essa parte de impressionar e a minha própria parte de ficar pensando em alguma coisa pra fazer. Aí eu pretendo fazer uma cerimônia simbólica, mas também casar em cartório e na igreja (Participante 6).*

*Eu particularmente, eu acharia muito bonito casar num lugar aberto cheio de árvore, sabe? Mas não, eu não acho que, eu acho que tem que haver uma cerimônia sim, acho legal uma cerimônia porque eu penso assim também, se você se casar mesmo com alguém é só uma vez na vida, sabe? Casamento mesmo, sabe? Depois que você casou você não volta ser solteiro, né? Nem o estado civil não muda, então acho que o casamento também é a mesma coisa. Eu acho que deve haver uma cerimônia, deve haver uma cerimônia assim, e tal e tudo mais, mas não assim necessariamente seja na igreja alguma coisa assim, acho que deve haver uma, uma comemoração sim porque é uma coisa importante, entendeu? (Participante 4).*

Apesar de desejarem que o ritual do casamento seja tradicional, as jovens entrevistadas disseram que a mulher não necessariamente tem que se casar virgem. Uma delas afirmou, inclusive, que a mulher atual quer construir sua independência financeira antes do casamento e, por isso, o contato íntimo acaba ocorrendo. A diferença é que antes, para evitar que esse contato mais íntimo acontecesse, os casamentos eram apressados até porque quando o namoro demorava muito, esse contato acabava ocorrendo, como se pode observar no depoimento dela abaixo:

*Não tenho muito aquele negócio de igual, muitas meninas tem que casar virgem. [...] Hoje em dia que todo mundo quer estudar, quer ter uma estabilidade pra depois casar, de ficar até lá sem ter esse contato íntimo. Porque o tempo passa, as coisas antigamente ninguém esperava muito tempo, justamente por causa disso. Se você esperava muito tempo acabava acontecendo antes do casamento (Participante 2).*

As mães entrevistadas, por sua vez, preferem acreditar que suas filhas são virgens, ou melhor, preferem não saber se elas ainda são ou não virgens, pois idealizaram para elas que se casassem primeiro para só depois ter relações sexuais com o parceiro. Por isso, não tem uma conversa aberta com as filhas sobre sexualidade, pois essa situação pode até mesmo estimular a prática do sexo, de alguma forma. Uma das mães apontou a diferença no tipo de conversa que tem com

a filha e o filho, como podemos observar nos discursos a seguir:

*A gente até, a gente, eu queria muito que a minha filha fosse virgem (risos) cê, entendeu? É um tabu, mas eu acho que, porque eu fui criada assim. Eu prefiro não. Porque eu acho que eu vou sofrer; não é isso que eu quis pra ela. Eu ainda sou, essa, essa modernidade aí, que avança aí, isso aí não faz parte de mim não. Eu não falo, eu só oriento e tudo mais eu não, não sou liberal. Então, eu oriento, mas eu não falo “ah, faz, previne-se e tal”, não, não existe esse papo aqui em casa (Participante 8).*

*Eu falo muito, muito com o Ricardo, porque com a Beatriz eu converso assim, pouca coisa, porque a Beatriz é muito fechada é mais difícil da gente acessar, fica mais complicado, assim, eu acredito que ela não tenha tipo algum tipo de relação e se tiver, eu não estou querendo saber, entendeu? Eu acredito que não, mas a gente não sabe, a gente não sabe, tem 5 anos que eles namoram, mas o Ricardo falo muito porque sai muito, falo com ele meu filho te peço três coisas: não experimenta droga, não é não usar não, é não experimentar, experimentou acabou; essas meninas, por favor usa camisinha, essas meninas ficam com Deus e o mundo e a gente não sabe; aí eu peço isso muito pra ele e se for dormir, não dorme na casa de ninguém, vem pra casa, eu peço sempre pra ele, mas em relação a ele, do que dele com os outros, porque eu falo assim: Meu filho respeita os outros, não briga com ninguém, porque ele é da alegria (Participante 7).*

Um dos pais disse que conversa sobre sexo com os filhos, embora a mãe deles não faça isso, e o outro relatou que poderia conversar ainda mais, como se pode ver nas falas abaixo:

*Converso, converso sim. A mãe deles não, mas eu converso, converso muito com eles (Participante 10)*

*Não tanto quanto deveria, mas a gente conversa um pouco, mas eu acho que a gente ainda não tem quebrado totalmente aquela barreira pra gente orientar dentro das possibilidades da gente, o máximo que a gente pode a gente faz (Participante 11).*

As conversas sobre sexualidade parecem possuir um caráter de recomendação, de alertas a serem seguidos, conselhos a serem cumpridos a risca, caso contrário, isso traria grandes conseqüências para a vida deles:

*Não, eu falo com ele o seguinte: “cê pode namorar, fazer o que cê quiser e tudo, mas ó, pelo amor de Deus, filho só depois do casamento, porque eu não vou cuidar”*

*(risos). Isso aí eu alerto ele. Eu falo assim: “pode namorar e tudo, mas pelo amor de Deus...” Isso aí é quando ele tiver casado pra lá, com a família dele pra lá e tudo. O filho que eles faz depois joga pros pais, né? Não vou cuidar (Participante 12).*

*Eu só oriento, igual eu te falei, eu falo “ó, não pensa que sexo é tudo, porque não é; hoje cê tá com ele e amanhã cê não sabe se estará; não que cê não vai arrumar alguém, não é nada disso, mas é porque eu acho que tudo tem a hora certa, não é?”. Eu acho que, pelo que eu conheço ela, se aconteceu, já aconteceu, se vai acontece, ela vai sofrer, que eu sei que isso ela, porque eu conheço a minha filha, sabe? Eu sei que se acontecer assim, o relacionamento assim mais íntimo dela, ela resolver transar com o namorado e depois terminar, eu sei que ela vai sofrer muito. Então, pra quê sofrer? Se não sabe se vai ficar com ele, se vai ser outra pessoa. Aí eu falei, eu sou meia. Então não passo isso pra ela, eu oriento, mas não dou essa liberdade de forma alguma: falar “ó, se vai transar com o Marcelo, cê vai transar com ele, então cê usa camisinha, toma anticoncepcional”. Eu não faço isso como eu vejo milhares de pais fazer. Eu prefiro omitir, eu prefiro não falar. Que eu acho que eu vou ficar, vou levar um baque assim, ficar chateada, porque não é isso que eu queria (Participante 8).*

*Consigo, não consigo, falo numa boa, explico, falo se cair vai assumir tá? Mas você perde a sua privacidade, né? Porque a pessoa depois que arranja filho, não tô dizendo que é ruim não, né? É maravilhoso, só que você perde uma parte da sua vida, deixando de viver. Então ela mesmo vê que as colegas dela, várias já engravidaram, sabe? Então eu explico muito pra ela, porque o mundo hoje em dia tá muito complicado, por exemplo entra aí no ônibus tem que ficar esperta, porque assalto, violência, né? Faculdade também, jovens oferecem, então nesse ponto eu faço o possível pra passar explicação, né? É como já falei com você, se cair cai de bobeira, né? (Participante 9).*

Segundo os filhos, não há nenhum tipo de conversa aberta sobre sexualidade com os pais, com exceção de dois jovens entrevistados. Um deles disse possuir um diálogo sobre esse tema com o pai, já que a mãe é mais fechada e o pai assumiu esse lugar de conselheiro. Os outros jovens destacam que, ou não ocorre nenhum tipo de conversa, ou elas acontecem sob a forma de avisos, piadinhas, visita ao ginecologista, com amigas e com o namorado, como podemos observar nos discursos a seguir:

*Conversamos desde a vida de adolescente, sempre muito aberto, entendeu? A mãe, a mãe é mais na dela, é mais com o pai mesmo, sabe? O pai sempre foi mais aberto e tudo mais, entendeu? Então ele sempre conversou com, ela, ela é uma pessoa mais simples mesmo como eu te disse, entendeu? Eu acho que ele conversa porque ele, porque ele se estruturou como conselheiro dentro de casa. Se não tivesse meu pai seria minha mãe, entende? (Participante 4).*



*Isso, na minha família toda assim, sempre reuniões lá em casa isso, esses pontos são, esse ponto é bem lembrado (Participante 5).*

*Ah não, não. Só avisos. É! Só aquela coisa que jogam no ar. É aquelas coisas tipo “você não vai sair”, “vão ficar em casa sozinhos, cuidado pra não ter filhos”. Sabe, aquelas piadinhas, tipo meio escondido (Participante 6).*

*Não! Nenhum momento! Nunca! E assim, em relação a sexo, por exemplo, não é um assunto fácil. Ela não é uma pessoa que nunca perguntou pra mim pra conversar sobre nada! E então eu acho ela um pouco rígida porque eu acho que hoje em dia é melhor a prevenção do que fechar os olhos. E o meu pai ele nunca fala nada. O que ele fala, ele fala pra minha mãe falar pra mim (Participante 2).*

*Não, não. Minha mãe já levou até a gente, tanto eu, tanto meu irmão no ginecologista, antes, a gente era bem mais novo, pra dar umas dicas, também pra conversar. Mas assim, procurou levar ao médico pra conversar, às vezes converso com as amigas, alguma coisa, alguma questão (Participante 1).*

*Não. De jeito nenhum morro de vergonha. Não e quando minha mãe começa a insinuar alguma coisa eu já troco de assunto rápido, porque eu morro de vergonha mesmo. Eu acho que isso, quer dizer eu acho que isso tem que ser conversado com pai e mãe, mas eu não gosto de conversar. Então eu converso com amigas e o Bernardo também, converso muito com ele também, mas quando tenho alguma dúvida que não quero falar com ele, falo com uma amiga (Participante 3).*

Essa dificuldade no diálogo entre pais e filhos sobre sexualidade, provavelmente tem origem na própria trajetória de vida dos pais, já que os pais dos pais entrevistados também não conversavam com eles. Na realidade, ou não existia nenhum tipo de conversa, o que era mais comum, ou elas aconteciam sob a forma de mensagens veladas, como podemos ver nos trechos da fala dos pais a seguir:

*Não, meus pais nunca conversaram comigo, o que eu sei, pra você ter uma ideia, eu tava com 18 anos, quando eu fui saber o que era uma menstruação, porque eu tinha um amigo que era farmacêutico e nessa época não tinha médico na cidade, não tinha nada, embora o farmacêutico não possa medicar, ele medicava, usava muito esse hábito. Eu estava na farmácia e chegou um senhora, e ela estava menstruada, foi assim de uma hora pra outra, deve ter ido lá pra comprar o absorvente, né? Aí sem querer pingou um gota de sangue no chão, eu nem sabia o que era aquilo, achei que ela tava machucada, né? Pensava, depois que os meninos começaram a olhar assim pra mim de lado, começaram a gozação, que eles falaram, aí depois que eles vieram e falaram: você não sabe o que é isso não? Não sei não, aí fiquei sabendo com 18 anos fiquei sabendo o que era menstruação nada, nada, pra você ter uma ideia meu primeiro contato com mulher eu estava com 18 anos pra você ter uma ideia, era bem reservado, hoje em dia não rapaizinho de 13, 14 anos, já tá saindo e tal (Participante 10).*

*Não. Ah! Não sei como, mas a gente dava um jeito (risos) (Participante 12).*

*Nossa antigamente, nosso Deus, pai e mãe não comentavam, você não via nada, igual te falei minha mãe não comentava nada, a gente não via nada. Eu nunca vi meu pai fazendo carinho na minha mãe, dá um beijo na minha mãe, tá? Então eu fui criada dessa forma. [...] Eu casei boba, porque na escola que eu estudei não ensinava nada sobre sexo, nada, nada, nada, nem minha mãe, minha mãe não falava nada, porque tinha vergonha, coitada, o jeito e a forma que ela foi criada, ela não tinha coragem de falar com a gente, então tudo era muito, tudo era não podia porque sentia vergonha, sabe? (Participante 9).*

Os jovens afirmaram que gostaria de modificar a forma de educar os filhos com relação à sexualidade. Um deles relatou que introduziria essas temáticas de acordo com a idade dos filhos; outra destacou que seria amiga da filha nesse sentido; um dos jovens disse que discutirá com seus filhos até pelas próprias mudanças que estão ocorrendo e já serão uma realidade quando eles iniciarem suas experiências sexuais; e uma delas disse que tentará conversar de forma discreta, pois é muito difícil para ela conversar abertamente sobre esse tema. Os depoimentos abaixo podem ilustrar isso:

*Assim, né? Óbvio que eu introduziria o conceito de sexualidade de acordo com a idade deles, né? Mas, seria um enfoque aberto, né? Eu usaria de uma empatia de sensibilidade pra falar com eles, mas, com certeza estaria mostrando muito pra eles, porque se eles não aprenderem comigo, dentro da minha casa, eles vão aprender na rua, entendeu? Então acho que você já, tem que mostrar tudo que tá esperando lá fora pro filho, ao invés dele ter uma surpresa lá fora e se decepcionar, entendeu? Acho que a gente tem que tá aberto, acho que tem que haver o diálogo um com o outro, entende? (Participante 4).*

*Ah! Eu ia querer saber, eu ia querer saber de tudo, eu ia ser amigona da minha filha em relação a isso. As paquerinhas dela, até quando eu fiquei com o primeiro menino a minha mãe não ficou sabendo, eu morria de vergonha, não contei e a minha mãe assim, ela ficou sabendo que eu fiquei com um menino antes do meu namorado. Eu não fiquei com um monte de menino, né? Eu fiquei o quê? Com uns cinco meninos antes de namorar. Ela só ficou sabendo de um, entendeu? Então assim, eu ia fazer totalmente diferente, minha filha ia me contar o menino que ela ficou, quando ela menstruasse eu ia levar ela no médico pra ela não ter nenhum problema, ficar tudo certinho, sabe? Pra ela já criar esse hábito de saúde, sabe? Porque eu não tinha nenhum diálogo e eu nunca me importei, hoje em dia sim, fazendo a faculdade eu comecei a ver o quanto é importante essa prevenção das doenças, né? Não só pelo fato de você já ter uma relação sexual. Que ela é de uma época completamente diferente. Em relação aquilo ali, eu vou sempre querer saber se ela tá namorando, se ela tá ficando com alguém, sabe? Eu não vou querer saber quando ela tiver a*

*primeira relação dela, isso não, mas eu vou dar a liberdade dela de ir ao médico, tomar o remédio, fazer tudo certinho (Participante 2).*

*Com certeza. É, é eu com certeza eu vou levar isso pros meus filhos também, tá sempre botando meu ponto de vista, mas também deixando eles adquirirem esse ponto de vista deles também pra trazer pra mim, por quê? Igual, exatamente com essa mudança, com essa, porque vamos ter vão ser outros tempos. Daqui a quatro anos, cinco anos, com certeza, vai ter alguma coisa de diferente pra gente. Então a gente aprende, é porque, a gente conversa com o que, vai ser, vai ser falado, vai ser, com a liberdade que a gente vai adquirindo com eles com certeza eles vão acrescentar pra gente também essa habilidade da época, do momento (Participante 5).*

*Ah vou conversar com eles de uma maneira bem discreta, vou tentar, é eu acho que vai ser bem difícil pra eu chegar pro meu filho, usa camisinha, acho bem complicado, a pessoa é muito sei lá, tenho muita vergonha, a minha mãe não sabe que eu fiquei com outras pessoas, ah fiquei com uma pessoa uma semana, nossa Deus me livre, era namorar, então fazer o que (Participante 3).*

No que diz respeito ao casamento, tanto para a maioria dos pais quanto para os filhos, não existe um modelo ideal de casamento. Alguns apontaram que o principal é que as pessoas vivam bem, dialogando sempre, como se pode ver nos depoimentos abaixo:

*Não existe não, não tem, eu acho que pra mim, é igual eu falei o respeito, o acolhimento do outro, você querendo ver sempre o outro bem, eu acho que é isso aí, o resto (Participante 7).*

*Não existe. Acho que estão em constante construção, entendeu? Assim como o relacionamento de uma família, entendeu? No caso seria uma nova família, né? Mas é constante construção, sabe? Muito diálogo, eu acho que estrutura tudo na sua vida é o diálogo, entendeu? (Participante 4).*

Alguns pais apresentaram uma flexibilidade maior com relação aos novos modelos de casamento, apesar de terem destacado que preferem o modelo tradicional de casamento para seus filhos. Eles afirmaram, ainda, que não os impediriam de coabitar com o namorado ou namorada, desde que já tivessem independência financeira. Na realidade, a maior parte dos pais assinalou a

necessidade de moldar seus pensamentos para se adequar às mudanças que tem ocorrido. O depoimento abaixo pode ilustrar este fato:

*Agora eu acho, por exemplo, quando ela tiver já formada, definido, se quiser até ir morar com o namorado, aí eu não vou me importar. É, eu não posso, ela já vai tá com vinte e tantos anos, né? Hoje quando cê cobra os filhos, eu cobro ela do horário ela fala “mãe eu já tenho vinte e um anos”, “eu sei que cê tem vinte e um anos, mas não é a sua idade, né? É as maldades”. Então é uma coisa, eu acho que tudo tem que falar. Um dia ela perguntou assim pra mim “mãe, seu eu morar com o namorado igual a Soraia”, a Soraia é minha sobrinha morou pra depois casar, “a senhora vai concordar?” Eu falei “ó, não é isso que eu queria”. “A senhora vai ser igual a minha madrinha?”, que é minha irmã, mas é igualzinha a criação da menina dela é assim, né? Também ela já, já tinha a vida profissional definida. Mas assim, a gente tem esses pensamentos de casar direitinho, sabe? Aquele sonho que mãe tem com a filha? Eu sonho. Falei “não, eu não vou me descabelar, não vou, porque você não será a primeira nem a última, né?”. Eu não vou achar ruim não. A Soraia morava com o namorado, ela já era profissional e ele também. Aí o dia que ela foi morar ela falou com o pai dela “pai eu estou morando com o Fábio”, falou assim com o pai dela. Ele falou “ah, tudo bem”. Ela morava em Ubá, que ela passou num concurso. Ele vai falar o quê? Igual ele falou comigo “eu vou aceitar”, porque é assim, eu acho que a vida vai tomando, vai se ajustando, não é na medida do que você ensinou, cê vai adaptando a sua cabeça de aceitar as coisas, né? (Participante 8).*

Uma das jovens disse que se espelha no modelo do casamento dos pais pois, mesmo com discussões, eles permanecem juntos, como se pode ver em seu depoimento a seguir:

*Meus pais, eles vivem bem, sabe? Eu acho que eles não, por mais que já tenha tido esse “não, vamo separar então que não tá dando certo.” Mas eles não tem coragem, sabe? Aí que eu acho bonito. Porque às vezes na hora da discussão você fala, mas a coragem não tem, entendeu? (Participante 2).*

Os pais assinalaram que antes a visão do casamento era diferente, pois as pessoas se casavam para viverem juntas por toda a vida e, atualmente, diante de qualquer dificuldade, as pessoas se separam, como se pode ver nos dois depoimentos abaixo:

*Hoje em dia, as pessoas se casam já pensando, se não der certo separa, eu sou contra, eu acho que casou é pra viver uma vida juntos, se respeitarem, né? E tentarem construir alguma coisa junto, né? (Participante 10).*

*E então eu acho assim, que antigamente, não é antigamente, é verdade, quando a gente vai casar, a gente casa pra vida toda, hoje não, hoje o pessoal já pensa, entra na igreja e se não der certo amanhã eu separo, arranjo outra, entendeu? Não pensam igual a gente, sabe? Porque eu falo mesmo, se passassem, eu falo mesmo, não precisa nem de ser a metade, a terça parte que eu já passei, muita gente e não teria agüentado, mas eu aguentei, eu lutei. Era meu ideal, é igual o que te falei, é a criação, vem de berço, meu pai me deu essa educação, casou filha é pro resto da vida, não é só na hora do bom, do bem-estar, né? Ou financeiramente, fica rico te dá tudo e fica pobre você larga, não, então é na hora da doença que tem que tá junto, né? Porque é na alegria e na doença, sabe? Então não tem, igual eu falei, envolvi muito com a religião, mas graças a Deus eu venci (Participante 9).*

Para os jovens, não foi uma tarefa fácil definir o que seria o casamento. Contudo, em suas definições, utilizaram termos e expressões como compartilhamento, companheirismo, ceder, respeitar as diferenças, o dia mais feliz, construir uma família, viver o resto da sua vida ao lado daquela pessoa, batalhar por objetivos comuns. Pode-se perceber, assim, em seus discursos, uma visão idealizada e, em parte, tradicional, sobre o casamento:

*Compartilhar uma vida (Participante 4).*

*O casamento eu acho que é a união de tudo que te falei em relação ao amor. É a comprovação definitiva de que você quer viver o resto da sua vida ao lado daquela pessoa que tem aquele companheirismo, respeito, sabe? Ser seu ponto de apoio quando você precisar (Participante 2).*

*É difícil definir. Ai, casamento. O casamento já fala, é, é uma união, é um ceder pelo outro, um estar com o outro, pro bem dos dois. Acho que casamento é isso, um ceder, um respeitar a diferença do outro; não deixar de fazer as coisas que gosta, mudar as suas características só porque o outro quer. Mas às vezes não impor tudo que pensa, tudo que fala, tudo que faz pro outro, o outro, é importante, receber e respeitar pro bem dos dois (Participante 1).*

*Ah acho que pra mulher deve ser o dia mais feliz, assim antes de ter o filho, de ser o dia mais feliz (Participante 3).*

*Eu acho que seria mesmo construir família. Você está junto com outra pessoa que você escolheu, isso é importante que você escolheu, mas lutando por algo em comum mesmo que não seja seu objetivo, mas o objetivo da outra pessoa. Você vai batalhar com a mesma intensidade como se fosse pra você por alguém que você gosta (Participante 6).*

Já os pais apresentaram uma visão mais realista do casamento, talvez por se basearem em suas próprias experiências, apontando que há dificuldades ao longo da vida conjugal, mas também existem formas de superá-las, como se pode observar nos trechos de fala abaixo:

*O casamento? Hoje em dia eu defino o casamento como se fosse um contrato social, mas antes não, o casamento era levado mais a sério, hoje o casamento não é levado muito a sério, né? Mas eu valorizo muito, se você é bem casada, tem um companheiro bom, que te valoriza, que gosta de você, eu acho que você tem que trabalhar em cima disso aí. Fazer com que, se você tiver algum problema ou se seu companheiro tiver algum problema, eu acho que seu companheiro tem que dialogar, conversar e se abrir, né? Porque a melhor maneira que você tem de resolver a situação e prolongar o casamento é isso, jogar limpo (Participante 10).*

*O casamento? O casamento é, a gente quando casa é tudo mil maravilha, tudo novo e o quê que acontece, aí os tempos vão passando e você tem que conquistar isso com o tempo e pra retribuir é o respeito, o carinho, que você consegue manter um casamento. É muita coisa, não só problema na nossa família, como nas outras famílias, na minha família e na família dela, querendo ou não influenciam, tem os percalços na vida da gente que todo mundo passa, entendeu? Se a gente não partir de uma base que a gente teve, casou porque quis, casou por amor, porque gostava um do outro realmente, aí a gente não chega a lugar nenhum, isso aí é uma opinião minha, se você não casou por amor, você pode achar que deixou de gostar por um certo tempo, mas às vezes você acha que é isso, mas quando você vê, você acorda que não é isso, às vezes é uma fase que você passa, entendeu? (Participante 11).*

Os pais entrevistados disseram que idealizaram o casamento antes de se casar e que possuíam expectativas diferentes das que vivenciaram na prática. Eles afirmaram que tiveram que se adaptar à nova vida de casados e alguns deles relataram também ter idealizado seus companheiros e se depararam com pessoas diferentes do que tinham imaginado:

*Totalmente diferente. Foi totalmente diferente, totalmente diferente, não foi do jeito que eu queria, que eu pensava, mas tudo bem, aí fui me adaptando, né? Eu vivi 6 anos bem com minha mulher depois disso olha, não foi fácil (Participante 10).*

*Ah, sim, porque você é, tem o ritmo de vida que a gente leva de solteiro é um e de casado é outra completamente diferente. Porque casado, você tem que deixar muitas coisas, né? Igual por exemplo, cê saía sozinho. Quando cê saía sozinho cê ia pra qualquer lugar, se cê não gostasse saía pra outro. Aí se cê sai acompanhado, então*

*aí já é diferente, né? É completamente diferente (Participante 12).*

*Ah falta, porque, assim, quando a gente, muito no começo, você idealiza muito a pessoa, aí eu acho assim, não é no meu casamento, faltava no meu marido, eu queria que ele fosse um pouquinho mais ambicioso, porque ele não era e eu também não era, e às vezes assim que eu tentei foi muito assim acomodado, então eu acho que a gente tinha condições de estar melhor, eu acho que faltou isso aí, sabe? Ter mais vontade, estudar mais, eu acho que ele ficou muito acomodado. Puxou a gente bem pra trás, porque até a gente abrir o olho e perceber que tá entrando na da pessoa, né? Aí eu acho que faltou isso mesmo (Participante 7).*

*Igual eu falo, cada um, eu acho no meu, eu sou muito romântica e meu marido não é, sabe? Eu gostaria que ele fosse assim, sabe? Mais carinhoso, mais romântico, e ele não é. Sabe que no namoro ele era mais, sabe? Era mais amoroso, eu não sei se é do jeito dele, sabe? Mas eu gostaria que ele fosse uma pessoa mais assim, carinhosa, sabe? Não sei se é timidez, porque a gente vai chegando uma certa idade, né? (risos) (Participante 9).*

Apesar das expectativas com relação ao casamento não terem saído como o planejado, os pais ainda acreditam no casamento e incentivam seus filhos a seguirem a mesma trajetória, como podemos observar nas falas a seguir:

*Eu acredito no casamento, e até gostaria que ela fosse assim uma moça legal. Que tivesse juízo porque o casamento é uma coisa bem complicada, porque você tem a sua vida de solteira é uma e a de casada é outra completamente bem mais difícil. Porque além de você ter as suas coisas você tem que saber aceitar as coisas dos outros (Participante 12).*

*Olha é, é, igual apesar dos atropelos, né? Que tem dia que não tá bom, né? Eu acho que, você encontrando a pessoa certa, eu ainda acho que todo mundo tem que casar, não deve ficar sozinho, eu acho que é muito triste, né? Ter uma vida muito solitária, cê ficar sozinho. Apesar dos apertos, das dificuldades, dos problemas que a gente enfrenta, eu acho que ainda tô bem. Não, no momento não, não. Eu até falo que eu prefiro a minha vida de casada do que de solteira. Eu falo isso, olha que eu aproveitei (risos). Namorei muito, porque chega uma hora que, né? Eu fico imaginando se eu tivesse, não tivesse casado, né? Hoje eu tava vivendo em função dos sobrinhos, que eu gosto muito dos meus sobrinhos, eu tinha ficado, igual eu já ajudei, eu ia ficar criando sobrinho e os filhos dos meus sobrinhos e ia ter uma vida assim. Não é que eu ia achar que é ruim, mas eu acho que é uma vida muito assim de sacrifício, porque você não vai viver feliz pra você; cê vai viver só em função dos outros. Quê que cê conseguiu pra você, cê não teve um filho, um marido, não é verdade? (Participante 8).*

*Ah casamento assim, se, eu penso assim, se tiver respeito e vontade de viver junto mesmo, qualquer problema é fácil de resolver, agora se não tiver respeito, vontade que o outro esteja bem, né? Se não estiver aí apoiando o outro pode sair fora que não funciona não (Participante 7).*

Todos os pais entrevistados afirmaram ter optado pelo casamento e ter se casado após, no máximo, três anos de namoro:

*Dois anos e pouco e já casamos. Eu já tava com vinte e quatro anos, vinte e cinco, eu namorei com vinte e quatro anos, eu namorei dois anos e pouco, eu casei com vinte e sete (Participante 8).*

*Ah eu gostei do meu marido a primeira vez que eu olhei (risada). Amor a primeira vista, olhei, gostei (risos), namorei e casei (Participante 7).*

*Eu já tinha 3 anos de namoro, fiquei mais um ano noiva, eu casei com 23 anos, eu acho que eu casei nova. O Roberto foi lá em casa, e pediu a mão, fala pedir a mão, né? Pedir a mão, conversar com os pais tudo direitinho. Aí depois ficamos noivos e logo em seguida marcamos o casamento, sabe? Casamos no dia 15 de abril (Participante 9).*

*A gente namorou 3 anos, entendeu? Mas o quê que acontece, eu vi que eu já queria viver com ela mesmo, e também não tem por que ficar, a gente quer ficar junto, então nos casamos (Participante 11).*

Apenas um dos jovens não possui um namoro estável atualmente, mas relatou estar envolvido com uma pessoa no momento e desejar que esse relacionamento evolua para um namoro. Todos os outros jovens estão namorando há pelo menos 4 meses e duas jovens já namoram há quase 5 anos:

*Não. Já tive três relacionamentos. O primeiro foi de, foi mais duradouro, de um ano e cinco, seis meses e os outros dois assim, é pela pessoa morar fora, a gente não tinha o convívio intenso, mas todo final de semana. Mas o mais duradouro foi o primeiro. [...] Assim, inclusive tô (risos), já tô com uma pessoa, mas não posso falar que é namoro, é isso (Participante 5).*

*Tenho. Quase dois anos (Participante 4).*

*Há quase 5 anos (Participante 2).*

*Quatro meses. Eu acho que teve esse, que teve antes, o de antes durou três anos (Participante 6).*

Por estarem namorando, ou por já terem tido um namoro estável, os jovens entrevistados explicaram em que condições podem sair com seus namorados ou namoradas. Os homens relataram que os pais sempre foram permissivos, embora



os tenham orientado sobre como devem proceder, enquanto que as mulheres disseram que tudo começou a ficar mais tranquilo à medida que a confiança dos pais no namoro aumentou, como podemos observar nas falas a seguir:

*Não é tranquilo. O que o meu pai sempre falou dentro de casa assim “respeita sua, respeite as filhas dos outros porque amanhã você pode ter uma” (risos). Ele, ele sempre falou comigo, só isso (risos) (Participante 4).*

*No início do namoro era mais restrito. Tinha hora pra chegar. Tinha que falar o relatório, “onde você foi, o quê que você foi fazer”. Só que eu fui esperta, então eu comecei, eu trouxe ele como meu amigo pra minha casa. Mas não foi intencional. Aconteceu da gente acabar namorando. Então ele jantava lá em casa todo final de semana como meu amigo, a gente saía junto, a gente saía no dia dos namorados como amigos, a gente nunca ficou nem nada. E aí isso criou um pouco de confiança pros meus pais. Quando eu contei que era ele, o meu pai virou e falou assim: “ah! Pelo menos é uma pessoa que a gente já conhece e já tem afinidade”. Então eles confiaram muito. Então nunca teve muito isso assim. A única restrição assim, minha mãe não deixava, no início minha mãe não deixava eu viajar sozinha, eu e ele pra ir pra algum lugar. Ela não queria deixar eu andar de carro com ele. Depois que minha prima falou: “Que bobeira, você acha que se tivesse que fazer alguma coisa o carro ia fazer alguma diferença? Não vai!” Aí ela liberou o carro. Mas hoje em dia já não tem tanto horário pra voltar pra casa (Participante 2).*

*Não. Antes era, poderia namorar só no sofá da sala, só que ninguém ficava me vigiando, a gente só conversava, só sentava no sofá. Não podia entrar no quarto, né? Claro, não podia no quarto, né? Era confusão. Agora, mas não com ele, nunca meu pai chamou, esperava ele sair “ah você entrou no quarto, não sei, o quê, da próxima vez eu vou falar, você tem que namorar é na sala”. Aí, antes pra sair, assim ele, ele não tem carro, mas o pai dele sempre teve carro e ele tem carteira de moto, de carro, aí não poderia andar no carro do pai dele, só eu e ele, tinha, que se tivesse era alguém e se fosse pra alguma festa ou alguma coisa assim, era sempre acompanhado ou da mãe dele, ou de uma outra pessoa. Nunca sozinho. Agora, hoje já viajei com ele sozinho, só, sozinho. Ele viaja com a minha família também, todo mundo numa relação boa. E pode entrar no quarto, pode assistir uma televisão no quarto, ver um filme, tranquilo, hoje bem tranquilo. Pode ir nos restaurantes que quiser, sem falar assim, ele me busca na faculdade. Sem cobrança (Participante 1).*

*Não, engraçado, com o outro tinha, até carro, esse só tem moto e meu pai morre de medo de moto, acidente, às vezes nem pergunta onde eu vou, eu mesmo falo vou sair com o Bernardo pra tal lugar e depois a gente vai pra casa dele. Pronto, só um sábado aí que eu fiquei até duas e meia, aí minha mãe ligou preocupada achou que tinha acontecido alguma coisa, mas de resto, tô andando de moto com ele, show em Itaperuna, deixou eu ir pra Viçosa no mesmo dia e voltar, mas viajar com a família dele minha mãe deixa, com pai e com a mãe dele, deixa (Participante 3).*

Os pais relataram que permitem que os filhos saiam com os namorados ou namoradas, mas estabelecem condições. Dentre as principais, está não viajar com o

parceiro, embora alguns pais já permitam que os filhos viajem desde que acompanhados por alguém da família de um deles, como podemos ver nas falas a seguir:

*Outro dia falou assim que ia viajar com o pai dela. Falou assim, falou o nome do pai: “ele vai viajar, ele tá me chamando pra ir”. Aí eu já falei com ele assim, “não quero, porque você nunca saiu sem a gente, não assim” (Participante 12).*

*Ela viaja muito com a mãe dele e com o irmão, porque ele não tem pai, né? Só tem mãe. Aí ela viaja muito com a mãe, com o irmão. Ela sempre vai, eu falo “Eh Sônia leva mesmo”, porque eu não vou em lugar nenhum. Aí onde ela vai, vai pra Cabo Frio ela leva, onde que ela vai ela carrega; ela vai pra Valença ela leva. E eu deixo porque, eu acho que não tem problema algum não (Participante 8).*

*É. E ela lá na casa do namorado eu não gosto que vai, só se tiver um churrasco, alguma coisa (Participante 7).*

*Ele me pede, pergunta: ah ele quis ir pra Leopoldina, aí ele pergunta: “posso ir com a Fabiana? Aí tudo bem, pode, passaram o dia lá, na casa de uma tia dele lá, ela sai com a família dele, almoça, tipo passa o dia todo, passa na casa dele almoça geralmente os domingos lá, quando ele não almoça aqui, sabe? Então ela tem total liberdade, mas dentro do padrão, igual eu te falei, tudo explicado, né? (Participante 9).*

Os pais entrevistados destacam que também havia muitas condições impostas a eles por seus pais e elas eram mais rigorosas do que as que são estabelecidas atualmente. Para as mulheres, então, essas condições eram ainda mais rígidas:

*E tinha alguém pra acompanhar, ela tinha horário pra chegar em casa e pra sair a mãe dela tinha que ir junto, pra você ter uma ideia nós fomos no show do Lulu Santos lá em Itaperuna (risos), a mãe dela ficou 3 horas e meia dentro do banheiro conversando com a mulher que limpa o banheiro lá pra gente ir, porque a mãe dela já tava numa certa idade não queria, né? Freqüentar, ficou lá, passou numa boa, porque queria agradar a filha, como diz ela é o sacrifício que você faz (Participante 11).*

*Namorava em casa e tinha os dias estipulados, e como eu trabalhava, né? Era só quarta, sábado e domingo e até 10 horas da noite, como diz, passou da primeira badalada tinha que zarpar como dizia antigamente. Eu saía, mas com minha irmã junto, sempre alguém, sempre, sempre, sempre, mesmo noiva, a minha sogra doente tinha que ir pra Guarapari, eu ia de carro, mas tinha que levar alguém, ou era a minha mãe, tia, prima, irmã, mas eu tinha que levar alguém se não podia ir (Participante 9).*

Os jovens entrevistados disseram que os pais já não impõem horários para que eles cheguem em casa, mas eles próprios, muitas vezes, se policiam por causa do aumento da violência na cidade. Uma das jovens entrevistadas, por exemplo, disse que seu namorado foi seqüestrado quando estava voltando para casa depois de ter saído com ela. Um dos jovens afirmou que são os pais da sua namorada que estipulam os horários de chegada e uma jovem disse que os pais fazem diferença entre ela e o irmão, já que para ela são delimitados horários e para ele não:

*Ah é. Até mesmo por medo porque eu fiquei muito preocupada porque ele foi assaltado e sequestrado (Participante 2).*

*A minha mãe, meus pais foram sempre mais liberais comigo, por essas questões de, eu sempre ter respeitado os mandamentos deles, por eu nessa época que eu namorei é, não tinha essa violência que tem, que hoje em dia a gente vê constante. Então eu acho que nunca foi marcado pro horário assim, “chega tal hora em casa, entendeu?” Eu sempre tive essa liberdade de horário e eles nunca, nunca impuseram nada assim (Participante 5).*

*Mais ou menos, porque eu já fui acostumada assim, meu pai fala meia noite em casa. Porque ele sabe que meia noite eu vou tá em casa. É que não me incomoda, entendeu? Antes quando eu estava com o outro, eu falava isso, posso fazer coisa errada qualquer hora, posso fazer meio dia ou meia noite, mas eu sei que meia noite durante a semana, fim de semana duas horas, duas e meia no máximo (Participante 3).*

*Não. Deixa eu pensar, não. Mas eles, eles são bem mais autoritários, sabe? Lá eles são religiosos, é totalmente, é totalmente diferente da minha família, sabe? É, é eles são mais autoritários nisso com ela, sabe? Mas em horários assim, eles são mais tranquilos e tudo mais (Participante 4).*

*É, se eu for sair não. Mas, por exemplo, assim, o Ricardo pode chegar a hora que ele quiser, mas não tem como, só pode chegar sete horas da noite mesmo, que eu tô atarefada, as coisas da faculdade, mas assim, sábado umas dez e quarenta, onze horas pode arrumar pra ir embora, isso é desde o começo, mas a gente segue, pra não desrespeitar. E também, a semana é tão cansativa, que às vezes a gente precisa de um momento só pra gente, descansar (Participante 1).*

No discurso dos pais percebemos uma maior flexibilidade em relação aos horários estipulados para os filhos homens chegarem em casa, como podemos verificar nas falas a seguir:

*Saiam com as namoradas? (pausa). Não, não estipulo mais horários, porque agora eles são pessoas adultas, sabem o que é bom pra eles e o que não é. Eu só falo com eles pra (pausa), agirem corretamente, né? Procederem da melhor maneira possível, né? O Emérson, por exemplo, vai pra casa da namorada dele, dorme na casa da namorada dele (Participante 10).*

*Não, eles não têm essa questão do horário pra chegar, mas a Sandra policia muito, não só pra saber o que eles estão, o que tá fazendo lógico, a gente preocupa com isso também, mas procuro saber onde está, com quem está (Participante 11).*

*Só que às vezes extrapola um pouco. Mas aí, teve um dia que ele saiu aí, demorou a chegar, aí a gente ficou ligando, ligando, ligando. E parece que desliga o telefone. Aí a mãe começou até querer a passar mal em casa. Então agora a gente não vai ligar mais. A gente vai deixar ele, a hora que ele quiser vir ele vem. E não ligamos mais. Aí de vez em quando ele liga. Mas então depois que a gente parou de ligar ele é quem liga. Não sempre, mas liga. Então a gente fala com ele. Tem os colegas dele que às vezes a gente achava que ele não era muito boa coisa, aí proibimos e tudo. Mas tinha vez que não tinha como, os caras batiam aqui na porta e ele acabava saindo (Participante 12).*

As mães afirmaram estipular horários para as filhas chegarem em casa, sendo que uma delas diz claramente que faz diferença nas regras estipuladas para sua filha e seu filho. Todas elas, no entanto, disseram adequar os horários aos programas que as filhas vão fazer naquele dia, bem como dependendo da segurança que passaram a ter no namoro, como se pode ver nos depoimentos abaixo:

*Pra ele não, pra ela sempre tem, pergunto que horas vai chegar, sair, mas se for uma coisa, se falar eu vou no baile, alguma coisa, a hora que chegar também, chegou, né? (Participante 7).*

*É, no início, no início, ela tinha mais horário pra chegar, eu esperava, que ela começou a namorar tinha dezessete anos. Aí eu esperava ela chegar, mas de uns anos pra cá eu já relaxei, eu acho que eu tô cansando (risos), tô deixando na corda bamba. Ela chega, eu não aguento esperar, não espero não. Porque às vezes vai pra um barzinho eu não tenho nem como ficar acordada até uma e meia. Mas agora depois que, não sei se cê soube, mas o namorado dela foi seqüestrado, então, aí desse dia pra cá minha filha, aí eu falei ó, não tem necessidade, eu falava, você achava que eu estava errada “mãe é a hora que todo mundo sai, dez e meia, onze horas, é a hora que os barzinhos ficam cheios, não sei o quê”. Mas não tem necessidade de ficar até uma e meia da manhã na rua. Se você tiver numa festa de aniversário, num baile, num show, eu vou compreender isso, mas não tendo nada em Muriaé, cê vai fazer o favor de chegar mais cedo. Agora eles mesmos já tão*

*chegando, eles viram que, que eu tô certa, né? Já pensou se ela tá junto, o quê que esses caras podiam fazer, né? Graças a Deus, tinha acabado de deixar ela aqui na porta de casa, minha filha, foi a sorte (Participante 8).*

*Olha, ela tem horário sim, eu digo assim, durante a semana, ela sai, ele busca ela na faculdade todo dia, traz ela em casa e ele quer ficar, aí não tem, aqui em casa não tem problema, graças a Deus, agora com relação a sair nós estipulamos, uma, uma e meia no máximo, mas é lógico, um dia que tem uma festa, quando sai com um casal de amigos, aí pode chegar, duas, duas e meia, ou quando tem show, fica até mais tarde, já chegou três e meia, mas aí eu já fico preocupada. Depende da ocasião, sabe? Mas se não chegou também eu preocupo, eu já ligo, eu fico preocupada. Mas já deito e durmo, agora com esse namorado atual eu já tenho mais confiança, sabe? Então eu já sei que não bebe, sabe? É uma pessoa que já me passa segurança, igual te falei, tudo isso já influi (Participante 9).*

Com relação à permissão para levar os namorados para dormir em casa, todos os jovens relataram que não são autorizados a isso, a não ser em situações especiais e, mesmo assim, eles dormem em cômodos diferentes da casa. Alguns jovens nunca vivenciaram essa situação, mas acreditam que não seria permitido, como se pode constatar nos depoimentos abaixo:

*Levo só que ela não dorme comigo, entendeu? É, por respeito. [...] É, dorme em outro quarto, não dorme comigo (Participante 4).*

*Não. Só se for em outro quarto. Aí sim. Que já teve, já aconteceu da gente ter que ir pra praia, como ele mora aqui também, no mesmo bairro, pertinho, então não tem muita necessidade disso. Mas já aconteceu da gente ter que ir pra praia de madrugada aí ele dormiu lá em casa em outro quarto (Participante 2).*

*Ele já dormiu, mas assim, ah, igual eu falei, ele saiu de moto, tava chovendo muito, ah pode ficar. Às vezes no quarto do meu irmão quando não tá em casa, pode dormir no quarto do meu irmão, ou na sala. No meu quarto não (Participante 1).*

*Ele dormiu no meu quarto e eu dormi na sala, minha mãe ainda dá mais privilégio pra ele do que pra mim (risos). Fica com medo da minha cachorra ficar incomodando ele, ele já dormiu no meu quarto, eu não tenho problema com isso não, lá em Guarapari a gente dormia a tarde inteira junto, na mesma cama, só de noite que não, mas de tarde com a porta aberta nada de quarto fechado, não? (Participante 3).*

*Pra dormir eu nunca cheguei a perguntar por que eu nunca chamei pra dormir lá assim. Nunca aconteceu (Participante 6).*

*Não. Nos primeiros relacionamentos eu não tive isso não, mas eu acho não sei se autorizariam dormir lá em casa (Participante 5).*

Os pais ratificaram o que foi dito pelos filhos, ao afirmar que não autorizam, nem os filhos homens, nem as filhas mulheres, a dormir com seus namorados(as) no mesmo quarto. As mães fizeram questão de ressaltar, que quando os namorados de suas filhas dormiram em suas casas, isso se deu por motivos muito especiais, como podemos observar nos discursos a seguir:

*Pra dormir, se quiser dormir lá em casa pode sim, mas ela vai dormir num quarto e ele no outro, não gosto que fiquem juntos. Na minha casa, por exemplo, se o meu filho está namorando uma pessoa, os pais da menina já conhece ele, sabem que ele está namorando, essa menina vai dormir lá em casa e engravidada de uma hora pra outra, eu vou me sentir culpado por isso, porque eu facilitei aquela situação. Dentro da minha casa, mas se ele engravidá-la em outro lugar, depois eu acho que vou pensar de maneira diferente, dentro da minha casa eu exijo, é, um certo tipo de respeito. Incomoda a mãe deles também, ela não aceita isso não (Participante 10).*

*Sim, sim, mas no mesmo quarto não, igual, por exemplo, não tem nada haver a namorada dormir aqui, não pode é dormir com ele (Participante 11).*

*Não. Não, nunca, nunca, a gente nunca questionou isso. Mora tão pertinho, né? Só teve uma vez que a gente foi viajar pra praia de madrugada e aí ele ficou aqui. Que aí a gente ia no nosso carro aí ele dormiu aqui. Fora isso, ele não é de ficar dormindo aqui não. Deu o horário dele ir embora ele vai embora (Participante 8).*

*Ó é machista essa fala minha, mas em relação ao Ricardo quem tem que determinar lá é a mãe da namorada dele, aqui em casa eu já falei, não ainda eu não aceito, nem vou aceitar namorado dormir com namorada, com Beatriz não tive esse problema, mas o Ricardo às vezes queria ficar com a namorada no quarto de porta fechada, eu não aceito de jeito nenhum. Não aceito de jeito nenhum. Não, a Beatriz não faz isso também, né? Mas o Ricardo às vezes queria fazer isso com a namorada, não aceito de jeito nenhum, não entra na minha cabeça, entendeu? E a Beatriz, graças a Deus o namorado dela não dá problema, mas se tivesse que dá também eu não ia aceitar, isso aí não. Se o Ricardo for pra casa da namorada, porque lá a mãe dela tem que olhar, agora se o namorado vem pra cá, não aceito não, com a minha filha não (Participante 7).*

*Já, já dormiu duas vezes ou três vezes, não sei. Meu marido não fala nem que sim, nem que não, sabe? Mas eu vejo que ele fica meio assim, ele é tipo o regime de antigamente, igual o pai, durão, turrão, sabe? Mas pra falar assim: “Roberto, o que você acha?” Aí ele fala: “ah, você quem sabe” (risos), ele joga pra mim, “você que decide”, e aí eu falo, aí você não pode, você tem que dar sua opinião, mas ele só ficou aqui em casa porque tava chovendo e ele tem moto, tava chovendo, então não tem necessidade, né? Tava chovendo, a pessoa sair em baixo de temporal pra ir embora pra casa, não justifica (Participante 9).*

Pais e filhos relataram que, apesar das mudanças atuais, ainda existem

muitas diferenças entre o que deve, ou deveria, ser aceito no namoro de filhos homens e mulheres, como podemos constatar em suas falas abaixo:

*Olha você surpreende com muita coisa hoje em dia, né? Como que já mudou isso, né? Mas, ainda você vê, né? Você vê uma diferença nos horários, nos horários do homem e da mulher, né? Igual um belo exemplo, né? “Ah pai tô namorando”, “ah parabéns, me apresenta sua namorada”. Aí a menina, “o pai tô namorando”. “Quero saber quem que é”? “Não quero saber disso não! Entendeu?”. É que vê, vê uma certa idade pro filho e acha bonitinho, pra filha não. Entendeu? Então isso existe ainda. Essa atitude de que está perdendo bastante, precisa de muita coisa, mas ainda existe. Existe muito forte (Participante 4).*

*Com certeza. A minha sogra ela não se importa com nada. Igual, quando ela vai pra roça, por exemplo, ela sabe que a gente vai pra casa dela. E ela nunca falou nada. Ela assim, ela sabe indiretamente, que a gente também não vai falar, né? Mas ela nunca falou nada. Igual uma vez ela falou comigo que ela resguarda a mim por causa da minha mãe. Por isso que teve uma vez que a gente foi pra Cabo Frio aí a gente pegou, eu e o Marcelo pegamos no sono no quarto. E ela ficou super preocupada, sabe? Mas minha mãe não ia ver, não ia nem saber, só que ela ficou super preocupada. Teve uma vez que a gente foi pra Piúma e ela sabia que a gente tinha ido pra Piúma e ela perguntou o Marcelo se minha mãe sabia, aí o Marcelo pegou e falou, o Marcelo é meu namorado, pegou e falou com ela que não, que a minha mãe não precisaria saber. E ela falou assim: “Olha lá, hein?” Mas ela também não falou nada. Não se intrometeu (Participante 2).*

*Pais de menina são muito mais rigorosos até nesse ponto por segurar mais, até por (pausa), então os pais seguram mais, eu creio que nessa hipótese. É até pra elas não, porque menina tem muita facilidade de criar uma certa fama do que homem, entendeu? Porque hoje em dia realmente é o que a gente vê, os homens ficando com muitas meninas são garanhões. As meninas ficando com muitos são, são tachadas de é assim, num sentido mais de mulheres da vida, são mais faladas, entendeu? Elas perdem o que elas sempre vêm buscar, conquistar, que é o valor, entendeu? Então, hoje em dia, a gente valoriza isso muito. Aí, é tem muitas meninas que não sabem se valorizar, então é eu acho que por isso os pais seguram também. Tem essa diferença, porque os homens é podem fazer o que for que são mais bem vistos. Eu vou falar assim (Participante 5).*

*Eu percebo muito nos outros, homem não precisa dormir em casa, pode fazer o que quiser, no caso do meu namorado não, porque tem hora. Ele tem, o pai falava, não chega muito tarde porque é perigoso, pode ter alguém te vigiando, não chega muito tarde não, o pai dele fala e ele obedece, ele também não bebe, não vai em festa, não faz nada, então eu acho que encontrei a pessoa que eu escolhi (risos). Ah mas muito homem a mãe já sabe disso, homem é mais liberal, pode fazer o que quiser, igual homem se pegar todas é macho, se mulher pegar todos é piriguete, acho que isso não acabou ainda não, os homens podem mais que as mulheres (Participante 3).*

*Ainda tem a questão cultural de que o homem tem mais liberdade por ser homem (Participante 6).*

Alguns pais enfatizaram que deve haver essa diferença mesmo entre o que é aceito no namoro de filhos homens e mulheres, já que, com relação às questões morais, o homem não é tão visado quanto a mulher. Outros pais destacaram que a mulher e a mãe são mais cobradas neste sentido e, para alguns, como ela é a maior responsável pela educação dos filhos, ela deve ser um exemplo para todos, como podemos observar no discurso de nossos participantes:

*A gente tem que pensar o seguinte, eu tenho três filhos lá em casa, somos cinco, mas cada um é uma cabeça, então eu acho que isso é coisa assim, não saindo fora do normal, que eu acho assim essa meninada, homem é difícil de falar porque é coisa, não é questão de ser machismo, mas o homem infelizmente até hoje a nossa cultura, não tomou outro rumo, então fala-se pouco de homem. Hoje fala é galinha, isso e aquilo, mas fala-se muito da mulher (Participante 11).*

*Ah, eu acho assim, não é que eu tô falando mal não. Mas é assim. Por exemplo, a moral do homem, ele pode fazer qualquer coisa que a moral dele parece que continua, a da mulher não. Da mulher desde os princípios a moral da mulher é mais pejorativa, não sei, dependendo do que faz. Então em função disso aí eu acho que o homem tem mais liberdade. A mulher também tem. Só que se a mulher se ela sair, por exemplo, os comentários dela é diferente do comentário do homem. Então a mulher é mais desvalorizada (Participante 12).*

*Eu acho que deveria ter. Eu acho que deveria ter, até por questão de pudor, eu penso dessa maneira, eu acho a mulher assim (pausa), tão importante no contexto geral de uma família, né? Porque ela que gera o filho, ela que, quem cuida do filho, que tem maior participação na criação do filho, afetiva do filho e tudo, né? Então a mãe não quer ver o filho se debandar de qualquer maneira. Eu penso dessa maneira (Participante 10).*

*Ah, eu acho. A mulher é sempre mais cobrada, com certeza, sempre cobra mais da mulher, não é verdade? Sempre é, não fala que não é não, porque sempre sobra mais pra gente. E até os filhos mesmo, o marido. Se pedir pra ir num lugar, cê pode ver “ah, ô pai posso ir?” Aí ele falou assim “ah, vê com a sua mãe”. Até a mãe nisso ela que tem que dar a palavra final, tem que dar o veredicto, é a mãe, não é verdade? A gente é muito cobrada, não sei porque, mas é (Participante 8).*

No que diz respeito à vida social dos jovens e dos pais entrevistados, há uma grande semelhança. De forma geral, eles mencionaram que saem pouco e que fazem poucos programas com amigos, até mesmo por não possuírem muitos amigos. Os jovens do sexo masculino têm mais amigos e saem mais com eles, mas



as mulheres perderam um pouco as amizades após o início do namoro e acabam saindo mais com os namorados, como podemos constatar nos relatos a seguir

*Amigos eu possuo poucos. É já tive muitos amigos já, tive um mar de amigos já, só que com o tempo você vai percebendo que não tem tantos amigos, né? Normal! Eu sou aquele tipo que hoje em dia tem, tô com minha vida estabelecida, entendeu? Eu sempre fui muito impulsivo, sabe? Eu me controlei muito com o tempo, mudei muito e tenho amizades (Participante 4).*

*Geralmente quando saio chamo um grupo de amigos. Eu tenho um grupo aqui converso com eles e tal sair tal dia da semana vejo que não pode tem um outro grupo de amigos que me chama pra sair, aí geralmente assim. Não tenho muita oportunidade de ficar parado, aí quando decido ir pra tal lugar chamo alguém e vou (Participante 6).*

*Não, a gente, a gente, é. Com amigas não. Saio eu e o meu namorado, sai a minha família junto, vamos pra casa do pai dele também, né? Que os pais são separados moram em casas diferentes, né? Mas, com amigas, amigas não porque a gente começa a fazer faculdade, começa a perder contato. Perdi muito contato assim tudo. Mudou muita coisa (Participante 1).*

*Então. Com essas minhas amigas que eu te falei agora não faço mais. Não dá. Mas eu tenho uma outra amiga que ela tá aqui a gente vai pro Cais, come alguns petiscos, toma alguma coisa. Eu não sou muito de ir em show assim. Eu gosto mais de ir pra um lugar, pensar e comer alguma coisa. Ficar conversando, uma música ao vivo (Participante 2).*

*Eu tinha muitos amigos no ensino médio, aí um foi pra um lado, essa Amanda, foi lá pra Niterói, mas quando ela vem, eu durmo na casa dela, ela dorme na minha casa, só que agora não tenho mais facebook, não converso mais com ela, as vezes por mensagens, na sala eu não tenho amigos, tenho colegas de sala, então eu falo com o Bernardo, fico mais sozinha (Participante 3).*

Os homens justificam o fato de não terem muitos amigos. Um deles disse que a namorada não se relaciona bem com os amigos, outra jovem relata que os programas que ela faz com o namorado são muito diferentes daqueles que as amigas podem ou querem fazer, e outro jovem relatou ter muitos colegas e poucos amigos, mas que isso o ajuda a ser promotor de festas, como podemos observar nas falas a seguir:

*É de vez em quando faço, entendeu? Tem muita polêmica minha amizade com meu*

*relacionamento. Minha namorada é um pouquinho assim mais fechada e tal, não gosta dos meus amigos, mas eu não abro mão deles não, sabe? Me respeitam muito, entendeu? Apesar de ser grande parte mais novo do que eu, todos eles me respeitam muito, sabem conversar sobre muitas coisas, entendeu? Ou seja, me proporcionam o momento bom de tá com eles (Participante 4).*

*Assim. Eu não tenho muitos amigos, não. Não sou uma pessoa fácil de fazer amigos não. Mas os amigos que eu faço são pra vida toda. Isso, isso assim, até hoje eu sempre fui. Os amigos de verdade mesmo ficam comigo. Mas eu não tenho muitos amigos, não. A gente fica até meio que reclamando. A gente nunca tem ninguém pra sair. Tipo, casal assim. Que as minhas amigas é de outra religião do que eu. Então elas são muito daquelas coisas assim, “não posso ir pra festa, não posso ir por ‘Reduto’, não, sentar num barzinho com gente bebendo, não posso”, entendeu? Então a gente acaba ficando muito sozinho. Eu não tenho muitos amigos (Participante 2).*

*Muitos amigos. Tem os que são de verdade mesmo, eu tenho pra te falar a verdade, muitos colegas, que são aquelas pessoas que te beneficiam de alguma forma, mas que não estão sempre presentes, igual os amigos de verdade. Mas igual eu falei, por eu ter essa, por eu ter essa, não vou falar boa politicagem, porque eu não me não me adequo a esse tipo de conceito, mas é eu consigo muito conviver, conviver com as pessoas muito bem, eu consigo me comunicar muito bem, então isso me ajuda muito. Então eu criei uma, um certo tipo de um círculo maior. E as pessoas, eu tenho facilidade realmente de me identificar com as pessoas, de inclusive em fonte de respeito. É eu não tenho esse preconceito de raça, não tenho, eu consigo, é crescer com isso. Eu acho que as pessoas me respeitam também, entendeu? Aí cê vê as, cê vê que você é conhecido, entendeu? Isso me ajuda muito nessa questão de festas, nessa questão de, de poder tá sempre, sendo ajudado, entendeu? Cê vê isso muito, isso é gratificante (Participante 5).*

Podemos dizer, assim, que os jovens, de forma geral, relataram que atualmente fazem a maior parte dos seus programas com os namorados ou namoradas, como se pode observar nas falas abaixo:

*De vez em quando vai num bar ou sai mesmo, ou eu vou pra cidade dela ou ela vem pra cá. Aí de vez em quando nós viajamos (Participante 4).*

*Eu tento incluir ela, aí geralmente muda as coisas que eu tenho costume de fazer e ela não fazia aí tem que chamar ela pra vir, aí agora ela começou a fazer algumas coisas que ela faz também eu faço aí a gente tem quer se juntar nas coisas que ela fazia (Participante 6).*

*A gente sai todo o final de semana. Todos. A gente quase nunca fica em casa no sábado, fica em casa no domingo, no sábado não (Participante 2).*

*Lanchar, fica conversando, passear, igual fomos em Leopoldina, só pra comer pão com lingüiça e voltamos, eu gosto disso e ele também, faz churrasco chama os amigos dele da farmácia, acabou que virou meus amigos também (Participante 3).*

Os pais entrevistados descreveram que seus principais programas e sua vida social atualmente, na maioria das vezes, são em família, como, por exemplo, aniversários ou outros eventos em família:

*É ver amigos, quando eu entro de férias mesmo, por exemplo, eu procuro ir na casa dos meus irmãos que moram. Igual eu tive em Belo Horizonte na casa da minha irmã, tem uma que mora no Rio, de vez em quando eu vou lá tem um irmão que mora em Salvador, oportunidade que tenho eu vou lá, é assim. Eu sou muito assim de família mesmo, gosto demais dos meus irmãos, meu irmão caçula (Participante 10).*

*Não. O social assim, a gente é muito convidado pra festa de aniversário, casamento assim. Vou a igreja também. Agora eu tô fazendo parte da pastoral do batismo. Eu tenho trabalhado também. Igreja. É, igreja. Algumas vezes a gente ia, a gente vai em alguma lanchonete, alguma coisa assim. Eu e minha esposa, quando o meu menino tá em casa também ele vai, né? Mas geralmente agora ele não tá saindo com a gente mais (Participante 12).*

*Não. Do trabalho para casa, não vou a lugar algum. Às vezes tem um aniversário de um sobrinho, uma coisa assim eu vou. Aqui na minha casa graças a Deus, meus irmãos parecem que gostam muito do meu marido, sabe? Eles frequentam bem a minha casa. Sempre aos domingos aparecem aqui em casa, aí a gente conversa. Sempre aos domingos, sempre vem um. Quando não vem dois, vem um, vem a minha irmã, sempre a gente encontra muito (Participante 8).*

*Antes de ter a Fernanda eu saia mais. Até brincava com as meninas que até eu tinha inveja da minha vida, porque o Ricardo e a Beatriz não davam trabalho mais, se eles fossem num aniversário eles mesmos compravam o presente, eles mesmo vão, esses meninos nunca me preocuparam com nada, se tivesse que deixar em casa, quando chegava tava tudo do mesmo jeito, então saia muito, aí depois que tive a Fernanda com 38 anos, a gente já tá assim tão, tão, teve que começar tudo de novo e agora com esse negócio da Beatriz fazer faculdade, não tendo ajudante, mesmo tendo lugar pra ir eu não tô querendo ir não, o trem tá bravo, tô preferindo ficar em casa (Participante 7).*

*Olha, aqui eu saio muito pouco. Saio muito pouco, a minha vida social lá era melhor, sabe? Então aqui, não é que a gente não tenha amigos, a gente tem, mas não é aquela amizade, né? E é isso que eu falo, morar em lugar maior dificulta, sabe? Mas eu saio, eu saio, eu saio, restaurante, saio com minha filha, o namorado dela adora quando a gente sai junto, gosta que a gente almoça domingo fora e vamos pra casa dele fazer churrasco, entendeu? Chamo convidado pra vim aqui em casa, meu marido gosta muito de festa, sabe? Gosta de muita gente, sabe? (Participante 9).*

*Olha eu possuo amigos sim, mas a gente não tem essas coisas de conviver, de tá sempre na casa de amigos, ter relação. Ah! Vamos sair final de semana? Não é muito disso, entendeu? A gente é mais, não é que somos caseiros, a gente não tem essa coisa de ficar com muitas amizades, é porque é o tal negócio, é porque a cabeça do ser humano é difícil demais você lidar com o ser humano, então quando você conhece pessoas, às vezes tem os mesmos gostos, mesmas idéias, opiniões, aí é fácil, mas nem sempre as pessoas conhecem uma amizade, né? Que as coisas*

*batem, tem aquela empatia, a gente quando casa quer mais casa, mas não quer dizer que a gente fecha, mas a gente tem amigos, se relaciona, mas não é aquela coisa de ficar (Participante 11).*

Para que possam sair de casa, os filhos relataram que necessitam buscar a independência financeira, apesar de gostarem de residir com os pais, como assinalado antes. Apenas uma das jovens disse que pretende sair apenas quando se casar. Todos os outros querem se estruturar financeiramente para ter condições de sair da casa dos pais e, a maior parte deles destaca que não necessariamente precisa se casar para deixar a casa dos pais, como podemos observar nos trechos abaixo:

*Olha, eu pretendo passar num concurso bom esse ano, né? Compensa esperar, né? Assim a questão não é essa sair de casa, a questão é pra eu começar a me estruturar financeiramente, entendeu? Depois que eu me estruturar financeiramente eu já vou dando um passo de cada vez pra sair, entendeu? Pra cuidar da minha vida, entendeu? (Participante 4).*

*Se tudo der certo até o final do ano. Até antes de formar (Participante 6).*

*Ou se eu conseguir um serviço fora da cidade. Não necessariamente precisar casar pra poder sair de casa, casar, ah às vezes uma proposta pra uma cidade perto ou mesmo longe, em outra região ou outro lugar. Não tem como morar em casa e chegar no serviço assim (Participante 2).*

*Então é eu acho que a gente tem que buscar essa independência, né? Porque é importante, igual quando eu, essa liberdade, como eu quero essa liberdade, com certeza eu vou. Eu acho que ainda, eu tenho um espaço de tempo. Mas eu acho que eu quero adquirir isso o mais rápido possível, entendeu? Até uma independência financeira. Não, eles não, eles não botam nenhum tipo de pressão em questão disso porque acho que os pais realmente nos botam no mundo pra passar por esse tipo de situação, entendeu? Hoje em dia a gente vê é que isso, uma certa idade, que podiam tá financeiramente que ainda estão sob o teto dos pais por questão de comodidade, entendeu? Mas eu acho que isso, isso é, lá em casa não existe, é até pelos valores que eles sempre passaram pra, pra mim. E eu acredito que enquanto eu depender assim, enquanto eu não estiver estabilizado, eu acho que eu vou continuar lá porque, eu acho que conforta, que eu tenho eu tenho amparo exatamente e até eu constituir isso. Enquanto isso, eu pretendo ficar realmente lá, é por essas questões explanadas (Participante 5).*

*Ah acho que um ano depois que eu formar, acho que primeiro eu tenho que arrumar dinheiro, uma casa, porque eu também não vou sair, abandonar eles, convivo bem com eles, então tá bom, acho que quando chegar a hora certa eu vou saber, deu casar e ter minha vida, eu não acho, não vejo sentido de sair pra morar sozinha não.*

*É bom, eu acho que não faz sentido eu morar sozinha. Acho que quando eu sair de casa é pra casar mesmo (Participante 1).*

Os planos para o futuro da maioria dos jovens são o investimento em uma carreira para que se estruturam financeiramente. Um dos jovens assinalou que o fato de ter 27 anos e ainda não possuir essa independência gera uma crítica por parte da sociedade, enquanto que os outros afirmaram estar buscando uma segurança profissional para poder sair de casa, quase todos visando constituir suas próprias famílias:

*Olha, nada é eterno, sabe? Nada é eterno, por isso nos mudamos, né? E pretendo ser um homem melhor a cada dia, entendeu? Pretendo me esforçar mais a cada dia, porque eu acho que a gente sempre pode fazer mais, entendeu? E, é isso, sabe? Eu quero, quero começar me estruturar financeiramente, é só isso que eu tô pensando atualmente. E ter minhas coisas, não é que não tenho minhas coisas, eu tenho minhas coisas! Nesse caso é não ter a minha estrutura financeira, entendeu? Porque aí eu posso ter a oportunidade maior. E eu sei o peso disso, sabe? A sociedade cai em cima mesmo, entendeu? Eu já fui muito criticado, muito, muito, muito. Até por parte da, da família da minha namorada. Eu tenho 26 anos, vou fazer 27 anos agora em março, num tenho carro, num tenho moto, “oh! não tem nada. Olha quê, que isso? Quem é esse cara aí?” Entendeu? Agora não, é uma coisa até que eu brinco, se eu me formar e não tiver atuando aí eu sou, frustrado, aí eu não estudei o quanto deveria nessa faculdade boa, faculdade muito caríssima, agora não, se eu tenho dinheiro, não, faculdade muito boa e não o cara que devia estudar o dia inteiro, entendeu? Então é isso, sabe infelizmente a gente percebe um papel grande dessa influência, ela cai em cima mesmo, tem momento que até te faz um certo mal, entendeu? Mas, tem que tomar partida disso aí, entendeu? (Participante 4).*

*Eu penso de fazer uma especialização pra tentar primeiro algum emprego fixo, pra também fazer de auxiliar que aí seria uma renda fixa que eu vou ter todo mês ia complementar, aí depois ficar procurando especializações dentro da minha área, por exemplo, ser especialista em três coisas no máximo se não eu tô abrindo um leque e não vou ser bom em nada, entendeu? Aí ter minha casa, não penso assim em ter uma mansão, mas eu penso num apartamento mesmo. Sei lá uma família de uns três, quatro filhos (risos) (Participante 6).*

*Quando eu fiz estágio no cartório, o quê que eu fiz, no ano que vem já tô formado e eu vou continuar integralmente lá porque eu trabalho só na parte da tarde, por causa da faculdade. Mas é ano que vem vai ser em período integral no cartório e à noite um cursinho pra tá fazendo concurso. Não tenho assim um concurso em mente, mas ano que vem com certeza vô tá fazendo muitos. É eu só não penso em advogar, assim é quando eu sair da faculdade. É por ter concurso que é obrigatório essa, é obrigado a advogar três anos, eu pretendo assinar algumas coisas de posse, inventário, mas não pretendo assim sair da faculdade já advogando, entendeu? A minha prioridade é concurso (Participante 5).*

*Formar, conseguir um bom emprego, passar num concurso, e casar (Participante 1).*

Uma das jovens disse que a mãe interfere nos seus planos, já que ela quer seguir a carreira acadêmica, mas sua mãe quer que ela termine a faculdade e realize diversos concursos, chegando até mesmo a relatar que pode optar pelo casamento para alcançar a liberdade que a mãe não permite que ela tenha, como se pode constatar a partir do seu depoimento:

*“Mãe, dar aula numa faculdade é um grande privilégio!” Todo mundo tem aquele preconceito, né? Que ninguém sabe muito bem. Mas a pessoa tirar um mestrado pra dar aula numa faculdade é um privilégio, né? Eu nunca vou tá jogando minha faculdade fora se eu fizer isso. E eu explico pra ela também, mas ela acha que não. Que eu deveria estudar, fazer um cursinho, uma coisa assim, uma pós e fazer um concurso. E não é o que eu quero. Eu quero casar, são 4 anos pra ver, viver a liberdade que a minha mãe não me dá agora. E aí depois ter filhos. Fazer doutorado. Fazer concurso público (Participante 2).*

Dos seis jovens entrevistados, três já tem experiências profissionais, dois deles possuem estágios remunerados e, quando se formarem, pretendem continuar trabalhando nesses locais, sendo que um desses também trabalha informalmente com festas, e outro possui um emprego informal prestando serviços de informática. Uma das jovens se desvinculou recentemente do emprego como professora de música para se dedicar aos estudos e dois deles não possuem nenhum tipo de experiência profissional, como se pode ver nos depoimentos abaixo:

*Atendendo as pessoas, os clientes em relação à informática. Há quase uns dez anos (risos). Eu já mexia, né? Aí depois eu comecei. É porque eu sempre trabalhei, sempre trabalhei, é os, os meus trabalhos eu ia é investindo em cursos, entendeu? Que eu, naquela, hoje em dia, ainda falam que a informática na minha época então, eu falo então pô quem mexe com informática vai ficar rico. Então naquela época eu comecei a investir, investir, entendeu? Eu, eu, eu pegava meu dinheiro investia no meu curso, investia em mim, entendeu? (Participante 4).*

*Trabalho desde o segundo período da faculdade, já tem três anos que eu tô no cartório, é desde os vinte anos que eu que eu trabalho lá. Mas antes eu trabalhava com o meu pai na loja. Assim, é quando, até o terceiro ano. Até quando eu tive é a oportunidade de pagar um cursinho fora, também não exercia nenhum tipo de*

*atividade. Quando eu voltei, eu vi que eu tinha que fazer, que eu tinha que fazer a faculdade aqui, eu tinha que é, e meu pai quis que eu não ficasse parado, né? Então comecei com a atividade na loja. E eu comecei com divulgação e ingresso assim pra. Eu tinha, eu tenho um amigo muito influente aqui em Muriaé que trazia shows direto e eu sempre divulgava, eu sempre ajudava ele e na venda de ingressos. Aí eu comecei a criar certos tipos de contatos, eu comecei a conhecer muitas pessoas e até agora nas redes sociais eu tenho um grande número de pessoas que gostam, que me dão moral, entendeu? E que me beneficiou muito. É ano passado eu comecei a realmente fazer festa. Igual com essa vinda dessa boate também eu comecei na divulgação com eles, na venda de ingressos. Começou a me dar certo tipo de credibilidade e juntei com mais duas pessoas e comecei a fazer, a fazer as festas, a ter o meu próprio, a minha própria renda, entendeu? Porque eu conseguia tirar uma, um certo tipo de dinheiro, mas agora, fazendo festas, com certeza a renda é muito maior. São festas maiores (Participante 5).*

*Não, ainda não (Participante 1).*

*Não (Participante 6).*

Os pais, por sua vez, iniciaram suas trajetórias profissionais muito jovens, alguns deles com 15 anos, mas a maior parte começou a trabalhar fora de casa com 18 anos. Todos eles possuem experiência profissional, como podemos verificar em seus relatos a seguir:

*Ah sim, olha, tá, você sabe o que é arrimo de família, né? Eu sou a arrimo de família, desde os 18 anos, meu pai morreu, estava com 45 anos, ficou minha mãe com 6, 5 filhos, esperando outro e eu era o mais velho, trabalhava em um restaurante eu ganhava meio salário mínimo por mês e trabalhei um ano sem carteira assinada, foi justamente quando o meu pai faleceu, faleceu e eu fiquei morrendo de preocupação, como é que eu vou ajudar a minha mãe ganhando meio salário mínimo, mas nessa época eu não tinha carteira assinada, meu patrão me chamou e assinou minha carteira, passou a pagar um salário, né? Graças a Deus, esse salário deu pra ajudar minha mãe a criar os filhos, até as meninas casaram também, depois que elas casaram, eu conheci a Sônia e falei agora vou viver minha vida. Eu tava com e (pausa), 25 anos, namorei, 2 anos, tava com 23 anos. Foi nessa época, jovem, falei agora vou cuidar de mim, casei as meninas, né? Aí começou minha história, né? Desde 18 anos. Eu comecei trabalhando no atendimento de, de bar e esse bar era um restaurante, servia no balcão atendia mesas e assim eu comecei como garçom. Meu primeiro trabalho foi como garçom e quando estava com 5 anos de trabalho surgiu a oportunidade de trabalhar nos correios, nessa época nem existia concurso público ainda não. Eu morava em Miradouro e surgiu uma vaga, uma oportunidade de trabalhar em Miradouro, inclusive eu devo, falo que devo, mas não é dever, eu acho que é coisa encaminhada por Deus. Uns dos irmãos do meu pai gostava de tomar umas biritazinhas e quando ele bebia, ele ia encontrar com você, ele era muito repetitivo, ele ia falando uma coisa várias vezes e tal, e quando foi um dia ele tomou umas biritas e foi lá em casa, ficou sabendo da prova que ia ter do correio, e foi lá em casa falar comigo: ô Mário, vai abrir uma vaga pro correio de Miradouro, você tem que fazer essa prova, você tem que ir lá fazer essa prova, porque vai ser bom pra*

*você. Ele via a minha luta no restaurante, cuidando da minha mãe, dos meus irmãos, só que nessa época eu não tinha documento de identidade e nessa época precisa da identidade pra fazer a prova, e ali passou uns 10 dias, ele tornou a beber e voltou lá em casa bateu na mesma tecla, eu falei: tio não tem condições de fazer eu não tenho documento, falou, olha já tá vencendo o prazo da inscrição, você tem que dar um jeito, o filho dele tava passeando em Belo Horizonte, ele tinha chegado de viagem, falou com ele e ele interessou fazer e tinha um amigo desse meu tio que morava em Belo Horizonte, ele entrou em contato com ele, ele conhecia o moço que trabalhava no instituto de identificação, onde fazia carteira de identidade, antes você fazia carteira de identidade, ela demora 15 a 20 dias pra chegar. E falou: manda os meninos virem fazer a identidade deles e aí eles já saem daqui com, vem num dia e volta com no outro com a identidade, e foi assim que nós fizemos a identidade, a inscrição, nessa época conseguiram 4 pessoas só fazer a prova, pra você ver como ninguém ligava pra trabalhar nessas empresas, né? Era como se fosse o próprio concurso. Inclusive eu fiz o mais o teste psicológico. Na época era teste psicológico, eles mandavam fazer uma redação, mandava fazer, tinha um jogo de palavras lá, pra você construir alguma coisa com aquelas palavras e tal, aí eu passei em primeiro lugar, fui chamado, passei por entrevista com psicólogo, então uma das passagens em que eu não esqueço jamais, é que ele falou comigo, olha aconteça o que acontecer no seu ambiente de trabalho, o cliente sempre terá razão, mesmo que você esteja certo, então já aconteceram muitas passagens e eu não me esqueço disso, eu lembrava disso aí, então, eu fiz a prova, comecei a trabalhar e estou aí no correio, faz, completa em setembro 35 anos que trabalho no correio (Participante 10).*

*Ah, tem muitos anos. Desde 77, desde 75 que eu trabalhei fora (Participante 12).*

*Tô com trinta e dois anos de trabalho. Trabalhei em contabilidade quinze anos. Ainda peguei um período de aula que na época, quando eu fazia pedagogia, eu fiz pedagogia, né? Nada a ver com meu curso, com o que eu faço, né? (Participante 8).*

*Desde os 18 anos. Primeira vez mesmo, foi dar aula de natação e eu não sabia nadar (risos), mas dei uns treinamentos, 3, 4 meses, foi meu primeiro dinheirinho, aí depois eu trabalhei na loja, assim que eu formei e a diretora falou que o marido dela ia abrir uma loja e falou pra ir lá em casa me chamar, até meu marido é sobrinho do dono dessa loja na época, aí eu trabalhei um ano mais ou menos, mas meu sonho era ser professora, nossa eu queria ser professora, aí na época, eu ganhava R\$350,00 reais, aí ele falou eu te pago 600,00 pra você não sair, eu podia ganhar mil era muito pouco o que eu ganhava, mil era pouco, hein? De 350,00 para R\$600,00, fui dá aula e estou até hoje, né? (Participante 7).*

*Desde os 15 anos, com calçado, muitos anos, comecei vendendo calçado, cinto, bolsa, mas não era loja, era uma vitrine, era uma porta de aço, ficava um monte de coisa pendurada, cidade grande usava muito isso, com os meus irmãos (Participante 11).*

Os pais entrevistados relataram como começaram seus ofícios atuais. Apenas uma das mães atualmente trabalha em casa, cuidando dos afazeres domésticos, depende financeiramente do marido e percebe isso como algo ruim, como podemos observar nos discursos a seguir:



*Não, eu não tenho registro, aprendi fazendo. Cê só aprender fazer fazendo; eu escutava isso da professora de Psicologia (risos). E é verdade, né? Com muita boa vontade, porque, eu lembro quando eu comecei, eu não sabia ler nenhum papel. Eu não sabia mesmo não! (risos) Sabe o quê que é cê não saber ler nenhum papel? A gente, não existia computador naquela época, era tudo, tudo à máquina. Cê batia tudo à máquina. Eu pegava aqueles papéis assim na papelaria, a gente comprava na papelaria. Falei gente, pra quê que serve isso, quê que é isso? Eu graças a Deus, eu tive, eu falo que agradeço demais ao Carlos, o irmão do Fábio que tinha a maior paciência de me ensinar e eu tinha boa vontade de aprender. Porque eu acho que a gente tem que ter boa vontade. Cê não precisa de ser super inteligente, mas se você quiser, quiser realmente uma coisa você consegue, se você tem interesse você consegue, não é verdade? E eu graças a Deus, tudo que me explicava assim, eu via, aprendia. Tinha dias que eu chorava “gente, acho que eu não vou aprender isso nunca, é muito difícil, é muita coisa, muito papel, né? E graças a Deus, depois eu passei a mexer com departamento pessoal, igual rescisão, concessionárias, que tem a carteira assinada e eu registro os funcionários nisso, tem a carteira assinada, mas se mandar embora, o salário eu que faço o cálculo, sabe? Então eu fui aprendendo por vontade mesmo, né? Porque eu tive interesse; eu acredito que partiu muito de mim, não que eu seja muito inteligente, mas eu tive boa vontade. Eu acho que valeu muito. E eu tive, eu contei com o apoio do Carlos principalmente, e do Paulo. O Fábio nunca teve paciência pra explicar, ensinar. O jeito dele. Ele sabe muito, pra ele, mas ele não sabe transmitir, então eu falo que eu agradeço muito à ele por causa disso (Participante 8).*

*Quando vim pra Muriaé, aí meu pai ficou um certo tempo e depois passou pra mim e pro meu irmão, então na verdade, tem uns 8 anos já que comecei meu próprio negócio (Participante 11).*

*Não, ele me dá mesada, isso, ele me dá mesada, mas se faltar ele fala, você pode me falar, falo numa boa. É tranquilo, pra isso é tranquilo. Mas eu acho, eu acho que eu penso assim, eu dependo dele, aí é ruim. Eu não tive assim total liberdade, sabe? (Participante 9).*

Pais e filhos entrevistados falaram sobre as vantagens e desvantagens dos seus próprios trabalhos. Os filhos vêem como vantagem a aprendizagem que estão obtendo no convívio com pessoas diferentes, a remuneração, a responsabilidade, entre outras, e, como desvantagem, a correria por terem que estudar e trabalhar, o fato de no trabalho informal não saberem o quanto irão receber, o estresse por lidar com pessoas diferentes, entre outras:

*Olha a vantagem, duas vantagens, que o que eu ganho eu divido comigo mesmo, entendeu? Igual eu já tive sociedade, né? Quando você tem sociedade se você ganhar cem, cem não é teu é cinquenta ou menos. A parte negativa, é a correria, entendeu? E a insegurança, porque um mês você ganha tanto, no outro você ganha*

*tanto, entendeu? O quê que acontece, é eu tenho uma visão crítica desse profissional de informática aqui em Muriaé, se eu consertar seu computador hoje, vai dar problema um ano depois ou pra lá, entendeu? Ele não faz alguma coisa mais ou menos pra ganhar dinheiro imediato, entendeu? Então por isso que eu trabalho sozinho não gosto de outra pessoa, mas, querendo ou não é uma vida difícil, entendeu? Porque eu tenho que trabalhar, tenho que estudar, entendeu? Aí eu fico na correria o dia inteiro, correria o dia inteiro, entendeu? Aí um ponto positivo é que às vezes eu posso fazer meus horários, às vezes, entendeu? Mas o difícil seria a correria e a insegurança, entendeu? Do que você tava na loja assim como o que você vai ganhar no final do mês, e quando você vai ganhar, entendeu? Esses são pontos, esses são aspectos positivos e negativos, entendeu? (Participante 4).*

*Ah com certeza, eu acho que o convívio com pessoas diferentes, eu gosto muito das pessoas que eu convivo. Eu acho que é até uma motivação pra continuar lá dentro, é que o ambiente de trabalho é muito confortável, são pessoas que é cê adquire um certo tipo de afinidade, de amizade até fora do serviço. São pessoas que eu sei que posso contar, entendeu? Então eu acho que é um certo tipo de motivação, independente do que você recebe, do que você aprende, entendeu? Eu acho que trabalhar, eu já tive essa oportunidade de trabalhar com a família, eu acho que isso, é um pouco assim, desconfortável, é porque você lida com a pessoa dentro de casa, lida com a pessoa às vezes a pessoa tem algumas coisas dentro do local de serviço que tem que saber separar, entendeu? Então, é trabalhar fora é isso, é eu conseguir lidar com outras pessoas, é conseguir ter certos tipos de convívio e acho que até melhora a relação lá em casa, é uma vantagem. A desvantagem é que às vezes cê pode chegar meio estressado, entendeu? Por tá convivendo também com outros tipos de pessoa, por lidar com. Eu lido com o público, lá no cartório, é, todo tipo de gente. É pessoas leigas, pessoas que não sabem nada, entendeu? Então eu acho isso uma vantagem porque aprende, porque a minha profissão é lidar com o público e isso me ajudou muito (Participante 5).*

*Muito bom, ter um dinheirinho final do mês é muito bom, poder comprar o que quiser. Eu mudei meu jeito de ser, aprendi a ser mais responsável, aprende a conviver com as diferenças, igual minha mãe é dona de casa, conversa comigo com os vizinhos e com a minha avó, então assim, eu acho que a pessoa deve conviver com os outros com a opinião dos outros, saber que todo mundo é diferente, eu pensava que todo mundo tinha que fazer certo, agora eu cedo muito mais, do que imponho, esse é meu jeito, sempre fui assim e trabalhar fora, fez aumentar ainda mais isso (Participante 3).*

Os pais entrevistados também destacaram as vantagens e desvantagens de trabalhar em suas casas ou fora delas, já que uma das mães trabalha em casa, cuidando dos afazeres domésticos, e um dos pais utiliza a sua casa para desenvolver o seu trabalho de contabilidade. Dentre as vantagens eles mencionaram o fato de que, trabalhar em casa, possibilita um maior contato com a casa e os filhos, além de poderem estabelecer o seu próprio horário de trabalho:

*Igual lá em casa, eu trabalho o dia inteiro e você não vê, chega a tarde você tá morta, cansada e você não vê o que você fez, você não tem retorno daquilo, sabe? Que você trabalha, trabalha, trabalha, mas igual eu falei, eu tô em casa porque igual eu falei, eu graças a Deus não preciso, porque se eu colocar uma pessoa em casa eu tenho que pagar, mas tem umas regalias, porque você faz o serviço a hora que você quer, né? Você tá dentro de casa e pode sair, entendeu? E eu também, igual eu falei, fiquei mais por conta, porque meu pai ficava doente, né? Meu pai faleceu aqui, sabe? E agora ainda tem minha mãe, e quem olha minha mãe sou eu, ela mora lá com meu irmão, mas, por exemplo, pra ir a rua eu que levo, pra ir a médico, quem cuida dos remédios sou eu, então eu sei que continuo com as obrigações (Participante 9).*

*Pra mim, por exemplo, eu não trabalho só pelo dinheiro não, eu trabalho por prazer também, eu gosto muito do meu trabalho, gosto mesmo e me sinto muito útil, tudo que tenho consegui com meu trabalho, não sou rico não, mas tenho minha casa, meu carro, né? Tenho um salário que dá pra viver com dignidade, eu agradeço muito a Deus, tem que trabalhar, tanto o homem, quanto a mulher. Eu acho que a mulher hoje em dia tem que ser independente do homem, você vai casar, você tem a sua profissão, seu marido tem a profissão dele, eu acho muito importante isso, os dois tem que trabalhar hoje, eu não acho que a mulher tem que ser submissa ao homem não, antigamente que tinha esse poder, né? Hoje não existe mais, eu acho que ambos tem que trabalhar, ser independente, vamos se ajudar ali, você vai trabalhar, ele vai trabalhar e junta os dois e vão unir forças, sou a favor da mulher trabalhar, eu acho muito importante a mulher na sociedade e no geral e na vida do homem, e uma mulher sábia edifica a vida do homem, mas se ela não for sábia é o contrário, né? (Participante 10).*

*Porque fora de casa você sai pra trabalhar, aí você tá lá, você trabalha, e fica lá pra trabalhar direto. E aqui em casa não. Aqui eu tô trabalhando aqui mesmo. Aí eu vou lá pra baixo, aí toda hora tem uma coisinha que eu tenho que parar, sabe? Então a vantagem de trabalhar fora é isso. Porque você vai e fica por conta disso. E dentro de casa não. Toda hora tem uma pessoa, uma visita. Se chega uma visita assim, por exemplo, você tem que parar (Participante 12).*

*Ah, eu, assim, se você não ficar atenda, eu lembro uma vez que o Ricardo falou assim: você tá trabalhando e não está sabendo o que eu estou fazendo, falei, não meu filho eu posso trabalhar das 7 horas da manhã até no outro dia 7 da manhã, eu sei tudo que você tá fazendo, sabia mesmo, eu sei seu dever, sua escola, sua nota, seus colegas, tudo da sua vida eu sei e você pode perguntar tudo a mãe sabe de você, a desvantagem é essa, você dá uma bobeira e descuidar dos seus filhos, mas eu acho que é muita vantagem e serviço de casa é horrível. Hoje a Beatriz falou assim: Ah meu Deus, hoje eu vou ter que repetir a fala do Ricardo, uma mãe em casa é tudo, se eu tivesse dinheiro eu ia pagar pra você ficar aqui, mas eu falei, mas eu não ia ficar. (risos), uma mãe em casa é maravilhoso, quer dizer é bom que às vezes dar valor a isso, a mãe não tá em casa direto (Participante 7).*

Apesar de uma jovem entrevistada ter afirmado que uma das desvantagens de trabalhar fora de casa é o fato da mãe ficar longe dos filhos, de forma geral, todos os entrevistados, tanto os pais como os filhos, destacaram haver muito mais vantagens do que desvantagens em trabalhar fora de casa. Para eles, o trabalho

possibilita independência financeira, aumenta a auto-estima, a realização pessoal e o sucesso. As mulheres assinalaram que, através do trabalho, passaram a não depender financeiramente dos maridos, adquiriram o respeito da sociedade, puderam obter suas próprias coisas e conseguiram alcançar uma maior valorização pessoal:

*Olha o ar de independência é excelente, sabe? Você sentir que você tá fazendo o seu melhor por você, entendeu? Saber que você faz aquilo ali bem feito sem a supervisão de ninguém, entendeu? É maravilhoso, você sabe que, você estudou que você buscou que você se tornou capaz a tá exercendo aquilo ali sem influência de ninguém, entendeu? Basicamente isso. Se você ainda tiver uma estrutura, conseguir se estruturar independentemente melhor ainda, sua autoestima com certeza vai lá em cima, entendeu? Mas, igual é um passo de cada vez, entendeu? É cê tem que ir conquistando sua área é isso aí que, que te deixa um pouco assim frustrado de vez em quando, entendeu? Que é um investimento a longo prazo e isso é influência até da sociedade imediatista, entendeu? Você a todo o momento tá querendo retorno muito rápido, entendeu? É só isso, entendeu? (Participante 4).*

*Ah sim. Com certeza. Nossa, se eu tivesse que depender do meu marido pra me sustentar eu ia ficar louca. Pedir dinheiro pra comprar uma calcinha isso não existe mais. Hoje em dia muita gente tem esse pensamento, “ah, homem tem que pagar tudo”. Eu não acho que é assim. Eu acho que é um pelo outro. Quando é muito “ah, o homem que faz tudo”, é que não valoriza. Já que ele tem que fazer tudo ele pode fazer o que ele quiser. Eu penso muito assim. Acho que os dois tem que ter independência, tem que ter igualdade. Por isso que minha mãe é muito independente (Participante 2).*

*A vantagem é independência financeira, é com, é (ee), acho que a mulher hoje também ficar trabalhando fora, ela tá, ela é bem, ela é mais respeitada pela sociedade hoje, tanto fora quanto dentro de casa. Eu acho que a mulher que trabalha fora, até pelo marido ela tem uma admiração. Eu vejo isso pelo meu pai admirando minha mãe, eu acho isso, a mulher que tá trabalhando fora, tem um marido que tem admiração, a família tem admiração por ela tá conquistando o espaço dela. Agora como eu falei antes, eu ainda não tenho filho, mas eu penso isso, às vezes de perder algum, acompanhar meu filho pelo fato de eu trabalhar fora, não tá acompanhando ele 100% assim. Mas, por enquanto, eu só vejo essa vantagem: de independência financeira e de uma melhor inclusão (Participante 1).*

*No caso de ter família eu acho que fica longe, igual os pais fica longe dos filhos, tirando isso, fora que trabalhar, estudar fica cansado, mas trabalho é bom pra ter as coisas (Participante 3).*

*Eu acho, que a autoestima da gente é outra coisa, sua independência financeira, o seu poder ajudar mesmo, né? Porque hoje é muito difícil, né? Eu não sei, claro que existe, mas a maioria, de um casal que trabalha é a renda familiar, né? Poucas pessoas que se dão ao luxo de falar assim “eu trabalho pra mim ter o meu dinheiro”. É pouco não é? Existe lógico, mas, na maioria é renda familiar. Hoje, por exemplo, se eu não trabalhasse, como é que seria? Ele não ia ter condição de ajudar a mãe*

*dele que só a dele não daria, não é? Então eu acho que isso é muito importante, cê ter o seu trabalho, cê ter o seu dinheirinho. Não é pra se sentir melhor do que o seu marido, ah, é melhor do que o seu marido, não é isso. É a própria valorização pessoal mesmo, né? (Participante 8).*

*É independência. É muito bom, é isso que falo com a minha filha, há todo momento, falo minha filha você, não, eu quero que você trabalha, pra você não depender de marido, igual eu te falei, não falta nada pra mim, mas é horrível você não ter dinheiro pra nada, não ter meu dinheiro, não ser dependente. A mulher tem que ser independente, sabe? Eu acho que pode ser em qualquer área, sabe? Mas tem que ser (Participante 9).*

*Ah com certeza, pra realização da pessoa, isso dá oportunidade da pessoa saber o que ela quer, o caminho que ela quer seguir, a pessoa tem que ter oportunidade se ela não tem oportunidade, se ela não experimentou o quê que é isso, como que ela vai saber se é bom pra trabalhar lá fora, aí depois que ela já trabalhou fora, aí ela vai saber o que é isso, se é bom pra ela, porque o trabalho é o seguinte, o foco principal é o dinheiro, o sucesso da gente, mas a gente tem que contemplar junto com ele, a felicidade, você tem que tá feliz naquilo que você faz, porque vai chegar um momento que você vai explodir, vai virar as costas, não quero mais isso (Participante 11).*

### 5.2.1 Discussão

Os participantes de nossa pesquisa, tanto os pais quanto os filhos, apontaram que as relações amorosas hoje estão cada vez mais imediatistas e individualistas, ao contrário dos relacionamentos duradouros e estáveis do passado. Essa questão vai ao encontro da visão de Bauman (2004), que assinala que, atualmente, é comum as pessoas se apaixonarem e se desapaixonarem mais de uma vez.

A falta de compromisso entre os parceiros foi uma questão apontada por nossos entrevistados, inclusive pelos jovens. De acordo com Féres-Carneiro e Ziviani (2010), há uma visão difundida acerca dos jovens de que eles se envolvem hoje em relações mais descompromissadas como, por exemplo, “o ficar”. Para Pais (1998), essas mudanças no modo como os jovens se relacionam amorosamente evidenciam uma nova ética sexual, tornando os jovens mais desinibidos e tolerantes, possibilitando que os mesmos experimentem uma ética sexual mais fragmentada e

experimentalista, que permite que eles coabitem uns com os outros e até mesmo possuam relações mais fugazes.

Para Magalhães e Féres-Carneiro (2004), a tradição tem sido abandonada e os projetos, hoje em dia, tem se tornado mais individualistas, e, assim, as ligações afetivas na pós-modernidade “tendem a ser pouco duradouras, e os investimentos, de grande risco, em que a instabilidade é um imperativo” (p.244). Mas, apesar de todas essas transformações, Féres-Carneiro e Ziviani (2010) destacam que os relacionamentos estáveis têm estado presentes de forma significativa entre os jovens, fato que pôde ser constatado em nossa pesquisa, visto que a maior parte dos jovens possui relacionamentos estáveis e os que ainda não possuem almejam viver essa experiência.

Para Bauman (2004), a partir de suas experiências amorosas, as pessoas passam a entender o amor “como episódios, intensos, curtos e impactantes, desencadeados pela própria consciência a priori de sua própria fragilidade e curta duração” (p.21). A visão antiga em que o amor era compreendido como algo duradouro e até mesmo se utilizava o slogan “até que a morte nos separe”, parece estar atualmente “fora de moda”. O autor aponta que, assim como os bens de consumo passaram a ser facilmente substituídos e descartados, mesmo em bom estado de funcionamento, por “novas e aperfeiçoadas versões”, o mesmo acontece com as pessoas (Bauman, 2004, p.28). Essas questões foram ressaltadas pelos pais, que assinalaram que, diferentemente deles, que se casaram acreditando na indissolubilidade do casamento e na superação das dificuldades conjugais, os jovens hoje, de forma geral, permanecem casados enquanto for conveniente para eles.

Essa visão vai ao encontro do que Giddens (1993) considera “relacionamento puro”, que o autor define como “um relacionamento de igualdade sexual e emocional, explosivo em suas conotações em relação às formas preexistentes do poder do sexo” (Giddens, 1993, p.10), que se mantém enquanto houver satisfações reconhecidas por ambas as partes, caso contrário, o relacionamento se dissolve.

Antes, os valores transmitidos, principalmente pela Igreja Católica, vinculavam o casamento a sua indissolubilidade, como assinalamos anteriormente. Por isso, segundo Silva (1984), estimulava-se uma escolha madura, baseada na igualdade de idade, classe social, saúde e preceitos morais e que deveria ser guiada, predominantemente, pela razão, para o estabelecimento de uniões sólidas, que não tinham por base apenas a paixão e a atração física. Casamentos desiguais não eram aceitos socialmente no Brasil colônia, pois as chances de dissolução eram muito grandes.

Del Priore (1993) aponta que todo discurso sobre o casamento no Brasil Colônia, apesar de difundir a idéia de uma relação igualitária, na realidade, em seu interior, revelava a dominação masculina e a submissão feminina. A Igreja esperava que a mulher fosse um espelho da santa-mãezinha, a fim de que ela fosse a grande propagadora no seio da família dos valores tridentinos. A autora aponta, ainda, que a subordinação feminina existente desde esse período estava vinculada também à noção de honra, já que o homem deveria escolher como esposa uma mulher que não possuísse nenhum tipo de fama desabonadora de sua conduta. Esse discurso ainda se faz presente nas falas de nossos entrevistados, em que as diferenças entre homens e mulheres foram demarcadas o tempo todo por eles.

Para Silva (1984), a noção de “honra” para a mulher solteira significava o mesmo que ser virgem, uma vez que não ser virgem comprometia as chances das

mulheres se casarem. A noção de honra esteve muito presente nos discursos dos pais entrevistados, bem como no de alguns jovens do sexo masculino, tanto quando relataram as diferenças que ainda existem na atualidade entre homens e mulheres, quanto no momento em que as mães afirmaram preferir acreditar que suas filhas ainda são virgens e, caso não o sejam, preferem não saber. Já as jovens entrevistadas não vincularam a noção de honra à virgindade e assinalaram que as mudanças sociais levaram as mulheres a ter uma outra postura diante disso, principalmente porque querem primeiramente se estruturar financeiramente para depois se casar, o que não quer dizer que elas precisem viver em abstinência sexual antes do casamento. Nos dias atuais, as mulheres não precisam mais encobrir suas relações pré-maritais para manter a sua honra e a honra de sua própria família. Segundo Pais (1998) e Bozon (2003), as maiores mudanças em relação à sexualidade e à conjugalidade contemporâneas foram aquelas desencadeadas pelos movimentos de emancipação feminina.

Essa noção de honra e virgindade apareceu nas conversas sobre sexualidade entre mães e filhas, quando algumas mães relataram que, se conversarem com suas filhas livremente sobre sexualidade, isso pode demonstrar um incentivo para práticas sexuais. Desde o Brasil Colônia, segundo Del Priore (1993), a Igreja utilizou a mulher como estratégia para manter os costumes, instituindo a “educação dos apetites”, para fazer com que os casamentos fossem se esvaziando dos apetites e as sensações domésticas fossem ganhando maior destaque. Além disso, a Igreja inseriu sentimentos religiosos que elevaram a mulher ao lugar de santidade. Ao longo de nossas entrevistas, pudemos perceber traços desse discurso na fala de nossos participantes, especialmente na da geração mais velha.



Apesar de ter aparecido nas entrelinhas, entendemos que a preocupação das mães está relacionada ao fato de suas filhas engravidarem. Como apontado por Castro, Miranda e Almeida (2007), esse receio dos pais acaba fazendo com que eles dêem limites mais severos às filhas mulheres do que aos filhos homens. Podemos dizer que parece persistir uma discriminação, tanto dos pais quanto dos próprios jovens, em relação às mulheres que iniciam as práticas sexuais mais cedo. Daí as práticas menos aprovadas pelos pais entrevistados terem sido: chegar em casa tarde e dormir com o(a) namorado(a), algo que tem maior peso para as mulheres. Podemos perceber isso quando observamos as condições impostas pelos pais aos jovens para sair com os namorados(as). Apesar de identificarmos traços de uma visão tradicional a esse respeito, podemos perceber, nitidamente, que os limites impostos às mulheres são diferenciados daqueles impostos aos homens quanto aos horários de chegada, o tipo de programa, a permissão ou não para dormir com o(a) namorado(a).

Como assinala Hoornaert (1993), nos primeiros anos da colonização “o sexo não era assunto reservado à intimidade, e foi isso que deve ter perturbado os europeus, acostumados a uma rígida redução da vida sexual à esfera íntima” (p.21), fazendo com que os europeus impusessem uma postura bastante rígida a esse respeito no Brasil. Atualmente, como aponta Bozon (2005), a difusão dos métodos contraceptivos, o declínio da autoridade e legitimidade moral das gerações adultas e da instituição familiar e o aumento no nível da escolaridade contribuíram para a ampliação das condutas sexuais aceitáveis, embora tenha observado em sua pesquisa que as “posições respectivas dos homens e das mulheres quanto às questões da sexualidade, da parentalidade e da família não se modificaram radicalmente, nem tampouco os juízos de valor sobre seus comportamentos” (p.

149). Tal fato, leva o autor a questionar a ideia de que ocorreu uma revolução sexual. Apesar desse discurso sobre a sexualidade entre mães e filhas ser ainda mais difícil, verificamos que, de forma geral, os pais de nosso estudo afirmaram não conversar com e filhos e filhas sobre o tema e, quando o fazem, na realidade esses assuntos aparecem sob a forma de recomendações e conselhos a serem seguidos.

De acordo com Castro, Miranda e Almeida (2007) esse é um tema complicado para os pais, visto que sua própria vivência e os seus sentimentos a esse respeito estão distanciados do que é agora aceito e vivido socialmente pelos jovens. Na pesquisa realizada por essas autoras, os pais relataram que antes existia uma maior obediência dos filhos para com seus pais ou até mesmo uma repressão por parte dos pais acerca da sexualidade. Os pais por nós entrevistados parecem confirmar isso ao afirmar que as informações que receberam de seus pais foram ainda mais veladas – ou, até mesmo, inexistentes – do que as que passam para seus filhos

Por isso, os grupos de amigos ou de pares parecem exercer hoje uma forma preponderante de sociabilidade e construção de identidade, já que entre eles as conversas acontecem, algo que aparece ao longo das entrevistas dos jovens. Isso vai ao encontro dos dados encontrados por Castro, Miranda e Almeida (2007), para quem “as conversas sobre o tema têm lugar privilegiado, seja porque conversar com os amigos é mais agradável ou mais fácil, seja porque o diálogo com pais é dificultado por fronteiras de geração” (p.93).

Os jovens entrevistados definiram o amor de modo mais tradicional. As expectativas em relação ao casamento também não foram diferentes das de seus pais. Apesar de alguns deles terem assinalado que não há um modelo ideal de casamento, apontando algumas mudanças ocorridas na atualidade, como a possibilidade de coabitar com o companheiro antes de se casar, a maioria deles

afirmou desejar um casamento baseado em modelos tradicionais. Jablonski (2010) aponta que atualmente os jovens, no que diz respeito ao casamento, acabam ficando “comprimidos entre uma visão passada pela união de seus pais (e avós) e a realidade atual, que fala do alto nível da taxa de divórcios, da nova divisão de papéis intergêneros e, é claro, da própria concepção ideal de casamento” (p.110).

Nossos participantes, apesar de manter uma visão, até certo ponto, mais tradicional, estão mais abertos a aceitar novos arranjos familiares. Segundo Heilborn *et al* (2005) e Diniz (2010), à medida que os valores da família de classe média se modificam e passam a seguir o ideal igualitário, começa a surgir um maior número de divórcios, recasamentos, a opção por não ter filhos e até mesmo a conjugalidade passa a não estar mais necessariamente vinculada à coabitação ou ao fato do cônjuge ser obrigatoriamente uma pessoa do sexo oposto. Segundo Diniz (2010), essas transformações têm sido vistas hoje com mais naturalidade.

Nos discursos dos jovens por nós entrevistados, ainda que discretamente, já aparece a idéia da coabitação como uma escolha possível, algo que se assemelha a um casamento experimental, baseado em valores não-tradicionais, o que aponta para mudanças na sua visão de casamento. Para Jablonski (2010), a coabitação é uma das maiores opções apontadas pelos jovens, já que, a partir do momento que essa relação não der certo, o peso de não ter assumido um compromisso é menor, e, logo em seguida, as pessoas estão livres para vivenciar uma nova relação.

Vimos nos depoimentos das famílias entrevistadas que os jovens podem realizar suas escolhas amorosas livremente, embora tenhamos percebido em seus discursos algumas interferências das famílias de origem, principalmente com relação a valores socialmente solidificados. Essa livre escolha, como apontada em nosso referencial teórico, é atual, já que os casamentos antigos normalmente não seguiam

esta lógica. Como ressalta Oliveira (2005), esse modelo de casamento baseado na livre escolha do cônjuge passou a ser o modelo dominante com o fim do sistema de dotes e impera até os dias atuais.

O trabalho foi visto pelos jovens como uma forma de emancipação e possibilidade de edificação de suas próprias famílias, além de contribuir para sua valorização, independência, inclusive financeira, sucesso e aumento da auto-estima. A participação feminina no mercado de trabalho foi destacada tanto pelos jovens quanto pelos pais como algo positivo, mas, ao mesmo tempo, eles apontaram que ela traz uma desvantagem, já que as mães que trabalham fora de casa ficam longe dos seus filhos. Assim, podemos perceber ainda uma vinculação quase que natural da mulher aos cuidados e educação dos filhos.

O trabalho feminino realizado na esfera doméstica foi desvalorizado por nossas entrevistadas participantes, daí, inclusive, as mães entrevistadas incentivarem suas filhas a buscar um reconhecimento fora do lar. Isso vai ao encontro do que assinala Bruschini (1989), o fato de que a esfera do trabalho doméstico é ocultada, além de ser subestimada. Assim, inclusive, como aponta a autora, as estatísticas relacionadas à participação da mulher na força de trabalho revelam apenas a parcela de trabalho realizado no domínio público. Bruschini (2007a) revela, ainda, que, apesar do grande número de horas investidas pelas mulheres nos afazeres domésticos, muitas vezes o trabalho doméstico é considerado como inatividade econômica e não como um trabalho não remunerado, como deveria ser visto.

O trabalho é percebido pelos jovens como possibilidade de transição para a vida adulta, mas apontam a necessidade de se especializar. A escola durante muitos anos foi associada à garantia de um futuro melhor, já que possibilitava a entrada no

mercado de trabalho e conseqüentemente facilitava a transição para a vida adulta. Atualmente, a escola continua sendo um poderoso espaço de mudança, mas, como revela Pochmann (em Novaes, 2006), apesar do maior nível de escolaridade dos jovens de hoje, eles não possuem boas condições de renda, ou seja, “os filhos dos pobres estão ficando cada vez mais pobres que os pais, os filhos dos ricos menos ricos que os pais” (p.108). Para Novaes (2006) e Pochmann (em Novaes, 2006), a questão da mobilidade social se torna, assim, um ponto central nas discussões sobre juventude, já que a ausência desta mobilidade impossibilita o jovem de projetar o futuro. Os jovens por nós entrevistados destacaram essas dificuldades, embora tenham, ao mesmo tempo, apresentado planos futuros para o crescimento em uma carreira e constituição de uma família.

Finalmente, a maior parte dos jovens por nós entrevistados afirmou que deseja primeiro alcançar sua emancipação financeira para depois se casar. Isso reforça a posição de Ferreira (2003), que aponta que os jovens que possuem alta escolaridade privilegiam as inserções profissionais e, normalmente, adiam os projetos conjugais, enquanto que os que possuem percursos escolares curtos tendem a mais rapidamente realizá-los. Assim, os jovens pertencentes aos estratos sociais mais baixos iniciariam mais rapidamente uma vida familiar e conjugal, por terem menos oportunidades de investir em seu desenvolvimento profissional.

### **5.3 Permanência e mudanças intergeracionais**

Ao longo da nossa revisão bibliográfica pudemos observar que a força do parentesco foi uma estratégia bastante utilizada pelas famílias, de uma geração a outra, para aumentar os seus bens materiais e simbólicos, com base em relações de

troca e compadrio. Apesar das mudanças por que vem passando esta prática, para nossos entrevistados, ela ainda exerce influência nas relações sociais. Tal prática foi por eles identificada, por exemplo, na política, auxiliando nas indicações para obtenção de emprego, bem como decidindo quem pode ou não fazer parte de determinados contextos e espaços sociais. Além disso, eles afirmaram que as famílias que possuem um sobrenome em evidência acabam alcançando maior *status* social e passam a ser mais facilmente reconhecidas na região, como se pode ver nos depoimentos abaixo:

*Olha querendo ou não, é tem uma influência grande ainda aqui, eu percebo essa influência muito grande aqui em Muriaé, não levando só aspectos políticos você percebe isso mais nos aspectos políticos, né? Que é uma coisa que está estampado aí na mídia, né? E nas campanhas, mas você ainda percebe realmente essa estrutura familiar aí enquanto isso rege bastante, principalmente aqui em Muriaé, entendeu? Percebe essa hierarquia ainda. Se você for fulano, se você for parente tiver um sobrenome você já tem uma chance a mais, uma indicação a mais pra tá se inserindo em certos ambientes (Participante 4).*

*Porque tipo assim eu fui criado até os dez anos em Mirá, aí lá eu vivenciava assim você não conhecia a pessoa pelo nome você conhecia ela pela família. Aí vamos supor lá você conhecia aí não fala Rafael Almeida, falava Rafael neto do Almeida, aí assim essa relação lá eu aprendi assim, mas aqui em Muriaé tem muito nome por status. Não sei se é por consideração ou mesmo por pessoa fazer as ações da cidade, mas geralmente às pessoas tornam muito por relação de status, mas aí deve ter um peso (Participante 6).*

*Isso aqui em Muriaé é muito forte, assim, você falar que é de uma família tal. Mas tem aquilo também de, assim, às vezes nem tanto pelo sobrenome, mas pelas pessoas que vieram aqui há mais tempo, eu acho que é por isso que o sobrenome é focado, né? Igual, o meu avô veio pra cá muito cedo, então ele, o sobrenome dele é muito marcante. Todo mundo sabe quem ele é. Eu acho que sim (Participante 2).*

*Acho. Aqui, acho que influencia até pra você conseguir um serviço, eu acho que conta muito. Não é o que conta mais, hoje realmente o que tá contando é o estudo, mas eu acho que uma indicação nas cidades menores ainda existe. Acho que existe muito. “Ah você é filho de fulano, né? Da família tal”. Você, não sei, às vezes sente aquela aproximação, cê sente aquela influência que o nome carrega. Acho que o sobrenome, pelo menos nas cidades menores eu acho que tem, acho muito influente (Participante 1).*

*Com certeza, principalmente em Muriaé, porque aqui o pessoal vive de status, não vive do que é realmente, vive de status, muitas famílias em Muriaé, a pessoa é fulano de tal, aí já sabe se é família de médico, aí é chique, família tradicional de*

*Muriaé, eu sinto muito isso, então quando fala o sobrenome, ah é parente de tal e tal pessoa, aqui não, já é ligado a status, família ruim, família boa (Participante 3).*

Os pais entrevistados também destacaram que ainda persiste, embora com menos intensidade, uma grande influência do sobrenome de família nessa região, fazendo com que pessoas de famílias tradicionais se sintam mais importantes do que as outras, ou indiquem pessoas para assumir vagas de emprego. Uma das mães entrevistadas destacou que o nome do bairro onde mora tem o sobrenome dos filhos devido a relações de parentesco e que percebe nos filhos uma empolgação com essa relação, como se pode observar nos discursos dos pais entrevistados ao se referir ao peso do sobrenome e das relações de parentesco:

*Infelizmente as pessoas que tem poder aquisitivo melhor, elas se acham mais importantes que os outros. Utilizam desse poder, pra achar que sou mais importante que o outro (Participante 10).*

*Com certeza, influencia, quando se tem nome, sobrenome, existe o QI, né? Quem indica, né? (risos). Acontece muito, principalmente porque aqui é uma cidade pequena, né? Aí a gente fica sabendo mais, né? Por ser um lugar pequeno, né? "Ah! fulano arrumou emprego, ah, mas ele é da família tal, por isso que ele conseguiu". Tem um apadrinhamento, né? Nesse sentido sim, com certeza (Participante 8).*

*Ah é (risada). Com certeza. Os meninos que falam, pra mim isso não tem importância, mas os meninos falam assim: Ricardo Cardoso de Melo, né? Onde você mora? Eu moro no Cardoso de Melo, mas você mora no Cardoso de Melo? E seu sobrenome é o mesmo nome do ônibus, sabe? E eles acreditam nisso, se empolgam com isso. Porque antes, assim, as pessoas perguntavam: de que família que é? Interessava o sobrenome, hoje isso não é tão intenso, mas conta muito (Participante 7).*

Todos os jovens entrevistados percebem esse valor, ainda presente na região, como algo negativo, já que acreditam que a pessoa deve ser valorizada pelos seus próprios méritos e não pelo sobrenome que carrega. Além disso, uma jovem assinalou que, quando você pertence a uma família tradicional da cidade, passa a ser muito visado e até mesmo vigiado, como podemos observar em seus discursos:

*Eu acho muito negativo, não acho positivo não, a pessoa ela tem que tá habilitada pelo conhecimento, pela experiência dela e não pelo sobrenome que ela carrega. Pra conseguir uma vaga de emprego, pra conseguir uma promoção, pra conseguir uma indicação, mas infelizmente acontece (Participante 1).*

*Porque a gente tem que construir, né? Com certeza é algumas pessoas levam isso como pra crescer, pra crescer. Mas eu acho que isso não influencia, não acho que você tem que chegar e se impor, não tem que carregar passado e usar de sobrenome pra conseguir alguma coisa, entendeu? (Participante 5).*

*Olha é eu nunca contei muito com esse aspecto de família pra tá inserindo numa vida profissional nem nada, sabe? Eu, eu prefiro arregaçar as mangas e ir em frente, mas querendo ou não, esse aspecto familiar ajuda e muito, entendeu? Porque sempre tem o fulaninho lá que manda cartinha, entendeu? Te dá uma indicação e isso faz bastante diferença em nossas vidas, entendeu? O aspecto negativo é que quem tem essa maré de indicações e de influência familiar, faz com que muitas pessoas fiquem pra trás, entendeu? Eu não sei assim é estatisticamente como funciona isso aqui em Muriaé, como é aqui na cidade eu não posso falar de jeito nenhum, mas querendo ou não com certeza isso influencia bastante na vida das pessoas (Participante 4).*

*Algumas vezes negativo, porque você acaba não sendo reconhecido pelo que você é, mas sim pelo que sua família deixou, acaba sendo, eu conheço uma amiga minha que não quis fazer medicina, na família Dornelas, porque a maioria lá é médico, teve que fazer medicina, seguir uma tradição, eu não acho isso bom não (Participante 3).*

*Então isso prejudica, você acaba perdendo um pouco da liberdade porque todo mundo toma conta. É incrível. “Ah! Minha filha viu fulana de tal, que é neta de não sei quem e tá fazendo farmácia!”. É sempre assim, sempre tem um que vai buscar no outro e vai tomando conta da sua vida, né? “Ah! A filha do fulano de tal casou com não sei quem, gente rica daqui de Muriaé!” É sempre assim (Participante 2).*

Apenas duas jovens entrevistadas reconheceram vantagens nessa influência familiar, já que pode gerar oportunidades de trabalho:

*Positivo, eu acho que pode abrir portas pra você, por exemplo, vou falar um nome que está gritando na minha cabeça, família Dornelas, eu sou da família Dornelas, então todo mundo conhece, pessoas boas, conheço o pai, conheço a mãe, conheço a avó, então pode abrir portas de trabalho (Participante 3).*

*Ah, sua família ser conhecida em questão de emprego, de confiança de oportunidades é muito bom. Tem famílias que não são conhecidas pelo bem, né? Mas você fica dependente da pessoa que te indicou. Eu não gosto muito disso. Parece que cê tá... a pessoa te prestou um favor e você tem que fazer vários favores pra ela. Isso me incomoda. Por isso que eu quero guiar as minhas próprias pernas sem depender disso, sabe? Fazer mestrado e seguir a minha vida sem ser dependente. Se eu dependesse, claro que eu vou ser eternamente grata. Mas esse fato de você estar sempre sentindo que você tá devendo um favor me incomoda. E é uma desvantagem (Participante 2).*



A maior parte dos pais também não viu nenhuma vantagem em utilizar as influências familiares ou qualquer outro tipo de prestígio para obter algum tipo de vantagem, mas reconheceu que muitas pessoas utilizam essas estratégias. Todos eles acreditam que as conquistas devem ser fruto de mérito próprio, como podemos observar em suas falas a seguir:

*Olha, que saiba não, inclusive meus filhos estão desempregados precisando de trabalhar. Eu nunca usei de influência de amizade nenhuma para pedir emprego para os meus filhos, entende? Na minha família eu não conheço ninguém que tenha levado esse tipo de vantagem não, mas é comum, tem o tal de QI, né? Quem indica, não é verdade? Mas na minha família ninguém usou disso pra se promover não (Participante 10).*

*Mas eu sou assim, se eu conseguir por mérito tudo bem. Eu correr atrás dos outros pra pedir eu não tenho esse costume. Então acho que por isso que eu não alcanço, porque a gente tem que meter a cara, ter cara-de-pau pra poder pedir, tem gente que não tá nem aí. Mas eu não sou assim, então eu não gosto de ficar pedindo os outros: “ah! consegue isso pra mim”. Se eu conseguir por mérito meu aí eu vou, mas se eu não conseguir então, pedir os outros, ah! Eu não gosto de ficar devendo de favor. Aí você acaba devendo um favor pra pessoa. E eu não gosto disso (Participante 12).*

*Ah, eu vou te falar que não, porque eu, por exemplo, nunca dependi de sobrenome pra nada, né? Dependi de muita persistência e acreditar nos estudos e gostar do que faço e é isso que falo com os meninos, porque a questão do nome não, não é relevante não (Participante 7).*

Apenas um dos pais percebe aspectos positivos no fato de se utilizar a tradição da família para alcançar objetivos, pois, somado ao currículo e à bagagem que se tem, isso pode ser aproveitado de uma forma positiva:

*Eu acho legal, porque assim, é um ponto positivo a mais que você tem, não só do seu currículo e também é, é um sobrenome que vai te dar um suporte, porque isso só vem a somar, você já tem uma certa bagagem naquilo, e não tem porque o sobrenome também não dar uma força (Participante 11).*

Um dos jovens relatou já ter sido reconhecido pelo seu sobrenome, pelo fato da família ter parentes importantes e ter participado do círculo político e religioso, fato que revela o prestígio desses grupos. Ele destacou, contudo, que reconhecer o

prestígio de uma família é uma prática mais habitual das pessoas mais velhas, já que elas valorizam o sobrenome que uma pessoa carrega:

*Já, já me reconheceram pelo, pelo meu sobrenome e tal e tudo mais porque da parte de minha avó, nós, eu tenho, temos uns parentes mais importantes, entendeu? Já reconheceram até pelo fato de que a minha família, a minha avó e meu avô eles tinham influências políticas, eles tinham influência com a Igreja, entendeu? E essas pessoas mais velhas quando nós situamos, falamos, eles reconhecem logo de cara, eles já demonstram essa importância, entendeu? Reconhecem a pessoa devido ao nome, entendeu? Devido ao nome da família (Participante 4).*

Todos os jovens mencionaram que conhecem pessoas que fizeram uso dessas influências para alcançar algo, como, por exemplo, um emprego. As duas jovens que mencionaram que há vantagens em utilizar essas estratégias, revelaram que elas próprias, inclusive, ou já utilizam ou lançarão mão dessas influências para alcançar um emprego, sendo que uma delas mencionou que esse poder se deve ao fato dos padrinhos serem pessoas influentes:

*Conheço, conheço. Conheço, conheço perfeitamente, era até bem comum. Era até bem comum antes, sabe? Hoje em dia é meio mascarado e tudo mais, mas antigamente era mais comum (Participante 4).*

*Eu não usei ainda, mas vou usar, do meu pai, por ser funcionário federal, tentar usar ele pra conseguir estágio, ele já está pegando provas pra mim, pra eu estudar pra concurso federal, eu vou usar sim, né? Por ser influente (Participante 3).*

*Ah! Sim. Eu sou uma, sou beneficiária. A minha prima tem uma farmácia de manipulação. Por ela que eu tenho o estágio. E, igual, os meus padrinhos são pessoas muito influentes assim. Todo mundo conhece eles. Então, é as filhas deles se beneficiaram deles e eu sei que eu também vou me beneficiar pra poder conseguir alguma coisa. Com certeza eu vou ser uma, que vou, se eu ficar, eu vou me beneficiar (Participante 2).*

Os pais entrevistados também conhecem pessoas ou parentes que fazem ou fizeram uso dessas estratégias. Um deles mencionou um colega, outra destacou que dois sobrinhos conquistaram empregos dessa forma, mas ressaltou que seus currículos se enquadravam nos cargos e uma das mães entrevistadas revelou que o

pai conquistou um cargo público devido a suas influências políticas e através de apadrinhamento, como podemos observar nos discursos a seguir:

*Ah, isso aí tem uma colega da gente que é mestre nisso. (Breve risada). (Participante 12).*

*Olha eu vou te falar uma situação assim, é é interessante. Meu pai é de cidade pequena, cê sabe como é que é, ele era muito politiquero, politiquero mesmo, adorava uma política, nunca vi. E eu penso assim, ele estudou pouco e ele teve essa influência. Ele era barbeiro e era avaliador judicial e ele foi colocado no Estado como avaliador judicial por causa de política. Claro que a pessoa que estudava pouco no passado talvez ia saber mais que uns que têm um segundo grau, um ensino médio, não é verdade? Poucas condições de estudar, mas a pessoa que era muito boa na matemática, aí um político conseguiu pra ele ingressar, no Estado e ele aposentou, não como barbeiro, como avaliador judicial. Trabalhou uma vida como barbeiro, mas ele aposentou como avaliador judicial. É o quem indica, é o QI, né? (risos), com certeza (Participante 8).*

*Com certeza. Ele contava que quando ele foi fazer a prova. Aí o padrinho dele lá falou assim “ó esse aí é dos nossos, hein? Tem que passar”. Ele contava isso. Dá uma ajuda e ele entrou mesmo, sabe? E eu falei foi bom porque, coitado, ele só trabalhou, nunca contribuiu com INSS; se não fosse isso, a minha mãe hoje nem teria uma aposentadoria, uma pensão, né? Não ia receber. Então é uma coisa assim, de família humilde, e tudo, mas teve essa ajuda. Com certeza (Participante 8).*

*Assim tem, mas não no meu caso, tem meu sobrinho, que mora, tenho dois sobrinhos agora que moram em Guarapari, meu concunhado que é irmão do meu marido, ele trabalhar no Tamar, e tenho dois sobrinhos que conversando, né? Mandaram currículo pra lá pro Tamar, inclusive um começa agora dia 15, entendeu? E o outro já tá trabalhando, através do meu concunhado. Mandou o currículo pra empresa, analisaram direitinho e era o perfil e contrataram, entendeu? (Participante 9).*

Nossos entrevistados, principalmente os jovens, mencionaram histórias da família de origem vinculadas tanto à superação de obstáculos e às dificuldades enfrentadas quanto ao prestígio da família:

*Porque meu pai sempre passou pra gente que ele conseguiu as coisas com muita dificuldade. Então ele acha que a gente também tem que conquistar. As coisas não têm que vir fáceis, né? E hoje em dia, eu acho que realmente é preciso o estudo e o que ele passa pra gente. A história marcante foi essa, que ele conseguiu as coisas, é com muita, com muito trabalho e veio de uma vida muito difícil, diferente da nossa, né? Então é isso que marcou pra mim e pros meus irmãos, que eu acho que é um exemplo que a gente tem que continuar seguindo. Independente de vir as coisas mais fáceis, entendeu? A gente tem que continuar buscando (Participante 5).*

*Vou ser sincera, a minha mãe coitada, porque minha mãe não teve estudo, né? Porque não teve oportunidade. E minha mãe coitada pra você ter uma ideia, ela tava com 15 anos, ela capinava porque o pai era bem rigoroso e são 16 irmãos e você imagina o que é manter antigamente 16 irmãos, então mal mal dava pra botar comida, então minha mãe já capinou, entendeu? Quintal ela capinava na hora, aí depois que casou ela fala: Ah eu tenho, eu moro no paraíso, mas a gente sabe, né? Que meu pai já fez tudo pra gente ter um conforto dentro do limite dele, né? (Participante 9).*

*O meu avô ele, ele era escrivão do cartório de Itamuri, e o cartório de Itamuri era o único da região, se você nascesse em Miradouro, nascesse em Muriaé em qualquer lugar, você tinha que ir em Itamuri registrar, entendeu? Era o cartório da região, ou seja, tinha uma importância grande, né? E o quê que acontece? O meu avô pra ele se tornar escrivão ele recebeu um carta de recomendação, aí a influência, ele recebe uma carta de recomendação, eu tenho essa carta, tá lá que quando eu recuperei os arquivos da família como eu lhe disse, eu não sei se é do governador, sabe? Tem essa carta original lá em casa, de recomendação, recomendando ele, porque ele já tinha influência, tinha influência por ele, entendeu? Os padres que vinham de fora ficavam lá em casa, entendeu? Lá em casa era como se fosse assim um ponto importante, um ponto de referência, ponto de conforto e de apoio, entendeu? E Tancredo Neves era, era primo nosso, Tancredo Neves, igual o nome da prefeitura aqui?(risos). E quando foi eu não sei da veracidade, mas o pessoal fala muito assim essa informação aí. E o JK, igual tem, tem a Avenida JK aqui em Muriaé, entendeu? O Juscelino Kubitschek, ele frequentava a minha casa lá entendeu? Ele era amigo do meu avô, entendeu? Eles falam que quando foi inaugurado a JK ele esteve presente por aqui, entendeu? E também eles falam que, ele foi e ficou na casa do meu avô, entendeu? Não sei da veracidade, mas que ele ficava lá em casa é verdade, entendeu? (Participante 4).*

Muitos não se lembravam de histórias que fugiam dos padrões sociais, mas tanto alguns pais quanto filhos destacaram algumas delas, como o fato de algumas pessoas da família serem racistas ou terem preconceito com relação a pessoas pobres, fazendo com que um casamento na família fosse proibido por causa disso. Essas histórias falam de um primo que engravidou uma menina que conheceu, de uma irmã que ficou grávida aos quinze anos, de uma sobrinha que mora com o namorado, de um sobrinho que engravidou a namorada, entre outras:

*Ah! Eu tenho uma história assim! Que meu vô, a minha madrinha queria casar com um moço que era negro, e meu vô não aceitou e ele fez de tudo pros dois separarem. Ele era completamente racista. Ele viveu na época da escravidão, então branco de olho claro, então ele era completamente racista. Isso é uma coisa que é ruim. A minha madrinha não casou com ele. Só que em compensação o meu tio atualmente tá casado com uma negra, então assim se ele fosse vivo talvez ele nem conversaria com meu tio. Tem alguns primos meus que são racistas. Tem alguns primos meus que dá pra perceber esse racismo. A minha vó ela é igual a minha mãe*

*assim, ela é coração aberto, sabe? Então ela abraça todo mundo. Mas ela tem um pouco disso. No início quando o meu tio começou a namorar com ela, a minha vó, não é que minha vó ficou com preconceito, foi mais pela situação porque ela tinha acabado de ficar viúva dentro de um mês ela começou a namorar meu tio. Então foi mais esse preconceito do que pela cor, mas eu percebo assim, a minha madrinha é uma que é altamente racista. Não é questão de ser racista. É preconceito com pessoas pobres, isso ela tem, tanto é que nenhuma empregada dela comia na mesma que ela, eles almoçavam, depois que a empregada ia e comia e eu sempre achei isso errado. Que lá em casa quando tinha almoçava todo mundo junto na mesma hora e lá na casa dela nunca foi assim e ela sempre falava assim: “Vê se quando você arrumar namorado, cê arruma um namorado de família boa, que tenha futuro.” Ou seja, né? Dinheiro. Ela tem preconceito em relação a isso. Porque antigamente tinha negro, era sinônimo de pobre, né? Hoje em dia já não é tanto. Então não é preconceito racista, é mais preconceito com pessoas de classe mais baixa que a dela (Participante 2).*

*Não. Dentro da minha família, é tem dois casos. Tem um caso agora, meu primo com vinte anos, ele, assim, é nunca teve convívio com pessoas assim no mundo urbano, sabe? Ele gostou muito sempre ele gostou mais de conviver no mundo rural e meu tio tem um sítio; ele sempre gostou de ir lá passar a semana, não gostava muito do convívio aqui, de sair, festas, baladas, tal. Então é conheceu uma pessoa, numa relação ele engravidou essa menina. Ele tem dezenove anos, entendeu? Então isso foi um caso, assim, na minha família mais próximo que meio que assustou meio a gente, né? Porque uma pessoa nova que ainda tinha muito estudo, que ainda tinha muita, teve que, é passar uma fase, tirar uma fase dele pra construir realmente uma família agora e ter mais responsabilidade, responsabilidade, né? Como pai, como membro da família agora, como superior, entendeu? (Participante 5).*

*Ah, a minha essa, a, a Marta ela é a segunda filha do primeiro casamento do meu pai, ela tava morando com a mãe dela no Rio, né? Eles são separados e ela morou no Rio e ela ficou grávida lá aos quinze anos. Aí a mãe dela não quis que casasse, não continuou com o rapaz, né? O pai do filho dela e depois ela conheceu, bem depois conheceu o marido dela, o marido dela que separou recentemente, aí ela casou. Não casou na igreja, ela casou no civil, tudo direitinho. Agora ela teve filho com quinze anos e foi pra família assim, bem chocante, bem impactante. Mas, fora isso, a minha outra irmã formou, casou, agora tá construindo a casa dela, já tem um bom tempo de casada. A única coisa que tem cobrança é o filho, eu acho que já oito anos de casado, aí é aquela cobrança “cê não vai arrumar neném não?” (risos). Tem só essa cobrança. Mas ela, ela foi totalmente do padrão da sociedade. Agora a outra não (Participante 1).*

*Hoje, eu já tive sobrinha que morava com o namorado, que hoje, né? Infelizmente, eu falo assim porque, né? Tem um padrão, né? Quer dizer, é diferente hoje. Hoje tudo pode, tudo é permitido. Essa independência aí, né? Fez com que as mulheres tomassem algumas atitudes, de morar junto, por exemplo, né? Morar junto com os caras. Mas isso, né? No mundo hoje, atual, mas no passado não (Participante 8).*

*O meu sobrinho, por exemplo, engravidou minha sobrinha, mas já tinha um certo relacionamento, não tinha muito tempo, conhecia há um ano e pouco, e, e, tiveram a relação deles e ele felizmente assumiu é uma coisa que antecipou, é uma fase que eles pularam, queimaram, mas isso aí não afetou em nada não simplesmente adiantou um pouco o lado (Participante 11).*

Os filhos disseram que os pais utilizam essas histórias como conselhos ou questões a serem discutidas sobre o que é certo ou errado, como podemos ver nos depoimentos a seguir:

*Não assim, eles comentam que tal pessoa foi tá morando junto sem casar, mas sem ser questão de julgar. Que acha erro, que acha certo só fala a nível de curiosidade mesmo, conversa normal (Participante 6).*

*Com certeza, eles sempre, sempre tão alertando a gente, né? É porque hoje em dia tem, igual, nesse exemplo, tem vários métodos, né? Eu falo assim, pra evitar isso. Eles sempre tão falando isso, sempre tão alertando, sempre tão perto da gente, indicando, orientando (Participante 5).*

*Não, não. Pelo menos da minha parte não. Muitas vezes, até uma vizinha minha, ela tem uma filha de dezessete anos, eu tenho vinte e um, a filha dela tem dezessete anos. Ela fala comigo: “Beatriz, eu falo com a Paula pra ela seguir você; você vai com seu namorado na Igreja, você vai na faculdade, cê estuda.” Mas só assim das minhas atitudes, “eu falo olha lá Paula, pergunta a Beatriz”, eu morro de rir dela (risos) (Participante 1).*

Os filhos destacaram que, independente dessas histórias, conselhos e recomendações a serem seguidos são transmitidos pelos pais a todo momento. Tais conselhos vão desde recomendações para chegar aos lugares e cumprimentar as pessoas até recomendações sobre o consumo de bebida alcoólica e relações íntimas com o namorado, destacando as consequências decorrentes de segui-las ou não:

*Minha mãe só fala assim “chegar num lugar cê cumprimenta as pessoas”. Isso que a minha mãe fala. Seja educado, até hoje ela fala “oh, cumprimenta as pessoas, mas só, só isso (Participante 1).*

*Então a minha mãe, ela tem essa coisa dela se preocupar com acidente e tal, que ela já sofreu acidente de carro parece que ficou traumatizada essas coisas. Ela não gosta que eu viajo muito, aí ela fica naquele negócio não vai pra tal lugar, você tem um curso faz aqui em Muriaé você não pode ir em Juiz de Fora fazer, você não vai em Leopoldina fazer, você faz aqui. Acho que é só nisso esse cuidado (Participante 6).*

*“Juízo”. Outra palavra: “Olha o quê que você vai fazer pra depois não se arrepender”. “E toma cuidado!”. Minha mãe sempre falou: “toma cuidado onde você vai, com que você anda”. Mas isso aí já é mais uma preocupação, né? É uma recomendação, mas eu acho que é mais pelo lado de preocupar, sabe? De acontecer alguma coisa*

*comigo. Agora a parte de juízo, de que não vai fazer nada que não vai se arrepender. Ah! Por exemplo, eu engravidar, isso seria uma coisa ou igual. Teve uma vez que tava muito quente numa festa aqui na Faminas. Não tinha, tinha acabado o refrigerante e eu não ia lá embaixo beber água sozinha e eu acabei tomando uma cervejinha, cheguei em casa ela falou horrores, “que coisa feia, que não sei o quê”. Só que assim, ela nem deixou eu falar, mas se fosse o meu pai, eu já ia questionar, porque meu pai bebeu muito. Ele já não pode mais beber, justamente por causa do tanto que ele bebeu, então ele não é exemplo. Ela falou eu ainda escutei, mas eu não tava bêbada, não tava alterada, não peguei carro. Eu não fiz nada de errado (Participante 2).*

*Bom, é primordialmente, é o que eles mais acham, que os filhos acham, o que não pode mesmo é bebida e o volante, né? Eles sempre aconselham, falam “ô, sair com carro manera, porque o número de acidentes, atualmente tá muito, só tá crescendo”. Eu acho que, além do, da segurança que você tem que passar pras pessoas que tão com você, você tem que ter por quê? Porque a gente dirige pra gente e pros outros, né? Então, a primeira coisa é isso e, em segundo plano, eles sempre questionam essa, essa parada de drogas, essa questão de influência de amigos mesmo, entendeu? Pra gente ter uma cabeça mais, pra ser mais maduro nessas questões e saber conciliar, né? Porque saída é isso mesmo, a gente vai encontrar situações diversas de, de realmente de drogas, de brigas, sempre aconselhando pra gente tá distante disso, entendeu? Pra gente tá procurando sempre aproveitar de alguma forma mais que beneficia a gente, que a gente não se prejudique (Participante 5).*

*Do meu pai é não bebe no copo de ninguém, se vai beber alguma coisa, vê se tá fechado, não deixa suas coisas por aí, se você beber, quem vai sofrer as consequências é você, eu não vou tá lá pra te ajudar não, teve uma vez que ele tava perto e falou: bêbado não tem dono, brinca muito comigo, fala essas coisas, minha mãe também, se vou sair pra uma festa, e ficar com 2, 3, amanhã quando você for arrumar um namorado você vai conseguir? Ela fala assim comigo: mulher tem que se valorizar, minha mãe pega mais nisso e meu pai pega mais na bebida, que é onde ele caiu, porque ele caiu na bebida porque entrou em depressão, então, aí ele já fala mais por esse lado, drogas, bebida, minha mãe já fala sobre namorar, essas coisas (Participante 3).*

Alguns jovens destacaram que as mães são as principais responsáveis pela transmissão desses conselhos e recomendações. Dois deles disseram que os pais não falam nada, sendo que uma jovem relatou que o pai fala para a sua esposa o que gostaria que fosse falado com a filha, e uma das jovens apontou que o fato da mãe ser mais presente, fez com que o pai transmitisse conselhos mais radicais, como podemos ver nos trechos abaixo:

*Não ele nem comenta muito. Acho que da relação com meu pai, algumas coisas ele fala porque ele precisa falar, agora conversa assim ele não tem tempo e eu não aproximo muito dele também pra conversar (Participante 6).*

*Meu pai não fala nada. É atribuído a ela esse papel. Por isso que eu te falei no início que é ela quem educa e é ela quem ensina. Ele só, se ele viu alguma coisa que ele não gosta aí ele vai e fala com ela. Eu nunca, não me lembro do meu pai vir brigar comigo. Na maioria das vezes quem decide tudo é ela. Se eu vier pedir alguma coisa pra ele, ele vira e fala “ah! Vê com a sua mãe”, sempre tem disso. Aí quando ela fala “Eu não vou decidir mais nada, porque depois ficam vocês dois reclamando. Vai ver e resolve com seu pai.” Aí se eu conversar com ele é mais maleável, ele sempre deixa. Eu acho que pelas coisas que já aconteceram entre nós dois, então ele acaba deixando pra me conquistar (Participante 2).*

*É, tudo pro meu pai é pra esse lado ou é mais radical, pensa que eu vou namorar, vou engravidar. A minha mãe confia na criação que ela me deu, meu pai já ficou mais distante (Participante 3).*

Os pais entrevistados também afirmaram ter recebido muitos conselhos de seus pais como, por exemplo, não beber, não fumar, não beber no copo de ninguém, pois já existia preocupação com as drogas, escolher bem as companhias, respeitar as pessoas mais velhas, e também conselhos vinculados à sexualidade, mais destinados às filhas, para se resguardar sexualmente, para não ter relações sexuais antes do casamento e, principalmente, não engravidar:

*Não fumar, não beber, respeitar as pessoas mais velhas, sempre falavam isso pra gente, né? Eu concordava, justo, né? (Participante 10).*

*Muito, muito isso, é a companhia, ele falava demais nisso. Saber com quem anda, ele falava demais nisso, é como é que é o ditado “diga-me com quem tu andas que te direi quem és”, né? Ele falava demais essa frase. Sempre ele falava isso com a gente. Ah, eu acho que sim, que há muita influência, muita influência, né? Quando a pessoa se envolve com um tipo, igual essa menina que eu falei que trabalha ali comigo, a filha dela, ela falou que acho que tá com quatorze anos, tá namorando um traficante. Então cê pensa bem, ela foi envolver com uma pessoa que só vai levar ela pro abismo, não é verdade? Então eu acho que há muita influência e chega num ponto que se a pessoa for se envolver com certos tipos de amizade, ela vai sem querer, puxar, não tem jeito, aí quando cê vê tá fazendo, acha normal, não é verdade? E também como dizia o meu pai “guarda a Ritinha, hein?” ele falava assim (risos), preserva. Sempre, do jeito dele ele falava. E a gente muito receosa, porque pregava isso na cabeça da gente. Então uma coisa assim que cê, né? Às vezes até no abraçar o namorado cê já ficava meio assim, né? Lembrava assim, das recomendações dos pais, é uma coisa engraçada, né? (Participante 8).*

*O meu pai não, mas a minha mãe demais. Tudo, não bebe nada do copo do outro, eu não bebo até hoje, a não ser se for comprar alguma coisa abre na hora, falo com os meninos também, tinha um tal de bolinha que você tomava e desmaiava e a questão de gravidez e de transar antes do casamento, essas coisas eram demais, ela falava muito (Participante 7).*



*Do meu pai pra mim, da minha mãe também era justamente isso, questão de fumar, questão de companhia, né? (Participante 11).*

*Mas ele sempre recomendava, porque pra gente não beber no copo dos outros, não pode, e já existia droga e eu já namorei um cara, namorei 5 anos que mexia com droga, aí quando nós descobrimos minha mãe interferiu, entendeu? Aí terminou o namoro de 5 anos. Fiquei, fiquei muito chateada, fiquei brava, nossa não tinha que interferirem. Hoje eu vejo que ela estava corretíssima, não só hoje, mas depois que comecei a namorar o Roberto, comecei a namorar, né? Aí eu vi que ela estava correta. É quando mãe fala parece uma coisa, tudo dá certo, mas é verdade, qual mãe que quer mal pro filho, né? Ninguém quer mal pro filho, só quer o bem, né? (Participante 9).*

Quando perguntamos aos jovens entrevistados se transmitiriam esses conselhos e recomendações a seus filhos, a maior parte disse que sim. Uma das jovens destacou que manteria todos eles, enquanto os outros apontaram aquilo que manteriam e o que modificariam. Uma das jovens apontou que dialogaria mais com os filhos e um dos jovens destacou que, embora fizesse isso de modo diferente, já que as gerações são diferentes, acredita que há necessidade sim dos valores familiares serem transmitidos, visto que isso significa mantê-los de uma geração a outra. Seguem os relatos dos jovens a esse respeito:

*Todos eles, porque até hoje estão me ajudando muito, eu não errei por ter seguido nenhum conselho deles, pelo contrário (Participante 3).*

*Os mesmos, assim, acho que mudaria pouca coisa. É essa questão com certeza, ia, ia falar nessa questão de bebida, né? E com o amadurecimento, o crescimento deles ia tá abordando esse, essa questão de drogas e de querer buscar coisas boas pra eles, de querer tá perto de pessoas boas, de que acrescente alguma coisa pra ele, não tá buscando assim coisas ruins, e de ficar só malandrando, entendeu? Isso o que eu vou passar pra eles (Participante 5).*

*Transmitiria sim, sabe? De um jeito diferente, né? Porque a base e a criação que os meus pais tiveram são totalmente diferente da minha, entendeu? É óbvio que eu vou passar para eles uma coisa mais modernizada e tudo mais, meu pai era pobre, entendeu? A vida que eu tenho hoje, que ele me dá, ele não teve, entendeu? Ele não tinha televisão em casa, pendurava na janelinha do vizinho pra ver televisão, entendeu? Eu vou transmitir, só que eu vou transmitir os meus valores com mais os valores do meu pai pra poder mostrar pra ele e falar assim, o seu avô ele não tinha nem televisão em casa, o seu avô, o seu avô quando seu bisavô morreu ele cuidou de todos os irmãos dele, entendeu? E do mesmo jeito que eu tive que batalhar pra conseguir assim como seu avô, você também vai ter que batalhar, entendeu? Saber transmitir os valores, isso, isso estrutura a família enquanto não se perde, entendeu? Por isso que, é, o pai eu acho super importante que o pai é influência pro filho,*

*porque essa corrente só quebra quando você não passa o conhecimento pra frente, e é isso que eu te falei, que é totalmente destrutivo nessa, nessa geração atual e desta família imediatista, esses conhecimentos não são transmitidos, quando você não, não transfere conhecimento pro filho é a mesma coisa que você quebrar sua geração, entendeu? Você tem filho, mas eu acho que se você não transmite sua história pra ele, entendeu? (Participante 4).*

*Bom, eu acho que eu pegaria um pouco no pé de estudos, mas eu acho que por essa questão de ser próximo eu tentaria ficar perto dele, vamos supor ele quer fazer alguma coisa que eu sei que pode dar errado, aí eu acho que eu avisaria a ele, mas se ele insistir em alguma coisa que não o colocaria em risco eu deixaria fazer, aí assim, entre aspa deixava ele quebrar a cara, aí pra ele aprender meio crescer aprendendo com erro dele. Aí no que eu puder aconselhar (Participante 6).*

*Em relação aos limites sim. Em relação ao diálogo não (pausa). Eu nunca vou falar pro meu filho “não”, eu sempre vou falar “não, porque tããã”, entendeu? Que eu acho que isso deixa a cabeça das crianças mais aberta, e ele se torna mais próximo. Porque se você falar só não isso distancia muito. Eu acho que pai e mãe não tem que ter essa visão antiga, eles tão lá em cima e eu tô só, tô aqui embaixo. Eu acredito no respeito a partir do diálogo e não é isso que acontece na minha casa (Participante 2).*

*Ah, recomendação era prestar bem atenção no lugar e nas pessoas que estão em volta deles. Tanto dentro do, da escola, tanto na, na, dentro do comércio, desde as atitudes das pessoas, prestar atenção e ver se aquilo vai vai ser pro lado bom ou pro lado ruim. Só, só a questão de analisar com quem você anda. É o conselho que eu daria (Participante 1).*

Os pais assinalaram os principais conselhos e recomendações que transmitem a seus filhos, uma reprodução do que os jovens haviam falado anteriormente, embora tenham especificado um pouco mais como são feitas essas recomendações ou as situações que mais os afligem e sobre quais alertam os filhos:

*Eu falo meus filhos. É, Rafael, por exemplo, dirige meu carro, toda vez que sai, eu falo muito cuidado, respeitar as regras de circulação, né? Porque se você respeitar as regras de circulação as chances de você sofrer um acidente são mínimas, né? E outra coisa que eu sempre falei com meus filhos, respeitar, os jovens saem hoje, em dia os relacionamentos estão muito abertos, né? Você tem uma filha de 12, 13 anos, as meninas já estão saindo, tendo relação sexual, eu sou contra isso, eu sempre preconizei isso com Emerson e com Rafael, se você sair com uma garota, por acaso se ela for virgem, respeite a menina, porque um pai fica muito triste quando acontece uma coisa dessa com a filha, porque tudo tem um tempo certo, né? Sempre falei isso com os meninos, não queiram ser o primeiro homem da vida de uma criança, porque é muito ruim, essa é uma das coisas que eu sempre, sempre aconselhei, não beber. O Rafael quando sai no meu carro, eu falo: Óh! Não bebe, porque se beber e eu ficar sabendo, eu corto o carro não deixa sair mais, já o Emerson é mais tranquilo assim, eu não exijo muito não, agora não tem agora eu confio totalmente neles (Participante 10).*

*Tudo o que eu posso falar com ele eu falo. Porque igual, por exemplo, quando ele vai sair. Cê liga a televisão aqui, só fala de acidente, morte, tiro e matança e roubo. Um monte de coisa aí. Então, tudo isso eu falo com ele. “Ó, você vai sair, pega o horário de ônibus, vê onde você tá, não vá em determinados lugares que é perigoso”. Isso aí tudo eu falo com ele direto, inclusive esse negócio de namorada eu falo muito, muito com ele. “Manera aí porque o negócio hoje tá barra pesada, tem que saber com quem tá envolvendo” (Participante 12).*

*Ah, eu valorizo muito o estudo que é a primeira coisa que, ela tem que procurar ser, eu falo, “ó, não quero que cê seja a melhor, mas quero que cê seja uma das melhores na sala”. Porque eu acho que tem capacidade pra isso. Depois eu falo com ela assim pra se ocupar demais com o trabalho, porque hoje a vida, né? Ela exige isso. Eu falei, “ó, cê namora, já tem quatro anos de namoro, mas assim, tem que colocar primeiro o estudo em primeiro lugar, depois que você se formar, o seu trabalho, procurar ser responsável”, como ela sempre foi. Isso eu cobro dela assim direto, namoro, casamento, fica pra depois, né? Vai chegar o momento. Hoje é, antigamente não era assim, né? Mas hoje cê tem que ter essa independência, né? (Participante 8).*

*Por mais as vezes que a gente não tenha gostado, isso fica incorporado na gente e a gente acaba passando para os filhos. Eu acrescento porque eu falo assim com a Beatriz: Olha Beatriz, é, a mãe vai te falar uma coisa se você ficar com seu namorado um dia, tiver alguma relação, engravidar, você vai morar lá na casa dele, e se você for morar lá você vai ser escrava, ele tem 3 irmãos, ele é homem e a mãe dele não dá conta daquilo tudo sozinha, então de namorada você vai virar escrava, se você se cuidar, se prevenir e manter o foco você vai morar aqui e aqui o que a gente puder fazer por você, a gente vai fazer e se você conseguir formar, arrumar um trabalho, poder casar, na sua casinha, tudo direitinho pra você ficar tranquila, aí é hora de você pensar em filho, a gente faz uma certa pressão e ameaça, fiz mais no começo, né? Porque a gente viu que ela é bem tranquila, eles são bem tranquilos e não vão fazer (Participante 7).*

*E hoje dos, pra mim para os meus filhos, é, igual, por exemplo, é essa questão de fumar, lá em casa, por exemplo, eu fumo um cigarro durante a semana, só quando eu bebo, costumo beber só final de semana, raramente, então assim, eles poderiam ter esse costume, fumar, eles não tem esse hábito, e eu e eu às vezes, eles já são de maiores, falo vai comprar uma cerveja pra mim, por favor, ou um cigarro, quando vai comprar cerveja, eu não tenho essa preocupação, ah! Eles vão aprender fumar, não porque assim, a gente tá sendo criado de uma certa forma que leva a gente a fazer isso. Porque não tá deixando, entendeu? O que eu e a minha esposa prezamos mais é tá sempre presente, de olho, saber a companhia, essa questão de sair pra noitada até tarde, saber onde tá, é, é passando pra gente, mãe, pai eu tô em tal lugar, tô indo pra tal lugar e junto com isso a gente vai acompanhando a vida deles (Participante 11).*

*Por incrível que pareça são os mesmos. É a tal de bebida, droga, porque hoje em dia igual meu marido fala: filha hoje você tem colegas, e amanhã é disputa de trabalho, então a gente fala quando ela sai: cuidado com quem anda, né? É igual namoro, ela namora, tá namorando um cara aí, gente boa, sabe? Família humilde, não bebe, não fuma, então assim ela deu muito certo com ele porque ele tem trauma de pessoa que bebe. Ela já namorou um que bebia, ela descartou, descartou, ela tem trauma disso, então eu dou muito conselho, eu ensino o que é certo e errado, tá? (Participante 9).*

Os pais assinalaram que, embora tenham mantido muitos dos conselhos transmitidos por seus pais e, até mesmo, de alguma forma, alguns modelos educacionais, tudo teve que ser atualizado, uma vez que os filhos pertencem a uma nova geração. Os pais apontaram, ainda, que seus pais e avós eram rigorosos com relação a certos valores que acreditavam que deveriam ser mantidos pelos filhos ou mesmo à forma como a educação deveria ser conduzida, como, por exemplo, não permitir que as filhas usassem calça jeans, exigir que os filhos trabalhassem, chegando até mesmo a bater nos filhos. Um dos pais disse que havia pouco diálogo na sua casa e uma das mães destacou que essa educação rigorosa fazia parte de uma geração, mas que não via isso como algo anormal:

*Mais rígido, inclusive com as meninas, pra você ter uma idéia, minhas irmãs já estavam mocinhas já e foi o maior custo pra ele deixar as meninas usarem calça comprida, ele não gosta de jeito nenhum, foi uma luta, elas queriam, as moçam gostavam de usar, era bonito uma moça usar calça jeans, né? [...] Porque ele acha que era imoral a moça vestir uma calça comprida e mostrar as curvas do corpo (Participante 10).*

*Agora eu tenho uma passagem também, da minha infância, eu tava com nove anos e morava em Belo Horizonte, foi uma época muito difícil pra, pro meus pais, nós passamos muita necessidade e eu tinha meus amigos e morava em um lugar que era tipo um cortiço era um corredor, tinha várias casinhas pequenas, moravam várias famílias ali, eu tinha intimidade com os coleguinhas, teve um dia, olha como meu pai era correto, meu pai não gostava de ninguém, que roubasse nada dos outros, não tirasse nada dos outros, eu fui passear na casa de um dos coleguinhas, aí tava a mãe deles lá, os meninos, tinha uma caixinha, eles jogaram uma porção de coisas assim dentro daquela caixinha, tinha uns anezinhos, uma porção de coisinhas, eu peguei um anelzinho daquele e pus no dedo, e fui embora pra casa, eu não tive intenção nenhuma de roubar aquilo, né? Então inocente, continuei com anelzinho no dedo e vim brincar com os meus colegas, e um deles viu o anelzinho no meu dedo, e ia brincar com um dos coleguinhas e ele reconheceu, alguém falou pra mãe dele, ah, menina (risada), foi um problema sério, quando meu pai chegou em casa contaram pra ele, mas ele me deu uma surra. Cada lambada que ele me dava, ele falava: meu filho homem nunca deve tirar nada que é dos outros, você está apanhando para não fazer isso mais, e aquilo foi uma lição de vida muito grande pra mim, e nunca mais ele me bateu (Participante 10).*

*Meu avó era muito rigoroso, né? Então aí era assim quando tinha brigas de irmãos, né? Então era assim minha avó, meu avô mandava minha avó capinar, ela sentindo dor pra caramba, cólica menstrual, que é normal, aí se ela parasse um pouquinho, meu avô já gritava: “Anda menina que moleza”, ou então não queria saber, batia, espancava, olha só, antigamente era assim, meu avô era bem violento. Aí no final, quando já era mais velhinho, voltou pra cidade, já não era assim mais rigoroso,*

*sabe? Então minha mãe me contava essa história e eu não acreditava, nossa quem olha pro meu avó, você não fala que era aquela pessoa de bater nos filhos com chicote e minha mãe me conta, conta que uma vez ela subiu pra pegar, na escada, porque antigamente usava muito fazer broa, e colocava num saco no alto para conservar, aí minha mãe subiu primeiro, que o caçula, o caçula ficou com raiva e mordeu o calcanhar dela, aí meu avô, ele saiu gritando, aí quê que acontece? Antigamente apanhava todo mundo, aí quer dizer, invés de um só ia apagar, apanhava todo mundo e ficava de castigo, além de não deixar comer. Então eu acho assim ela me conta isso e eu, a gente sente no fundo, né? (Participante 9).*

*Ah, dentro do limite sim, ah com certeza, eu acho que isso faz parte da educação, né? Formação do filho, eu acho. Nada anormal (Participante 8).*

*Eram, eram muito rígidos, inclusive, é, eu, do meu pai que eu passei pros meus filhos foi muito pouco, mas uma coisa que eu prezo nisso é a questão de, de, de, pais pra filho, hierarquia, né? Acima de tudo, mesmo o pai estando errado, mas é seu pai, entendeu? Lógico que você não vai, não vai acatar, respeitar, tomar os cunhos, pensar igual a eles, mas o respeito tem que ter. Muito pouco diálogo (Participante 11).*

Um dos pais destacou que gostaria de ter sido um pouco mais rigoroso na educação dos filhos, e uma mãe disse ter educado seus filhos de forma distinta da educação que recebeu de seus pais, já que os valores transmitidos por eles eram muito diferentes dos seus, como podemos verificar em seus depoimentos:

*Não, infelizmente, não. Eu acho que eu poderia ter sido um pouquinho mais rigoroso com ele, eles não me decepcionaram muito não, mas alguma coisa se eu tivesse dialogado mais com eles, talvez teria sido, tivesse sido melhor, mas não quer dizer que meu relacionamento com eles hoje não é bom, é bom relacionamento, às vezes eu converso pouco, chego em casa quieto, se eles estão estudando lá procuro deixar eles estudar, né? Às vezes quando eles vem pra sala a gente começa a conversar, eles tem namorada, geralmente briga, né? Eu procuro entender, procuro não dar muita opinião porque eu acho que isso é uma coisa pessoal deles, eles que devem tomar decisão, se tiver vendo que tem alguma coisa errada que pode dar opinião, eu opino, né? Mas fora disso (Participante 10).*

*Atualizando, com certeza. Eu eduquei totalmente diferente, porque, é, meus pais não tinham perspectiva nenhuma, meu pai dizia assim, sempre, quando eu morrer eu não vou levar um tostão, então ele viveu sempre com aquele pensamento, a minha mãe foi totalmente o inverso, ela só guardou, então se ela pensasse assim: eu quero tomar um sorvete, ela tinha vontade de tomar o sorvete, mas se ela tivesse que gastar aquele dinheiro com o sorvete ela não gastava com o sorvete, então eu vivi com os extremos, um gastava tanto e o outro não gastava nada e aquilo foi assim, eu tenho um pouco de cada um, né? Mas eu criei totalmente diferente meus filhos, eu sempre falo com eles vocês não vão ter nada de questão de herança, de coisa assim, mas se vocês estudarem, batalharem, eu sempre falo com o Ricardo, a Beatriz não, pra não perder o foco, eu falo Ricardo você está estudando perdendo o foco, porque ele diverte muito, passeia muito, aí eu falo: se tiver reencarnação eu só*

*volto se for você, eu queria ser você, eu brinco com ele, porque às vezes perde o foco, diverte muito e a idade chega tem 20 anos, mas eu queria que ele pegasse mais o foco, mas é difícil, como eu tava falando, dar puxão de orelha em quem nunca desobedeceu, aí eu falo fico em cima, fico em cima e tal, mas é mais complicado, eu criei bem diferente, sabe? (Participante 7).*

Dois dos filhos entrevistados relataram que não pretendem seguir a educação transmitida por seus pais. Um deles relatou que tentaria ser mais próximo do filho, e outra jovem disse que falaria de forma mais direta com a filha:

*Não. Eu acho que eu tentaria entrosar mais com eles. Acho se eu tivesse um filho eu ia procurar essa proximidade dele (Participante 6).*

*Ah! Não, com certeza eu iria mudar. Minha filha se tivesse 15 anos chegasse pra mim e falasse “vou num aniversário de 15 anos de uma amiga minha” que é uma coisa simples, eu vou falar com ela, eu vou te levar e vou te buscar tal horas. Ou você vai, você vai com quem? (Participante 2).*

Três jovens destacaram que conservariam alguns dos valores que lhes foram transmitidos, mas modificariam algumas coisas, como, por exemplo, ser menos rígidos ou menos superprotetores:

*É, da questão de valores eu, eu, que eu tive, que eles passam pra mim, com certeza eu vou manter alguma coisa. Mas acho que você tem que reagir de acordo com o mundo, né? É com certeza, eu pretendo ter filhos assim, é eu tenho 23, com 27, 28 realmente quando eu achar necessário e quando eu achar que eu tenho uma condição pra ter, pra educar, ter uma situação confortável pra eu ter um filho, entendeu? É mais com certeza, o que eu trago assim do berço da família, eu vou passar. É, os meus valores também, o que eu acho, porque tem muita coisa que eu discordo lá em casa, entendeu? E eu vou passar do meu jeito, é do jeito que eu acho que ele vai se adequar também e que, pra ter uma relação boa, entendeu? Nem importar demais, nem é ser muito liberal, entendeu? Mas sempre seguindo aquela linha dos valores mesmo, do que eu acho mais importante. Eu com certeza vou passar (Participante 5).*

*Ai, só na questão às vezes de valores, eu educaria. Mas só na questão às vezes de segurar muito a gente “ah, o pessoal vai fazer, o pessoal vai fazer um lanche aí” “ah fulano vai?” “Vai”, “você não pode ir com fulano, esse é um bar, vai chegar muito tarde”. Mas só na adolescência e no início do namoro, só podia ir pra um tal lugar. Namorado no início “ah, eu quero ir ali, ali”, “ah não, não pode é só perto de casa, perto de casa”, mas depois melhorou. É só essa questão, não seria, não seria tão rígida com minha filha assim “ah você só pode isso” (Participante 1).*

*Mais ou menos, eu deixaria, eu daria a mesma, como que fala, a mesma, ensinaria o que é certo, o que é errado, eu não bebo, eu não fumo, eu não gosto de ir pra festa, eu não vejo graça nenhuma nisso, eu acho que eu quero ensinar isso pros meus filhos, entendeu? Mas eu acho que eu deixaria mais livre assim, porque eu brincava na rua, olhava pra janela minha mãe tava lá, entendeu? E eu graças a Deus nunca quebrei um braço, um dente, porque ela sempre tava lá, “não faz isso que você vai machucar, não faz isso”, então hoje tem coisas que eu tenho muito medo, acho que vou deixar meus filhos mais livres, quebrar um braço não mata ninguém, então deixa eles, não sei se mais tarde vou pensar assim, mas agora (Participante 3).*

Em decorrência dessa educação baseada em moldes mais tradicionais, os filhos relataram que, em alguns momentos, sentiram necessidade de burlar algumas regras impostas pelos pais. Uma das jovens destacou que é necessário que às vezes ela minta para realizar as coisas que quer, embora em alguns momentos tenha sentido um peso na consciência por isso. O mesmo foi mencionado por outra jovem que, diante de uma situação se sentiu arrependida e com receio que os pais descobrissem o que ela tinha feito. Já outro disse que no período da adolescência agia por baixo dos panos, pois sabia que não teria a permissão do pai para fazer certas coisas. As falas a seguir exemplificam as questões surgidas ao longo das entrevistas a esse respeito:

*Ah! Umas duas vezes. Já que a verdade não tá adiantando, ela tem que confiar na educação que ela me deu. Se ela tá deixando eu ir é porque ela confia. Então eu vou levar isso pro lado bom, sabe? Eu não vou esquecer os meus valores, as coisas que ela me ensinou, as coisas que são certas e as que são erradas. Só que esse jeito tosco dela de deixar uma coisa e não deixar outra me sufoca. Aí às vezes eu minto, pra fazer o que eu quero. No réveillon, meu namorado, o tio dele alugou uma casa na praia e a minha madrinha chamou a gente pra ir pra Guarapari. Aí pra atender as duas famílias a gente foi na sexta pra Guarapari, só que os amigos dele tavam em Piúma no sábado e de Guarapari a Piúma são duas horas, a gente foi pra Piúma no outro dia de manhã e ela achou que eu tava em Guarapari e eu só fui pra casa da minha madrinha no domingo (Participante 2).*

*A Carla, ela mora em Cataguases, e uma vez ela me chamou pra ir pra lá, pra ficar lá e tal e ela deixou. Só que eu falei pra ela que a gente ia dormir na casa da Carla, só que eu fiquei sem graça de levar meu namorado pra casa da minha amiga, primeira vez assim, então eu acabei ficando num hotel e esse é outro fato que eu, eu fiquei com muito peso na consciência depois, do feito, mas eu pensei assim, se eu falar pra ela, ela vai sofrer, eu vou sofrer, e eu acho que não vai mudar. Eu tenho muito disso, né? Eu acho que não vai mudar, então eu prefiro deixar pra mim. Mas eu fico meio com peso na consciência (Participante 2).*

*Não nunca fiz isso. Não nunca enfrentei, teve uma vez só que eu dormi na casa do meu namorado e falei que ia pra casa de uma amiga, me arrependi e depois nunca mais fiz isso. No meio da noite me arrependi e fui pra casa da minha amiga mesmo, eu fiquei com muito medo deles descobrirem e desapontar eles, então eu ficava com muita raiva e chovia, mas se falassem que não é não (Participante 3).*

*O que acontece, o meu irmão ele quando entrou na adolescência assim, ele foi mais escrachado, entendeu? Ele chegava em casa bêbado essas coisas tal e tudo mais, né? Então, eu até brinco assim lá em casa ele foi o último apanhar, ele era o mais velho e foi o último a apanhar. Então eu fui observando isso tudo, né? E eu criticava ele muito, né? Por ele beber sei lá e tal e tudo mais, porque ele estava fazendo assim aquela coisa, entendeu? Só que, que acontece eu agia totalmente debaixo do pano, entendeu? Mas por que, por que isso? Porque eu sabia que o meu pai do mesmo jeito que ele viu, viu o caminho que o meu irmão tava seguindo era errado e ele fala, “oh você não aprendeu isso dentro de casa” e eu também sabia que não aprendi dentro de casa e sabia que ele não ia concordar, entendeu? Do jeito que eu tava iniciando minha adolescência. Mas, é aquilo que eu te falei, sabe? É não demorou muito pra se estruturar também, porque sempre conversou muito, aí do mesmo jeito que meu pai observava ele chamava, sentava pra conversar e tal super aberto, falava “você pode fazer isso. Fazer o que você achar melhor pra você na sua vida. Mas oh isso, isso, isso faz mal, isso vai te levar a perturbações”, entendeu? (Participante 4)*

Todos os pais afirmaram nunca ter burlado as regras impostas pelos seus pais, seja pelo fato deles serem muito rigorosos, seja por medo, como podemos observar em seus discursos:

*Não, o meu pai era muito rigoroso, na idade de adolescente, tem até uma historinha pra contar pra você, eu morava em Vieiras nessa época, estava com 17 anos, né? Eu tinha muitos amigos da escola, por exemplo, meus colegas de escola eram meus amigos, eu frequentava a casa deles, fora da escola, e um dos meus amigos, é filho de família, era filho de família bem situada na época, tinha carro, tinha tudo e toda vez que ele saía pra as festas, ele vinha muito em Muriaé, ia muito em Santo Antônio do Glória nas festinhas de aniversário e tal, toda vez que ele ia me chamava, eu pedia meu pai pra ir na festa, ele falava não, era uma vez só, eu nunca fui, mas quando eu saí de casa aos 18 anos comecei a trabalhar fora e tal, ia em casa nos finais de semana, quando eu completei 18 anos eu cheguei lá em casa e meu amigo me chamou pra ir em Santo Antônio do Glória, aí eu falei: Manoel hoje eu vou com você, cheguei e não pedi pro meu pai, só informei, o Manoel sempre me chamou pra sair e o senhor nunca deixou eu sair com ele, então eu já estou com 18 anos, ele me chamou e eu estou pretendendo sair com ele. A reação dele foi totalmente assim, não achou ruim, não falou nada, falou meu filho vai e saiba como proceder, só isso que ele falou, então a partir desse dia, era a única coisinha que tinha com um pai era isso, ele não me dava liberdade, cobrava muito de mim, por exemplo, na escola, tanto que eu era o primeiro lugar na escola até tirar a oitava série, era o primeiro aluno da sala, estudava todos os dias, estabelecia uma certa hora pra estudar, tirava um dia na aula e era tranquilo (Participante 10).*

*Nunca fiz, nunca fiz, nunca fui disso, se eu falasse com ele que ia em determinado lugar, ele podia ir lá que ele ia me encontrar. É o jeito que fui criado, graças a Deus (Participante 10).*



*Não, eu morria de medo. Não, morria de medo, se você andasse com qualquer colega, igual eu assim, porque o meu marido preocupa muito mais com o Ricardo, mas eu vejo no Ricardo eu, podia andar com qualquer pessoa que fazia coisas erradas, que eu não fazia, ele anda com quem bebe e não fuma, e eu tenho certeza que ele não vai beber e não vai fumar, porque eu também não bebia e nem fumava (Participante 7).*

Dois dos pais entrevistados revelaram que seus pais eram muito bons e, por isso, nunca sentiram necessidade de burlar suas regras:

*Não, não. Nunca precisei. Não, meu pai, meu pai era muito bom. Muito, ele era uma pessoa tranquila demais. A minha mãe que era agitada, minha mãe era igual eu. Mas mesmo assim também, nunca foi assim de ficar gritando com a gente, falar umas coisas brava com a gente. Nunca foi. Muito boa (Participante 12).*

*Não. Não, não, nunca. Meu pai tinha uma cabeça muito boa, eu acho assim, pela idade dele, ele era muito moderno. A visão dele assim, sempre ele brincava com a gente “não vai fazer nada errado, olha lá, tem que preservar”, mas nada assim que era anormal assim, sabe? Porque tem pais que têm uma cabeça, ainda mais na idade dele, né? Ele era mais velho que a minha mãe treze anos, ele era um doce de pessoa, não é porque morreu não, mas só deixou saudade (Participante 8).*

*Não, nunca. Pra sair, ele só queria saber com quem que a gente tava indo, com quem que ia voltar. Toda vida ele foi assim, sabe? “Não, pode ir sim, pode ir com o fulano, gente boa e tudo”. Se bem que na minha época assim, né? Não que eu seja muito velha, mas era diferente de hoje, né? Era cidade pequena, se ia a pé, se você fosse num baile, clube, cê ia a pé e voltava a pé, não é igual hoje, né? Às vezes se fosse hoje seria até diferente, né? (Participante 8).*

Um dos pais entrevistados, no entanto, destacou que, como não queria viver numa prisão, burlava suas regras em algumas situações e uma mãe entrevistada, embora inicialmente tenha dito que nunca burlou as regras por falta de tempo, fato que fazia com que ela nem desejasse sair de casa, a seguir revelou uma situação em que foi preciso driblar a rigurosidade do pai. Em ambos os casos, as mães sabiam e acobertaram seus filhos:

*Na época nem tanto, igual, a nossa relação, a gente conversava muito pouco, a minha mãe quando fazia, dava uma fugida, a minha mãe segurava as pontas, né? Mas hoje, ele tá bem mais velho, então, hoje a nossa conversa é outra, completamente diferente, hoje é um respeito diferente antes a gente tinha respeito e medo, hoje a gente tem respeito, mas se tratando da época, a gente queria fazer de tudo, a gente queria viver*

*a vida da gente e a gente, já, já tinha uma noção do que era certo ou errado, perigoso ou não, então a gente já sabia, tinha um suporte, a base da família, mas a gente não queria viver naquela prisão toda (Participante 11).*

*Não, não. Nunca, nunca, mas na verdade não tinha nem tempo, pra te ser sincera, porque igual te falei, eu mesmo estudando e vindo embora pra casa, as obrigações estavam lá pra gente fazer. Morando na roça, você sabe que roça dá trabalho pra caramba, né? Então depois que terminava, tinha que dormir cedo, tinha que levantar 4 horas de novo, aquela rotina, então na tinha nem tempo. Mas meu pai, por exemplo, era rígido demais, eu fui a baile uma vez só e depois de noivar, tá? E praticamente escondido do meu pai, escondido assim, em termos, do meu pai só minha mãe sabia e minha mãe acobertou. E assim, porque tava eu e minha irmã noiva e meu pai nunca tinha deixado (Participante 9).*

Todos os jovens entrevistados disseram valorizar os valores passados de geração a geração em suas famílias. Um deles destacou que esses valores lhe fazem bem e, por isso, os conserva. Já outro jovem assinalou que eles lhe proporcionam amadurecimento, enquanto outra revelou que esses valores, essa tradição familiar é que conserva na família a hierarquia necessária para que as coisas funcionem bem. Por último, uma jovem deu vários exemplos dos valores perpetuados pela família, assinalando que não tem coragem de desrespeitá-los, já que os valoriza. Seguem alguns relatos dos participantes a esse respeito:

*Valorizo, valorizo porque é se eles não fossem tão válidos não tariam fazendo tão bem pra mim atualmente, sabe? Lá em casa eu posso te dizer que assim que uma coisa que o meu pai me ensinou, coisa básica, é eu lembro até o triplo filme de Sócrates que é questionar as informações que vem até você. O meu pai fala, "oh nunca mexe com a pessoa que vem falar pra você, ah fiquei sabendo que você tava com esse fulaninho de tal", não você não tem interesse nessa informação, você não sabe a veracidade, com certeza é um boato que você ouviu de mais três aí que te contaram, entendeu? Então não quero saber. Então lá em casa nem sabe até meu pai fala "pessoas de boatos, fofocas, leva e traz, exclui isso tudo, entendeu? Você fica na sua, entendeu? Cê tem que mexer com pessoas assim que realmente são maduras esse negócio de fofoca essas coisas não funcionam nessa vida, não vai te trazer nada" (Participante 4).*

*Com certeza, com certeza. É bom, são os valores que eles, eles tinham também antigamente, entendeu? Então assim, eles passaram isso pra gente, independente de como a gente age, de como a gente é vai se sujeitar a isso. Então eu acho importante eles imporem esses valores. Pra até, é como forma de amadurecimento mesmo (Participante 5).*

*Ah respeito. Porque eu tô vendo o que o mundo tá virando hoje em dia, tem que ter respeito, tem que ter tradição, porque se não vira bagunça, ninguém manda mais em casa, pai e mãe não são pai e mãe mais, são amigos, minha mãe é minha amiga, mas é minha mãe, eu não vou contar as coisas pra ela que eu conto pra minha amiga, então eu acho que tem que ter respeito sim, tem que ter uma hierarquia, a gente tem que obedecer avô, avó, pai, mãe, tudo isso é importante, acho que toda família tinha que ter isso (Participante 3).*

*Igual, eu não tenho coragem de dar um beijo no meu namorado na frente da minha mãe. Pra mim é falta de respeito. E eu, eu não tenho coragem de chegar seis horas da manhã em casa, minha consciência pesa, sabe? Porque minhas primas nunca chegaram, então, tipo assim, ela pode não falar nada ela pode nem tá me ligando que eu já começo: “Vamo lá, vamo embora!”, entendeu? E assim, tem uma hierarquia assim. Tem certos assuntos que eu fico sem graça, aí eu falo com meus tios por exemplo. E eu tenho primas minhas que adoram falar uma besteira. Contar pros meus tios é super sem graça, sabe? Eu acho falta de respeito, sabe? E outro valor, casar na Igreja. Isso é uma coisa assim, muito atentadora. Tem que ser respeitado! E é uma coisa que hoje em dia eu já não penso mais tanto, antes eu pensava que tinha que ser. Mas hoje em dia eu já pensei na possibilidade de morar junto depois casar. Mas quando minha vó ficou sabendo que uma prima minha fez isso, ela, assim, falou até, que era falta de respeito, que isso não tá certo que é pecado então, por ela ser assim o exemplo, sabe? Pra família inteira eu acho que eu também não teria coragem (Participante 2).*

Os pais também afirmaram valorizar os valores passados por suas famílias.

Um deles apontou que, atualmente, os relacionamentos familiares estão complicados, pois falta maior rigor dos pais, que não estabelecem uma hierarquia.

Uma das mães destacou que valoriza e transmite esses valores, embora não integralmente, pois sente um bloqueio da sociedade, enquanto outra mãe destacou a necessidade de respeito entre as pessoas, já que hoje tudo é muito permissivo e um dos pais revelou que mantém o respeito, o carinho e se faz presente para seus filhos, como podemos observar nas falas abaixo:

*Valorizo, respeito muito, a medida que o tempo foi passando, é isso que estava te falando, o relacionamento dos pais com os filhos hoje, está muito difícil é justamente aquilo que eu te disse, se os pais fossem mais rigorosos, cobrassem mais dos filhos, talvez, não que os filhos fossem agir de maneira que eu agi, mas a tendência é de mudar mesmo, mas o pai tem que respeitar, o filho tem que respeitar o pai, se o pai tá vendo que o filho está indo pro mal caminho, você fala “não faz isso”, então é porque o pai tá vendo, que pode melhorar, que pode ser bom pra vida dele, né? Vou te contar uma coisa, eu nunca fui de agredir meus filhos, né? Mas logo no início que eu vim pra Muriaé, em 96, o Emerson estava saindo muito e ele estava com 14 anos, ele estava saindo muito e eu ficava preocupado, eu não dormia de noite, preocupado onde o Emerson está, então eu pensava, totalmente diferente do meu procedimento*

*com meu pai, né? Se meu pai falasse que não eu não ia, ele falava que ia pra um lugar, não achava, falava tô em tal lugar, você ia e não achava, perguntava alguém ninguém falava nada e quando ele chegou a completar 14 anos ele chegou pra mim e falou: Pai eu vou sair com os meus amigos, meus colegas, eu não sei se eu tinha razão, mas falei com a minha autorização não vai sair, antes disso quando eles saiam, eu deixava a porta da sala encostada pra quando eles chegassem de madrugada e eles entrar, né? Nesse dia eu falei pra ele não ir e ele foi, na hora que ele chegasse ele ia ter que bater pra eu abrir, né? E aconteceu do jeito que eu previ, chegou já era 3 horas, 3 e meia da manhã, eu não tinha dormido, eu não tinha pregado os olhos, preocupado, filho de 14 anos na rua, droga do jeito que ta correndo solta aí, né? A hora que eu abri a porta, veio um cheiro forte de cigarro, eu perdi totalmente o controle, plantei a mão nele, ele entrou pra dentro de casa, eu peguei o cinto na época, era um cinto preto, segurei a fivela pra não bater a fivela nele, e bati nele, ele entrou pra dentro do quarto puxou o cobertor, eu tirei o cobertor e eu bati, mas fui falando o porque que e a partir daí eu mudei na estratégia, eu nunca mais bati nele, mas aí eu já comecei a dialogar, a conversar, graças a Deus, tirei ele do mau caminho, hoje ele é uma pessoa totalmente confiável, você, se ele fizer amizade com você e ele for visitar você na sua casa e se você tiver uma filha, ou qualquer coisa, você não precisa preocupar com nada, porque é um rapaz que tem integridade tão grande, tanto ele quanto o Rafael, e graças a Deus, desviou totalmente, parou de fumar, tem 4 anos que não fuma mais, né? Isso aí foi da liberação do próprio, eu falava com ele isso vai fazer mal pra você no futuro, foi a única vez que eu o agredi, o Emerson me deu um pouquinho mais de trabalho do que o Rafael já foi mais lighth, o Rafael tá me dando um pouquinho de trabalho agora, assim, quando ele sai com a turminha ele bebe, não bebe todo dia não nos finais de semana, sai com a turminha e bebe, e perde o controle, perde o autodomínio, entendeu? Então, eu estou trabalhando isso com ele, falo, meu filho você está fazendo Psicologia, você está fazendo um curso que você tem que dá exemplo, né? (Participante 10).*

*Com certeza. Com certeza, mesmo assim, não que seja, como que eu posso dizer, colocado em prática assim, cem por cento, porque, né? A sociedade hoje, então às vezes te bloqueia um pouco, mas eu tento passar aquilo que eu vivi, aquilo que eu aprendi, porque foi bom pra mim e com certeza, será para a minha filha. É, me espelhei, né? Que eu acho que quando a gente tem, né? Uma formação, né? Uma vivência, com certeza a gente quer passar isso pros filhos, né? (Participante 8).*

*Nossa, totalmente, a questão do respeito não pode mudar nunca, né? Não, não, e outra coisa eu nunca, nunca vou admitir é homem bater em mulher, isso eu não aceito nunca, então você vê isso e eu não sei porque as mulheres aceitam, e falo com a Beatriz se algum dia um homem bater em você eu nunca vou recriminar você, aqui em casa nunca aceitei o irmão encostar o dedo nelas, e eu falo eu coloco pra fora de casa e falo sério mesmo, ponho mesmo se você agredir sua irmã, nunca, nunca, nunca, não aceito, então tem coisa que eu acho que você não pode aceitar e assim tá muito permissivo (Participante 7).*

*Ah, com certeza. Ah, olha, o respeito, o carinho, entendeu? É, é, a presença mesmo, de pai e mãe, são valores muito importantes, entendeu? E a gente só tem noção das coisas, não só filho, como tudo, com a vida da gente, a gente só tem noção mesmo nos, nos anos que vão passando e quanto mais maduro a gente vai ficando, melhor a gente vai entendendo da vida, é a gente vai filtrando isso tudo, vai vendo que a gente não precisa, é acelerar demais, pode deixar aquilo ali pra fazer depois e eu procuro colocar isso muito em base na minha relação com minha família, entendeu? Isso tudo eu trouxe para minha família, e tento hoje colocar pra eles o respeito, o*

*carinho, a presença, que é importante, entendeu? E valorizar sempre, sempre, principalmente a família (Participante 11).*

*Respeito, eu falo mesmo, hoje, que eu penso, eu vi na reportagem aí, que se os pais acompanhassem mais a família assim, sabe? Acompanhasse mais a família, hoje em dia não daria tanto problema, esse mundo violento, eu acho na minha opinião falta muito carinho, porque deixam com babá, entendeu? Não tô querendo falar que a pessoa não pode trabalhar, a pessoa pode trabalhar meio expediente, entendeu? Mas o filho gente é espelho do pai, qualquer filho é o espelho da mãe e do pai, eu vejo pela minha filha, quer dizer, ela não nasceu de dentro de mim, mas minha filha puxou demais, sabe? É impressionante é a forma de se colocar, a educação, pelo menos eu acho, eu vejo, né? Pelo que eu pude dar, eu já falei que não tenho estudo suficiente pra isso, mas eu, sabe? O que eu e meu pai pode me dá eu passei pra ela (Participante 9).*

No que diz respeito à transmissão dos valores religiosos pela família, os jovens destacaram que os reconhecem e respeitam. Um deles disse que, apesar de não saber se esta é uma prática mais social do que religiosa tem o costume de pedir a benção para os familiares. Dois jovens assinalaram noções que lhes foram passadas, como não fazer coisas erradas, respeitar as pessoas, entre outras. Outro jovem revelou que acredita nos valores religiosos que foram transmitidos para ele e que pretende repassá-los a seus filhos e uma jovem enumerou alguns valores religiosos tradicionais transmitidos que sua avó seguiu, transmitiu para a sua mãe, que os repassou para ela, que também os segue, como se pode observar nos depoimentos abaixo:

*Sempre tem, não tem como não ter, não é? (risos). Pedir a benção num sei se é um valor religioso acho que é mais cultural mesmo, sabe? Lá em casa sempre peço benção, todo mundo pediu benção desde a minha vó, sabe? É, acho, é uma prática. É uma prática, uma coisa mais social mesmo (Participante 4).*

*Eu acho que em determinados limites de não fazer tal coisa por ser errado e tal, mas não implica necessariamente com a religião. Mas tem esse negócio de impor limites de tal coisa e respeitar as pessoas, aí do tipo se você puder ajudar ajuda, aí se você não puder ajudar e não tiver como, aí cê teve aquele interesse, acho aquilo importante. Mas não tentar ser alguém passando por cima das pessoas, que aí tem aquele negócio que uma hora você pode cair (Participante 6).*

*É meus avós também são católicos, então é os meus pais já passaram isso pra gente, a gente já foi, a gente foi batizado. Eu acho que, eu acredito que é no começo a gente não tem nenhum, nenhum certo tipo de escolha. É quando a gente, no*

*crescimento a gente vai criando um certo tipo de personalidade, a gente vê se realmente a gente quer. Mas imposto, o que foi imposto pra gente foi o catolicismo e eu acredito na didática da religião, no que eles passam pra gente, no que eles transmitem pra gente. É eu creio que também vou passar pros meus filhos isso, porque é o que eu realmente acredito, me sinto, me sinto bem por mesmo por eu acreditar que Deus é só um, é foi o que me foi passado, que eu adquiri, que eu gostei, que eu vou usar (Participante 5).*

*É (pausa), eu acho que essa questão de, do respeito, respeito às opiniões do outro, ao posicionamento às ações do outro e também saber ter essa paciência e saber a hora que você tem que falar com a pessoa; eu acho que a religião, o ensinamento mostra isso, a hora que você tem que falar com a pessoa. Às vezes fala “olha não é esse o caminho que cê tá, o caminho não tá certo que cê tá seguindo” ou outro assim “nossa eu tenho que pegar para, eu tenho que respeitar, ouvir mais aquela pessoa”. Eu acho que a religião, pra mim, né? Nesse sentido, eu pelo menos encaro assim, tento buscar assim, o que é transmitido, o que o padre passa, o que o ensinamento passa, eu tento buscar isso pra minha vida. Saber quando eu tenho que, o que eu posso contribuir pra pessoa e saber também quando eu tenho que escutar, né? Ou a pessoa contribuir comigo. Saber ter essa flexibilidade de noções, atitudes (Participante 1).*

*Ah conduzem. Ah conduzem, porque a Igreja prega essas, como que fala, vício, pecado, poligamia é pecado, vício, beber, fumar, isso é pecado, você ficar com um monte ao mesmo tempo é pecado, então minha mãe tá transmitindo isso pra mim. A gente tem que casar na Igreja, casar de branco, tudo isso, ir na igreja todo domingo confessar uma vez no ano, e isso eu já estou acostumada, faço tranquilamente. Então eu acho que isso tá passando pra mim. Da minha avó que era católica demais, que passou pra minha mãe e passou pra mim (Participante 3).*

Uma das jovens relatou que também segue e respeita, embora questione muitos dogmas católicos transmitidos por sua família, fazendo uma crítica a eles:

*Com certeza! Esses dogmas católicos de que tem muitas coisas que a Igreja Católica diz é muito freqüente, por exemplo, (pausa), é (pausa), ter filho antes do casamento. Tem algum lugar na bíblia que fala que é pecado? Isso é um dogma católico, você não puder se comungar se você tiver um filho antes do casamento, se você foi divorciado, isso não é uma. Todo mundo igual e a minha família tem que fazer isso, a minha vó tem uma prima minha que divorciou, aí ela fica assim “Ah, porque que ela foi fazer isso?” “Oh! Vó é melhor divorciar do que viver do jeito que ela tá. O cara é viciado em droga, não quer saber de se tratar, não quer se cuidar, ela vai ficar vivendo com um cara desses? A senhora tem que aceitar, que agora ela pode arrumar uma outra pessoa bacana”. Mas a minha vó ela já é, sabe? (Participante 2).*

Com relação aos valores religiosos, a maior parte dos pais também os valoriza. Uma das mães destacou, contudo, que antigamente eles possuíam um peso ainda maior, enquanto outra revelou que carrega um grande valor transmitido

pela igreja e o repassa para seus filhos e uma delas disse como inseriu a filha nesse meio religioso desde criança:

*Ah, com certeza. É, porque eu acho que, naquela época, a igreja, a religião pesava muito, não é? Não é igual hoje, mas antigamente eu acho que a igreja pesava muito nas famílias, contribuiu muito (Participante 8).*

*Tem. Um valor da igreja, por exemplo, é colocar Deus sobre todas as coisas, então se eu quero fazer alguma coisa que eu tô em dúvida, eu sempre falo, conversa com Deus e ele vai te falar, vai te orientar, então eu acho assim, colocar na mão de Deus, né? Eu acho que esse é o valor que eu prego e coloco pra eles, até o Ricardo tudo que ele quer fazer, a Beatriz também, nessa parte vão a igreja, aí eu falo, assim não vale não, só com esse interesse não, mas de qualquer forma tá bom, né? Eu sempre coloco isso pra eles (Participante 7).*

*Ah sim, eu acredito. Aqui em casa, por exemplo, aos domingos, desde pequena a minha filha foi criada dentro da igreja, entendeu? E a partir do momento que eu era meia, não ligava muito pra igreja, aí minha irmã mesmo que era mais religiosa que falou comigo: “Não, Rita, vamos aos domingos na missa e levar a Fabiana”, aí eu passei a levar, e eu falava assim: “não a Fabiana vai incomodar” e ela falava: “não, não, ficamos mais atrás, pra ela não chorar, né?” Aí coloquei a Fabiana desde de pequena, aí passou, ela cresceu dentro da igreja, aí ela passou pra música, eu coloquei ela na música, o tempo foi passando ela tocava, passou a tocar na igreja, tá? Eu levava o teclado no ombro, porque não tinha carro. Ela tocava na igreja, já tocou em casamento, corações e eu vestia ela desde criancinha pra coroar. Ela foi criada naquilo ali, eu acho que tem que ter uma base de cultura, religião, seja qualquer religião, seja crente, seja católica, sabe? (Participante 9).*

Um dos pais destacou que não acha que sua família lhe passou valores religiosos em sua educação, mas sim valores essenciais para o ser humano e que eram praticados por seus pais. Outro pai disse que a igreja não o influenciou muito, já que quando moravam no meio rural as missas eram celebradas em latim e não se compreendia o que era transmitido:

*Não. O que fez com que minha vida, fosse uma vida mais de retidão, foi porque meu pai ele é, falava com a gente, que a gente tem que ser pessoas que tinham que procurar ser honesto, igual eu te falei, respeitar as pessoas, né? Isso aí que foi que fez que eu me tornasse a pessoa que sou hoje. Valores, eu via eles dentro de casa, meu pai nunca fez nada pra prejudicar ninguém e eu prossegui mais ou menos assim (Participante 10).*

*Que quando a gente era criança, morava na roça e tudo, tinha dificuldade também de ir a igreja, trazer pra igreja. Era, não sei quanto tempo passava sem ir na missa, e era aquela missa em latim também, então a gente ia e não entendia nada. Só sabia*

*que tinha missa. Então assim, eles iam, e a gente ia também. Mas nunca assim: “vão à igreja”. Não te chamava, obrigava a gente a fazer nada não (Participante 12).*

A religião predominante e tradicionalmente perpetuada de uma geração a outra na cidade de Muriaé é a religião católica. Dois entrevistados revelaram que, como não seguem essa prática religiosa, percebem um preconceito por parte da sociedade quando falam sobre suas escolhas, como se pode ver em seus depoimentos a seguir:

*Ó, pela minha estrutura, sabe? Tudo que eu já vi até hoje, eu como futuro psicólogo eu não me permito, é, eu sou isso, você é isso, isso, vocês todos estão errados, sabe? Isso não existe pra mim não, mas quando eu falo que sou agnóstico, né? A maioria nem sabe, né? Mas aí quando alguns já sabem ou quando eu explico o que é o agnosticismo é pelo contrário por ser uma coisa que foge do padrão social comum, né? Aquele olhar de separação, ou seja, a religião que era pra agir de modo diferente, né? De modo acolhedor ou um modo neutro, né? Deveria ser receptivo, né? Pelo contrário eles olham com uma certa, um certo afastamento, entendeu? Eu pelo contrário que não sou preso, tenho a minha crença respeito às demais, mas eles têm um olhar diferenciado, pra em cima do que eu acredito, entendeu? (Participante 4).*

*O espírita ainda não é muito bem visto, por uma faixa da sociedade, se você chegar perto de uma pessoa, determinadas pessoas, você falar que é espírita, costumam até se afastar um pouquinho de você. Ainda há um preconceito, mas o espiritismo está crescendo muito, né? Pra nós o espiritismo é uma mescla de filosofia, ciência e religião, envolve esses três campos (Participante 10).*

Podemos dizer que os entrevistados, de forma geral, relataram respeitar as diferentes escolhas religiosas, mesmo as de seus familiares. Um dos entrevistados assinalou que sempre circulou por várias religiões diferentes e que não percebe isso como algo errado, enquanto uma das mães destacou que apenas as práticas religiosas que afastam as pessoas umas das outras a incomodam, como podemos verificar em suas falas:

*Igual meu irmão era católico e foi pra Maranatha, sabe? E ninguém interfere respeita, sabe? Eu tenho tios, de outra religião presbiteriana, vou também, quando me convidam, eu vou, respeito não tenho nada contra, meu irmão também me respeita, por ser da Maranatha, né? (Participante 9).*



*Eu sou espírita, gosto muito e respeito se você é católica, respeito demais o evangélico também (Participante 10).*

*Já quando eu era solteiro eu ia em tudo qualquer igreja evangélica que tinha. Que me convidavam eu ia. Eu tinha colega e tudo. Colega evangélico, colega católico e tudo. E não fazia distinção entre um e outro. E não faço. É, por exemplo, religião, gay, e tudo, esse pessoal, se conversar comigo eu converso. Se chegar perto de mim chegou e tudo, eu tô ali numa boa. Não sou igual o evangélico que não pode misturar, e que não pode nem convidar pra festa de pessoas católicas. Eu não tenho nada disso, não. Pra mim pode ser de qualquer jeito. Porque Cristo quando andou pelo mundo ele não fez distinção de ninguém. Ele não falou: “não, aquele lá não serve pra mim porque ele é diferente!”. Não, ele tá no canto dele lá, todo mundo ia pra falar com ele. Então pra mim eu sou assim. Qualquer pessoa eu tô ali. Não faço distinção de ninguém. Seja pobre, rico. Então a minha religião é católica, eu sou católico. Se me convidar pra igreja evangélica eu vou. Não tô nem aí. E eu queria que o Alexandre fosse mais assim, na nossa igreja também. Ele não vai em igreja (Participante 12).*

*E eu falo também, não me importo com a religião, com a prática não, desde que não seja pra afastar da família, desunir, igual Testemunha de Jeová não pode ir num aniversário, porque é pecado, aí não pode ir no natal pra família juntar, porque é pecado. Aí isso também eu não aceito, mas fora qualquer religião, tem que colocar Deus sobre tudo, qualquer uma (Participante 7).*

Durante as entrevistas, pais e filhos apontaram inúmeras mudanças de uma geração para outra, enfatizando novamente a questão do namoro e reforçando as grandes transformações ocorridas entre as gerações. Um deles disse que, segundo as histórias familiares que conhece, antes o namoro era muito rígido e atualmente é muito liberal e não percebe essa mudança como positiva. Já outro jovem destacou que antes havia muita fiscalização e atualmente não, enquanto uma jovem revelou que antes o casamento tinha que acontecer primeiro para depois se relacionarem intimamente, destacando que, apesar de ainda existir um preconceito em relação às mulheres que não seguem essa regra, já houve muita mudança nesse sentido:

*Mudou muita coisa. Mudou muita coisa assim, porque eu tenho carta de história desde lá de trás, né? História dos meus avós e tudo mais, né? Até o tempo atual. Mudou muita coisa, entendeu? Até um pouquinho antes do meu pai é era, namorava assim na visão do pai, entendeu? Cada um na ponta do sofá, ou o pai no meio alguma coisa assim, entendeu? E isso aí foi acabando porque muitas das vezes hoje em dia o filho tá namorando com alguém, ou a filha tá namorando com alguém e o pai nem sabe, vai saber depois que os dois já começam a se gostar pra decidir pedir*

*em namoro, entendeu? E eu acho que mudou muito, sabe? Mudou muito, do mesmo jeito que essa rigidez familiar mudou, também mudou os relacionamentos por parte dos filhos, mudaram bastante também, sabe? Só que eu não acho isso positivo não, sabe? Eu também não acho positiva a rigidez que a família tinha, mas também não acho positivo o jeito que tá seguindo hoje em dia, sabe? Lá era muito rígido, agora não tem rigidez nenhuma, entendeu? Acho tem que ser meio termo, cê tem que haver diálogo tem que ser super claro com o filho, como é a vida, que, que acontece, entendeu? Acho que a gente tem que ser bem objetivo (Participante 4).*

*É nesse sentido de liberdade mesmo, que pelo que eu vejo falar de antigamente você tinha que ir na casa dos pais dela, ficar assim se apresentar aquele negócio mais reservado. Hoje em dia não, hoje em dia você pode ir na casa dela e chamar pra sair, sem toda essa (pausa), tradicionalismo, é sem aquela fiscalização (Participante 6).*

*Com certeza. Eu acho que antigamente era muito muito cobrado casar, né? E depois ter a relação. Hoje já tá mais aberto um pouco, mas mesmo assim, não, não, “ah, não existe preconceito nunca com a pessoa que já teve relação antes do casamento”, eu acho que existe ainda certo preconceito, mas mesmo assim bem menor que antes, bem menor (Participante 1).*

Os pais também apontaram as mudanças ocorridas no namoro como um marco geracional. Todos compararam como era anteriormente e como os relacionamentos amorosos acontecem atualmente, assinalando que hoje tudo é muito fácil. Um dos pais destacou que as mudanças que estão ocorrendo estão ligadas às mudanças de comportamento das mulheres:

*Então da minha época pra época atual, mudou demais, mudou demais. Os meus pais contam que na época deles, a minha mãe falava que quando o pai ia na casa dela pra namorar era um banco desses comprido de madeira, ele sentava na ponta do banco, a mãe na ponta do banco e não tinha esse negócio de pegar na mão, nem nada não (risada), então roubar um beijo era muito difícil, meus pais já eram dessa época. Eu acho que, não denegrindo a imagem da mulher, mas eu acho que a mulher facilitou muito essa situação que está acontecendo hoje. A maioria dos homens hoje quando sair com as mulheres, eles não saem pensando em ter uma relação, é bonita, já saem pensando em ir pro motel, ir pra transa e tal, e eu não aprovo muito isso não, porque eu acho que a mulher, a mulher no contexto geral, ela está ocupando posições na sociedade que por ela ser mulher, não que eu ache que ela seja um sexo frágil, ao contrário eu não acho que a mulher é um sexo forte, a mulher ocupa, tem ocupado posições na sociedade e por ela ser mulher acho que ela tinha que se valorizar um pouquinho mais, né? Porque se um cara te der uma cantada, você vai sair com ele se você quiser, se você não quiser, não, não tô afim, to afim de compromisso, uma coisa mais séria, então eu acho que se todas mulheres agissem dessa maneira, acho que o mundo poderia estar um pouquinho melhor e a maioria dos homens hoje não pensam em ter uma relação fixa, né? Antes era totalmente diferente, né? Totalmente diferente, eu, por exemplo, nunca vi meu pai da um beijo na boca da minha mãe. Talvez nem tenha beijado a boca da minha mãe,*

*né? Hoje em dia tudo totalmente diferente, né? Hoje é natural se vê um casal se beijando na rua, eu, por exemplo, na minha época não gostava de ficar com agarramento na rua, uma coisa mais reservada, acho que é bonito, até mais bonito, eu penso dessa maneira. Na minha época, pra você ter uma ideia o primeiro beijo na boca que eu dei eu pedi a moça pra beijá-la, eu perguntei se eu podia beijá-la, hoje não, o rapaz já conhece a moça e no primeiro encontro já leva até pro motel, não é verdade? (Participante 10).*

*Na minha época também, quando eu era criança, não existia esse negócio, hoje, por exemplo, hoje uma menina se encontra com um cara hoje, aí já no primeiro encontro já sai tudo, faz o que quer fazer e não dá obediência a família não dá obediência a ninguém. Antigamente eu sei de um caso disso, que uma mulher, uma pessoa lá engravidou e tudo e o cara também não assumiu e largou ela, então era isso, então era uma coisa assim que aparecia, por que? Porque não existia. Hoje o negócio tá de uma tal maneira que é só Deus mesmo pra poder fazer alguma coisa pra melhorar esse mundo porque senão. Não tem nem comparação. Porque na minha época, por exemplo, o pessoal namorava, poderia acontecer alguma coisa, mas hoje, é igual eu falei, tá no encontro e no primeiro encontro já vai pro motel já vai pro, cê me desculpe se eu falar alguma coisa aqui, mas eu tô apavorado com o mundo de hoje (Participante 12).*

*Ah, muito diferente, né? Com certeza, é outra criação. Eu já acho que é tudo muito diferente. Domingo mesmo aconteceu um lance engraçado, porque mamãe tava aqui e eu ia levar ela na casa dela e ela não gosta que eu vou de carro de noite, ela fica, se eu for deixar ela ali na casa dela, ela mora na rua da cooperativa ali. Se eu chegar pra deixar ela oito horas ali de carro sozinha, ela fica doida. Não que cê tem que ir embora, que não sei o que, que senão pode demorar. Aí eu falei com meu marido vão comigo pra mamãe não ficar até doida de eu ir sozinha, sei como é que ela é, aí a Laura e o namorado vai assistir um filme, eu achei tanta graça, ela foi lá na cozinha “mãe a vó tá lá, a senhora vai me deixar aqui sozinha com o Marcelo?” Eu falei Laura eu tenho confiança em vocês”, eu falei assim com ela, “eu tenho confiança em vocês, cês vão pra baile, andam de carro pra baixo e pra cima, se vai fazer errado, vai fazer, cê vai achar que é certo, mas que é errado é”, eu sei que, eu acho, eu falo com ela, é o momento, aquela horinha ali, só naquela hora, depois homem é muito galinha. Na geração da minha mãe não pegava nem na mão. A minha já foi melhor, né? A geração já foi diferente, né? Namorar, né? A gente até se beijava perto de pai, um selinho, né? Não tinha problema. É com respeito, não tinha problema nenhum. Perto do meu pai e da minha mãe eu nunca tive esse constrangimento (Participante 8).*

*Ah tem, porque os meninos hoje tão querendo mais é ficar, não tão com essa preocupação, pra você ter uma ideia eu casei com 21 anos, meu mais novo já está com 20, o Armando já está com 23, mas nem pensa, nem passa pela cabeça dele, entendeu? Namorou um certo tempo, namorou um certo tempo depois não quis saber de namorar mais, aí até legal, porque tem que preocupar com os estudos mesmo, entendeu? Formar sua carreira mesmo, pra depois decidir, a união é muito fácil você viver a dois, só que depois vem os problemas todos nas costas da gente e às vezes você não consegue driblar certas situações, não tem uma estrutura emocional e financeira, a emocional está ligada a financeira, porque se você não tiver uma estrutura financeira a emocional vai ser prejudicada, não adianta. Olha, eu acho que hoje tá muito conversado. Pegar na mão era uma dificuldade, beijo na boca nem se falava (Participante 11).*

Quanto à percepção dos pais se essas mudanças são positivas ou negativas,

duas mães ressaltaram que não as percebe como negativas, embora ache que, muitas vezes, os jovens não sabem aproveitá-las e extrapolam alguns limites. Um dos pais ressaltou que elas são negativas e que o feminismo foi um dos grandes responsáveis por essa mudança, já que as mulheres passaram a fazer o que querem e acabaram esquecendo seus princípios:

*Não, vejo negativa não, o que eu vejo é que há mais, há muita liberdade, eu acho. Hoje há muita liberdade. E a gente mesmo, os pais, a gente acaba dando essa liberdade pros filhos, não é verdade? Sem querer assim, cê acaba dando. Eu não sei se porque, por falta de ocasião, de oportunidade, que na minha época, pelo menos que eu não namorava, não tinha carro, não saía muito não e acho que mesmo se tivesse, não saía. Só quando eu fiquei mais velha, quando eu já tava com meus vinte e poucos, que aí eu já comecei, né? A sair, a ir pro baile. Não mais na minha adolescência assim nossa mesmo se tivesse, papai não deixava, não é verdade? Ah, eu não acho que é negativo não. Eu acho que tem que saber conquistar (Participante 8).*

*Eu acho que se o jovem tivesse mais juízo hoje tá bem melhor, muito melhor, mas o problema é que os jovens não sabem lidar com isso, né? Se soubessem lidar com isso, tá muito melhor hoje (Participante 7).*

*É, a minha mãe falava assim, muito do jeito dela, ela falava assim: É, não abre sua caixinha secreta pra ninguém, ela falava assim, depois que perdeu, não (Participante 7).*

*Elas são negativas, mas eu acho assim, desculpa eu falar, mas depois que ficou tanto feminismo, tanta mulher tomando frente de tudo, essas mulheres feministas e tudo, né? Então “ah vão fazer isso, vão fazer aquilo”. Então faz tudo que elas tem que fazer, então isso aí foi dando margem pra mulher ser independente, mas elas fazer o que bem entender. Então eu acho que elas esqueceram daqueles princípios dela. Porque todo mundo copia a televisão, porque a televisão é liberal, faz coisa que não deve, o povo vai fazer igual. Eu acho assim, que por isso que tá nesse ódio. Se a televisão der uma maneirada (Participante 12).*

Os jovens vêem essas mudanças como positivas. Uma das jovens entrevistadas percebe essas mudanças de uma geração para outra na sua própria casa, pois observa que a sua mãe se atualizou e se tornou mais permissiva diante de certas situações. Já outro jovem destaca que essas mudanças de uma geração para outra beneficiaram mais a mulher, pois antes elas não possuíam tanta liberdade e hoje conquistaram mais espaços, existindo um diálogo mais aberto entre pais e filhos:

*Já. Com certeza. Até mesmo pela irmã dela. A irmã dela é dez anos mais velha que ela e nunca deixou a filha fazer metade das coisas que minha mãe já deixa eu fazer. Não é nem só de mãe pra filha, não, mas de irmã pra irmã também. Já vê essa diferença (Participante 2).*

*Com certeza, a gente é, o que a minha mãe conta lá em casa, é que, minha mãe sempre foi é mais presa e nunca assim, gostou de tá convivendo, nunca gostou assim, de sair muito e minha vó sempre falava que levava ela nos shows, que sempre tava presente, até quando começou a namorar meu pai, assim, tava presente assim. Não liberava muito não. É hoje em dia eu acho que é, as meninas inclusive, eu acho que elas conquistaram mais isso, um pouco mais de liberdade, um pouco mais de confiança e porque até antigamente as pessoas assim, por é por falta de informação, por falta de, de não ter essa conversa em casa, que até tavam mais sujeitas, né? Tavam mais expostas e até por, por causa da constituição, é por ter mais filhos, né? E hoje em dia, é por ter vários modos de evitar, por ter é uma, eu acho que, uma conversa mais aberta com os pais, isso tá. Acho que isso melhorou assim, do aspecto antigo pro aspecto agora que a gente tá vivendo, entendeu? (Participante 5).*

### **5.3.1 Discussão**

Nossos participantes afirmaram que a valorização do sobrenome da família de origem persiste na cidade de Muriaé, em particular, e região, de modo geral, reforçando a importância dos laços de parentesco e dos vínculos baseados na influência da família. Esses vínculos são utilizados como uma estratégia pelas famílias, de geração a geração, desde o período colonial, a fim de aumentar os bens materiais e simbólicos da família, e se baseiam em relações de troca.

Em Minas Gerais, mais especificamente na Zona da Mata, essa prática foi talvez ainda mais intensificada, por essa ter sido uma região povoada tardiamente e pelo fato de que as famílias que compuseram a elite pertenciam, predominantemente, a famílias tradicionais vindas de regiões como o Rio de Janeiro, São Paulo e da própria região Central mineira após o período de declínio da mineração. Essas famílias já se encontravam na sua segunda ou terceira geração e, portanto, já carregavam um nome. Como aponta Zonabend (1996, em Andrade,

2011), “antes de sermos nós mesmos, fomos o filho ou filha de fulano e beltrano” (p.183), destacando a importância da família de origem como ponto de referência para a constituição da identidade das pessoas, uma vez que, antes de termos uma existência social própria, somos parte de uma determinada família. Em Minas, em especial na Zona da Mata, ter um nome determinava quem podia participar e como participava das diferentes redes sociais e ainda hoje se pode sentir a importância dessa família de origem.

Cabe ressaltar que, muitas vezes, a riqueza não era medida pelos bens concretos, mas sim pelo capital simbólico que a família possuía, por sua rede de solidariedade. Nossos entrevistados destacaram a importância do status e do sobrenome como, muitas vezes, mais importante do que o próprio patrimônio material que a família possui.

Pudemos observar em nossa revisão bibliográfica que as relações familiares em Minas Gerais foram edificadas sobre as relações clientelistas, de poder, de prestígio e, através delas, foram constituídas as redes de solidariedade, solidificadas por níveis hierárquicos e relações de troca. Normalmente, quem determinava tudo era a elite, formada por famílias tradicionais e influentes, e os descendentes dessa elite acabavam recebendo vantagens e buscavam seguir os mesmos caminhos em busca de privilégios e prestígio não só econômicos, mas também sociais (Teixeira, 2008). A força e a herança dessas tradições pode ser observada nas falas de nossos entrevistados.

Kuznesof (1989) resalta que essas relações de parentesco contribuíram para a formação das famílias bem como para o estabelecimento dos laços de parentesco que sustentaram a política e organizaram economicamente as regiões. Até hoje se pode identificar com facilidade as famílias donas e gerenciadoras de seus próprios

negócios. Segundo a autora, esse tipo de estrutura social, política e econômica era comum em todo o mundo ocidental e se estendeu até a metade do século XIX. Os entrevistados mencionaram que a política ainda é organizada dessa forma e a indicação para cargos ainda segue essa lógica de indicações e trocas de favores.

Essa prática de obtenção de cargos é apontada por Brügger (2007) como uma reprodução do período colonial, já que era responsabilidade do monarca a distribuição dos cargos administrativos, escolha essa que se baseava numa rede de trocas que se baseava no prestígio e favores pessoais. Muitas vezes, o solicitante não era o beneficiário, mas sim pedia por terceiros, que se utilizavam de pessoas influentes junto à administração. Esta situação solidificou uma rede hierárquica de transmissão de poder e prestígio. Por outro lado, esperava-se das pessoas agraciadas fidelidade e gratidão pela conquista. Essa rede de indicações foi mencionada por nossos entrevistados, sendo que, embora a maior parte a tenha criticado, alguns entrevistados a reconhecem como positiva e até mesmo a utilizam, desde que somada a um conjunto de fatores como, por exemplo, méritos pessoais.

As pessoas que pertenciam ou não à elite podiam participar ou intensificar sua força nessa rede de solidariedades através do compadrio, que foi mencionado, ainda que discretamente, pelas duas gerações. Teixeira (2008) destaca que o compadrio era uma outra estratégia utilizada, já que ele simbolizava uma aliança do padrinho com a família, representando uma amizade política fundamental para a manutenção do *status quo*. Andrade (2011) revela que a liberdade para a escolha de padrinhos acabou possibilitando que essa prática se tornasse uma estratégia para obter vantagens, para a aceitação e visibilidade diante da sociedade mineira. Em nossa pesquisa, uma das entrevistadas mencionou que o pai possuía um padrinho político que o indicou para um cargo administrativo e uma jovem destacou seus

próprios padrinhos como facilitadores na busca de ascensão profissional, pelo fato de serem pessoas influentes na cidade.

O batismo, portanto, era uma forma de solidificar os laços de compadrio, possibilitando também o reconhecimento de grupos marginalizados na própria sociedade através do estabelecimento de laços de parentesco não consanguíneos. Essas estratégias vêm formando, desde o período colonial, uma rede de dependências que, para Andrade (2011) estruturava a região, organizando-a economicamente e criando redes de dependência e níveis hierárquicos baseados no sistema de trocas. Em nossa pesquisa pudemos observar que ela se mantém, embora talvez de forma mais velada.

Como mencionamos anteriormente, o campo político também apresenta essa lógica. Em pesquisa realizada por Genovez (2002), a autora destacou que na segunda metade do século XIX fica mais evidente o destaque dado às relações familiares na política. A autora aponta que normalmente os vereadores eram os “homens bons” e, entre eles, estavam, por exemplo, médicos, advogados, fazendeiros, comendadores, barões, que eram considerados aptos a representar a sociedade, mas, na realidade, o que muitas vezes eles defendiam eram seus próprios interesses e os dos grupos com quem tinham ligação. Para a autora, pertencer a um círculo familiar importante era o que de fato pesava na escolha política. Nossos entrevistados mencionaram a política da região como um terreno fértil para as pessoas influentes demarcarem as redes de dependência e os níveis hierárquicos.

Todas essas relações baseadas em níveis hierárquicos desde o povoamento da região contribuíram para a adesão ao patriarcalismo em Minas, que inicialmente pôde ser intensificado com o movimento de ruralização das famílias, a partir do



desenvolvimento da agricultura (Figueiredo, 1997, em Brügger, 2007). As fazendas, portanto, se tornaram cenários do patriarcalismo e dos papéis conservadores em Minas. Esses valores, no entanto, parecem ter sido mantidos para além do movimento de ruralização, já que eles parecem se fazer muito presentes no discurso de nossos entrevistados. Segundo Brügger (2007), o patriarcalismo desenvolveu na sociedade mineira uma gama de valores, em especial a importância dos laços familiares, principalmente para a constituição de alianças e amizades desiguais. Por isso, a noção de tradicionalismo e patriarcalismo está diretamente vinculada às classes sociais, já que na formação da elite local verificamos uma forte presença do tradicionalismo nesse grupo social. Isso foi apontado por nossos participantes tanto quando mencionaram suas próprias famílias, quanto quando se referiam a famílias tradicionais da região, revelando que as famílias que possuem um sobrenome em evidência acabam alcançando maior status social, passando a ser mais facilmente reconhecidas e influentes na região.

Os valores patriarcais também foram percebidos por nós a partir de modelos conservadores a serem seguidos tanto pelos pais quanto pelos filhos. Embora muitas mudanças tenham sido apontadas por nossos entrevistados, pudemos observar que os valores passados através das gerações ainda têm influenciado fortemente as novas gerações, que acabam por oscilar entre modelos tradicionais e atuais. Podemos reconhecer, contudo, marcas do tradicionalismo, quando eles apresentaram histórias que fugiam dos padrões sociais em suas famílias, bem como na manutenção de valores religiosos na família e na vinculação da mulher a um papel naturalizado através dos séculos, pontos que serão discutidos a seguir.

O Estado português e o catolicismo uniram suas forças a fim de impedirem que práticas não reconhecidas se mantivessem no período colonial como, por

exemplo, pertencer a uma família não reconhecida e praticar o concubinato, práticas que se distanciavam do espírito católico. Por isso os jesuítas tentaram organizar o sistema matrimonial no Brasil e, de acordo com Silva (1984), após o Concílio de Trento, a Igreja passou a punir o concubinato, fazendo uso de diversas penas, que iam desde a excomunhão até a expulsão das mulheres da região que o praticavam.

Quando nossos entrevistados apresentaram histórias que fugiram do padrão em suas famílias, vincularam-nas a relações ainda não reconhecidas pela igreja, como namorados que coabitam, filhos de uniões não legalizadas, discriminação social. Apesar delas terem sido apresentadas com mais naturalidade e maior aceitação pelas famílias, elas norteiam os conselhos dos pais como atitudes a não serem seguidas, e os próprios jovens, apesar de destacarem mudanças de pensamento, ainda escolhem práticas solidificadas e aceitas socialmente.

Desde o Brasil Colônia, o concubinato se disseminou socialmente como uma das práticas mais comuns e marcou, portanto, esse período, transformando-se, em diversas regiões brasileiras, no principal modelo de configuração familiar. Cerceau Netto (2008) aponta que, apesar dos esforços da Igreja para controlar o concubinato, muitos casais preferiram viver em uniões consensuais, buscando formas de relacionamento mais flexíveis. Apesar de discretamente, essas formas de relacionamento mais flexíveis apareceram nos discursos de nossos entrevistados, apontando para mudanças nesse sentido, embora os modelos tradicionais pareçam ainda ser predominantes.

Como o controle da Igreja no Brasil Colônia se tornou muito difícil devido à grande extensão de terras e à diversidade de pessoas, a Igreja tentou inserir na sociedade a ideia do concubinato como algo escandaloso, passando a transferir as investigações dessas práticas para a própria comunidade que expurgava os

transgressores, que eram denunciados pelos próprios vizinhos e pela comunidade, em geral, que se rebelava contra eles. Além disso, a própria consciência do praticante cumpria um papel importante, já que a Igreja difundiu tal prática como um crime, um delito (Oliveira, 2011). Nossos entrevistados relataram que essa vigilância ainda permanece na região e vem acompanhada da relação com o sobrenome da família, sendo que os filhos das famílias tradicionais são mais vigiados. Esses discursos foram tão importantes que os filhos entrevistados assinalaram que todas as estratégias que utilizaram para burlar algum tipo de rigidez imposta pelos pais, os fizeram se sentir muito culpados, principalmente as mulheres.

A Igreja tem a sua parcela de responsabilidade nesses comportamentos, pois, de diversas formas, sempre procurou controlar as práticas condenadas socialmente e utilizou estratégias para diminuir esses problemas como, por exemplo, o casamento (Silva, 1984). O sacramento do matrimônio surgiu como alternativa para controlar a população católica, a fim de diminuir as relações incestuosas e o concubinato. Apesar disso, muitas dessas práticas permaneceram em alguns grupos étnicos e grande parte dos fiéis também acabava por negligenciar e burlar tais normas. O catolicismo ainda é a religião predominante de nossos entrevistados e, apesar deles terem relatado a abertura para novas práticas, os entrevistados que escolheram outras práticas se disseram vítimas de preconceito. Pudemos perceber também que a religião é condutora de muitos valores familiares, apesar de alguns entrevistados terem feito críticas com relação ao enrijecimento de valores religiosos, assim como aos valores e à educação rígida transmitida de uma geração a outra.

Outro aspecto observado foi a naturalização de alguns papéis sociais, como é o caso da mulher como principal responsável pelos cuidados dos filhos. Isso aponta novamente para o fato de que valores patriarcais continuam circulando no discurso

de nossos entrevistados. Faria (1998) assinala que na família patriarcal a mulher é vista como dominada e enclausurada. Apesar de todas as mães entrevistadas trabalharem, ou já terem trabalhado fora de casa, e das jovens também fazerem planos futuros de estar inseridas no mercado de trabalho, pudemos observar que os antigos papéis atribuídos a elas, como o de mãe, esposa e cuidadora do lar e dos filhos ainda se mantêm. Embora alguns entrevistados tenham visto as mudanças sociais como positivas, outros atribuíram a elas a responsabilidade pelas mudanças negativas que se pode observar nas novas gerações.

Um dos entrevistados relatou que o movimento feminista foi o grande responsável por essas transformações e, de fato, os movimentos feministas causaram um forte impacto social. A partir deles, muitas mudanças significativas e importantes ocorreram nas últimas décadas, entre elas a inserção das mulheres no mercado de trabalho, o maior acesso das mulheres à escolaridade, o aparecimento de novas configurações familiares, as lutas por direitos iguais entre homens e mulheres, uma alteração nas relações de poder, entre outras. Ainda assim, ele percebe essas mudanças como negativas, já que as mulheres passaram a ter menos tempo para cuidar da casa e dos filhos e, por isso, segundo ele, principalmente as relações amorosas estão mais instáveis e imediatistas.

Como apontam Szapiro e Féres-Carneiro (2002) e Rocha-Coutinho (2005a) o antigo discurso de que “mãe é mãe” ainda se faz presente, transformando a mulher na pessoa mais apta a cuidar dos filhos. Culturalmente, há muito tempo vinculam-se os papéis de mãe à mulher, ou seja, o destino natural de toda mulher seria a maternidade. Contudo, para Rocha-Coutinho (2005) a antiga identidade feminina tem sido transformada, tornando possível novas escolhas para as mulheres. A autora também destaca que “desenvolvimentos tecnológicos, como o surgimento da

pílula anticoncepcional, tornaram a contracepção relativamente segura, eficaz e disponível para a maioria das mulheres no século XX, dissociando a sexualidade da procriação” (p.24) e contribuindo para a separação entre sexualidade e reprodução, abrindo, assim, novas escolhas para as mulheres.

Percebemos que muitas mudanças entre as gerações foram apontadas por nossos participantes. Para Lins de Barros (2006), falar de gerações é considerar as formas de sociabilidade, as experiências de vida dos distintos segmentos sociais e grupos etários. Através das gerações é que percebemos as mudanças sociais, visto que elas estão intrinsecamente vinculadas e, ao mesmo tempo, reconhecemos as tradições, os valores e as normas.

Durante a análise e discussão dessa categoria percebemos que realmente na pós-modernidade o ritmo acelerado das mudanças se faz presente. Essas mudanças estão ligadas ao pensamento e ao modo de estar no mundo mas, se olharmos de perto, o que parece tão diferente e modificado está sendo sempre redimensionado, ou seja, há um esforço para que se mantenha a herança das tradições. Pudemos constatar isso no discurso dos filhos com relação aos conselhos, recomendações, educação e valores transmitidos pelos pais e pelas gerações anteriores que eles pretendem reproduzir para seus filhos, além de outras questões já discutidas anteriormente. Por isso, consideramos importante que se realize uma análise das relações intergeracionais, para melhor entender esse movimento de transformação social e, ao mesmo tempo, o esforço para que as tradições se mantenham.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de nossa revisão bibliográfica e da pesquisa realizada pudemos observar que as relações familiares na Zona da Mata mineira foram sendo moldadas desde seu povoamento a partir de níveis hierárquicos, relações de poder, troca de favores, relações de dependência e prestígio que iam sendo manifestadas através de laços políticos, de amizade, familiares e clientelísticos. A Zona da Mata foi ocupada tardiamente e seu grande potencial para a produção cafeeira fez com que um grupo forte e inovador, que já possuía capital econômico, político e simbólico, além de vínculos familiares consistentes, se interessasse pela ocupação da região. Portanto, esse grupo já possuía bens para investir na região; na realidade, ele buscou perpetuar o status e as honras adquiridas, a fim de enobrecer ainda mais suas famílias.

Para que as relações familiares fossem ainda mais solidificadas esse grupo utilizou como estratégia os casamentos por aliança, unindo, por exemplo, duas influentes famílias através do casamento, objetivando consolidar as relações econômicas entre elas. Também foram comuns os casamentos consangüíneos, a fim de manter na própria família os bens materiais e o prestígio social, destacando-se, na época, a força do parentesco e do compadrio que possibilitavam, através do batismo ou de outros tipos de apadrinhamento, fortalecer os vínculos de parentesco ou o desenvolvimento de redes de sociabilidade entre grupos marginalizados e a elite local.

Vimos que o casamento foi utilizado como uma grande estratégia econômica na época e se estruturava de acordo com os valores trazidos pelo direito canônico

romano. Os casamentos consanguíneos não eram incentivados pela Igreja Católica. Mesmo assim, as permissões para que eles ocorressem eram facilmente concedidas, pois contribuíam para a arrecadação de fundos para a Igreja, já que normalmente as famílias que as solicitavam possuíam condições de pagá-las.

Com o batismo não era diferente; através dele criavam-se vínculos de proteção e lealdade entre as famílias. Essa forma de relação poderia ser estabelecida através de laços de dependência desenvolvidos por eleitores, devedores ou agregados com membros das famílias mais poderosas como forma de fortalecer os vínculos de solidariedade, numa tentativa de maior aproximação, estreitamento e até mesmo de ascensão social. Em nossa pesquisa pudemos observar que o apadrinhamento, apesar de ter aparecido discretamente na fala dos entrevistados, foi apontado por eles como algo que atendia os objetivos acima descritos.

A elite mineira se organizou em torno de um sistema de troca de favores, baseado nas relações que a família possuía, influenciando a obtenção ou a indicação para cargos administrativos e a participação no campo político, sempre objetivando expandir os laços e solidificar ainda mais a força das famílias. Em nossa pesquisa vimos alguns resquícios dessa prática, já que nossos entrevistados mencionaram que a influência das relações familiares na obtenção de emprego e na política ainda é muito forte. As famílias tradicionais na região ficam em evidência, são mais facilmente reconhecidas, possuem status social e principalmente as pessoas mais velhas valorizam essa formação de redes de sociabilidade. A maior parte dos entrevistados, contudo, afirmou acreditar que as pessoas devem conquistar seus objetivos através de méritos pessoais, embora alguns tenham reconhecido como positivo utilizar essa influência familiar para a obtenção de um

emprego, por exemplo, mas sempre destacando a necessidade disso vir somado a um currículo. Alguns entrevistados ressaltaram que eles próprios fizeram uso dessas estratégias.

Nem todas as famílias, no entanto, se estruturavam dessa forma tradicional. Minas Gerais, de modo geral e a Zona da Mata e Muriaé, em particular, se estruturaram também a partir de outras composições familiares que fugiam aos moldes traçados pela Igreja Católica. Outras formas distintas de casamento também puderam e podem ser encontradas na região, como o concubinato, as uniões ilegítimas, os lares chefiados por mulheres, entre outras, e até hoje existe uma tentativa por parte da Igreja de estipular regras religiosas para estabelecer controles sobre aquelas pessoas que estão em “situação irregular”.

Esses grupos tentaram negligenciar e burlar de muitas formas tais imposições, mas certamente, devido à força da Igreja, tiveram dificuldades no reconhecimento político, apesar de terem imprimido na sociedade a possibilidade de novas organizações familiares coexistirem e de terem flexibilizado a dinâmica de organização social. No entanto, como apontamos, Minas Gerais, a Zona da Mata e, em especial, a cidade de Muriaé, não se estruturaram apenas segundo a lógica patriarcal tradicional e os valores da Igreja Católica. Pudemos observar, no entanto, que o modelo patriarcal estruturou inúmeros valores sociais, já que, independente da classe social a que pertenciam, os grupos tentavam de alguma forma fazer trocas, constituir alianças e alcançar reconhecimento. Caso isso não pudesse ser alcançado através do matrimônio, que o fosse através do sacramento do batismo ou de outros meios.

Esses modelos de família que fogem dos padrões sociais, mas que existem amplamente desde o Brasil Colônia, ganharam maior visibilidade ao longo dos



séculos através das mudanças que ocorreram e alteraram significativamente a organização familiar e social. Como marcos apontados em nosso trabalho, podemos mencionar: a Revolução Industrial, que influenciou o desenvolvimento dos processos de industrialização e modernização; o surgimento da família conjugal moderna, que passou a ser fundada no afeto e no sentimento, em lugar de priorizar o vínculo jurídico-patrimonial; os movimentos feministas, que contribuíram para a dissociação estabelecida entre sexualidade e reprodução, fazendo com que as mulheres enxergassem as experiências para além da maternidade, o que impulsionou, principalmente as mulheres de classe média, a se inserirem no mercado de trabalho.

Essas mudanças, contudo, geraram na sociedade um discurso que vincula as novas famílias a desintegração, dissolução, desaparecimento, ruptura, entre outros, como se a família estivesse sendo extinta de nossa sociedade, não se reconhecendo, muitas vezes, que novas e variadas formas de família coexistem em um mesmo espaço. Esse discurso pode, eventualmente, se impor, pois parte da sociedade ainda possui como parâmetro os valores patriarcais.

Nossos entrevistados, especialmente os pais, perceberam as mudanças familiares, em sua maior parte, como negativas, utilizando, além dos termos acima mencionados, que ela está deteriorada, conflituosa, desunida, havendo uma distância entre os membros da família. Como aspectos positivos dessas transformações, eles mencionaram o aumento do diálogo, embora tenham destacado que em suas famílias é o que mais falta, ocasionando uma série de conflitos familiares. Além disso, eles destacaram uma maior presença dos pais na vida dos filhos e a inserção da mulher no mercado de trabalho, apesar dessa última ter sido considerada também, paradoxalmente, como negativa, já que os entrevistados se referiram ao fato de que, com sua participação na esfera pública, a

mulher passou a ser mais ausente no que diz respeito aos cuidados com os filhos. A família foi definida por eles como um lugar de amor, afeto, conselhos, apoio, orientação, onde se compartilha coisas boas e ruins. Ela foi vista como a base, o alicerce da vida das pessoas, atribuindo-se a ela um lugar de extrema importância.

Os entrevistados também criticaram as novas formas de relação amorosa adotadas pelos jovens na atualidade, em que prevalece o “ficar”, a falta de relacionamentos duradouros, a atração física, entre outras. Apesar de inicialmente terem tido dificuldade em definir o amor, eles destacaram que esse sentimento deve ser construído ao longo do tempo e que os parceiros não devem esperar nada em troca e enfrentar as dificuldades juntos, o que aponta para uma visão mais tradicional de amor.

Com relação à definição de casamento, inicialmente os entrevistados apresentaram dificuldade em defini-lo, mas posteriormente atribuíram a ele aspectos também mais tradicionais, como compartilhamento, ceder, respeitar as diferenças, primeiro passo para a construção de uma família e batalhar por objetivos em comum. Apesar dos entrevistados não acreditarem que existe um modelo ideal de casamento, pais e filhos optaram por um modelo tradicional. Apesar disso, alguns entrevistados, especialmente os jovens, mencionaram a possibilidade de coabitarem com o namorado, desde que já exista independência financeira, assinalando que essas mudanças de pensamento são necessárias para se adequar às transformações que vêm ocorrendo atualmente, embora os pais idealizem para seus filhos um casamento nos moldes tradicional.

Os pais afirmaram já ter enfrentado muitas dificuldades conjugais, acabando por encontrar formas de superá-las, destacando, contudo, que suas expectativas e

idealizações não foram supridas, visto que na prática as vivências foram bem diferentes. Ainda assim, eles incentivam seus filhos a se casarem.

Os pais também enfatizaram que antes as pessoas se casavam com a ideia de que o casamento se manteria por toda a vida e atualmente os jovens se casam pensando que se não der certo eles podem se separar a qualquer momento, o que aponta para a instabilidade das relações conjugais hoje. Já os jovens entrevistados afirmaram que pretendem se casar, constituir suas próprias famílias e se tornar pais – algo que para eles significa atingir um novo patamar na vida –, transferir conhecimento a seus filhos, cuidar e apoiar os filhos em todos os momentos.

As jovens entrevistadas, em seus discursos, desvincularam o casamento da virgindade. Segundo elas, uma vez que hoje as mulheres não precisam mais se casar virgens, tendo em vista que a mulher atual deseja conquistar primeiro sua independência financeira, elas são levadas a adiar o casamento e, com isso, acabam não conseguindo protelar o contato íntimo com seu parceiro até o casamento. Já as mães preferem acreditar que suas filhas ainda são virgens e acabam, muitas vezes, não conversando com suas filhas sobre sexualidade, pois isso pode, segundo elas, se tornar um estímulo para a prática sexual.

De modo geral, pais e filhos não conversam sobre sexualidade. Embora os pais conversem mais com seus filhos do que as mães com as filhas, de forma geral, essa dificuldade existe, já que eles próprios não receberam de seus pais nenhum tipo de orientação. Atualmente, as conversas com os filhos sobre sexualidade se resumem a recomendação e alertas a serem seguidos à risca, caso contrário isso poderá gerar consequências indesejadas como, por exemplo, uma gravidez. Já os filhos enfatizaram que pretendem agir de modo distinto quando tiverem seus

próprios filhos, pois pretendem orientá-los de uma outra forma, conversando com eles, se atualizando sobre as mudanças sociais.

Com relação ao namoro, os pais impõem condições aos filhos para poder sair com os(as) namorados(as). De modo geral, os pais demonstraram ser mais permissivos com os filhos, enquanto que as mães só passaram a ser um pouco mais flexíveis com suas filhas a partir do momento que sentiram mais segurança no namoro atual delas. Mesmo assim, a maior parte dos pais não permite que seus filhos viajem com seus(suas) namorados(as) sozinhos(as), embora alguns permitam que isso ocorra apenas quando estão acompanhados por alguém da família. As mães, em especial, estipulam horários para que as filhas cheguem em casa e não permitem que os(as) namorados(as) durmam no mesmo cômodo da casa em que as filhas dormem. As mães destacaram que isso só ocorre em situações muito especiais e fizeram questão de justificar cada uma delas. Percebemos que os filhos, em sua maioria, seguem essas normas, não havendo grandes confrontos na família. Os pais ressaltaram, ainda, que seus pais foram muito mais rigorosos com eles do que eles são com seus filhos, o que aponta para mudanças geracionais.

Os pais afirmaram transmitir conselhos e recomendações a todo momento a seus filhos e consideram que isso foi uma herança de seus próprios pais. Eles destacaram, ainda, o rigor com que foram educados e afirmaram ter modificado muito suas condutas nesse aspecto, tornando-se mais flexíveis com seus filhos. Na mesma direção, os jovens, embora tenham dito que pretendem manter a maior parte desses conselhos e recomendações na educação de seus filhos, tencionam atualizá-los seguindo as mudanças que ocorrem de uma geração para outra.

A maior parte dos pais afirmou nunca ter burlado nenhuma regra imposta por seus pais, ou por eles serem muito rigorosos ou por medo deles, embora alguns até

tenham conseguido burlar certas normas, mas somente quando contavam com o apoio de suas mães. Os filhos, por sua vez, principalmente as mulheres, burlaram algumas regras impostas por suas famílias, mas sentiram-se culpadas depois por essas atitudes.

Apesar de filhos e pais reconhecerem o rigor na educação e nos valores transmitidos pela família, ambos afirmaram valorizar isso. Os pais destacaram que mantiveram muitos valores tradicionais passados por suas famílias durante gerações. Já os filhos relataram que também valorizam o que lhes foi passado e que pretendem transmitir isso a seus filhos. Todos eles apontaram que esses valores são importantes, pois mantêm certas tradições necessárias, como, por exemplo, a hierarquia familiar e os limites, já que o que se vê hoje é uma ausência de hierarquia e limites, gerando uma falta de respeito entre pais e filhos e uma ampla permissividade.

O mesmo aconteceu com relação aos valores religiosos. A maior parte dos entrevistados destacou que esses valores são valorizados e os seguidos em sua família. Apenas uma das jovens criticou os dogmas rígidos impostos pela Igreja Católica e dois pais destacaram que não os utilizam, apenas perpetuam os valores, de forma geral.

Ainda assim, podemos perceber que a religião norteia muitos valores familiares, embora o peso atribuído à religião hoje seja menor. A maior parte dos entrevistados se disse católico, mas quase todos destacaram que freqüentam muito pouco a Igreja. Além disso, hoje há muita variação em termos da prática religiosa seguida na família e, apesar de terem afirmado que lidam bem com essas diferenças, os entrevistados que seguem uma religião diferente da católica afirmaram que são vítimas de preconceito por terem feito uma escolha distinta. Os

entrevistados atribuíram importância à religião no que diz respeito ao desenvolvimento de valores, à diminuição de várias formas de discriminação e ao auxílio prestado às pessoas para que superem suas dificuldades, mas ressaltaram que quando há fanatismo e discriminação ela deixa de ser vista como algo positivo.

A idéia da mulher submissa, espelho da “santa mãezinha”, permanece, já que diversos papéis que foram naturalizados ao longo do tempo continuam sendo atribuídos a ela. No caso de nossa pesquisa, as mães ainda são consideradas as principais responsáveis pelos cuidados da casa e dos filhos e, quando recebem ajuda, na maioria das vezes, são auxiliadas por suas filhas. Outra questão que agrava essa dedicação à casa por parte das mulheres está relacionada ao fato de que a classe média atualmente vivencia certa dificuldade para manter uma empregada doméstica fixa devido ao custo financeiro que isso acarreta. Assim, as mães incentivam suas filhas a buscar uma independência financeira para não ter que depender economicamente de seus companheiros.

A mãe foi mencionada como o maior apoio para os filhos nos momentos em que eles necessitam de suporte. Parte dos entrevistados ressaltou que deve haver sim diferenças entre homens e mulheres, já que, como as mulheres devem manter seus valores morais, elas são mais vigiadas socialmente e mais cobradas do que os homens, até porque são as maiores responsáveis pela educação dos filhos e, assim, devem ser um exemplo a ser seguido. Alguns entrevistados atribuíram a elas até mesmo a responsabilidade pelas mudanças negativas que vêm ocorrendo na sociedade atual, pois, com o feminismo, a mulher abriu espaço para muitas dessas alterações.

As mudanças geracionais foram predominantemente relacionadas ao namoro. Os entrevistados disseram que antes havia mais rigor, mais fiscalização e que

primeiro as pessoas se casavam para depois terem um contato íntimo com seus parceiros, mas que atualmente tudo está extremamente liberal, não havendo uma fiscalização tão rigorosa. Alguns entrevistados, principalmente os pais, apontaram que essas mudanças são positivas, mas destacaram que os jovens exageram e acabam não sabendo lidar saudavelmente com elas.

Diferentemente dos pais, que iniciaram suas trajetórias profissionais muito cedo, a transição para a vida adulta tem ocorrido mais tardiamente. Tanto os pais quanto os filhos relacionaram isso ao fato dos filhos não possuírem uma independência financeira sólida e ainda estarem estudando. Os pais destacaram que o melhor momento para os filhos saírem de casa é quando eles adquirirem uma independência financeira. Enquanto isso, eles acreditam que o melhor é permanecer na casa dos pais até porque, apesar de alguns conflitos, as relações familiares e a convivência familiar são muito boas. Já os filhos disseram que, apesar de terem tudo na casa dos pais, sentem falta de liberdade e não gostam do fato de dependerem financeiramente de seus pais. O quarto é utilizado por eles como “seu espaço”, local onde podem ter um pouco de privacidade e autonomia.

Para que essa transição para a vida adulta ocorra os jovens buscam sua independência financeira e a estruturação de suas carreiras profissionais. O trabalho foi mencionado por eles como algo extremamente importante e acreditam que as desvantagens e dificuldades são suplantadas pelas vantagens, como o fato de conviverem com pessoas diferentes, terem uma remuneração e responsabilidade. Para as mulheres o trabalho representa, ainda, a conquista da independência financeira, o sentimento de realização e valorização pessoal, o sucesso, o respeito da sociedade e o fato de não necessitarem depender economicamente de seus maridos.

Esse estudo com duas diferentes gerações possibilitou perceber as mudanças na organização social de uma geração para outra, ou seja, que tipo de valores, normas e tradições permaneceram e quais as que se alteraram entre as gerações. Para isso tentamos entender as gerações para além de uma demarcação cronológica e verificar as singularidades e modos de ser de cada geração e a flexibilização que cada uma delas traz em termos de valores, normas e tradições.

Apesar de termos destacado as inúmeras mudanças intergeracionais ocorridas, pudemos observar que alguns valores tradicionais ainda continuam muito fortemente presentes na sociedade mineira mantendo-se como um padrão estruturante da sociedade, como é o caso dos vínculos afetivos, que continuam a se basear, em grande parte, em padrões arcaicos. Podemos dizer, portanto, que podemos identificar ainda traços da antiga relação entre tradicionalismo, família mineira – pelo menos a da Zona da Mata – e manutenção de valores patriarcais como característicos dessa sociedade. Isso pode ser visto, por exemplo, nos discursos contraditórios e, muitas vezes conflitantes, apresentados por nossos entrevistados, o que pode apontar para o fato de que estamos passando por um momento de transição, em que os novos modelos convivem com modelos os antigos, mas estes últimos ainda se fazem presentes de forma mais ou menos forte.

A família, campo fértil de investigações, continua sendo um objeto de estudo imprescindível para melhor entendermos as mudanças e a permanência de comportamentos sociais e, por isso, acreditamos que esta pesquisa não termina aqui. Muitos caminhos ainda podem e devem ser trilhados, pois diversos temas e lacunas foram se abrindo no decorrer desse estudo. Em trabalhos futuros, seria interessante nos aprofundarmos ainda mais nessa temática, comparando-se, por exemplo, o que ocorre na Zona da Mata mineira com outras regiões do Brasil, ou



mesmo estabelecendo outros tipos de comparação como aquela que contempla classes sociais distintas, o que poderia contribuir para uma maior compreensão da família mineira, em particular, e da família brasileira, de modo geral, e das mudanças por que elas vêm passando ao longo de diferentes gerações, bem como das distintas formas que assume para os diversos grupos sociais.

## REFERÊNCIAS:

- Almeida, M. E. S. (2008). A força do legado transgeracional numa família. *Psicologia: Teoria e Prática*, v.10(2), 215-230.
- Andrade, R. G. (s/d). *Legitimidade e alforria de crianças escravas na Província de Minas Gerais*. Recuperado em 08 janeiro de 2013 de [http://www.google.com.br/#output=search&client=psy-ab&q=Legitimidade+e+alforria+de+crian%C3%A7as+escravas+na+Prov%C3%AADncia+de+Minas+Gerais&oq=Legitimidade+e+alforria+de+crian%C3%A7as+escravas+na+Prov%C3%ADncia+de+Minas+Gerais&gs\\_l=hp.12...2703.4487.0.5114.3.3.0.0.1.611.1408.3-1j1j1.3.0...0.0...1c.1.12.psy-ab.F19G9uVaONU&pbx=1&bav=on.2,or.r\\_qf.&bvm=bv.45960087,d.eWU&fp=c940879efc66b82d&biw=1600&bih=729](http://www.google.com.br/#output=search&client=psy-ab&q=Legitimidade+e+alforria+de+crian%C3%A7as+escravas+na+Prov%C3%AADncia+de+Minas+Gerais&oq=Legitimidade+e+alforria+de+crian%C3%A7as+escravas+na+Prov%C3%ADncia+de+Minas+Gerais&gs_l=hp.12...2703.4487.0.5114.3.3.0.0.1.611.1408.3-1j1j1.3.0...0.0...1c.1.12.psy-ab.F19G9uVaONU&pbx=1&bav=on.2,or.r_qf.&bvm=bv.45960087,d.eWU&fp=c940879efc66b82d&biw=1600&bih=729).
- Andrade, V. F. S. (2011). *Os sertões de São Paulo do Muriaé: Terra, riqueza e família na Zona da Mata Mineira, 1846-1888*. Tese de Doutorado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Aquino, G. B. (2008). *Mulheres de classe média chefes de família: o difícil equilíbrio entre o público e o privado*. Dissertação de Mestrado, Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ, Brasil.
- Ariès, P. (1986). *História social da criança e da família*. (2.ed). Rio de Janeiro: Guanabara.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Belardinelli, S. (2007) A pluralidade das formas familiares e a família como insubstituível "capital social". In A. Borges & M. G. Castro. *Família, gênero e gerações: desafios para as políticas sociais*. São Paulo: Paulinas.
- Beltrão, P. C. (1973). *Sociologia da família contemporânea*. (2.ed). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Benincá, C. R. S.; & Gomes, W. B. (1998). Relato de mães sobre transformações familiares. *Estudos de Psicologia*, v.3(2), 177-205.
- Bourdieu, P. (1999). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bozon, M. (2003). Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França contemporânea. *Cadernos Pagu*, v.20, 131-156.

- Bozon, M. (2005). A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas. In M. L. Heilborn (Org.). *Família e sexualidade*. Coleção Família, Geração e Cultura. FGV.
- Brügger, S. M. J. (2007). *Minas patriarcal: família e sociedade (São João Del Rei – Séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Annablume.
- Bruschini, M. C. (1989). *Tendências da força de trabalho feminina brasileira nos anos setenta e oitenta; algumas comparações regionais*. Textos Fundação Carlos Chagas (1). São Paulo: Fundação Carlos Chagas.
- Bruschini, M. C. (2000). Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? (Brasil, 1985/95). In M. I. B. Rocha (Org.). *Trabalho e gênero: mudanças, permanência e desafios*. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP, CEDEPLAR/UFMG; São Paulo: Editora 34, p.13-58.
- Bruschini, M. C. (2007a). Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado. *Seminário Internacional Mercado de Trabalho e Gênero – Comparação Brasil – França*.
- Bruschini, M. C. (2007b). Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Seminário Internacional Mercado de Trabalho e Gênero – Comparação Brasil – França*.
- Bruschini, M. C.; & Lombardi, M. R. (2003). Capítulo suplementar – mulheres e homens no mercado de trabalho: um retrato dos anos de 1990. In M. Maruani & H. Hirata (Orgs.). *As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo: SENAC.
- Bruschini, M. C.; & Rosemberg, F. (1983). *Trabalhadoras do Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- Casal, J. (1997). Modos emergentes de transición a la vida adulta em el umbral del siglo XXI: aproximación sucesiva, precaridad y desestructuración. In J. M. Pais & L. Crisholm (Coord.). *Jovens em mudança*. Actas do Congresso Internacional Growing up between centre and periphery. Lisboa, 2-4 de maio de 1996. Lisboa: Portugal: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Castro, M. G.; Miranda, M. B. S.; & Almeida, N. O. G. L. (2007). Juventude, gênero e família e sexualidade: combinando tradição e modernidade. In A. Borges & M. G. Castro. *Família, gênero e gerações: desafios para as políticas sociais*. 1.ed. São Paulo: Paulinas.
- Cerceau Netto, R. (2008). *Um em casa do outro*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG.
- Comerford, J. C. (2003). *Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia Política/ UFRJ.

- Costa, J. F. (2004). *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Debert, G. G. (2006). A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In M. Lins de Barros (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. (4.ed). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Debert, G. G. (2012). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. (1.ed). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAFESP.
- Del Priore, M. (1993). As atitudes da igreja em face da mulher no Brasil colônia. In M. L. Marcílio (Org.). *Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola.
- Diniz, G. (1999). Homens e mulheres frente à interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: Editora Nau.
- Diniz, G. (2010). O casamento contemporâneo em revista. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Faria, S. C. (1998). *A colônia em movimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FCC. (2002). Fundação Carlos Chagas. *Banco de dados sobre o trabalho das mulheres*. São Paulo. Recuperado em 20 maio 2011 de <http://www.fcc.org.br>.
- Féres-Carneiro, T. (Org.). (2005). *Família e casal: efeitos da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- Féres-Carneiro, T. (Org.). (1999). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: Editora Nau.
- Féres-Carneiro, T. (Org.). (2003). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola.
- Féres-Carneiro, T. (Org.). (2010). *Casal e família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Féres-Carneiro, T., & Ziviani, C. (2010). Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ferreira, P. M. (2003). Situações juvenis de transição para a vida adulta. In J. M. Pais, & M. Cabral *et al.* *Condutas de risco, práticas culturais e atitudes perante o corpo*. Oeiras, Portugal: Celta Editora.
- Freire, J. (2012). Legitimidade e casamento na Zona da Mata mineira: estudos sobre a família escrava. In J. P. Sousa, & R. G. Andrade (Orgs.). *Zona da Mata mineira: escravos, família e liberdade*. Rio de Janeiro: Apicuri.

- Freyre, G. (1933). *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia e Schmidt.
- Fundação SEADE (2002). Arranjo familiar e inserção feminina no mercado de trabalho da RMSP na década de 90. *Mulher e trabalho*, nº10. São Paulo: SEADE/Diretoria Adjunta de Análise Socioeconômica.
- Furtado, J. F. (2001). *Diálogos oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Ultramarino Português*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.
- Genovez, F. P. (2002). *As malhas do poder: uma análise da elite de Juiz de Fora na segunda metade do século XIX*. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas.
- Genovez, P. F. (2004). *O espelho da monarquia: Minas Gerais e o Império no Segundo Reinado*. Juiz de Fora: ClioEdel.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.
- Giddens, A. (1993) *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Gomes, G. M. (1987). *Da recessão de 1981-1983 aos impactos do Plano Cruzado no Brasil e no Nordeste*. Recife: SUDENE, 1 (1).
- Gomes, I. C.; & Zanetti, S. A. S. (2009). Transmissão psíquica transgeracional e construção de subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular. *Psicologia USP*, São Paulo, v.20(1), 93-108.
- Graham, R. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- Groppó, L. A. (2000). Juventude como categoria social. In L. A. Groppó, L. A. *Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- Guattari, F. (1986). Subjetividade e história. In F. Guattari, & S. Rolnik. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 25-69.
- Hall, S. (2003a). Quem precisa da identidade? In: T. T. Silva (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 103-133.
- Hall, S. (2003b). Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite. In S. Hall. *Da diáspora*. Belo Horizonte: UFMG.
- Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A.

- Heilborn, M. L. *et al.* (2005) Uniões precoces, juventude e experimentação da sexualidade. In M. L. Heilborn *et al.* *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Held, T. (1986). Institutionalization and desinstitutionalization of life course. *Human Development*, 29.
- Holanda, S. B. (1995). *Raízes do Brasil*. (26.ed). São Paulo: Companhia das Letras.
- Hornaert, E. (1993). A questão do corpo nos documentos da primeira evangelização. In M. L. Marcilio (Org.) *Família, mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Ibge). (2011). Ibge Cidades. Minas Gerais. Muriaé. Recuperado em 5 de junho de 2013 de <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=314390>.
- Ireland, M. (1993). *Reconceiving women: separating motherhood from female identity*. New York: Guilford Press.
- Jablonski, B. (1996). *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Agir, 1996.
- Jablonski, B. (2010). Atitudes e expectativas de jovens solteiros frente à família e ao casamento: duas décadas de estudo. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kaslow, F. W. (2001). Families and family psychology at the millenium. *American Psychologist*, v.56(1), 37-46.
- Knauth, D. R; Víctora, C. G; Leal, A. F; & Fachel, J. (2006) As trajetórias afetivo-sexuais: encontros, uniões e separação. In M. L. Heilborn *et al.* *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz.
- Kusnesof, E. A. (1989). A família na sociedade brasileira: parentesco, clientelismo e estrutura social (São Paulo, 1700-1980). *Revista Brasileira de História – Órgão Nacional dos Professores Universitários de História – São Paulo, ANPUH/Marco Zero*, v.9(17), 37-63.
- Lamas, F. G., Saraiva, L. F., & Almico, R.C.S. (2003). A Zona da Mata Mineira: subsídios para uma historiografia. *Anais do V Congresso Brasileiro de História Econômica e VI Conferência Internacional de História de Empresas*. Recuperado em 05 janeiro 2013 de [http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe\\_2003\\_09.pdf](http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_09.pdf) Anais do V Congresso Brasileiro de História Econômica e 6ª Conferência Internacional de História de Empresas [Proceedings of the 5th Brazilian Congress of Economic History and the 6th International Conference on Business History].

- Lewin, L. (1993). *Política e parentela na Paraíba: um estudo de caso de oligarquia de base familiar*. Rio de Janeiro: Record.
- Linhares, M.Y.; & Teixeira da Silva, F. C. *História da agricultura brasileira: combates e controvérsias*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- Lins de Barros, M. Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas. In M. Lins de Barros (Org.). *Família e gerações*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- Lisboa, A. V.; Féres-Carneiro, T.; & Jablonski, B. (2007). Transmissão intergeracional da cultura: um estudo sobre uma família mineira. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.12(1), 51-59.
- Lopes, E. C. (1998). *O revelar do pecado: os filhos ilegítimos na São Paulo do século XVIII*. São Paulo: Annablume: FAPESP.
- Machado, P. S. (2009). Muitos pesos e muitas medidas: uma análise sobre masculinidade(s), decisões sexuais e reprodutivas. In M. L. Heilborn; E. M. Aquino; R. M. Barbosa; F. I. Bastos; E. Berquó; & F. Rohden (Orgs.). *Sexualidade, reprodução e saúde*. Rio de Janeiro: FGV, 175-201.
- Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2004). Transmissão psíquico-geracional na pós-modernidade. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v.10(16), 243-255.
- Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2005). Conquistando a herança: sobre o papel da transmissão psíquica familiar no processo de subjetivação. In T. Féres-Carneiro, T (Org.). *Família e casal: efeitos da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- Marcilio, M. L. (Org.). (1993). *Família, mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- Mazetto, F. A. P.; Cordovil, W. D.; & Simoncini, J. B. V. B. (2010). Cidades mortas e a Zona da Mata mineira. *Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos*. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças Espaço de Diálogos e Práticas, Porto Alegre, Brasil.
- McGoldrick, M. (1995). As mulheres e o ciclo de vida familiar. In B. Carter; & M. McGoldrick. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. (2.ed). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Novaes, R. (2006). Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In M. I. Almeida, & E. F. Mendes (Orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Oliveira, H. C. (2011). Branca minas: estratégias de contenção ao mulatismo no auge da economia mineratória (1720-1732). *Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais*, Salvador, Brasil.

- Oliveira, M. R. (2005). *Negócios de família: mercado, terra e poder na formação da cafeicultura mineira, 1780-1870*. Bauru, SP: Edusc: Juiz de Fora, MG: FUNALFA.
- Ozella, S. (2003). Adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais concepções sobre adolescência. In: S. Ozella (Org.). *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez.
- Pacheco, A. L. (2005). *Mulheres pobres e chefes de família*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa EICOS, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Pais, J. M. (1993). Correntes teóricas da sociologia da juventude. In J. M. Pais. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 37-63.
- Pais, J. M. (1998). Vida amorosa e sexual. In J. M. Pais. *Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais Universidade de Lisboa Secretaria de Estado da Juventude, 407-464.
- Paula, R. Z. A. (2006). Região e regionalização: um estudo da formação regional da Zona da Mata de Minas Gerais. *Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada*, v.1(1).
- Perlin, G.; & Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade?. *Psicologia Clínica*, v.17(2), 15-29.
- Perucchi, J., & Oliveira, M. L. C. (2011) . In A. J. G. Barbosa (Org.). *Atualizações em psicologia social e desenvolvimento humano*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011.
- Pinto, C. R. J. (2010). Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, v.18(36). Recuperado em 03 setembro 2011 de <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=pt&nrm=iso)>.
- Possatti, I. C.; & Dias, M. (2002). Multiplicidade de papéis da mulher e seus efeitos para o bem-estar psicológico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.15(2), 293-301.
- Ramos, E. (2006). As negociações no espaço doméstico: construir a “boa distância” entre pais e jovens adultos “coabitantes”. In M. Lins de Barros (Org.). *Família e gerações*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Ribeiro, R. M.; Sabóia, A. L.; Castello Branco, H. & Bregman, S. (1998). Estrutura familiar, trabalho e renda. In S. M. Kaloustian (Org.). *Família brasileira, à base de tudo*. São Paulo: Cortez Editora, 135-158.
- Rocha-Coutinho, M. L. (1994). *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Rocha-Coutinho, M. L. (1998). A análise do discurso em psicologia: algumas questões, problemas e limites. In L. Souza; M. F. Quintal de Freitas; & M. M. P.



- Rodrigues (Orgs.). *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 317-346.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2000). Dos contos de fadas aos super-heróis: mulheres e homens brasileiros reconfiguram as identidades, *Psicologia Clínica*, v.12(2), 65-82.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2001) Novos tempos, novos sujeitos: homem e mulheres brasileiros reconfiguram identidades. *XXXI Reunião Anual de Psicologia*, Rio de Janeiro. Resumo de Comunicações Científicas. Rio de Janeiro: SBP (Sociedade Brasileira de Psicologia), v.1, 134-134.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2003a). Divididas e multiplicadas: a maternidade para as mulheres executivas cariocas. In M. I. D. A. Neto & R. Pedro (Org.). *Tecendo o desenvolvimento: saberes, gênero, ecologia social*. (1.ed). Rio de Janeiro: MAUAD Editora, 107-125, 2003a.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2003b). Quando o executivo é uma “dama”: mulher, carreira e relações familiares. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneos*. (1.ed). Rio de Janeiro: Edições Loyola/PUC-Rio, 00-17.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2005). Variações sobre um antigo tema: a maternidade para mulheres com uma carreira. In T. Féres-Carneiro, T. (Org.). *Família e casal: efeitos da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: ed. PUC-Rio.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2006a). Transmissão geracional e família na pós-modernidade. In M. Lins de Barros (Org.). *Família e gerações*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2006b). A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero. *Revista Estudos de Psicologia*, Natal, v.11(1), 65-69.
- Ruiz Correa, O. B. (2003) Transmissão psíquica entre as gerações, *Psicologia USP*, v.14(3), 35-45.
- Samara, E. M. (1998). *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense.
- Sarti, C. (1985). Trabalho feminino: de olho na literatura, *Lit. Econo.*, v.7(1), 93-116.
- Scott, J. (1999). Gênero: uma categoria útil de análise histórica, *Educação e Realidade*, v.16(2), 5-22.
- Segalen, M. (1999). *Sociologia da família*. Lisboa: Terramar.
- Silva, M. B. N. (1984). *Sistema de casamento no Brasil colonial*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.

- Silva, S. V. (2002). Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações. *Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*, n.262. Recuperado em 30 março de 2011 de <http://www.ub.es/geocrit/b3w-262htm>.
- Sorj, B.; Fontes, A.; & Machado; D. (2007). As políticas e as práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. *Seminário Internacional Mercado de Trabalho e Gênero – Comparação Brasil – França*.
- Souza, S. M. (2007). *Terra, família e solidariedade...: estratégias de sobrevivência camponesa no período de transição – Juiz de Fora (1870- 1920)*. Bauru/SP: EDUSC.
- Swain, T. N. (2002). Identidade nômade: heterotopias de mim. In M. Rago; L. B. L. Orlandi & A. Veiga-Neto, A. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzchianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 325-341.
- Szapiro, A.; & Féres-Carneiro, T. (2002). Construções do feminino pós anos setenta: o caso da maternidade como produção independente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.15(1), 179-188.
- Teixeira, P. E. (2008). O compadrio entre as famílias da elite campineira: 1774-1854. *XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP)*, Caxambú, MG, Brasil.
- Teruya, M. T. (2000). A família na historiografia brasileira: bases e perspectivas teóricas. XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP), Caxambu, Mg, Brasil. 115-115. Recuperado em 10 de março de 2013 de <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/A%20Fam%C3%A Dlia%20na%20Historiografia%20Brasileira....pdf>
- Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Valverde, O. (1958). Estudo regional da Zona da Mata de Minas Gerais. *Revista Brasileira de Geografia*, Ano XX, n°1.
- Viana, F. J. O. (1920). *Populações meridionais no Brasil*. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia.
- Vittoretto, B. N. (2010) Conformação da Zona da Mata mineira no mercado mundial do café no século XIX. *Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada*, v.5(9).
- Wagner, A. (2003). A família e a tarefa de educar: algumas reflexões a respeito das famílias tradicionais frente a demandas modernas. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola.
- Wirth, J. (1982). *O fiel da balança: Minas Gerais na Federação Brasileira, 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Xavier, A. B., & Hespanha, A. (1998). Às redes clientelares. In A. M. Hespanha (Org.). *História de Portugal: o Antigo Regime*. Lisboa: Estampa.

## APÊNDICE A – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título da Pesquisa:** “A “tradicional” família mineira: um estudo contemporâneo sobre as famílias do interior da zona da mata”

**Responsável pela pesquisa:** Giselle Braga de Aquino

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, declaro ter pleno conhecimento do que se segue: 1) Fui informado(a), de forma clara e objetiva, que a pesquisa intitulada “A “tradicional” família mineira: um estudo contemporâneo sobre as famílias do interior da zona da mata” irá analisar as relações familiares em famílias do interior de Minas Gerais; 2) Que esta é uma pesquisa de doutorado vinculada ao Programa EICOS (PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL) da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, que está sendo orientada pela Prof. Dra Maria Lúcia Rocha-Coutinho; 3) Sei que nesta pesquisa será realizada uma entrevista semi-dirigida; 4) Estou ciente que não é obrigatória a minha participação nesta pesquisa, caso me sinta constrangido(a) antes e durante a realização da mesma; 5) Sei que os materiais utilizados para a coleta de dados serão gravados em um gravador digital de voz; 6) Sei que a pesquisadora manterá em caráter confidencial todas as respostas que comprometam a minha privacidade; 7) Receberei as informações resultantes da pesquisa; 8) Estas informações poderão ser obtidas através da pesquisadora Giselle Braga de Aquino, através do telefone para contato (32)88863107 ou e-mail: [gi07ba@yahoo.com.br](mailto:gi07ba@yahoo.com.br); 9) Foi-me esclarecido que o resultado da pesquisa somente será divulgado com o objetivo científico, mantendo-se a minha identidade em sigilo; 10) Quaisquer outras informações que julgar importantes para a compreensão do desenvolvimento da pesquisa e de minha participação poderão ser obtidas também no Comitê de Ética e Pesquisa. Declaro, ainda, que recebi cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Muriaé, \_\_\_\_ de janeiro de 2013

Pesquisadora: \_\_\_\_\_

Giselle Braga de Aquino/CPF: 043549676-00

Participante da Pesquisa: \_\_\_\_\_

(nome e CPF)

## APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA (FILHOS)

### Pergunta Geral:

Como você vê a situação da família hoje? O que você acha que mudou? Que mudanças você considera positivas? E, negativas? Por quê?

### 1. A Família

O que é família para você? Por quê?

Sua família é daqui dessa região? [em caso positivo: Há quanto tempo?] [em caso negativo, de onde vem? Quando chegou aqui?]

Você acredita que o sobrenome da família é importante aqui nessa região? Por quê?

Em que o sobrenome aqui pode ajudar ou interferir negativamente?

Você conta com os seus parentes para alcançar algum tipo de ascensão social, como por exemplo, um emprego? Por quê?

Você se recorda ou já te contaram alguma história marcante da sua família de origem? Quais?

Alguma dessas histórias foge aos padrões sociais? Por quê?

De que forma é estruturada a sua família? Quem mora na sua casa?

Como você percebe a sua relação com os seus pais? E irmãos?

Os seus pais são muito rígidos? Por quê? Em que eles são mais rígidos? Por quê?

Você utiliza alguma estratégia para burlar a rigidez da sua família (pais)? Qual? Tem funcionado? Porque sim/não?

Você respeita os valores tradicionais passados pela sua família? Por quê? Dê exemplos.

O que você acredita que precisa ou gostaria que fosse mudado na sua relação familiar? Por quê?

Você pretende ter filhos? Quando? Por quê? O que representa ser pai/mãe para você?

Se você tiver filhos, você os educaria da mesma forma que os seus pais? Por quê?

O que você pensa dos seus pais? Que conselhos/recomendações você recebe dos seus pais? Por quê? As recomendações e os conselhos do seu pai são diferentes dos de sua mãe? Como?

Que conselhos/recomendações você daria a seus filhos? Por quê?

Nas situações mais difíceis a quem você pede apoio? Por quê?

Como é morar com a sua família? Quais as vantagens e as desvantagens de morarem juntos? Por quê?

Você depende financeiramente da sua família? De quem? Que tipo de ajuda você recebe?

De que forma vocês negociam as regras familiares? Dê exemplos.

Qual você acha que seria a melhor forma da família se organizar e dividir tarefas e responsabilidade? Por quê?

Como são divididas as tarefas na sua casa? Como isso foi decidido? Que tarefas você desempenha? E seus irmãos? Elas são diferentes? Em que sentido? Por quê?

Existe algum lugar na casa que você considere como seu? Qual? Por quê?

Se você pudesse mudar alguma coisa na sua família, o que você mudaria? Por quê?

## **2. Sexualidade e vida amorosa**

De que maneira você definiria o amor?

Como os jovens se relacionam com seus pares atualmente? Dê exemplos.

Você pretende se casar? Por quê?

Como você definiria o casamento? Qual o modelo ideal de casamento para você?

Por quê?

Você tem algum relacionamento estável? Já teve? Gostaria de ter? Por quê?

Quando você está em um relacionamento estável, a sua família o(a) permite sair com o(a) namorado(a)? Em que condições? Dê exemplos.

Você é autorizado(a) a levar o seu parceiro(a) para dormir na sua casa? Explique.

Em algum momento é estabelecido horários para que você chegue em casa quando você sai com o seu parceiro(a)?

Você acredita que haja diferença entre homens e mulheres com relação a essas questões? Por quê?

Quais mudanças você percebe da geração dos seus pais para a sua geração com relação à sexualidade e ao casamento? Por quê?

Você conversa com os seus pais sobre sexualidade? O quê? Com quem você conversa mais sobre tal assunto? Por quê?

Se você tiver filhos, de que forma você os educaria com relação à sexualidade? Por quê?

### **3. Emancipação e Futuro**

Você pretende morar com a sua família até quando? Existem planos para você sair de casa? Quando?

Quais são os seus principais projetos futuros?

Como você vê a sua vida atual? O que você mudaria em sua vida se pudesse? Por quê?

#### **4. Religião**

A sua família segue alguma prática religiosa (religião)? Qual? E você?

Como aconteceu e acontece na sua família a transmissão desses valores religiosos?

Os valores dessa religião conduzem a educação familiar? Como?

Quais as vantagens e as desvantagens de seguir uma prática religiosa? Por quê?

#### **5. Vida fora da família**

Você trabalha fora? Desde quando? Pretende trabalhar? Em quê?

Quais as vantagens e as desvantagens de trabalhar fora?

Como é a sua vida social?

Você possui muitos amigos? De que forma eles te ajudam?

Você costuma fazer muitos programas fora de casa? Quais? Dê exemplos.



## APÊNDICE C - ROTEIRO DA ENTREVISTA (PAIS)

### **Pergunta Geral:**

Como você vê a situação da família hoje? O que você acha que mudou? Que mudanças você considera positivas? E negativas? Por quê?

### **1. A Família**

O que é família para você? Por quê?

De onde vem a sua família? Daqui? [em caso negativo: De onde?]

Você acredita que o sobrenome da família aqui nessa região é importante para estabelecer certas relações, como amizade? Por quê?

Você conta ou contou com a ajuda de parentes para alcançar algum tipo de ascensão social, como por exemplo, um emprego? Que tipo de ajuda? Quando? Por quê?

Você se recorda ou já te contaram alguma história importante da sua família de origem? Qual?

Alguma dessas histórias foge aos padrões sociais? Por quê?

De que forma é estruturada a sua família? Quem mora na sua casa?

Como você percebe a sua relação com os seus filhos? Em que gostaria que ela fosse diferente? Por que?

Como é/foi a relação com seus pais? O que mais desagradava você na relação com eles? E o que mais agradava?

Os seus pais são/eram muito rígidos? Por quê?

Você utilizava alguma estratégia para burlar a rigidez da sua família (pais)? Quais?

Você respeita os valores tradicionais passados pela sua família? Por quê? Dê exemplos.

O que você acredita que precisa ser alterado/atualizado no seu meio familiar? Por quê?

Você educou seus filhos da mesma forma que os seus pais educaram você? Por quê sim/não?

Que conselhos/recomendações você recebia dos seus pais? Concorda com eles? Por quê sim/não?

Que conselhos/recomendações você dá a seus filhos? Por quê? Em que sentido eles são diferentes dos que você recebeu?

Nas situações mais difíceis a quem você pede apoio? Porque? E seu/sua marido/esposa? Porque?

Quando você acredita que é o melhor momento para os filhos saírem de casa? Por quê?

De que forma vocês negociam em casa as regras familiares? Dê exemplos.

Como são divididas as tarefas na sua casa? Como isso foi decidido? Que tarefas você desempenha? E seu/sua marido/esposa? Os filhos desempenham alguma tarefa? Qual? Gostaria de mudar alguma coisa? O que?

Qual a melhor forma de organização familiar para você? Se você pudesse mudar alguma coisa na sua família, o que você mudaria? Por quê?

## **2. Sexualidade e vida amorosa**

De que maneira você definiria o amor? O que sentiu? O que foi era capaz de fazer pela pessoa amada? Porque?

Como os jovens da sua época se relacionavam com os seus pares? Havia alguma diferença na relação quando as pessoas pretendiam se casar com o/a outra pessoa? Qual? Por que? Como os jovens se relacionam com seus pares atualmente? Como você vê essas mudanças? O que acha positivo e negativo sobre elas?

Em que momento você decidiu se casar? Por quê?

Como você definiria o casamento? Qual o modelo ideal de casamento para você?

Por quê? Você acha que o seu casamento está próximo do que idealizava? Em que aspectos? Falta alguma coisa? O que?

Você permite que seus filhos saiam com o(a) namorado(a)? Em que condições? Dê exemplos.

Eles podem levar o parceiro(a) para dormir na sua casa? Como você vê isso?

Incomoda você ou o/a seu/sua marido/esposa?

Em algum momento é estabelecido um horário para que eles cheguem em casa?

Por quê?

Você acredita que haja diferenças entre homens e mulheres com relação a essas questões? Quais? Por quê?

Que mudanças você percebe da geração dos seus pais para a sua geração, e da sua geração para a geração dos seus filhos com relação à sexualidade e ao casamento? Você acha que hoje as coisas estão melhores ou piores do que antes?

Por quê?

Você conversa com os seus filhos sobre sexualidade? O quê? Por quê?

Como você educa os seus filhos com relação à sexualidade? Por quê?

### **3. Religião**

A sua família segue alguma prática religiosa (religião)? Qual? E você?

Como aconteceu e acontece na sua família a transmissão desses valores religiosos?

Os valores dessa religião conduzem a educação familiar? Como?

Quais as vantagens e as desvantagens de seguir uma prática religiosa? Por quê?

### **4. Vida fora da família**

Você trabalha fora? Desde quando? Em quê?

Quais as vantagens e as desvantagens de trabalhar fora?

Como é a sua vida social?

Você possui muitos amigos? De que forma eles te ajudam? Você conversa com eles sobre filhos também? O que você não contaria para eles? Porque?

Você costuma fazer muitos programas fora de casa? Quais? Dê exemplos.